HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO NONO.

F. N. Pontes.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS;

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO IX.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1788.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXXIV.

com

LIVRO XXXV.

LIVRO XXXVI.

CAP.

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXXIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

El-Rei D. Manoel manda por Vasco da Gama descobrir a India, e conclue o seu casamento com a Princeza D. Isabel.

NÓS temos visto no decurso desta Historia pelo dilatado espaço de oitenta e dous annos, como do de 1415, em que o Rei feliz D. Joaõ I. de boa memoria, até ao presente de 1497, abrin-

Era vulg. 1497

Era vulg. abrindo-nos a conquiſta de Ceuta as portas dos mares ; o eſpirito ſublime do Infante D. Henrique, filho do meſmo Rei glorioſo, animou o dos Portuguezes para entrarem por ellas affoutos ; devaſſarem os ſeus golfos, e enceadas, margens, e rios remotos, deixando patente o Mundo deſconhecido a todas as Nações da Europa, que como elles naõ temeſſem perigos, ou quizeſſem pôr os pés ſobre os veſtigios, que lhe tinhaõ impreſſo. Nós vimos da Epoca memoravel daquelle Principe juſto atégora o zelo ardente, com que elle, os Reis D. Affonſo V., e D. Joaõ II., menos ambicioſos pela gloria dos ſeus nomes, que inflammados nos deſejos de dilatar o Evangelho : elles fizéraõ deſcobrir no Oceano Athlantico tantas Ilhas ; derrotáraõ o terror panico, que mettiaõ os Cabos de Naõ, e Bojador ; vencêraõ os horrores da Coſta de Africa pelos mares medonhos de Cabo Verde, Guiné, Congo, Ethiopia ; e audazes como elles ſós, tivéraõ por baliza de Boa-Eſperança o Promontorio monſtruo-

truoſo das Tormentas, nas ſuas idades formidavel. Era vulg.

Até qui de ordem del Rei D. Joaõ II. chegára Bartholomeu Dias com os ſeus deſcobrimentos, que naõ ſe avançáraõ por cauſa da mórte immatura daquelle Principe. Elle deixou ao ſeu ſucceſſor D. Manoel, como em herança ſanta, a contiuuaçaõ deſtes projectos, que eraõ o meio de levar o Nome do Senhor ás Nações apartadas, para as quaes Elle era hum Deos naõ conhecido. Como prudente quiz El Rei D. Manoel ouvir os do Conſelho, que em materia de tanto pezo ſe dividíraõ em ſentimentos, como vulgarmente ſuccede na meditaçaõ dos caſos grandes, que naõ ſe accommodaõ com toda a ſórte de eſpiritos. Naõ foraõ poucos os que vaciláraõ entre a incerteza da eſperança, e a certeza do perigo; entre o zelo da Religiaõ, e o amor da ganancia, quando na indifferença dos motivos naõ podiaõ ſocegar os eſcrupulos, de que por meio de huma navegaçaõ difficultoſa, rodeada de trabalhos immenſos, ſe haviaõ buſcar os

Era vulg. Climas remotissimos da India, para conduzir o ouro, que a menos custo tinhamos na Ethiopia, em Guiné, mesmo em Portugal, aonde o Rei D. Diniz fez hum Sceptro do ouro do Téjo, e D. Fernando hum presente á Infante de Aragaõ D. Leonor, com quem esteve desposado, de dezoito quintaes do mesmo metal achado no Reino.

Ponderava-se o sacrificio, que se faria de innumeraveis vidas, que despovoariaõ o Estado, e deixariaõ as terras incultas, as Artes sem obreiros, as conquistas de Africa sem vigor, para irmos buscar as drógas, e espiciarias do Oriente, que mais serviaõ para lisonjear o gosto, e o luxo, que para utilisarem a Patria, e fazerem poderoso o Reino. Discorria-se o inimigo temivel, que nós mesmos hiamos a suscitar no Soldaõ do Egypto, que invejoso dos nossos progressos, se chegassemos a lograllos, nos faria huma guerra dura, colligado com os Principes do Oriente, que naõ podiaõ deixar de se unir em nosso damno, quando vissem

que

que huma Naçaõ do ultimo Occidente Era vulg.
entrava pela Asia com semblante de conquistadora, dominante, promulgadora de novos Dogmas, dando Leis aos seus Imperios. Por estes, e semelhantes modos discorriaõ, e deliberavaõ os genios, que cortavaõ a extensaõ das emprezas magnanimas pelas medidas curtas da sua Fé froxa, do seu coraçaõ apoucado.

Ao contrario o Rei, que tinha o coraçaõ taõ dilatado como o mesmo Universo; a Fé taõ viva, que lhe parecia estar vendo nos seios da Divindade os seus decretos para a illuminaçaõ das Gentes da Asia, de que elle tinha de ser executor, fez lembrança: De que dúvidas bem conformes ás que acabava de ouvir, naõ foraõ bastantes para fazerem mudar de conselho ao Infante D. Henrique, a El-Rei D. Joaõ II., que rompendo os mares com as quilhas gloriosamente audazes, haviaõ trazido á Religiaõ tantos lucros, á Igreja muitos filhos, á Portugal grandes interesses: De que a desconfiança nas grandes idéas era hum parto bem legitimo

do

Era vulg. do eſpirito acanhado, que ſe anguſtía em as meditar, quanto mais em as emprehender: De que ao contrario, nas meſmas idéas, a eſperança era huma producçaõ natural do animo ſublime, unida a huma ſingular, e grande virtude, que tanto ſe gloriava na acçaõ, como na meditaçaõ dos projectos magnanimos, que concebia a alma generoſa: De que para elle era mais decente ſeguir o exemplo, que lhe deixáraõ os Principes prudentes, e esforçados, que lhe precedêraõ, do que conſentir nos conſelhos de homens particulares, que em todos os caminhos buſcaõ a ſegurança; que em qualquer caſo temem os perigos, como homens em fim, de quem ſe naõ diz, como do Rei, que o ſeu coraçaõ eſtá na maõ de Deos.

Sublimando as lembranças gradualmente, D. Manoel fez memoria, de que El-Rei D. Joaõ na ſua vida lhe déra por deviſa huma Esféra, que elle naõ ſó eſtimava por hum agouro feliz da herança, que já gozava; mas que ella lhe havia ſervir de eſtimulo para manifeſtar aos homens as Eſtrellas incognitas,

tas, os ſeus movimentos, as Regiões Orientaes, e Occidentaes do Sol: Alto empenho, de que ao ſeu nome reſultaria glória immenſa, ao ſeu Reino huma reputaçaõ immortal. Sobre todas eſtas meditações, como no fundo do ſeu eſpirito laborava o fogo ardente, que o conſummia nos deſejos da exaltaçaõ da Fé, de vêr louvado o nome de Deos do naſcimento ao Occaſo do Sol; eſte primeiro de todos os motivos aſſentou, que devia ſer obra ſó ſua, hum effeito do ſeu meſmo conſelho, ſem o conſelho, ſem o concurſo do de homens timidos, que contraidos a puras razões naturaes, e humanas, elle os entendia apartados da intelligencia das couſas ſupremas, que ſaõ do eſpirito de Deos.

Era vulg.

Occupado El-Rei deſtes penſamentos, e deliberado a ſeguillos, ordenou a Bartholomeo Dias, que das madeiras, que tinha cortadas em vida do ſeu predeceſſor para conſtruir as náos deſtinadas ao deſcobrimento da India, fabricaſſe quatro por aquelle mólde, que elle entendeſſe proporcionado para ſoportarem as tormentas do Cabo de Boa-

Eſ-

Era vulg. Esperança, de que fora testemunha ocular; e que até esta altura em hum dos navios do Commercio de Guiné hiria elle guiando os navegantes, que nomeasse para montarem aquelle Promontorio. Como El-Rei D. Joaõ havia destinado para esta empreza a Estevaõ da Gama, e elle era fallecido, D. Manoel chamou a Estremoz seu filho Vasco da Gama, Cavalleiro honrado, natural de Sines, homem de coraçaõ maior que todo elle, e lhe declarou a expediçaõ gloriosa, de que o nomeava Chéfe. Agora estando a Corte em Monte-Mór, tornou a ser chamado Vasco da Gama, seu irmaõ Paulo da Gama, e Nicoláo Coelho, Capitães destinados para a viagem inaudita, e tendo-os El-Rei presentes lhes fallou assim.

« Eu vos tenho escolhido para authores de huma façanha taõ nova, que ainda naõ entrou nas vistas dos mortaes: sei a quem a encarrego; as pessoas de quem vindes; o esforço, que tendes herdado; espero, que a haveis cumprir: toda a glória será vossa, que he o maior premio; os lucros da Religiaõ, e

e do Estado, que deveis ter pelos maiores interesses. Eu vos mando pelos mares sem caminho descobrir a India.... Pela nenhuma perturbaçaõ, que vejo nos vossos semblantes, quando nestas poucas palavras vos communico a ordem da mais dura observancia, que ainda se deo no Mundo; eu estou lendo nelles, que vós a recebeis como hum Padraõ da maior mercê, que eu vos posso fazer pela teres executado. O socego dos vossos corações me indica, que vós já correstes a Cósta de Africa, já montastes o Cabo Tormentoso; já emproastes o grande golfo Oriental; já chegastes a Calecut; já voltastes da India. Para esta derrota pensada, que estou prevendo conseguida, tendes promptas em Lisboa quatro náos com 140 homens de equipagem para ires fazer a grande obra, de que o Mundo se conheça a si mesmo, e que os Portuguezes o dem a conhecer. »

Era vulg.

Acabando de fallar El-Rei, Vasco da Gama, e os Fidalgos presentes lhe beijáraõ a maõ, o primeiro pela mercê, que lhe fazia, os mais pelas vanta-

Era vulg. tagens, que elle procurava ao Reino. Vasco da Gama ajoelhado aos pés del Rei, recebeo da sua maõ a Bandeira Real, que havia desenrolado o Escrivaõ da Puridade, e com ella solta disse em alta voz: Eu vou com esta Insignia Santa da Cruz por vosso mandado, Rei, e Poderoso Senhor, descobrir os mares, e terras do Oriente: juro pela mesma Cruz, que eu a hei de arvorar na face de todos os Póvos das Regiões, aonde me levar a sórte: juro de o fazer assim por serviço de Deos, e vosso, cortando intrepido por todos os perigos: rompendo pelo meio dos de agoa, ferro, e fogo, sem dar á morte outro nome, que o de Despresada: juro na observancia dos vossos Regimentos, de que me encarregares, ser fiel, leal, vigilante, incançavel: eu irei, e espero voltar para ter a honra de estar outra vez aos vossos pés, e a de pôr nas vossas Reaes mãos esta Devisa triunfante dos elementos, e dos homens. Tudo isto outra vez vos juro, e se succeder naõ vir, sabei que morri.

No

No dia antes do embarque, Vasco da Gama com os outros Capitães foi invocar os auxilios do Ceo na Hermida de Nossa Senhora de Belém, que fundára o Infante D. Henrique; lugar da ancoragem antiga, depois magnificamente ampliado pelo mesmo Rei D. Manoel com o Templo respectavel da invocaçaõ da Senhora. No dia Sabbado oito de Julho foraõ os Argonautas levados em Procissaõ solemne até á praia, aonde com lágrimas mutuas de devoçaõ, e amor se apartáraõ dos Patricios, e se embarcáraõ nas náos, que estavaõ prestes. Na primeira, chamada S. Gabriel, hia Vasco da Gama com o Piloto Pedro de Alenquer, que fora ao descobrimento do Cabo de Boa-Esperança, e por Escrivaõ Diogo Dias, irmaõ de Bartholomeo Dias: em S. Rafael embarcou Paulo da Gama com o Piloto Joaõ de Coimbra, e o Escrivaõ Joaõ de Sá: do Berrio era Capitaõ Nicoláo Coelho, Piloto Pedro de Escobar, e Escrivaõ Alvaro de Braga: a quarta, que era huma grande barca carregada de mantimentos, para quando se aca-

Era vulg.

bas-

Era vulg. bassem os que levavaõ as náos, tinha por commandante a Gonçalo Nunes, criado de Vasco da Gama. Em hum navio da Cósta da Mina embarcou Bartholomeo Dias para acompanhar a Esquadra até ao Cabo da Boa-Esperança, como estava determinado antes; e soltas as vélas ao vento, na praia se levantou huma tempestade de suspiros.

Os homens pios, e prudentes clamavaõ ao Ceo pela felicidade da viagem, e volta feliz dos seus irmãos: os do Povo grosseiro, e superstiçioso deixavaõ perceber por entre os soluços: Ah, ambiçaõ, e cobiça, a que demencias arrojas os peitos mortaes! Que maior castigo poderia dar-se a esses desgraçados, que ahi vaõ embarcados, se elles comettessem muitos crimes atrozes? Ide-vós engolfar em mares immensos desconhecidos: ide em navegaçaõ temeraria encontrar muitos perigos em cada onda. Se he pouco huma mórte para cada vida, ide buscar muitas mórtes nos sustos das tormentas, na intemperie dos Climas, no horror dos abysmos, na voracidade do fogo,

go, na raiva dos homens. Ide sem saber para onde a achar huma mórte nova, sepulcro em terra apartada, já que na Patria aborreceis o modo da mórte antiga, e o sepulcro entre os vossos maiores. Desta maneira sentiaõ os que ficavaõ, ao contrario os que hiaõ, que animados de huma esperança, que parecia inspirada, davaõ á Patria, a despedida com a promessa de a tornarem a vèr com brevidade, elles para a sua admiraçaõ altos objectos.

Era vulg.

Quando Vasco da Gama sahia de Lisboa, a Corte em Sintra recebia cartas de D. Joaõ Manoel, que avisava de Castella ao seu Principe, como tinha completamente ajustado com os Reis Catholicos o matrimonio entre elle, e sua filha, a Princeza D. Isabel: noticia fausta do Rei taõ desejada, que immediatamente partio para Evora, aonde achou huma Corte numerosa, com quanto havia de brilhante na Nobreza do Reino. Ao mesmo tempo se engravecia a queixa do Principe D. Joaõ de Castella, unico filho varaõ dos Reis Catholicos; incidente, que rompeo as

me-

Era vulg. medidas, que elles tinhaõ tomado para conduzirem a Princeza á Valença de Alcantara. O Rei de Portugal, por huma parte atacado pela impaciencia do amor, pela outra com a noticia do perigo do Principe, uſou do expediente de eſcrever á Princeza, e propôr-lhe, que ſe era do ſeu agrado, elle iria em peſſoa a Valença cortar com a viſta os laços da dilaçaõ, e unir os do matrimonio, que lhe fazia intoleravel a auſencia. Conveio El-Rei D. Fernando neſta propoſta de ſua filha; mas recommendou-lhe perſuadiſſe a D. Manoel vieſſe a Valença com o menor número de gente, que lhe foſſe poſſivel, reſervando para tempo mais opportuno as demonſtrações de maior alegria.

Sem demora fez El-Rei a ſua jornada confórme aos aviſos, que recebêra da Princeza, e pouco depois da chegada a Valença ſe lhe communicou a noticia da mórte do Principe ſeu cunhado. Ella ſe occultou á Princeza, e D. Manoel pedio aos Reis ſeus Pais lhe permittiſſem voltar para Portugal, antes

que

que o rumor público chegasse aos seus ouvidos. Recolheo-se a nossa Corte para Evora, aonde a mórte do Principe se fez saber á Rainha, que além de fazer os extremos a que a conduzio o amor excessivo de irmã, a teve por segundo agouro de infelicidades, que convertiaõ em amarguras a suavidade do Sceptro. Toda a Hespanha se cobrio de luto, especialmente Castella, e Aragaõ, que choravaõ extincta a Varonia dos seus Principes, vendo recahir tantos Estados no dominio de Soberano Estrangeiro. O Principe sim deixára pejada a sua mulher, a Princeza Margarida, filha do Imperador Maximiliano; mas a dôr da sua perda foi taõ activa, que ella mal pario huma filha posthuma, que passou do ventre para o tumulo, e ficou a Rainha D. Isabel de Portugal olhada herdeira da Monarquia de Hespanha, como filha mais velha dos Reis Catholicos Fernando, e Isabel.

Era vulg.

1498

Naõ tardou a nova Rainha em se sentir occupada, e este gosto lhe diminuio a pena da mórte de seu irmaõ.

Com

Era vulg. Com este annuncio feliz a Corte se mudou para Lisboa, aonde recebeo outro dos Monarcas de Castella, que ordenavaõ aos Reis partissem quanto antes áquella Monarquia para receberem as homenagens dos Póvos, e serem reconhecidos Principes Successores de toda a Hespanha. Em quanto se apressava a jornada, El-Rei se occupou na Economia do Reino, abolindo os foraes velhos, que nos pleitos davaõ assumpto ás idéas intrigantes dos Advogados: fazendo outros novos, que desterrassem as interpretações, e subterfugios capciosos: mandando ao bem instruido Ruy de Pina fosse com os seus poderes pelas Provincias para lhe entregarem os ditos foraes; e ainda que a dexteridade do Ministro naõ pode desta vez concluir negocio taõ importante, sempre ordenou dos mesmos foraes cinco Livros, que até hoje se guardaõ na Torre do Tombo.

Antes da jornada de Castella celebrou El-Rei Cortes em Lisboa, aonde naõ só regulou muitos expedientes necessarios á mesma Economia; mas quiz

quiz ouvir os votos dos ſeus vaſſallos a reſpeito da ſahida do Reino. Naõ faltáraõ politicos delicados, que intentáraõ impedilla com o fundamento das contingencias, que eraõ vulgares, quando hum Rei eſtava em poder do outro, que podiaõ na preſença mover queſtões perigoſas. Os mais deſterráraõ eſtes receios com a memoria das allianças eſtreitas entre os dous Monarcas; com a da repreſentaçaõ de Succeſſor, que levava D. Manoel; naõ podendo deixar de ſer reprehenſivel, que elle ſe excuſaſſe de ir tomar poſſe de tantos Reinos, e Senhorios convidado por ſeus meſmos Sogros, que naõ podiaõ privar a Rainha D. Iſabel do ſeu direito, muito mais quando ella levava em ſi meſma manifeſtas as eſperanças de brevemente os fazer Avós, e lhes dar Succeſſor. El-Rei ſe accommodou com eſte parecer, e ficou determinada para o dia 29 de Março deſte anno a jornada, que ſerá a materia do Capitulo ſeguinte.

Era vulg.

CAPITULO II.

Partem os Reis de Portugal a ser jurados Principes de Castella, e o que lhes succede neste Reino até a morte da Rainha.

Era vulg.

DETERMINADA a partida para Castella, El-Rei encarregou o governo do Reino á Rainha viuva D. Leonor sua irmã, e para a ajudarem nelle nomeou a seu sobrinho o Duque de Bragança, ao Marquez de Villa-Real, a outros Senhores, e Ministros do seu Conselho. Ainda que a Corte naõ levava mais que 300 Cavallos de escolta pelo pedirem assim os Reis Catholicos com o fundamento de se evitarem as desordens, que nascem de ajuntamentos de Nações differentes; ella hia brilhante pela magnificencia da comitiva Real composta da maior, e melhor parte da Nobreza de Portugal, que seguia officiosa aos seus Soberanos. Marcháraõ com elles, além de outros muitos, o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra;

D.

D. Diniz, irmaõ do Duque de Bragança; ſeu Tio, o Senhor D. Alvaro; D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre; os Biſpos da Guarda, Tangere, e Viſeo; D. Joaõ de Menezes, Mórdomo Mór, que depois foi Conde de Tarouca, e Prior do Crato; D. Franciſco de Portugal, filho do Biſpo de Evora D. Affonſo, que foi Conde do Vimioſo; D. Martinho de Caſtello Branco, depois Conde de Villa-Nova; D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes; D. Henrique, e D. Diogo, filhos do Marquez de Villa-Real; Ruy de Souſa, que morreo em Toledo; D. Joaõ de Souſa, Senhor de Niſa, e de Sagres; D. Franciſco de Almeida o primeiro Viſo-Rei da India; D. Joaõ Manoel, Camareiro Mór, e ſeu irmaõ o Almotacel Mór, D. Nuno Manoel; Joaõ da Silva, depois Regedor das Juſtiças; D. Affonſo de Attaide, Senhor de Atouguia; D. Pedro da Silva, Commendador Mór de Avís; o Veador Vaſqueannes Corte Real, e outros muitos Fidalgos da qualidade, que ſe nomeaõ nas Chronicas deſte Rei.

Era vulg.

Era vulg. Partio elle de Lisboa no dia referido de Março com esta comitiva para Evora, donde passou a Estremoz, e meia legua álem de Elvas o esperava o Duque de Medina Sidonia com o sequito luminoso dos seus parentes, e amigos, servidos por 300 criados com magnifica libré, ainda que a Nobreza de ambos os Reinos levava o luto do Principe defunto de Castella. Precediaõ na vã-guarda deste Esquadraõ politico trinta e oito caçadores do Duque, cada qual com seu falcaõ para irem divertindo a El-Rei na marcha, seguidos de dezaseis trombetas, e oito tambores de prata, que principiáraõ a tocar, tanto que avistáraõ a nossa Corte. Em distancia proporcionada o Duque, e Fidalgos se apeáraõ, e feitas tres reverencias profundas, a que correspondeo El-Rei tocando no chapeo; elle, e os mais lhe beijáraõ a maõ, e á Rainha. Depois de posto a cavallo, o Duque abraçou ao Senhor D. Jorge, fallou aos nossos, e todos seguíraõ a marcha, que rompeo El-Rei.

A pouca distancia o esperava o Duque

que de Alva com toda a roda dos ſeus parentes, e o Conde de Feria com equipage nada menos ſoberba, que a do Duque de Medina Sidonia. Feitas as meſmas demonſtrações, que com elle ſe acabáraõ de practicar, por todo o caminho até Badajoz foraõ os Reis encontrando hum concurſo numeroſo da Nobreza de Heſpanha, que reſpeitoſa, e reverente ſahia a eſperallos, e beijar-lhes a maõ. Em Badajoz foraõ as Mageſtades recebidas debaixo de hum pallio riquiſſimo, e levadas á Igreja maior, donde voltáraõ á Caſa, em que ſe lhes tinha preparado hum jantar magnifico. No meſmo dia dormíraõ no lugar de Talaveira, e no ſeguinte partíraõ para Noſſa Senhora de Guadalupe, aonde determinavaõ paſſar a Semana Santa. Por todo eſte tranſito recebêraõ os obſequios da Nobreza, e dos Póvos, que em competencia ſahiaõ brilhantes, e numeroſos a render-lhes os ſeus deveres.

Era vulg.

Com jornada feliz, no meio da maior pompa, e applauſo, que depreſſa ſe converteo em láſtima, e triſteza; gló-

Era vulg. glórias do mundo, que se murchaõ com o mesmo sopro, que as empólla; os Reis chegáraõ a hum lugar quatro legoas antes de Toledo, aonde esperáraõ as ordens da Corte para fazerem a sua entrada pública. No dia destinado para ella, El-Rei mandou avançar aos Senhores D. Jorge, D. Alvaro, e D. Diniz, ao Conde de Portalegre, ao Mordomo-Mór, ao Capitaõ dos Ginetes, aos filhos do Marquez de Villa-Real, e a outros muitos Fidalgos para cumprimentarem aos Reis Catholicos á sahida de Toledo, ficando elle com a sua comitiva esperando-os na distancia de huma legoa, que hia diminuindo em marcha lenta. Em pequena distancia da Cidade, os Senhores Portuguezes se movêraõ juntos para El-Rei, que ficou parado, e foi o Senhor D. Jorge o primeiro, que chegou á beijar-lhe a maõ, e depois de lha ter dado, perguntou quem era. Dizendo-lhe ser o filho del Rei D. Joaõ II., o Rei tirou o chapéo com força, acompanhando a acçaõ com estas palavras: Perdoai-me, que naõ vos conheci; que a saber quem ereis,

Eu

Eu me apeára. Depois dos outros Fidalgos fazerem os ſeus cumprimentos, mandou que todos montaſſem; deo o ſeu lado direito ao Senhor D. Jorge, que de ordem ſua precedeo a todos os Grandes o tempo que eſteve em Caſtella.

Era vulg.

Obſequio ſemelhante viéraõ fazer aos Reis de Portugal da parte dos de Heſpanha D. Henrique, Tio del Rei Fernando, o Commendador-Mór Cardenas com muita Nobreza; e depois delles a pouca diſtancia o Condeſtavel de Caſtella, o Marquez de Villhena, e muitos Grandes, huns, e outros recebidos com particulares agrados no acto de beijarem a maõ aos Principes. El-Rei D. Fernaudo vinha acompanhado de toda a grandeza dos ſeus Reinos com o ſequito numeroſo, e brilhante de trinta mil peſſoas a cavallo, que cobriaõ as campinas de Toledo. A complacencia em apparato taõ pompoſo ſería extrema, ſe ella naõ ſe encontraſſe com o principio do luto, que a Côrte de Heſpanha fazia obſervar exacto. Iſſo naõ obſtante, as gentes accommodáraõ quan-

Era vulg. quanto lhes foi possivel as honras devidas aos seus futuros Soberanos, com a tristeza a que ellas naõ se podiaõ escusar na perda do Principe herdeiro do seu Reino.

Tres horas estiveraõ os Reis suspensos á vista huns dos outros, sem poderem chegar a fallar-se, entretidos em receber de ambas as partes os obsequios respeitosos da Assembléa Veneravel. Depois que os Porteiros de ambos os Monarcas fizeraõ caminho, chegáraõ hum ao outro; ao mesmo tempo tiráraõ os Chapéos; apertáraõ-se entre os braços, e assim estiveraõ largo espaço fallando os corações vozes de ternura. Quiz a Rainha beijar a maõ a seu Pai, que se escusou; e pondo-se á sua esquerda, ella no meio, e D. Manoel á direita, acompanhados de ambas as comitivas caminháraõ para a Cidade. Á entrada da pórta os esperava concurso immenso com hum Pállio de rico brocado, e debaixo delle, mesmo a cavallo, foraõ os Reis conduzidos á Cathedral, aonde se apiáraõ a fazer oraçaõ. A Rainha D. Isabel, que no Paço

ço esperava aos Principes, os recebeo com as demonstrações do maior alvoroço em huma varanda delle, muito apartada da sua antecamara, acompanhada das Infantas suas filhas, da Princeza viuva sua nóra, de todos os Officiaes da sua Casa, e de muitos Grandes.

Era vulg.

Parece que esta agradavel vista adoçou na Rainha Catholica a dôr inconsolavel, que até entaõ tinha mostrado pela mórte do Principe seu filho. Passados os primeiros cumprimentos, em que a Magestade, e a Natureza fizeraõ os officios mais delicados, a Rainha Catholica foi guiando para o seu quarto aos Hospedes Augustos. Respeitosa, magnifica, e vistosa antecamara foi nessa noite a da Rainha Catholica D. Isabel, aonde estivéraõ ao mesmo tempo dous Reis, e duas Rainhas; huma Princeza, filha do Imperador de Alemanha; duas Infantas de Castella; dous Infantes de Granada; hum filho do Rei D. Joaõ de Portugal; huma filha do de Hespanha; as Duquezas, Damas, e Grandes Senhoras desta Monarquia; o Patriarca, o Arcebispo de Toledo, e muitos Prela-

Era vulg. lados; hum irmaõ, e hum filho dos Duques de Bragança; os de Medina Sidonia, Alva, Villa Hermosa, e outros muitos, que enchiaõ, e ornavaõ bem as sallas do Palacio luminoso.

Foi destinado o Domingo seguinte vinte, e oito de Abril para a solemnidade do juramento, com que os Reis de Portugal haviaõ ser reconhecidos Principes de Hespanha, e com sequito numeroso sahíraõ do Paço a cavallo para a Igreja Cathedral, aonde se havia fazer a ceremonia. Os Duques de Medina Sidonia á direita, e o de Feria á esquerda levavaõ de rédea o cavallo em que hia El-Rei D. Manoel, e na mesma ordem o da Rainha sua Esposa o Condestavel de Castella, e o Duque de Alva. Chegados á Igreja, o Arcebispo de Toledo celebrou Missa em pontifical, e no fim della, posta em socego, e silencio a Assembléa Augusta, se levantou hum Sábio Jurisconsulto a orar eloquente.

Elle ponderou a paz, a tranquillidade, a ventura, que esperava toda Hespanha na uniaõ feliz de tantos Reinos.

Ex-

Exhortou aos Grandes, e aos Póvos, para que aos dous venturosos Esposos Reis de Portugal, e Principes de Castella, amassem, servissem, respeitassem, rendessem huma fé escrupulosa, bem merecida, naõ só pelo direito, com que entravaõ a possuir os seus Reinos; mas pelas qualidades eminentes, pelas virtudes sublimes, de que elles eraõ dotados. Elle recordou ligeiramente a perda, que acabava de padecer Hespanha na falta do Principe morto, e quiz consolar os Estados com as vantagens, que lhes promettia a uniaõ das Coroas. Depois fallando aos Augustos Esposos, augurados Principes, lhes lembrou, que no fundo dos espiritos imprimissem a meditaçaõ das obrigações, que lhes eraõ impostas, para estimarem mais a Coroa pela observancia dos encargos, que pela doçura do Mundo. Elle lhes mostrou com delicadeza como a Arte de reinar se reduzia a proteger os pequenos, a amparar a innocencia, a corrigir a improbidade, a propulsar os perigos, a evitar os damnos, a promover a felicidade, a conservar a Républica, a ampliar os Estados.

Era vulga

Aca-

Era vulg. Acabada a oraçaõ, o Arcebiſpo de Toledo apreſentou aos Reis o Livro dos Evangelhos, e ſobre elle huma Cruz de ouro, na qual pozeraõ a maõ, e ſe empenháraõ por hum juramento ſolemne, e irrefragavel a ſuſtentar, e promover a Religiaõ Catholica, a fazer, e administrar juſtiça, a manter, e conſervar a liberdade pública: applicarem os ſeus delvélos, e actividade á felicidade geral dos Eſtados, de que eraõ declarados herdeiros. Depois dos Principes, o Condeſtavel de Caſtella, e por ſua ordem todos os Grandes fizeraõ a ceremonia de jurar fidelidade, e reconhecimento de Soberania em todos os Reinos de Heſpanha aos Reis de Portugal, como herdeiros dos Monarcas Catholicos Fernando, e Iſabel; promettendo dár as vidas pela honra da ſua Dignidade Real, defenſa do Eſtado, e glória da Coroa. O meſmo acto practicáraõ os Deputados das Cidades, e Villas, excepto os de Toledo, que ſe eſcuſáraõ, naõ por movimento de rebelliaõ; mas por capricho de obſervancia de privilegios: capricho delicado, que no primei-

meiro repente era capaz de transtornar o prazer em dia taõ plausivel. Era vulg.

Nascia esta repugnancia das differenças antigas, que entre si tinhaõ Burgos, e Toledo a respeito das precedencias, que cada huma destas Cidades queria sustentar; Burgos estimando-se Capital de Castella; Toledo attribuindo-se a Primazia, ou Principado de Hespanha. Naõ havia Assembléa, convocaçaõ dos Estados, e acto de Côrtes, em que concorressem Deputados, que os das duas Cidades naõ renovassem as contestações com tanto de calor, que vaporava fumos de sediçaõ. Muitos dos Reis quizeraõ decidir esta questaõ célebre, e naõ o conseguio senaõ D. Affonso XI. nas Côrtes de Alcalá de Henares com hum bello expediente. Estando juntos os Estados, antes que alguem fallasse, disse elle: Eu sei, que os de Toledo estaõ conformes para fazerem quanto lhes for insinuado; agora representem os de Burgos o que tiverem que dizer. Ambos os partidos tomáraõ prudentes esta politica do Principe a seu favor; os primeiros por se

en-

Era vulg. entenderem preferidos; os ſegundos fazendo grande eſpecie da Ordem Real; mas ainda que deſde entaõ uſáraõ os outros Reis do meſmo meio, no acto taõ ſolemne da proclamaçaõ dos novos Herdeiros, os de Toledo naõ quizeraõ em Aſſembléa taõ auguſta renovar as conteſtações. Elles ſahíraõ da Igreja; eſperáraõ no atrio aos Principes, e com geſtos humiliantes, e reſpeitoſos, na ſua preſença déraõ o juramento de fidelidade, e lhes beijáraõ a maõ.

Poucos dias depois deſta ceremonia os quatro Reis de Portugal, e Caſtella partíraõ para o Reino de Aragaõ, e chegados a Çaragoça, ſua Capital, diſpozeraõ, que aquelles Póvos rendeſſem homenage aos Principes. Elles duvidáraõ fazello ſem primeiro conſultarem os moradores de Valença, e Catalunha, que ſuſtentavaõ com vigor ardente a integridade dos ſeus privilegios. Os Reis Catholicos, que os haviaõ caſſado em pena das revoltas precedentes dos Aragonezes, queriaõ cortar demóras, naõ renovar eſta queſtaõ, e ordenavaõ auſteros a obediencia prompta.

ta. Entaõ os Deputados reiteráraõ com mais força, que elles eſtavaõ promptos a fazer o que lhes mandavaõ; mas que havia ſer com a condiçaõ de proteſtarem, e naõ conſentirem, ſem que os Reis de Portugal, quando ſobiſſem ao Throno de Heſpanha, renovaſſem aos Aragonezes os antigos privilegios, de que eſtavaõ privados. O Rei D. Fernando novamente eſcandaliſado das maneiras altivas, com que eſtes póvos ſe conduziaõ, abertamente lhes reſpondeo: Que elle naõ conſentiria já mais, que os ſeus Succeſſores empenhaſſem a palavra para reſtabelecer aos Aragonezes nas franquezas, de que foraõ deſpojados com juſtiça: Que os vaſſallos naõ ſe haviaõ arrojar á temeridade de preſcrever Leis aos Soberanos, e que delles ſaberia conſeguir, naõ o ſerem interpretes, ſenaõ obedientes ás que elle quizeſſe promulgar-lhes, por duras que ellas lhes pareceſſem.

Era vulg.

Com tanta diſſonancia foraõ ouvidas eſtas vozes do Rei, que todos os animos de Aragaõ ſe perturbáraõ, e em conteſtações ſe paſſáraõ tres mezes.

Em

Era vulg. Em todos elles ſe foi avançando a liberdade para pedir, que deſde já ſe renovaſſem á Corôa de Aragaõ as ſuas immunidades primitivas: que ſe o Rei de Caſtella, ſeu Soberano, morreſſe ſem filho Varaõ, foſſe livre aos Aragonezes convocar os Eſtados, que eſtavaõ livres, e elegerem á ſua ſatisfaçaõ hum Rei: que elles naõ eſtavaõ obrigados a reconhecello eſtranho, ainda que o adoptaſſe o Rei actual; e para que eſtas vozes tiveſſem mais força, os pretendentes multiplicavaõ os Conventiculos; invitavaõ-ſe para ſuſtentarem a cauſa commua, e com pouco rebuço enchiaõ as caſas de armas para perſuadirem, que elles eſtavaõ deliberados a ſuſtentar as pretenções com a força. No dia 15 de Agoſto ſerenou eſta tempeſtade com o naſcimento do Principe D. Miguel da Paz, que foi dado á luz pela Rainha de Portugal D. Iſabel, e com júbilo extremo reconhecido futuro herdeiro das Coroas de Portugal, Caſtella, e Aragaõ. Naſceo o Iris; mas eſpirou o goſto; porque do parto morreo a Rainha.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se da morte da Rainha, da volta del Rei D. Manoel para Portugal, e o que succedeo a Vasco da Gama no descobrimento da India.

INSTAVEL como sempre o fluxo dos acontecimentos humanos, que sem os alterar o tempo, a si mesmos se perturbaõ; a excessiva alegria, que causou o nascimento do Principe, no mesmo acto delle vir ao Mundo se converteo no sentimento mais triste; sendo as mesmas vozes plausiveis do júbilo na complacencia dos Reis, na congratulaçaõ dos Póvos, no applauso dos corações, o écco funebre da dôr, dos ais, dos gemidos nos peitos, que concebêraõ o alvoroço. Já antes do parto a Rainha D. Isabel se sentia enferma; na proximidade delle mais se diminuiaõ as forças; na acçaõ de o consummar foi tanta a dissipaçaõ dos espiritos na effusaõ do sangue, que exalou a vida nos braços do Rei seu Pai. D. Manoel, que amava ei-

Era vulg. esta Princeza como ella merecia por si mesma, sem o soccorro das altas Dignidades, que representava, teve por intoleravel a assistencia no lugar, aonde acabava de fazer huma tal perda. Concluido o funeral, cumprido o Testamento, reprimidas com violencia as lágrimas, elle pede aos Reis Catholicos a permissaõ de se recolher aos seus Estados.

Foi intoleravel para os Reis esta separaçaõ, em que mostráraõ os semblantes a dôr dos corações, hum na falta da filha, outro da esposa, huma para ambos a causa da amargura. Seguio D. Manoel a marcha para Portugal acompanhado de huma Corte numerosa, e chegando ao Lugar de Aranda, delle mesmo despedio a D. Rodrigo de Castro, a D. Henrique, e a D. Fernando Coutinho para irem a Roma representar ao Papa Alexandre VI. da sua parte a dissonancia, que faziaõ nos ouvidos da sua piedade, as vozes desconcertadas da relaxaçaõ na Disciplina da Igreja. Naõ esperou o zelo ardente deste Principe arribar a Portugal para despedir

dir os Embaixadores. Elle lhes mandou fossem pela Corte de seu Sogro a darlhe parte dos motivos da sua enviatura, e apresentar-lhe os Officios de que hiaõ encarregados, e se reduziaõ a pedir ao Papa olhasse pela Igreja Santa, aonde os bons costumes estavaõ pervertidos, a piedade tibia, os vicios soltos, as Leis adoraveis sem observancia. Elle lhe fazia saber como a Cidade Santa da sua residencia, que antes fora morada da Religiaõ, e piedade, agora era a officina da malicia, e impudencia: gólpes de infamia, que amolgávaõ a solidez da *Igreja*, e nódoas negras, que manchavaõ a especiosidade do Santuario.

Era vulg.

Despedidos os Embaixadores, El-Rei continuou a jornada para Lisboa, aonde chegou a 13 de Outubro. Pouco depois o avisáraõ os Reis Catholicos, como seu filho o Principe D. Miguel, por consenso unanime dos Estados de Castella, e Aragaõ, havia sido declarado herdeiro das duas Monarquias, e que pertencia ao seu dever praticar o mesmo em Portugal. Immediatamente con-

Era vulg. 1499

vocou El-Rei Cortes, que se celebrárão no anno seguinte, e nellas propôz, que seu unico filho D. Miguel fosse jurado Principe successor de Portugal depois dos seus dias, assim como já o estava de Castella, e Aragaõ, quando se acabassem os de seus Avós. Naõ houve alguem, que impugnasse huma demanda taõ justa; mas antes de declararem em fórma a sua fidelidade, os Estados pedíraõ ao Rei, que promettesse em nome do Principe seu filho, e firmasse com juramento, como elle depois de Rei das Hespanhas as jurisdições, a administraçaõ das rendas, as Alcaidarias Móres, e Governos das Praças de Portugal, fosse no seu continente, ou fosse nas suas Conquistas, por pretexto algum, elle naõ as proveria, senaõ em Portuguezes. Assim o fez El-Rei, que de tudo mandou lavrar Letras patentes, que assignou do proprio punho, e ordenou passassem pela Chancellaria para sua validade completa.

Entretanto chegáraõ a Roma os Embaixadores, que levavaõ ordem dos Reis Catholicos para obrarem de con-

cer-

certo com o ſeu Miniſtro Garcilaſſo de La Vega. Depois de concordarem entre ſi, repreſentáraõ ao Papa da parte dos Reis ſeus Amos o eſtado deploravel em que ſe achava a maior parte dos Eccleſiaſticos; o mal que repartiaõ o paõ aos pequenos; como eraõ pedras do Santuario eſpalhadas pelas cabeças de todas as ruas; como por ſua cauſa choravaõ os caminhos de Siaõ, ſem haver quem aſſiſtiſſe ás ſolemnidades. Que elles tratavaõ com pouco reſpeito as couſas mais ſantas, e ſem reverencia as devoções mais ſólidas, que a Igreja tinha eſtabelecido. Elles déraõ as côres mais vivas a eſte retrato abominavel com os eſcandalos, que os Sacerdotes davaõ aos Póvos, já fazendo venaes os Beneficios, já vivendo libertinos, já depravando os coſtumes: iſto huns homens, que ſe deviaõ moſtrar Sal naõ infatuado, expoſto ao perigo de ſer lançado fóra para ſer piſado: huns homens, que ao contrario, pela ſantidade da ſua vida, eſtavaõ obrigados a edificar as gentes, a naõ deshonrar o ſeu caracter; e pela integridade da doutri-

Era vulg.

Era vulg. trina a moſtrar-ſe Doutores ſem erro, como Meſtres de quem os Pόvos aprendem.

O Papa, que entenderia eſta Embaixada como huma advertencia pathetica, que cahia ſobre as ſuas primeiras deſordens, na apparencia a recebeo goſtoſo; mas no fundo do ſeu interior, elle a teve por hum arrojo mais altivo que zeloſo dos dous Monarcas, que ſe punhaõ na téſta do Sacerdocio para o purificarem das nodoas, com que o manchava a improbidade dos ſeus Miniſtros. Os termos vagos, as figuras de empreſtimo, as vozes geraes, de que os Miniſtros ſe ſerviaõ nos Officios em nome de ſeus Amos, faziaõ parecer agradaveis os exteriores: ao contrario a penetraçaõ ſobre o eſpirito, a ſubſtancia, e materia das repreſentaçóes, ſe por huma parte agoniſavaõ; pela outra a reflexaõ, que fez o Chéfe Supremo na juſtiça da cauſa; ella o moveo a reformarſe a ſi meſmo para ſer o exemplo; lei mais efficaz para a refórma de todos. Elle o foi tanto, que a face da Igreja brevemente ſe vio renovada; a ſua pure-

reza antiga reſtituida; os esforços da cabala derrotados, ſem vigor as intrigas, e por huma vez tiradas as rugas á eſpecioſidade da Filha de Siaõ. O Papa no meio de huma grande ſolemnidade conſagrou duas Eſpadas, e dous Capacetes, que enviou aos Reis de Portugal, e Caſtella. Os Legados Pontificios os apreſentáraõ acompanhados de Letras Apoſtolicas ternas, affectuoſas, e reconhecidas, a que os Monarcas reſpondêraõ com tanto de reſpeito, como de reconhecimento ao obſequio paternal, e acceitaçaõ dos ſeus bons officios.

Era vulg.

El-Rei D. Manoel, ſe em Heſpanha acabava de perder Reinos, na ſua chegada a Lisboa achou a noticia do deſcobrimento de hum novo Mundo, devido ao valor, e induſtria de Vaſco da Gama, que chegava da India: ponto luminoſo, e época memoravel da noſſa Hiſtoria, que eu devo tratar com todas as circunſtancias, que fazem eſta aventura notavel. Sahio Vaſco da Gama de Lisboa como diſſemos a 8 do mez de Julho de 1497. Elle aviſtou as Ilhas Fortu-

Era vulg. tunatas, e no dia vinte da sua viagem ferrou o porto de Santa Maria na Ilha de Sant-Iago. Daqui emproou sempre ao Leste em demanda do Cabo de Boa Esperança; sopportando tempestades horriveis com constancia heróica o longo espaço de tres mezes, até que descobrio terra na Angra de Santa Elena, aonde lançou ferro a 4 de Novembro. Elle a mandou descobrir por Nicoláo Coelho, que passou no seu batel quatro leguas ávante cozido com a Praia, e foi dar á embocadura de hum rio, a que pozérão o nome de Sant-Iago. Aqui vírão os nossos campos amenos; encontrárão abundancia de aguas doces, e grande cópia de lobos marinhos de desmarcada corpulencia, que tudo lhes servio para o fornecimento das Náos.

Como a Vasco da Gama se lhe ordenava no seu regimento, que nas paragens aonde abordasse, se instruisse nos costumes da gente, no seu trafego, e modo de vida; ordenou a alguns homens escolhidos, que penetrassem a terra, e por força, ou industria houvessem

sem

ſem á maõ os moradores, que podeſ- Era vulg.
ſem daquelle Continente. Eraõ elles
Ethiopes, negros, de cabello revol-
to, de lingua incognita; mas que ſe
pagáraõ tanto da civilidade, que com
elles uſamos, e ſe déraõ por taõ ſatis-
feitos dos caſcaveis, quinquilharias, e
bagatellas com que os brindámos, que
em cambio dellas nos miniſtráraõ có-
pia de mantimentos, que neceſſitava-
mos. Quando as duas Nações ſe trata-
vaõ por ſignaes com tanta familiarida-
de, a boa harmonia foi perturbada pe-
la inconſideraçaõ de Fernaõ Veloſo,
aquelle Cavalleiro honrado, que deſ-
cendo hum monte fugindo dos negros,
que eſcandaliſára, foi apoſtrofado pelo
noſſo Camões com o Saynete: Ó lá,
amigo Veloſo, aquelle outeiro, he me-
lhor de deſcer, que de ſobir.

Veloſo com o deſejo de ſaber a fór-
ma, com que os Ethiopes ſe conduziaõ
nos ſeus domicilios, pedio licença pa-
ra ir com elles a Vaſco da Gama, que
lha concedeo, e elles o eſtimáraõ tan-
to, que o foraõ divertindo pelo cami-
nho com a preza de hum lobo do mar,

Era vulg. e nas ſuas caſas o banqueteárao com os alimentos do ſeu uſo, para elles com magnificencia. Nauſeárao a Veloſo os guiſados barbaros, e ſem mais attençaõ com os hoſpedes, ſe poz em retirada para as náos. Elles o viéraõ ſeguindo obſequioſos em grande número, alguns armados de dardos, e zagaias, ſegundo o ſeu eſtylo. Duvidava Veloſo ſe tamanho ſequito ſería por lhe fazerem graça, ſe para vingarem a affronta; e occupado do medo, quiz tirar-ſe da dúvida pela ligeireza dos pés. Seguido até a praia pela chuſma, que em nada cuidava menos, que em offendello; elle a altas vozes pedia ſoccorro ás náos. Entaõ deſconfiáraõ os Ethiopes, que ſe eſcondêraõ nas matas viſinhas, já determinados a vingar nos que vieſſem a terra buſcar ao Veloſo o crime da deſconfiança, que eſte tivéra da ſua boa fé: Taõ delicada a natureza do homem, quando ſente eſtes abuſos na candura da ſua ſinceridade, que até na dos barbaros elles ſe naõ fizéraõ toleraveis.

Suppôz Vaſco da Gama, que os Ethio-

Ethiopes se haviaõ retirado; e para mais facilmente poder observar pelo Astrolabio a declinaçaõ do Sol na Equinoccial, veio a terra com alguns dos Officiaes, que quizéraõ entreter-se com o atemorisado Veloso. Quando os nossos se entendiaõ seguros, de repente foraõ atacados pelos barbaros, que os fizéraõ recolher aos batéis com a mesma pressa, com que Veloso antes descêra o oiteiro; ficando a praia matizada com o illustre sangue de Vasco da Gama ferido em hum pé, e de dous dos seus Capitães: todos arriscados a perder-se pela grosseria do mal advertido Fernaõ Veloso, que foi causa de se romper o trato franco com a primeira Naçaõ, que descobrimos nesta viagem. Immediatamente mandou Vasco da Gama levar a Armada, e soltas as vélas se fez na volta do Austro em demanda do Promontorio horrendo, que a nossa corage já chamava de Boa-Esperança. Daqui em diante até dobrar o Cabo incognito, mostrou elle o seu valor mais que humano, superior ao destino, firme na Fé, entregue nas

Era vulg.

mãos

Era vulg. mãos da Providencia, que lhe confortava a esperança para naõ temer os perigos.

Viaõ os Argonautas intrépidos levantar as náos sobre ondas mais eminentes, que as mais altas montanhas; logo cahirem em profundidades, que pareciaõ as grutas dos abysmos: mares novos, novas tormentas toleradas por hum valor novo. As trévas eraõ companheiras isseparaveis da tempestade: ellas horriveis naquella Regiaõ em huma quadra, em que o Sol ainda derramava todas as luzes pelo Pólo Septentrional, que lhe he opposto. Trévas taõ medonhas, mares taõ grossos, noites taõ longas, nada disto até entaõ experimentado pelos habitadores de huma Zona temperada; era tudo huma tal collecçaõ de monstruosidades, que tirando a esperança de salvaçaõ, já hia dispondo a constancia dos espiritos Lusitanos para darem nella tantos balanços, quantos os corpos sentiaõ dar as náos. Multiplicavaõ-se os dias; cresciaõ os horrores; os vasos aboiados sem vélas, nem governo, huma onda

os

os levava, outra os trazia; andando, e desandando, a cada golpe do mar se esperava hum fim desastrado. Os homens como pasmados, rodeávaõ a Vasco da Gama, e sem dizer palavra, mudos com a eloquencia mais viva, elle entendia lhe insinuavaõ: Que loucura, que insania he a vossa? Estes homens entregues á vossa vigilancia para os guardares, como quereis perdellos com hum genero de mórte espantosa? Que constellaçaõ fatal vos impelle? Quaes saõ os vossos, e os nossos crimes, que merecem a pena do Inferno antes da mórte? Cedei nesta tempestade longa aos esforços do Omnipotente, que a manda: fazei voltar as prôas, e arribemos á Patria, que naõ nos ordena vençamos impossiveis para conseguir sem fructo huma glória vã.

Era vulg.

Fazendo-se surdo Vasco da Gama ás vozes, que se formavaõ no fundo dos animos; os seus companheiros vendo dentro da náo huma montanha, que tantos mares, e tufões naõ a aballavaõ; hum suçurro vago deixa perceber, que he necessario morrer Vasco da Gama

Era vulg. ma insensivel, para que com elle naõ morraõ todos; que naõ amainará a tormenta, em quanto na náo respirar este Jonas. Seu irmaõ Paulo da Gama, que percebe os intentos, o previne; e elle se assegura prendendo os Cabeças da conjuraçaõ, os Pilotos tímidos, e só da sua corage fia o bom successo da viagem atropellando montes de perigos. Em fim, elle Heróe, tolerando muitos dias com animo invencivel a furia da tormenta, e os golpes da perfidia; aos 20 de Novembro, com alegria incrivel dos animos antes consternados, dobrou o Cabo de Boa-Esperança; já esquecidos os trabalhos, tocando os instrumentos musicos, com danças, e folias, lhes parecia ter concluida a jornada da India, e que lançando ferro em Lisboa, elles eraõ os objectos da admiraçaõ geral do Universo.

Mandou o Chéfe adorado por constante, que as náos fossem navegando ao longo da terra para ir observando a sua positura, a sua fertilidade, quanto nella houvesse de estimavel. Os olhos se empregavaõ em grandes arvoredos;

em

em bosques intrincados, em plantas silvestres, em cópia abundante de gados, em figuras estranhas de homens: tudo golpes de vista, que a novidade fazia deleitaveis, e que a complacencia figurava brilhantes. Estes homens eraõ da mesma côr, e talhe dos que deixamos descobertos na Angra de Santa Elena; que fallavaõ soluçando; que andavaõ nús, cobrindo só de folhas de arvores as partes, que manda occultar o pejo; que tocavaõ flautas pastorís com cadencia; e que se abrigavaõ do Sol em casas de terra, ou de ramos. Cinco dias gastamos em dobrar o Promontorio, fazendo estas observações; e navegando para o Septentriaõ, entrámos aos 25 de Novembro na Bahia de S. Braz, que fica sessenta legoas além do Cabo. Nas suas margens ferteis víraõ os nossos muitos Elefantes de desmarcada grandeza; quantidade de bois do tamanho de cavallos, que serviaõ aos moradores para transportarem as cargas de humas para outras partes; e no centro da Bahia huma pequena Ilha, aonde fizeraõ agoada. Aqui lhes servio de en-

Era vulg.

tre

Era vulg. tretenimento a vista de mais de tres mil lobos marinhos, taõ bravos, que enrestiaõ como touros, e as célebres aves solitiarios, no tamanho como patos, na pelle como morcegos; mas que faltas de azas naõ vôaõ, ainda que com summa celeridade se movem.

Queimada a barca dos mantimentos, que já era inutil; levantado naquella paragem hum Padraõ, que pouco depois derrubáraõ os negros; e a Armada bem bastecida, Vasco da Gama foi continuando a viagem, que brevemente perturbou nova tormenta, e o obrigou a engolfar na altura, de que desejava fogir pela ignorancia dos mares, em que navegava. Serenado o tempo, a Armada tornou a buscar a terra, por onde foi avistando pequenas Ilhas pouco apartadas da Bahia, donde se havia feito á véla no dia oito de Dezembro. Ellas faziaõ huma perspectiva agradavel, ornadas de altos arvoredos, os seus bosques povoados de gados immensos, o mar taõ fundo, e taõ quieto, que convidava sem susto a abordar as praias para serem melhor

de

devaçados os ſegredos da terra. Vaſco da Gama, que no dia de Natal tinha avançado ſetenta leguas além dos deſcobrimentos de Bartholomeu Dias, e de Lopo Infante; vantagem, que lhe dava eſperanças do da India; rodeado de complacencias, andou até dez de Janeiro examinando aquellas agradaveis praias. Era vulg.

Naquelle dia aviſtou nellas quantidade de homens, e mulheres, na côr negros, mas de boa eſtatura, e agradavel preſença. Com os deſejos de conhecer a gente, o Chéfe põe prôas em terra, e a manda ſaudar por Martim Affonſo, homem bem inſtruido nas linguas barbaras, que ſe entendeo com ella, e regalou ao ſeu Principe em nome do Gama com hum veſtido á Portugueza. Na recompenſa do preſente, na civilidade do trato nós nos alegrámos, por irmos encontrando já homens com humanidade, com inſtitutos de vida; que ſe ornavaõ com braceletes de bronze; que cobriaõ as cabeças com capacetes do meſmo metal, e que em bainhas de marfim tra-

Era vulg. ziaõ á cinta adagas com cabos de estanho. Gente taõ tratavel se facilitou benigna, e condescendente ao nosso Commercio, e mereceo que Vasco da Gama pozesse áquelle sitio o nome de *Terra da Boa Gente*, e o de *Rio de Cobre* ao que por ella corria. Entre ella deixou a dous dos déz desterrados, que levava na Armada, e no Reino haviaõ tido pena de mórte, que lhes foi perdoada, para que nas Regiões, aonde Vasco da Gama os deixasse, elles as penetrassem, vissem, e notassem os costumes dos homens; dando-lhes o termo fixo, em que haviaõ voltar á mesma parte para na torna-viagem os tomar a bórdo.

Aos 15 de Janeiro partio a Armada desta Terra da Boa Gente, e aos 25 chegou á embocadura de hum caudaloso rio, que ambas as margens faziaõ vistoso pelos agradaveis arvoredos, que as bordavaõ, e a que matisavaõ o terreno plantas, e hervas deleitaveis pela variedade das côres. Aqui passamos a noite sobre ferro, e a luz da manhã nos deixou vêr as praias occupadas de

mui-

muitos homens tambem negros; mas taõ ingenuamente ſimplices, que embarcando nas ſuas almadias, ſem algum temor entráraõ a ſobir pelo bórdo das noſſas náos. Nenhum dos noſſos lhes entendeo a lingua; falta, que ſupprimos com os géſtos condeſcendentes, e com exterioridades taõ agradaveis no trato, no regalo, e nos donativos, que elles bem entendeſſem, quanto a ſua muita candura nos era agradavel. Depois de tres dias vieraõ vêr as náos, e viſitar ao Commandante quatro dos principaes da terra, que foraõ recebidos com grande honra, e que no modo com que ſouberaõ acceitalla moſtráraõ a diſtinçaõ da qualidade, que tinhaõ. Depois de hum jantar eſplendido, Vaſco da Gama os veſtio ao noſſo uſo, de que elles déraõ demonſtrações de prazer; mas deſconſolava-nos naõ os ſaber entender para tomarmos lingua da diſtancia, em que eſtavamos da India.

Era vulg.

Hum moço, que os acompanhava, por algumas vozes Arabias nos fez perceber, que elle havia pouco chegára de pórtos, aonde havia náos do tama-

Era vulg. nho, e estructura das nossas, e que os ditos pórtos naõ ficavaõ dalli muito distantes. Naõ he explicavel o alvoroço, que sentíraõ os nossos com estas noticias pela esperança, que ellas lhes davaõ, de que com brevidade chegariaõ á India, termo suspirado dos seus trabalhos. Vasco da Gama nos transportes da complacencia chamou ao Rio dos *Bons Signaes*; á terra pôz o nome de S. Rafael, e na bocca do mesmo Rio levantou hum dos Padrões, que levava com a Insignia da Santa Cruz, e as Devisas do Rei D. Manoel para glória do nome Christaõ, credito do seu Soberano, e reputaçaõ da gente Portugueza, que devia ficar gravada em Monumentos perduraveis, que marcassem ao Mundo, como della sahíraõ os operarios escolhidos para a grande obra de levarem o Nome de Deos ás Nações estranhas, fazerem a terra communicavel, dalla a conhecer a si mesma, os homens huns aos outros.

CA-

CAPITULO IV.

Continúa a navegaçaõ de Vasco da Gama até chegar aos pórtos da India.

HUM mez se deteve Vasco da Gama no Rio dos Bons Signaes para curar a muita gente da tripulaçaõ, que lhe adoeceo, para dar pendor ás náos, que necessitavaõ ser limpas, e feitos os provimentos precisos sahio do porto aos 24 de Fevereiro. No primeiro de Março avistáraõ os nossos quatro Ilhas naõ distantes da terra firme, de huma das quaes sahíraõ oito zambucos com as vélas cheias, chegando-se á nossa Armada. As suas gentes conhecendo a Capitania pela bandeira arvorada no mastro maior, viéraõ emproando a ella os zambucos, que a rodeáraõ, e com grandes clamores saudáraõ aos nossos em vozes Arabias. Com ordem do Chéfe, a náo de Nicoláo Coelho, que era mais pequena, se pôz na sua vã-guarda para sondar nas immediações da

Era vulg.

Era vulg.

da Ilha o lugar mais cómmodo para a ancorage das outras náos. Em quanto se dava fundo, nas barcas dos civilisados moradores naõ cessava o ruido dos instrumentos, as vozes de júbilo, e da praia os géstos, e clamores de alvoroço causado pela novidade.

Estas gentes, ainda que de côr baça, mais semelhantes aos nossos Européos, ellas vinhaõ vestidas com muita decencia ao seu uso, cingindo espadas, e chegando ás náos, sobíraõ a bórdo, e em lingua Arabia saudáraõ os nossos. Em quanto Vasco da Gama as lisonjeava com a profusaõ da meza, que acceitáraõ cortezes; elle lhes perguntou de quem era aquella Ilha; qual a qualidade dos seus moradores; que Religiaõ professavaõ, e que distancia haveria della até á India. Os Mouros, que era a Naçaõ daquellas gentes, respondêraõ, que a Ilha se chamava Moçambique; que os naturaes della eraõ Idolatras; mas que a maior parte dos habitantes se compunha de mercadores Sarracenos, por ser a Ilha naquellas partes Emporio célebre, sujeito ao Rei

de

de Quiloa, que o mandava governar por hum Chéfe de probidade notoria: que dalli navegavaõ muitas náos para a India, Arabia, e outras Regiões remotas da terra: que elles já deixáraõ pelas poppas o porto de Çofala, aonde havia grande cópia de ouro, de que naquelles Paizes se fazia Commercio avultado; concluindo com a noticia da distancia, em que a Armada estava dos pórtos de Calecut na India, termo da sua viagem.

Era vulg.

Os Portuguezes, até entaõ errantes por mares, e climas incognitos, ao ouvir as noticias por que suspiravaõ, naõ podendo conter o júbilo, levantáraõ os corações, e as mãos ao Ceo; reconhecêraõ por Author da mesma viagem ao Omnipotente, que os escolhêra entre as Nações da terra, como promettêra ao primeiro dos seus Reis, para fazerem conhecido aos Barbaros o seu Nome adoravel, que estava predito havia ser louvado des do Nascimento, até ao Occaso do Sol; entre lágrimas de prazer lhe davaõ graças por estarem taõ proximos a colher o fructo dos

Era vulg. dos ſeus trabalhos imponderaveis para glória ſua. Preſumírao os Mouros, que os noſſos erao da ſua Naçao, mas que nós nao os entendiamos por habitarmos Paizes muito remotos, e ſatisfeitos dos preſentes com que Vaſco da Gama os regalou, e com o que mandou por elles ao ſeu Xeque, ou Governador, ſe deſpedírao igualmente affectuoſos, que agradecidos.

A Ilha de Moçambique, que ainda eſtá no noſſo dominio, foi antigamente chamada Egezimba, apartada da linha dezaſeis gráos para o Auſtro, e ſituada na Cóſta de Zanguebar, fronteira á Ilha Madagaſcar, ou de Sao Lourenço, e he ella a eſcala mais célebre da noſſa navegaçao para a India. A terra pelas muitas lagoas he doentia, e negros os moradores, que viviao em caſas de terra cobertas de ramos de arvores; mas pela opportunidade do Commercio, ella era frequentada de muitas Nações, eſpecialmente pela dos Arabios, que ſe tinhao feito ſenhores das ſuas melhores riquezas. Eſtes Arabios erao muito peritos na nau-

nautica, para a qual tinhaõ muitos inſ- trumentos, entre outros as cartas de marear, os quadrantes, e as agulhas levantiſcas, ainda que as embarcações de que uſavaõ naõ tinhaõ cuberta, nem as cravavaõ com prégos, mas com cavilhas de páo: as córdas as faziaõ de cairo, ou fios de palma; das folhas das meſmas arvores teciaõ as vélas, taõ unidas, e tapadas, que naõ deixavaõ fugir o vento.

Era vulg.

Como os Mouros de Moçambique nos preſumiaõ ſeus Sectarios, e habitadores da Mauritania, attrahidos das noſſas dadivas, e obſequios; elles perſuadíraõ ao Governador Zacoeia, que compenſaſſe o ſeu preſente, regalando-nos os refreſcos da terra, e vindo viſitar o Commandante das noſſas náos. Aſſim o fez Zacoeia, que magnificamente veſtido, acompanhado de muitas almadias com gente armada, e inſtrumentos muſicos, ſe chegou ao bórdo da Capitania. Vaſco da Gama, que mandára eſconder os enfermos, formou os sãos, e robuſtos pelos bórdos da náo armados, e luzidos para receberem ao Go-

Era vulg. Governador, que ſobio com os ſeus, e ſaudou ao noſſo Chéfe. Aos primeiros cumprimentos ſe ſeguio a meza, em grande cópia o vinho, que alegrou o coraçaõ do Barbaro pouco eſcrupuloſo na obſervancia da ſua Seita; e entre os fervores do eſtomago, e as complacencias do roſto, perguntou a Vaſco da Gama: Se os ſeus eraõ Mouros, ou Turcos: de que armas uſavaõ nos combattes: que Livros trazia da ſua Lei, e que lhe fizeſſe o obſequio de os moſtrar.

O Gama lhe reſpondeo: Que a ſua Naçaõ habitava nas extremidades do Occidente: que uſava nas batalhas das armas, que elle eſtava vendo nos ſeus ſoldados: que além dellas ſe ſervia das peças de artelharia, que guarneciaõ o convéz da ſua náo; tormentas bellicas, que naõ ſó deſpedaçavaõ os homens, mas que deitavaõ por terra as muralhas mais firmes, ſem lhe poderem reſiſtir as Praças mais bem fortificadas: que naõ duvidava moſtrar-lhe os Livros Santos da ſua Lei, quando eſtiveſſe deſcançado das fadigas de jornada taõ pe-

penosa: que elle tinha de a continuar até á India, e lhe pedia quizesse dar-lhe Pilotos práticos, que o conduzissem a Calecut; ficando certo lhe sería proveitoso o beneficio, que lhe fizesse. Em tudo conveio o Governador, que voltando depois a vêr o Gama com hum grande presente, lhe trouxe para a viagem da India a dous Pilotos, que ficáraõ ajustados por 30 cruzados da nossa moeda, e estabelecida huma concordia, que nos podería ser vantajosa, se fosse mais duravel, despida do susto das contingencias.

Era vulg.

Succedeo porém, que Zacoeia percebesse, como os nossos eraõ Christãos; noticia, que converteo em odio a amizade precedente, e os desejos de ajudar-nos em intrigas para perder-nos. Hum dos Pilotos fiel descobrio ao Gama as indústrias, com que os Mouros intentavaõ tomar-lhe as náos. O outro o desampara; mas este lhe assegura, que nada tema, e que elle basta para o levar á India; ou se quizesse o conduziría á Ilha de Quiloa, que ficava dalli cem leguas, aonde havia Chris-

tãos,

Era vulg. tãos, e Mouros, que ſempre andavaõ em guerra, e que entre os primeiros acharía muitos Pilotos déſtros. Neſte trajecto ſobreviéraõ tormentas, que forçáraõ a Armada a arribar ao meſmo porto de Moçambique, donde ſahíra. Quando Vaſco da Gama aqui ſe detinha com cautéla, hum Arabio com ſeu filho, práticos na nautica, veio fallar-lhe a bórdo, e pedir-lhe quizeſſe levallos comſigo para os lançar em algum dos pórtos, donde lhes ficaſſe mais facil a jornada de Meca. Vaſco da Gama lhe acceitou a offerta, e com eſtes Pilotos, e o de Moçambique, tornou a fazer-ſe á véla para Quiloa.

Naõ podéraõ as noſſas náos ferrar o porto, ou porque os ventos eraõ ponteiros, ou porque o ultimo daquelles Pilotos, já arrependido da ſua fidelidade, traçava perder-nos, e maliciosamente nos fez errar o rumo. Outro Piloto, que Paulo da Gama prendêra em Moçambique, continuando o engano do primeiro, nos perſuadio navegaſſemos para Mombaça, que era huma grande Cidade cheia de delicias,

aon-

aonde moravaõ muitos Christãos, que nos serviriaõ de grande soccorro na cura dos enfermos, e para o fornecimento dos generos, que na Armada se necessitavaõ. Vasco da Gama, tendo perdido a metade da gente, levando muitos doentes, falto de bastimentos, naõ entendendo a simulaçaõ do Piloto; elle manda navegar a Mombaça, que já o esperava pelos avisos dos Mouros para traçar a sua ruina. Apenas os nossos lançáraõ ferro, em huma grande barca vieraõ cem Arabios armados, entre elles quatro distintos, que a tom de cumprimento quizeraõ subir á Capitánia. O Gama lhes mandou fazer alto, e que só consentia a bórdo os quatro Chéfes sem armas: prevençaõ, que elles muito lhe louváraõ, como de Capitaõ prudente, que naõ devia fiar-se facil de gente naõ conhecida.

Era vulg.

Passados os convites, protestações de amizade, no Domingo de Ramos, e dia 8 de Abril, o Rei de Mombaça mandou dous Deputados a Vasco da Gama, que por elles foi visitado da sua parte com hum refresco delicado, e

Era vulg. e persuadido: Que o porto, aonde elle chegava era oppulento, a sua navegação para a India muito frequente: que o seu Rei para com os Estrangeiros tinha muita hospitalidade, e nada lhe faltaria no seu Estado de quanto apetecesse: que lhe pedia entrasse no interior do porto para mais facilmente o vêr, e tratar com elle os expedientes respectivos ao Commercio, que ambas as partes desejavaõ, e a elle o traziaõ a Regiões taõ remotas. Vasco da Gama condescendeo a tudo, quanto acabava de se lhe propôr, e mandou a dous dos nossos Desterrados acompanhassem os Ministros do Rei, que os recebeo com as demonstrações de hum prazer extremo: ordenando à alguns dos seus criados lhes fossem mostrar a formosura, as riquezas, a situaçaõ, as forças da Cidade. Quando houveraõ de voltar, lhes fez vêr todos os generos de especiarias, que se transportavaõ da India, e lhes deo as amostras para levarem ao Gama, ao qual podiaõ assegurar, que dellas lhe forneceria a cópia necessaria para carregar as suas náos, sem o descommodo

do

do de as procurar mais longe: obſe- quio, que elle queria fazer a hum Rei amigo, que buſcava a ſua correſpondencia de tanta diſtancia a troco dos perigos dos ſeus Vaſſallos taõ eſtimaveis.

Era vulg.

Naõ pode Vaſco da Gama diſſimular o goſto, que lhe causáraõ as boas novas, que os Deſterrados lhe trouxeraõ. Elle manda levar ferro ás náos; a todo o pano ſe faz na volta do porto; mas a Providencia, que o guiava, diſpôz que a corrente rápida fizeſſe ir caindo o ſeu navio ſobre hum baixo: accidente, que o forçou a ferrar o pano com aceleraçaõ, e deitar ancora; ordenando aos mais navios fizeſſem o meſmo. Eſta manobra naõ eſperada, e naõ entendida, cauſou nos eſpiritos criminoſos tal impreſſaõ, e nos dous Pilotos perfidos de Moçambique tal medo, por entenderem deſcobertos os deſignios da noſſa entrega; que elles ſe lançáraõ ao mar para ſe ſalvarem nos barcos do porto, que nos rodeávaõ, e ſe pozeraõ em fugida, ſem nos reſtituirem os Pilotos, que a altas vozes lhes pediamos. Entaõ conhecêraõ os noſſos

Era vulg. o perigo, de que a piedade de Deos os livrára; e passados dous dias com a grande vigilancia, que impedio aos nadadores déstros da terra naõ nos cortarem de noite as amarras para darem as náos a travez, e por-lhes fogo; Vasco da Gama se levou, e fez na volta de Melinde no dia de Sexta feira Maior, com a esperança de achar nesta Cidade Pilotos, que o levassem á India.

Seguindo esta viagem, tomamos huma embarcaçaõ com quatorze Mouros commandados por hum Chéfe prudente, que deo a Vasco da Gama noticias individuais dos negocios da India; respondendo com consideraçaõ a todas as perguntas, e fazendo advertencias sérias a respeito do destino da nossa navegaçaõ. Alegres com estes auspicios, que nos promettiaõ felicidades, no Domingo de Pascoa avistamos a brilhante Cidade de Melinde plantada em hum bello campo, com casas de pedra, e cal ao modo da Europa, rodeáda de muitos pomares com todo o genero de frutas, os seus campos cobertos de arvoredos, os planos de immensos

sos

ſos gados, e viſtoſos palmares. O ſeu Rei era Mouro; os moradores Gentios baços, de cabello revolto, nús da cintura para cima, e para baixo cobertos de pannos de ſeda, e algodaõ. Os nobres uſavaõ de toucas com cadilhos de ſeda, e ouro, de arcos, ſettas, lanças, e alfanges; elles cavalleiros taõ déſtros, como os Arabios entre elles habeis Commerciantes.

Era vulg.

A entrada do porto longe da Cidade, as rochas eſcarpadas, e abertas ás tormentas, foraõ os motivos, que obrigáraõ Vaſco da Gama a ir ancorar perto della. Hum dos Mouros, que elle cativára, lhe lembrou o perigo a que eſtivera expoſto pela perfidia do Rei de Mombaça: que naõ creſſe logo ao de Melinde ſem lhe explorar o animo: que fiaſſe ſó delle eſta importante diligencia, em que lhe promettia cumprir com a maior exacçaõ os ſeus deveres: que naquelle porto eſtavaõ quatro náos de Chriſtãos da India, que poderiaõ encontrar já preſtes para voltar aos ſeus portos, e que a ſua companhia lhe ſerviría de hum grande ſoccorro na via-

Era vulg. gem. Vaſco da Gama, ſe por huma parte ſabia o pouco que ſe devia fiar do Mouro, por outra penſava uteis as conſequencias, ſe elle lhe trataſſe verdade: Como na ſua vida nada ſe intereſſava, elle o mandou pôr em huma Ilheta perto da Cidade, donde logo ſe retirou o bote; mas os naturaes vieraõ por elle, e o apreſentáraõ ao ſeu Rei, que o ouvio attento expôr os louvores dos Portuguezes, a ſua humanidade, a delicadeza da boa fé, as virtudes do Chéfe, o muito que eſte deſejava a ſua amizade, e quanto era conforme ao ſeu caracter naõ a negar a huns homens bons, que de taõ longe lha vinhaõ pedir á ſua meſma caſa.

O Rei, que era muito velho, e enfermo; mas clemente, e inſtruido, eſtimou as noticias do Mouro, que fez reſtituir ás náos acompanhado de alguns dos ſeus familiares, que da parte de ſeu Amo cumprimentáraõ a Vaſco da Gama, e lhe offerecêraõ hum refreſco dos fructos de Melinde. Elle contribuio com outro dos generos de Portugal, e com tantas civilidades do ſeu eſpirito candido,

do, que de ambas as partes se desterrárao as suspeitas. Resolveo-se o Chéfe ancorar junto da terra, e foi surgir entre as quatro náos dos Christãos de Crangalor, que naõ podérao conter o alvoroço á vista da gente, que professava os seus mesmos Dogmas, nem os nossos o prazer na contemplaçaõ, de que no remoto Oriente descobriaõ vestigios dos primeiros Apostolos nos descendentes dos Christãos primitivos, que havia tantos seculos elles gerárao no Evangelho. Estes homens nos preveníraõ com as verdadeiras cautélas bem confórmes ao tempo, á situaçaõ dos nossos negocios, e á segurança da nossa viagem.

Era vulg.

CAPITULO V.

Do mais que succedeo a Vasco da Gama em Melinde, e como chegou aos pórtos de Calecut na India.

O REI de Melinde, que sincéramente queria a nossa communicaçaõ, e desejava vêr-nos, naõ o podendo fazer

Era vulg. pelos ſeus annos, e moleſtias, mandou ao Principe Regente, ſeu filho, com o mais luzido da ſua Corte em huma almadia brilhante, que rompeo a voga ao ſom de muitos inſtrumentos, para viſitar Vaſco da Gama a bordo das náos. Eſte Chéfe ſahio no batel a eſperallo em diſtancia proporcionada; e apenas ſe amparou da almadia, o Principe entrou nelle de hum ſalto, e ſe deixou cahir affavel, e riſonho nos braços de Vaſco da Gama, apertando-o em laços de amizade eſtreita, como ſe ella foſſe a mais antiga, e as viſtas depois de larga auſencia. Chegados ás náos, o Principe como ſe naõ reſpirára o ar barbaro daquelles climas, entreteve huma converſaçaõ taõ prudente, e advertida, que parecia hum dos mais civiliſados, e bem inſtruidos da illuminada Europa. Elle reparava no Gama, como admirando hum homem de outra eſpecie; nas náos como em fábrica ſuperior á induſtria humana, e naõ regateava géſto, ou ſignal, que foſſe demonſtrativo da ſua complacencia para comnoſco.

Vaſ-

Vafco da Gama, que da fua parte queria praticar o mefmo, lhe fez prefente dos quatorze Mouros pouco antes captivos, que elle eftimou como huma marca da noffa gratidaõ, e condefcendencia. Fiado nella, o Principe lhe pedio fizeffe a feu Pai o obfequio de o ir vêr, como elle anciofamente defejava, e da fua parte naõ podia fatisfazer pelas juftas caufas, que elle naõ ignorava. Defculpou-fe o Gama com a obfervancia das ordens do feu Rei; mas mandou com elle dous dos Cavalleiros mais diftinctos da Armada, e defpedidos elles a veio ancorar o mais perto que pode da Cidade. Elle moftrou ao Principe o crédito da fua boa fé em naõ querer acceitar hum filho feu, e outros Fidalgos em refens da fidelidade do trato o tempo, que fe demorou no porto: urbanidade do Principe taõ eftimada, que fegunda vez veio derramar benignidades a bórdo das noffas náos; que o obrigáraõ a naõ poupar-fe a diligencia, que foffe intereffante ao noffo cómmodo; e que fielmente o conduzio a dar-nos Piloto pra-

Era vulg.

Era vulg. pratico, e leal, nascido nas mesmas margens do Rio Indo, que nos levasse aos pórtos de Calecut: assegurando-lhe a impaciencia com que o esperava na torna-viagem, para mandar na sua companhia hum Embaixador ao Rei de Portugal.

A 24 de Abril, ou a 10 de Maio, que ambas estas opiniões achamos nos nossos Historiadores, sahio Vasco da Gama do porto de Melinde, e emproou o grande golfo para a parte Septentrional. Passados poucos dias, tivérao os nossos o prazer de descobrir em Asia o nosso Polo Arctico, e nelle as Ursas Mayor, e Menor, que no anno antes vírao a pezar de Jono, como diz Camões, affogar-se nas aguas de Neptuno. Continuando a viagem, no dia 17 de Maio, ou 13 de Junho, avistámos huma terra alta, que por causa de huma nevoa espessa, nao foi conhecida do nosso Piloto de Melinde; mas dous dias depois na manhã de hum Domingo apparecêrao na nossa frente os altos montes de Calecut, que ficao em pequena distancia desta grande Cidade,

fim

fim da noſſa navegaçaõ, já olhada como termo ultimo de onze mezes dos mais penoſos trabalhos. Correo o Piloto a pedir alviçaras a Vaſco da Gama, que lhas deo com toda huma maõ aberta; com a outra, e os olhos levantados ao Ceo graças ao verdadeiro Deos; com a lingua liberdade aos prezos ſediciosos do tempo da tempeſtade no Cabo da Boa-Eſperança, para que todos foſſem participantes do júbilo, que lhes devêra cauſar o exito feliz de huma façanha no mundo inaudita, merecedora de applauſos eternos, digna das memorias, e do reconhecimento de todas as idades.

Era vulg.

Soltando flamulas, e galhardetes, as noſſas náos déraõ fundo em diſtancia de duas leguas da Cidade de Calecut. Pela gente de dous barcos, que logo viéraõ ao noſſo bórdo, ſoubémos naõ ſer aquelle o lugar da ancoragem; o ſitio em que reſidia o Rei, e outras particularidades, que obrigáraõ Vaſco da Gama mandar á terra hum dos degradados na companhia dos meſmos Mouros, que ſe faziaõ entender em

lin-

Era vulg. lingua Arabia. A eſtranheza da figura, e do traje deſte Emiſſario, attrahio de tropel gente innumeravel, que o levavaõ de huma para outra parte, todos fallando, perguntando, inquirindo, elle ſem os entender, nem ſer entendido. Acaſo ſe encontrou com dous Mercadores de Tunes, hum delles chamado Monçaide, que conhecendo-o Europeo pelo traje, lhe fallou Heſpanhol, e perguntou pela Naçaõ. Sabendo que era Portuguez, o conduzio, e regalou em ſua caſa com demonſtraçaõ de amizade, e para lhe dar della próvas mais conſtantes, ſe offereceo para ir na ſua companhia viſitar, e inſtruir o Chéfe das ſuas náos nos eſtylos da terra.

Acceitou o noſſo Emiſſario a offerta: viéraõ ambos a bórdo da Capitania, aonde Vaſco da Gama derramou ſobre Monçaide huma innundaçaõ de civilidades, que obrigáraõ o Mouro a offerecer-ſe no ſeu ſerviço ſem reſerva; a informallo como o Rei chamado Çamorim reſidia na Cidade de Panane, cinco leguas diſtante daquelle lugar; que elle amava muito os Eſtrangei-

geiros; desejava contrahir allianças de Commercio com os Reis da Europa, de que tinha noticia; que a gloria, e o interesse tinhaõ muita parte nos seus movimentos; ambicioso de fazer conhecido o seu nome, e o seu poder, de avançar as rendas da Coroa por meio do trato com as Nações; e que vindo elle de taõ longe cumprimentallo da parte de hum Rei recommendavel, podia assegurar-lhe, que encontraria hum acolhimento bem confórme ao seu desejo: que elle Monçaide tinha largo conhecimento, e muito trato com os Portuguezes do tempo, em que as náos do Rei D. Joaõ II. hiaõ a Tunes buscar muitos generos para os Armazens Reaes de Lisboa. Alvoroçou-se o espirito do nosso Chéfe com esta relaçaõ taõ agradavel, e resolveo, que no dia seguinte fosse Fernaõ Martins com outro Portuguez na companhia de Monçaide a Panane cumprimentar o Rei da sua parte, e dar-lhe a da chegada dos Portuguezes ao seu porto para o obsequiarem confórme as ordens do seu Soberano.

Era vulg.

O

Era vulg. O Çamorim, que com a noticia da vinda dos nossos Enviados, entrou no desejo de os vêr, naõ lhes demorou a audiencia, em que Fernaõ Martins por meio do Mouro interprete, disse: Que chegando aos ouvidos do magnifico Rei de Portugal a fama do seu nome, da sua reputaçaõ, do seu poder, da grandeza do seu Estado, Elle lhe mandava por Embaixador hum dos seus grandes Capitães para tratar com a Sua Magestade huma alliança, amizade, hum pacto indissoluvel: Que fosse servido marcar-lhe dia, e lugar para huma audiencia, em que elle lhe explicasse as intenções do seu Rei, para a sua pessoa ingenuas, para os seus Estados interessantes. Respondeo o Çamorim, que lhe era muito agradavel a chegada do Capitaõ Portuguez, e ainda mais as boas intenções do Rei seu Amo, que elle naõ podia deixar de estimar, e attender: Que em quanto naõ chegava á sua presença, mudasse de ancoragem, e trouxesse as náos para o Cabo de Gate mais visinho a Panane, por ser perigosa no Inverno a situaçaõ, aon-

aonde elle lançára ferro, e que imme- diatamente lhe daria a audiencia, que Vasco da Gama pedia, e elle desejava.

Era vulg.

Assim despedio o Rei aos nossos Officiaes, que mandou acompanhados de hum Piloto prático para conduzir as náos ao lugar marcado. Elles déraõ conta da sua negociaçaõ ao Chéfe, que já circunspecto com a experiencia dos casos passados, desconfiado das intrigas de Nações incognitas, dispoz as cousas com a segurança necessaria para naõ malograr o fim de taõ penosa viagem. Ouvidos os do seu Conselho, determinou Vasco da Gama ser elle só o que se expozesse a todos os perigos; que se a sua pessoa se perdesse, a Fróta se salvasse, e viesse dar parte a Portugal, de que o caminho da India elle o deixava aberto. Com este designio magnanimo, filho da sua sabedoria, experiencia, e valor, elle encarrega o governo das náos a seu irmaõ Paulo da Gama, e a Nicoláo Coelho, com ordem, que sem demora se façaõ na volta de Lisboa logo que souberem, que

a

Era vulg. a elle o mataõ, ou fazem prisioneiro: que nada importa se arruine Vasco da Gama com tanto que o Rei, e a Patria naõ fiquem defraudados da glória, que lhes resúltava de haverem as quilhas Portuguezas sido as primeiras, que rompêraõ os mares do Téjo até ao Ganges, de Lisboa a Calecut, da Europa até a Asia.

Dadas com a ultima precisaõ estas ordens, Vasco da Gama se embarca em huma falúa brilhante no porto de Pandarane, aonde viéra ancorar, sem mais companhia, que a de doze soldados, que com elle se quizéraõ arriscar, e seguillo por decencia da pessoa, e authoridade do cargo. Na praia o esperava mandado pela Corte o Catual, que era hum Official destinado para conductor dos Estrangeiros distinctos. Elle tinha bordado a praia do desembarque com hum corpo consideravel de Fidalgos, que chamaõ Naires, e outra quantidade prodigiosa de Indios postados sobre as armas. Á abordage da falúa soáraõ innumeraveis instrumentos, que feriaõ os ares, e mal se deixavaõ ouvir pe-

pelo eſtrondo dos vivas clamoroſos de tanto Povo. A Nobreza, e elle engroſſáraõ o cortejo de Vaſco da Gama, e do Catual, que em hombros de homens foraõ conduzidos como em triunfo para a Corte de Calecut, onde viéra o Rei a eſperallo.

Era vulg.

Na entrada deſta Cidade levou o Catual ao Gama a hum Templo magnifico, de ſoberba eſtructura, em tudo ſemelhante ás noſſas Igrejas. Como ſe nos tinha aſſegurado, que por aquelles contornos haviaõ muitos Chriſtãos, que deſcendiaõ dos primitivos regenerados pela doutrina Apoſtolica; Vaſco da Gama entendeo ſer o Templo huma das Caſas de ſua Oraçaõ deſtinadas ao culto do Deos Verdadeiro. Á pórta delle o eſperavaõ quatro homens nús da cintura para cima, com tres cintas do hombro até debaixo do braço oppoſto, que depois de fazerem ao Gama huma reverencia profunda, o levaraõ pelo interior do Templo até huma Capella, aonde eſtava de pintura huma imagem, que a eſcuridade do ſitio naõ deixou ſer conhecida dos noſ-

ſos.

Era vulg. ſos. Os quatro conductores a apontáraõ com o dedo, clamando no ſeu idioma as vozes, que no noſſo faziaõ perceber repetido o nome de Maria. Ouvido elle, o Catual, e os Naires poſtrados por terra adoráraõ ao Simulacro; e como os noſſos ſe acabáraõ de capacitar, que eſtavaõ em huma Igreja de Chriſtãos, aonde ſuppunhaõ collocada a Imagem da Soberana Eſtrella do Mar, que por tantos deſconhecidos os trouxera a ſalvamento aos pórtos da India; elles póſtos de joelhos, com lágrimas de ternura déraõ graças á Mãi das miſericordias, e lhe pedíraõ o amparo para os acontecimentos futuros.

Sahidos do Templo, e levados a outro de menor grandeza, em fim os noſſos rodeados de mais de tres mil Naires, ao ſom de trombetas, e outros inſtrumentos, foraõ conduzidos á preſença do Rei. O concurſo do Povo era taõ numeroſo, que os Naires com a eſpada na maõ tinhaõ de abrir caminho pelo centro delle para paſſarem Vaſco da Gama, e o Catual até chegarem ao Paço. Os Senhores da Corte chamados

Cai-

Caimães, que saõ os Fidalgos destinados para fazer as honras nos dias de Ceremonia, vieraõ á primeira pórta receber o Gama, e o conduzíraõ á da Sala da Audiencia. Nella o esperava hum Velho veneravel, vestido em huma roupa larga toda branca, naõ menos respeitavel pela sua idade, que pelo ar do Sacerdocio na qualidade de grande Bramane, primeiro Pontifice, ou Capellaõ Mór do Rei. Depois delle lançar os braços a Vasco da Gama com agrado magestoso, o levou pela maõ até a antecamara Real precedido de muitos Officiaes, que foraõ tomando assento em cadeiras fabricadas com delicadeza, e plantadas em fórma de amphitheatro. O Rei estava ao modo Asiatico recostado em hum leito magnifico de campanha, scentelhando luzes dos dedos dos pés até ao turbante da cabeça os innumeraveis brilhantes, e pedras preciosas, que matisavaõ as suas roupas, e estavaõ com subtileza cravadas nas suas joias, ornato rico de Rei taõ poderoso.

Era vulg.

Naõ se esqueceo o nosso Damiaõ de Goes de nos representar aos pés deste

te

Era vulg. te Rei hum dos Officiaes antigos da ſua guarda com hum vaſo de ouro na maõ cheio das folhas da herva, que os Malabares chamaõ Betelle, e os Arabes Tambul, que os Principes da Aſia maſcaõ continuamente para lançarem huma reſpiraçaõ agradavel, e refreſcarem a ſede com pouco uſo da agua. Vaſco da Gama ſaudou ao Çamorim como Rei com as genuflexões ao modo Europeo; e chegado ao leito elle lhe pegou da maõ, e junto a elle o fez aſſentar em huma Cadeira, que lhe tinha prevenida. Aos ſeus Portuguezes ordenou, que fizeſſem o meſmo. Mandou vir agua para todos purificarem as mãos, e as boccas; varios fructos para ſe recrearem do trabalho de taõ longa viagem; e depois deſtas Ceremonias perguntou a Vaſco da Gama ſobre que aſſumptos o Rei D. Manoel o mandava á ſua preſença. Elle lhe reſpondeo, que naõ era conforme á razaõ de Eſtado dos Principes, nem uſo praticado pelos Reis da Europa ouvirem em público os Officios dos Embaixadores Eſtrangeiros: que quando elle quizeſſe, preſentes ſó

as

as pessoas da sua confidencia, entaõ lhe communicaría as intenções ingenuas do Rei seu Amo, que todas eraõ respectivas á glória, á reputaçaõ, aos interesses da sua pessoa, e Estados com mutuos interesses.

Era vulg.

Teve o Çamorim por justo o requerimento do Gama; e levando-o a outro quarto adereçado com maior magnificencia, que o primeiro, na companhia do grande Bramane, e de poucos Officiaes de fidelidade provada, lhe ordenou expozesse a sua Commissaõ. Vasco da Gama, pondo-se presente todo o seu espirito, com hum ar ao mesmo tempo que respeitoso, e sobmisso, agradavel, e féro, assim lhe falla: O Grande, o Invicto Rei D. Manoel, que com virtude de Principe, admiravel em dignidade, domina no ultimo Occidente o vasto terreno de Portugal, e nelle a Naçaõ mais destemida do Universo; ambicioso pelas emprezas da maior honra, amigo da grande glória, que se adquire por meio de grandes trabalhos; estimando pela maior unir a todos os Reis em hum na amizade, no

Era vulg. trato, no Commercio, que fazem de todos os Póvos huma só Naçaõ, o Orbe da terra Patria commua, todos os seus Soberanos como hum só Monarca; chegando aos seus ouvidos juntamente com o rumor da India, a fama de teu augusto nome, a grandeza, a oppulencia, a cultura, a civilidade do teu Imperio de Calecut; elle me mandou, que rompendo mares immensos, devaçando golfos, e enceadas temerosas, montando Cabos, e Promontorios horrendos, viesse errante buscar a Asia até ferrar o porto da tua Corte, aonde da sua parte te offerecesse amizade perpetua, trato franco, correspondencia effectiva, tudo conforme ao caracter respeitoso das duas Magestades contratantes. A utilidade mutua desta grande alliança he o destino unico, que me traz do Téjo ao Ganges, de Portugal a Calecut. Esta he a materia da minha commissaõ, que espera lhe introduza o espirito a tua Real approvaçaõ, que fará felices ambos os Imperios.

O Çamorim em poucas, mas ponderosas palavras disse: Que a alliança

com

com Principe taõ excellente lhe era gratissima: que convinha em tudo, quanto da sua parte se lhe propunha, e que se fazia huma honrosa vaidade de reconhecer por irmaõ ao Rei D. Manoel de Portugal. O resto da audiencia se passou em perguntas, que fez o Çamorim sobre o poder, os costumes, os exercicios do mesmo Rei; sobre as aventuras, o trabalho, o rumo da grande navegaçaõ de Portugal á India: demanda, a que Vasco da Gama respondeo, naõ só com modos, que lisongeassem a curiosidade do Principe, naõ só com descripçaõ fiel da sua derrota, naõ só com as exagerações, que os viajores fizeraõ inseparaveis do seu caracter; mas com os encarecimentos honestos, que dessem tom magestoso á sua negociaçaõ. A attençaõ, com que o Çamorim o ouvio a respeito do poder do Rei, e riquezas de Portugal, dobrou no seu espirito a complacencia; concebeo dos nossos huma estimaçaõ mais viva; deo a Vasco da Gama todas as demonstrações de bom agrado, e ordenou ao Catual o accommodasse com grandeza cor-

Era vulg.

Era vulg. reſpondente á da peſſoa do Soberano, que repreſentava, e a do hoſpede, que o recebia.

CAPITULO VI.

Deſcripçaõ breve da India, e dos mais ſucceſſos de Vaſco da Gama até voltar para o Reino.

NOS tres dias, que Vaſco da Gama ſe entreteve no quartel. que lhe preparou a Corte do Çamorim, he provavel ſe informaſſe da extenſaõ da India, da qualidade, e coſtumes dos ſeus Póvos. Ainda que com menos illuſtraçaõ da que nós temos hoje; elle ſabería, que aquella grande Regiaõ corre dos 106 gráos até aos 150 de longitude, e dos 7 até aos 41 de latitude Septentrional: Que ella tomára o nome do Rio Indo, que os naturaes chamaõ Indoſtan, e ſe dividia em tres partes, a ſaber, o Imperio do Mogol, e as duas Peninſulas ſeparadas pelo golfo de Bengala: Que na Pe-

nin-

ninſula dáquem do Ganges ſe comprehendiaõ os Reinos de Golconda, de Viſapur, de Decan, de Onor, de *Barcelor*, de Canará, de Calecut, de Coulaõ, e outros na parte Occidental; e na Oriental da meſma Peninſula a Cóſta de Coromandel, aonde ſe encerraõ os Eſtados de Negapatan, Meliapor, S. Thomé, Biſnagar, Narſinga, Orixa, e outros: Que na ſegunda Peninſula além do Ganges, ſe continha parte dos Reinos de Ava, de Pegú, de Arracan, o antigo Reino dos Bramas, a Cochinchina, o Tunquin, e da outra parte Martabaõ, Cambaya, e Siaõ.

E ra vulg.

Entaõ poderia elle ſaber, que eſta vaſta extenſaõ de terreno confinava ao Naſcente com a Perſia, ao Levante com o Ganges: que os Montes Damaſianos, e o Meandro o ſeparaõ da China: que tem ao Meio-Dia o golfo de Bengala, e o mar das Indias deſcendo por elle até Calecut para o Septentriaõ, e que o Monte Caucaſo a ſepára da Tartaria: que os dous Rios Indo, e Ganges, que innundaõ o meſmo terreno,

e

Era vulg. e daõ por elle muitas voltas, se engrossaõ com as aguas de outros muitos, que nelles se escondem, até se lançarem com impeto por grandes, e profundos canaes no Oceano.

Os Malabares pelas noticias dos Geografos antigos instruiríaõ a Vasco da Gama, e lhe faríaõ crêr, como na India houvéraõ nove mil Póvos differentes, e cinco mil Cidades da primeira grandeza, entre as quaes se distinguia a célebre Nysa, que dizem ser Patria, e fundaçaõ de Bàccho, por isso chamada Niséo pelos Poetas. Elles lhe mostrariaõ nas suas Historias, como muitos annos antes do grande Alexandre passar á India, e vencer ao Rei Poro; Semiramis, mulher de Nino, Rei dos Assyrios, a havia penetrado com os seus exercitos, deixando nella marcas constantes do seu valor.

Vasco da Gama observou, que estas gentes viviaõ engolfadas no centro da Idolatria, e que para os Cultos da superstiçaõ tinhaõ Templos innumeraveis. Todo o fundo da sua Religiaõ, vio elle que consistia no respeito aos

Sa-

Sacerdotes, que chamavaõ Bramanes, e estimavaõ como Erarios das Sciencias Divinas, e humanas; nada obrando, nem ainda os mesmos Reis, sem a decisaõ de huns homens, que entendiaõ se lhes inspirava do alto quantas patranhas elles organisavaõ nos cerebros. Elles traziaõ ao hombro huma como as Estólas dos nossos Diaconos; mas formadas de tres fios separados, que elles diziaõ marcar a triplicidade na Unidade da Natureza Divina; e que esta Essencia huma viéra á terra conversar com os homens, e resgatallos da péste sempiterna, e devoradora, que antes os consummia. Verosimil he, que tradiçaõ semelhante os Malabares a recebessem dos Christãos primitivos, que sabemos gerára no Evangelho o Apostolo S. Thomé, por ser constante, que elle prégara nas Regiões da India, aonde aquelles Christãos tomáraõ o nome do mesmo Apostolo.

Era vulg.

Saberia mais Vasco da Gama, como estes primeiros Christãos foraõ infestados, e corrupta a pureza da sua doutrina pelos Bispos Nestorianos, que

Era vulg. que depois da ſua derrota, no Concilio de Efeſo, foraõ derramar o veneno das falſas opiniões entre a innocencia daquelles Póvos. Nós vimos depois, quando nos eſtabelecemos na India, a facilidade com que aquelles Chriſtãos de S. Thomé fizéraõ profiſſaõ da Religiaõ Catholica, ſem alguma reſerva do Culto Neſtoriano, ſobmettendo todos os ſeus Livros á correcçaõ dos noſſos Arcebiſpos Primazes. Os outros Malabares vivem no fundo da ſuperſtiçaõ; adoraõ os elementos, os brutos, e outros ſevandijas abominaveis. Todos os outros coſtumes deſtas gentes, que depois foraõ melhor obſervados pelos noſſos, os trataõ ao largo, entre outros Hiſtoriadores, o grande Oſorio, e o exacto Damiaõ de Goes.

Ultimamente Vaſco da Gama empregaria o ſeu cuidado em obſervar as qualidades do corpo da Nobreza da India, que chamaõ Naires: huns homens, que caſaõ batendo na ſepultura para naõ affeminarem as idades robuſtas, que ſó entendem neceſſarias para o uſo das armas. As peſſoas da ſua claſ-

claſſe de ambos os ſexos, que ſe apartaõ nos matrimonios da igualdade, morrem infallivelmente ás mãos dos outros Nobres. A meſma pena tem os plebeos, que os offendem; e quando eſtes marchaõ pelos caminhos públicos, ſaõ obrigados a ir gritando, porque ſe ſucceder, que por elles venha algum Naire, os aviſe antes de chegar a elles para ſe apartarem do caminho, deſviarem o encontro, e lho deixarem livre. Os filhos naõ tem parte na herança dos Pais, que temem naõ ſejaõ ſeus, mas os filhos das filhas, que elles eſtimaõ por verdadeiros netos.

Era vulg.

Porém ſendo eſte o caracter dos Malabares, teve Vaſco da Gama menos motivos para deſconfiar delles, que da fraudulencia dos Mouros, noſſos irreconciliaveis inimigos. Paſſados os tres dias, que ſe lhe déraõ de deſcanço, o Catual o levou á ſegunda audiencia, em que apreſentou ao Çamorim as cartas, e preſente mandados pelo Rei D. Manoel. Vio o Gama, e quiz remediar com ſatisfações dadas á pro-

Era vulg. propósito o desprezo, que se fez do presente, e que as cartas naõ fossem lidas, e interpretadas pelos Mouros; mas pelo fiel Monçaide, ou pelos Malabares, que entendiaõ a lingua Arabia: Já receoso Vasco da Gama, de que a seu prejuizo hiaõ produzindo effeito as accusações, que elles faziaõ ao Catual pelo haver admittido na Corte; sendo hum Corsario que andava infestando gentes; hum pirata, que fazia escumar os mares; que por toda a parte por onde passára, deixou rasto das suas atrocidades; que era hum espia dos Reis da Europa, que quereriaõ dominar a Asia com a mesma ambiçaõ, com que o Rei de Portugal já senhoreava Africa.

Tinhaõ chegado aos ouvidos do Rei estas, e outras muitas sugestões; parte nascidas do odio, que os Mouros tem ao nome Christaõ; parte do temor, naõ succedesse que o nosso estabelecimento na India fosse a causa da sua expulsaõ: tudo idéas tristes, que os esforçavaõ para metter em obra todos os estratagemas, que promovessem

a

a nossa ruina. Como sabiaõ por experiencia, que o Rei era instavel, vário, sem firmeza nas resoluções, já inclinado a hum, já a outro partido, os Mouros determinaõ mandar-lhe huma Deputaçaõ, e na tésta della hum homem habil, que com eloquencia persuasiva o ponha de huma vez firme a favor dos seus interesses. Dada audiencia aos Deputados, assim fallou em nome de todos o simulado Sarraceno: Era vulg.

Consulta, grande Rei, os teus Annaes, ouve os teus Sabios, attende ao teu Povo, que todos te diráõ a huma voz, como os Sarracenos já màis foraõ inuteis ao teo Imperio. Na diuturnidade dos seculos se firma a nossa fidelidade para com elle, seja no respeito, que sempre rendemos aos teus Predecessores, seja no serviço, que lhes havemos feito, seja nos interesses com que o nosso Commercio lhe tem engrossado as rendas. E será possivel, que depois de experiencias taõ longas, tu nos hajas de preferir estes homens vindos de novo? Tu naõ conheces, como nós, os seus costumes. Isto he huma gente taõ ar-

Era vulg. arraſtada da ambiçaõ, que tem aniquilado Nações inteiras, que nunca a offendêraõ. Tu crês, que com idéas de Commercio vem eſtes monſtros rompendo perigos a Regiões taõ apartadas? Elles ſaõ huns Pyratas, que te vem enganar com cartas fingidas; naõ os creas. Se com effeito o ſeu Rei os manda, naõ o obrigaõ os deſejos da tua amizade; mas o ardor da ſua ambiçaõ para explorarem a tua Cidade, e virem depois com mais forças ſobre os teus Eſtados. Com induſtrias ſemelhantes elles naõ invadíraõ as Cidades mais fórtes de Africa? Elles com enganos naõ tem occupado a maior parte da Ethiopia? Se eſtes poucos, que agora eſtaõ nos teus pórtos ſaõ, ou naõ huns ladrões públicos, digaõ-o as atrocidades, que por mar, e terra comettêraõ na viagem contra Moçambique, e Mombaça? Que eſperas te ſucceda com elles, quando voltem com mais poder á tua Caſa? Córta a vergontea, que naſce, antes que ſe faça tronco robuſto, que te occupe o terreno, donde naõ poſſas arrancallo. Em fim, Senhor, eſta-

ta gente naõ soffre Leis de ninguem, e as quer dar a todos. Se tu naõ os enforcas como Pyratas, senaõ os fazes morrer como Espiões, entaõ mostrarás hum arrependimento sem fructo, quando vires que elles revolvem a Asia, assim como perturbaõ a Europa, e a Africa.

Era vulg.

Humas expressões taõ vivas, que já representavaõ aballado o Throno, naõ podiaõ deixar de fazer no espirito do Çamorim as impressões, que os Mouros desejavaõ. Vasco da Gama a todos os acontecimentos prevenido, cuidadoso em salvar as náos, pôde embarcar-se, levar ferro, e vir a Pandarane, antes que o Catual lho impedisse. Como esta retirada nocturna, e repentina fazia abortar os designios dos Mouros; elles instáraõ com o Çamorim mandasse pelo Catual informar-se do motivo, porque Vasco da Gama abandonára o porto, e persuadillo voltasse para Calecut. A todas as instancias deste Official resistio o nosso Chéfe, convindo sómente em desembarcar as mercadorias, que havia cambiar pelos generos

da

Era vulg. da terra, e deixar nella por Feitor a Diogo Dias, e por Efcrivaõ a Alvaro de Braga para tratarem do Commercio.

Querendo porém juftificar-fe com o Çamorim, e informallo da trahiçaõ, que os Mouros por meio do Catual urdiaõ contra elle, lhe efcreveo pelo mefmo Feitor. O Principe, que tudo ignorava, nem déra ordens para a noffa perfeguiçaõ, affegurou a Vafco da Gama debaixo da palavra Real: Que fe informaría do proceder do feu Miniftro, o caftigaría como mereceffe, e que mandaffe as mercadorias para Calecut, aonde as vendería melhor, que em Pandarane. Fiou-fe o Gama nefta palavra, e a crêo mais firme depois de chegar as náos a terra, quando vio que a fua gente vendia livremente os generos fem contradiçaõ. Na fuppofiçaõ de que as intrigas dos Mouros eftavaõ derrotadas no conceito do Principe; elle lhe propôz o muito que era conveniente na fua aufencia deixar na Corte hum Feitor, que trataffe com a fua peffoa os negocios do Rei D. Manoel, e dos intereffes do Commercio.

Fa-

Era vulg.

Fatál foi esta proposta, que naõ sendo entendida pelo Rei, elle a teve por huma industria dirigida a huma contínua fraude nos direitos da sua fazenda: idéa, que o fez recahir nas suas primeiras suspeitas, e que lhe soprou a cólera para vaporar contra nós as ameaças. Vasco da Gama quiz remediar a inadvertencia com o silencio; mas elle deo mais corpo ás suspeitas, e fez lavrar o decreto de prisaõ contra os dous Portuguezes, que tinhamos em terra, e o da confiscaçaõ das nossas mercadorias. Para a soltura dos primeiros, e restituiçaõ das segundas foraõ inuteis todas as instancias do Gama, que naõ podendo soffrer calado esta injúria, rompeo os expedientes da negociaçaõ para se despicar com as armas. Elle esperou a primeira embarcaçaõ de Calecut, que entrasse no porto, e lançando-se a ella fez prisioneiros seis Officiaes distinctos com alguns criados, deixando o resto da tripulaçaõ livre para levar ao Çamorim a noticia, de que os Portuguezes, poucos, taõ longe da Patria, no centro de hum Imperio poderoso, naõ eraõ

ca-

Era vulg. capazes de ſopportar callados injúrias da honra.

Com eſta preza, Vaſco da Gama ſe fez á véla, e andou pairando quatro legoas da barra de Calecut. Vendo, que ninguem o procurava, ſe pôz quaſi a perder de viſta, aonde o ſeguio hum aviſo do Rei, admirando-ſe da ſua manobra, muito mais de ſe retirar ſem reſpoſta das cartas, que lhe trouxera do Rei D. Manoel. Eſte recado, que era o meſmo que elle eſperava, o reconduzio ao porto, aonde no dia ſeguinte os preſos lhe foraõ enviados a bórdo com a reſpoſta das cartas, com proteſtos de amizade, com permiſſaõ para deixar na Corte o Feitor, que ſería defendido pelos Naires do inſulto dos Mouros. O Gama já circunſpecto, nada crêo; pedio a ſua fazenda; e quando laborava eſta negociaçaõ, o fiel Monçaide veio a bórdo repreſentar os novos ardís dos Sarracenos; que elle eſtava perdido por noſſa cauſa, e nos rogava quizeſſemos trazello para Portugal, por ter certa em Calecut a perda da vida. Os noſſos o recebêraõ com o agrado, que elle me-

merecia pelos ſerviços, que nos fize-ra, e em Lisboa abraçou o Chriſtianiſmo: felicidade com que lhe ficáraõ bem conpenſados os trabalhos, que teve a noſſo reſpeito, as fadigas da viagem, e perda do cabedal.

Era vulg.

No meſmo dia quizéraõ abordar ás náos ſete almadias, em que ſe dizia vinha a noſſa fazenda mandada por El-Rei, para levarem em retorno os Malabares priſioneiros. Vaſco da Gama reſpondeo, que elle naõ ſe embaraçava com fazenda, nem cria recados: que os Malabares lhe eraõ neceſſarios em Lisboa para ateſtarem ao ſeu Rei as injúrias, que ſe haviaõ feito em Calecut aos ſeus Vaſſallos, eſpecialmente ao ſeu Embaixador; mas que empenhava a ſua palavra, de que os Portuguezes os reconduziſſem ao meſmo porto. A eſtas ultimas palavras reſpondeo o fogo, que o Gama mandou fazer ſobre as almadias para as deſviar. O Çamorim ſentio com extremo a noſſa reſoluçaõ, e porque as náos andavaõ em calma pouco diſtantes da barra, teve tempo de mandar ſeſſenta barcas, que nos vieſſem inveſ-

Era vulg. tir; mas a tormenta, que ſobreveio as deſgarrou da conſerva, e nos privou de huma victoria neſta primeira viagem.

Vaſco da Gama antes de ſahir da Cóſta ſe deſpedio do Çamorim por huma carta toda de attenções, em que lhe dava conta da perfidia do Catual, e dos Mouros: que ella naõ produziría algum effeito nas boas intenções do Rei D. Manoel para com a ſua peſſoa: que ſentia partir-ſe ſem ter a honra de o vêr, porque lho impedia a neceſſaria ſegurança da vida, e dos negocios do ſeu Soberano: que elle levava os Malabares a Portugal para lhos moſtrar; mas que no anno ſeguinte ſem a menor dúvida ſeríaõ reſtituidos a ſuas caſas; e que elle nada deſejava tanto como darlhe próvas de hum zelo conſtante no ſeu ſerviço. O Çamorim ſe moſtrou ſatisfeito com eſta carta, que fez lêr aos parentes dos priſioneiros para deſaffogarem a ſaudade com as eſperanças.

Seguio o Gama a ſua viagem com calmarias contínuas, que o leváraõ a humas Ilhas, aonde foi acomettido por oi-

Era vulg.

oito navios de remo, mandados pelo Corsario Timoja, depois nosso Servidor taõ fiel, como dirá a Historia. O nosso fogo pôz sete em fugida, e tomamos hum, que achamos bem provido de armas, e mantimentos. As nossas náos depois de navegaçaõ taõ longa necessitavaõ limpas, concertadas, e com este designio buscou Vasco da Gama a *Ilha* de Anchediva, que ficava pouco distante da terra, aonde mandou espalmar as náos, e teve o divertimento de tratar homens de Nações differentes attrahidos pela curiosidade de verem a nossa. Entre outros se aprensentou a Vasco da Gama hum moço de boa figura, bem instruido na lingua Italiana, que disse ser criado do Çabayo, Senhor de Goa, mandado por elle visitar o nosso Chéfe, e offerecer-lhe quanto precisasse para o fornecimento das náos. O Gama já difficultoso em crêr, facil em desconfiar, teve ao Emissario por espia; prendeo-o, e o mandou metter a tormento para declarar o designio verdadeiro da sua commissaõ.

Naõ teve difficuldade o fingido Ita-

Era vulg. liano, que ſe dizia criado na Grecia, e que paſſára no ſerviço de hum Mouro á Aſia, em confeſſar que elle era hum Judeo naſcido em Polonia; que ſervia ao Çabayo; que eſte o mandára obſervar a força da ſua Eſquadra com o intento de a ſobprender; que ſem embargo delle parecer Mouro na Religiaõ, que interiormente reſpeitava a Fé de J. C., e por iſſo queria vir a Portugal para fazer della pública profiſſaõ, como fez com effeito; tomando o nome de Gaſpar da Gama, e ſervindo a El-Rei D. Manoel com tanta fidelidade, que lhe fez muitas honras, deo officios, e tenças, com que paſſou a vida rico, e eſtimado. Com eſte aviſo, Vaſco da Gama a toda a diligencia fez appreſtar as náos, e no dia 5 de Outubro do anno de 1498 navegou para Melinde com tempos contrarios o eſpaço de quatro mezes, com perda de vidas, com continuados trabalhos, até aviſtar a Cidade de Magadaxo no fim do Golfo, já na Cóſta de Ethiopia.

Como eſte porto era habitado de Mouros, e delles tinha o Gama recebi-

bido tantos escandalos, naõ lhes quiz retardar o resentimento, ou a vingança. Elle se arrimou aos muros, e com hum fogo bem servido os pôz por terra; destroçou muitas náos, que estavaõ no porto; deo fogo a outras, e derramou o terror entre os moradores. Correndo a Cósta, já distante dez legoas de Melinde, viéraõ oito navios de Pate tomar-lhe contas do que acabava de fazer em Magadaxo. Bastou a resoluçaõ, com que os atacamos, para se pôrem em fugida, sem nos permittir o vento contrario, que os seguissemos. A sete de Fevereiro do anno de 1499 entrou Vasco da Gama em Melinde a receber os agrados, que tiveraõ de segundos ser repetidos. Com os necessarios provimentos, sem mais demóra que a de cinco dias, e tomado a bórdo o Embaixador, que o Principe mandava a El-Rei D. Manoel, continuou a viagem até a Villa de Tagata. Aqui se tomou a resoluçaõ de dar fogo á náo de Paulo da Gama, que estava incapaz de montar o Cabo; e recebido elle, parte da gente, e dos mantimentos na de

Era vulg.

seu

Era vulg. ſeu irmaõ Vaſco da Gama, e outra parte na de Nicoláo Coelho, a 28 do meſmo mez foi além da Ilha de Zanzibar adjacente da terra firme de Ethiopia.

O Senhor deſta agradavel Ilha mandou cumprimentar a Vaſco da Gama, e pedir a ſua amizade. Daqui partio no primeiro de Março para a Agoada de S. Braz, aonde ſe forneceo de tudo o neceſſario, e com tempo feliz paſſou o Cabo no dia 20. Emproando á Ilha de Sant-Iago, hum temporal rijo ſeparou da conſerva a náo de Nicoláo Coelho, que ſem vêr mais a Vaſco da Gama, com toda a força de véla chegou primeiro que elle a Lisboa a 10 de Julho. A moleſtia de Paulo da Gama obrigou ſeu irmaõ a ferrar a Ilha Terceira, aonde elle acabou a carreira da vida, e Vaſco da Gama depois de lhe fazer as ultimas honras com a grandeza, que lhe inſpirava a ſublimidade do merecimento, e as razões do ſangue, continuou a viagem, e a 29 de Agoſto do anno, em que fallamos, entrou pela barra de Lisboa com aſſombro das Nações, que ouviaõ dizer como Vaſ-

co

co da Gama chegára ao Téjo vindo de outro mundo. Era vulg.

Do Rei, e do Reino foi elle recebido com o alvoroço, que se devia a huma proeza nova, naõ pensada das gentes. A generosidade, e reconhecimento naõ lhe demorárаõ o premio, sendo hum Dom o primeiro de taõ grande serviço, que hoje qualquer se confere sem preceder serviço, nem ser premio: fantasia arbitraria a modo de enxerto encarnado em arvores aerias, que naõ tem raizes, nem tronco. Depois foi Vasco da Gama criado Almirante do mar da India, Conde da Vidigueira, e todos os mais, especialmente Nicoláo Coelho, recebéraõ mercês, e despachos correspondentes, que compensáraõ com os cómmodos da vida os perigos, e trabalhos passados.

CA-

CAPITULO VII.

Outros successos destes tempos com a segunda expediçaõ á India commandada por Pedro Alvares Cabral.

Era vulg.

AINDA que os negocios da India occupavaõ tanto os cuidados do Rei D. Manoel, elle os perdeo para se mostrar grato, e officioso á memoria del Rei D. Joaõ II., fazendo neste anno a trasladaçaõ do seu cadaver da Cathedral de Sylves para o Convento da Batalha com a pompa, e magnificencia, que eu disse no Tomo precedente. D. Manoel para marcar mais distinctamente o seu agradecimento ao Principe defunto, que o nomeára Rei, casou a seu filho D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro,

1500

irmaõ do Duque de Bragança, o Degolado. No mesmo dia creou Condestavel de Portugal a D. Affonso, filho de seu irmaõ D. Diogo, Duque de Viseo, que quando esteve em Castella

o

o teve da Marqueza de Villa Fermosa. Era vulg.

Sempre grandes os pensamentos de D. Manoel, depois de encher estes deveres da piedade, e gratidaõ, assentou comsigo cultivar o Commercio da India; mas de hum modo, que fizesse crêr aos Póvos da Asia, que os Portuguezes podiaõ resistir aos Indios, e naõ temer aos Mouros. Com este designio fez esquipar huma fróta de treze náos de guerra, que entregou ás ordens de Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da sua Casa com valor, e merecimento. Em quanto ella se prevenia, o Rei incansavel fazia construir o Templo brilhante de Belém, aonde fossem os navegantes tomar a bençaõ do Ceo para terem a Divindade propicia nas emprezas, entregando-o á administraçaõ dos Monges exemplares de S. Jeronymo, e destinando-o para lugar da sua sepultura, quando a idade em flôr, e a grandeza no meio da pompa, parece que esqueceria a mórte. Esta grande obra naõ impedio que ao mesmo tempo no centro do Téjo elle fizesse edificar

a

Era vulg. a fórte Torre com o mesmo nome de Belém, para registo das náos pacificas, e propugnadora das contrarias, que presumissem invadir Lisboa.

Bem municiada a Esquadra de Pedro Alvares com a tripulaçaõ de 1500 soldados; dadas as ordens para tratar amizade com o Çamorim de Calecut; para fundar em lugar cómmodo do seu Estado huma fortaleza, que firmasse a segurança do Commercio: o Rei mandou embarcar nella cinco Varões Santos da Religiaõ Franciscana, de que era superior Fr. Henrique, depois pelas suas grandes virtudes, e talentos Bispo de Ceuta, com outros Clerigos Seculares, que na Asia fizessem conhecido o Nome adoravel de Jesus Christo, e administrassem os Sacramentos nos lugares das fundações designadas. Tambem foi entregue ao Chéfe o Embaixador, que Vasco da Gama trouxéra de Melinde; instruindo no modo com que havia persuadir ao Rei o bem, que o seu Ministro explicára a D. Manoel as suas intenções, e que este ficava prompto para promover os seus inte-

te-

teresses, como se fossem os mesmos de Portugal. Era vulg.

Quando o Rei acabou de dar estas ultimas ordens, foi em pessoa a Belém implorar os soccorros do Ceo nesta grande empreza, que tinha sobre si os olhos do Universo. Elle fez benzer o Estandarte Real, que entregou ao Commandante, e acabada a Missa, foi este conduzido em huma procissaõ solemne no meio de innumeravel Povo ao lugar do embarque, que foi no dia 8 de Março deste anno. Além da Capitania, em que hia o General, os mais navios eraõ governados por Nicoláo Coelho, Simaõ de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nuno Leitaõ, Vasco de Ataide, Bartholomeu Dias, o Descobridor do Cabo de Boa Esperança, seu irmaõ Pedro Dias, Gaspar de Lemos, Luis Pires, Simaõ de Pina, Pedro de Ataide o Inferno, e por Feitor da Armada Ayres Correia, que havia ficar em Calecut com o mesmo emprego.

Expedida a Armada, sobreviéraõ este anno outras occurrencias, que alteráraõ a consistencia dos negocios do-

mel-

Era vulg. mesticos. A 19 de Julho na idade de 22 mezes falleceo o Principe herdeiro de Portugal, e Castella D. Miguel, unico fructo do primeiro matrimonio del-Rei: perda extremosamente sensivel a ambas as Monarquias, que as razões de Estado a ambas fez, naõ só soffrivel, mas dissimulavel. Como nem ella, nem a da Rainha sua Mãi diminuio nos Reis Catholicos Fernando, e Isabel hum ponto da particular estimaçaõ, que elles faziaõ da pessoa, e qualidades do Rei D. Manoel; immediatamente mandáraõ a Portugal por seu Embaixador, a Ruy de Sande para tratar segundo casamento ao mesmo Rei com sua filha mais moça a Infante D. Maria, que mandou logo os seus plenos poderes ao Senhor D. Alvaro para o acto do recebimento. Sahio a nova Rainha de Granada conduzida até á fronteira da Villa de Moura por D. Diogo Furtado de Mendoça, Arcebispo de Sevilha, que fez della entrega a D. Jaime, Duque de Bragança, e aos mais Fidalgos, que o acompanhavaõ: todos brilhantes, mas sem a pompa das

das primeiras vodas, que tivéraõ tanto de mal affortunadas, como de magnificas. A 30 de Outubro recebeo o Bispo de Evora aos Reis na Villa de Alcacere do Sal com dispensa do Papa Alexandre VI.; e todo o mundo vendo a El-Rei casado com huma Princeza tal como D. Maria, entendeo que elle desistiria do constante projecto de passar a Africa, de que nada o divertia.

Era vulg.

Nóvos movimentos derrotáraõ bem depressa esta esperança. A Rainha, e o Conselho se oppozéraõ com viveza á resoluçaõ do Rei; fallando cada qual sua lingua differente. O Conselho o combatia com as razões de Estado; a Rainha o atacava com a rhetorica do amor; mas o Rei mais sensivel á glória, que á ternura, á reputaçaõ, que á politica, elle a nada queria differir. Nesta extremidade foi preciso metter de permeio a authoridade dos Reis Catholicos, que consultando menos o gosto da Rainha sua filha, que os interesses do Reino, mandáraõ por hum Embaixador represEntar a D. Manoel: Que

pon-

Era vulg. ponderasse o quanto arriscava a pessoa, e o credito, marchando elle mesmo contra os Mouros; que reparasse no abysmo de calamidades a que expunha o seu Povo, se experimentasse huma das desgraças da guerra ás mãos de inimigos barbaros com forças muito superiores ás suas, sopradas por hum odio inexoravel.

Entaõ com preferencia ás vozes da glória, escutou El-Rei as da politica, que o fez conhecer; como tinha o Throno sem herdeiro; como o Estado ficava orfão; como hum Principe naõ déve empenhar-se na guerra fóra dos proprios Dominios, aonde a sua presença sempre he necessaria; e convencido o juizo, teve de sobmetter a vontade. Mas a mudança da idéa naõ alterou o projecto da expediçaõ. Continuou com celeridade a alistar-se hum exercito de 26ↀ000 Infantes, e 6ↀ000 Cavallos, e sobre ferro se vio no Téjo huma consideravel Armada, tudo com o destino em Africa. A Providencia o altera, e as alterações da Grecia mudáraõ o systema bellico de Portugal. O Imperador dos Turcos Ba-

Bajazeto fazia apprestos formidaveis para invadir os Estados Catholicos, e occupáraõ-se dos primeiros sustos as praças, que os Venezianos possuiaõ na Grecia. Quando a Armada dos barbaros estava prestes a fazer-se á véla, os Venezianos pedem soccorro aos Principes Christãos, que ao estrondo do poder todos se haviaõ perturbado. Era vulg.

Os Embaixadores da Republica associados das exortações do Papa giráraõ todas as Cortes da Europa para persuadirem aos seus Soberanos se alliassem contra o inimigo commum. Sendo o Rei de Portugal aquelle, que entaõ tinha promptas forças mais consideraveis, que algum dos outros; o Papa o persuadio com mais força para mandar as suas trópas adquirir mais glória na Grecia da que podiaõ ganhar em Africa. O Rei sempre condescendente aos rógos do Chéfe da Igreja, ouvidos os do seu Conselho, determinou soccorrer a necessidade dos Venezianos com 30 das suas melhores náos guarnecidas da gente mais brava ás ordens de D. Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, filho

do

Era vulg. do memoravel D. Duarte, Conde de Viana, que levava todas as recommendações em si mesmo. Além desta Armada, que havia obrar na Grecia, El-Rei mandou outra debaixo da mesma bandeira do Conde para dar huma vista a Oraõ, e se lhe fosse possivel ganhasse na embocadura da mesma Cidade o fórte Castello de Mazalquibir.

Em quanto estas forças se apprestavaõ no Reino, D. Joaõ de Menezes, que com o reforço de 150 cavallos tornou a ser mandado a Arzila depois da victoria, que alcançou dos rebeldes Barraxe, e Almandarim; elle convida a D. Rodrigo de Castro, Governador de Tangere, para fazerem huma visita ás Aldeias, e Aduares ricos, e poderosos dos Mouros. Com a nossa chegada os barbaros abandonáraõ os póstos, e se pozéraõ em fugida, mais cortados do medo, que do ferro. Os que tiveraõ corage para resistir, huns perdêraõ as vidas, outros as liberdades, todos as riquezas. Na retirada para as suas praças respectivas, os nossos Chéfes foraõ insultados pelo Governador de Alcacer-

qui-

quivir, huma das Praças mais consideraveis da Mauritania, com trópas numerosas, e disciplinadas. D. Joaõ de Menezes intentou investillo; mas D. Rodrigo o instou para que naõ quizesse, com os riscos da contingencia entre taõ grande desproporçaõ de forças, botar a perder a glória de taõ formoso dia. Cedeo o valor á prudencia, primeiro armamento dos bons Generaes, e continuando a retirada com honra, salváraõ os Soldados, e a preza com desesperaçaõ dos Barbaros, soffrendo, e rechaçando a furia dos seus repellões.

Era vulg.

Naõ passáraõ muitos dias depois deste encontro, quando hum Mouro de Féz avisou a D. Joaõ de Menezes, como o seu Rei na téfta de doze mil cavallos, e muita Infantaria, marchava a toda a diligencia sobre a Praça de Tangere. O zelo do serviço do Principe, e as obrigações da amizade instavaõ a D. Joaõ para sem demóra avisar a D. Rodrigo de Castro; mas a campanha, e todas as avenidas de Arzila atè Tangere estavaõ occupadas pela multidaõ dos Mouros. Como o espirito em aper-

Era vulg. to he induſtrioſo em invectivas, D. João ſe lembrou, que em Arzila andava, havia dias, perdido hum cão de certo Mercador de Tangere, que tinha eſtado na Praça. Elle eſcreve a D. Rodrigo o perigo a que eſtava expoſto: mette a carta em huma bóla de cêra, e manda penduralla ao peſcoço do cão, que bem ſervido de golpes, he poſto fóra da Praça. O animal fez a jornada com tanta diligencia, que ſendo lançado de Arzila na noite do dia do aviſo, foi no ſeguinte amanhecer a Tangere, aonde hum ſoldado reparou no preſente, que conduzia, e ſem demóra o levou ao Governador.

Recebido o aviſo, prevenida a Praça, e poſta a guarnição ſobre as armas, appareceo o Rei de Féz talando a campanha, arrebanhando os gados, e paſſando á eſpada quem os guardava. Não pôde D. Rodrigo diſſimular eſta injúria, ſem ſahir a deſaffrontalla. Com partido muitas vezes deſigual elle inveſte tantos eſquadrões, que com o ſeu meſmo peſo o opprimem, e obrigão o valor a que retroceda, ficando de-

debaixo delles esmagados hum filho do Governador com oito dos nossos melhores Cavalleiros. Combatter, e retirar tudo era igualmente perigoso; taõ confundidos os córpos, que a entrada na Praça tinha de ser commua a Christãos, e Mouros. Nesta extremidade huns poucos de espiritos intrepidos dignos de memoria eterna, que foraõ o bravo D. Lourenço, filho de D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, aonde a seu tempo o veremos acabar com as armas na maõ coberto de glória; Gonçalo Mendes Sacoto; o Adail Pedro Leitaõ; Pena Roja; Antonio Nunes; Ruy Martins, e seu primo Lopo Martins; elles feitos em hum corpo, sustentaõ todo o peso dos Barbaros; daõ lugar a que os seus camaradas se recolhaõ na Praça, e saõ elles os ultimos, que entraõ nella com tanto accordo, que deixando Ruy Martins a tranca da pórta meia corrida, e dizendo-lhe outros a fechasse bem, porque os Mouros a arrombavaõ, elle respondeo cheio de corage: Tal naõ farei por honra de Portugal; que para defender

Era vulg.

Era vulg. meia pórta aberta a todos eſtes Barbaros, baſto eu ſó. Aſſim como o diſſe o cumprio, e eſta gentileza de taõ poucos fez formoſo o ſemblante de dia taõ triſte.

Ainda que eſta ſahida cuſtou cára a D. Rodrigo de Caſtro, com ella comprou huma grande vantagem. Os Mouros ſobprendidos de verem os ſeus deſignios deſcobertos, mudáraõ de idéa, e foraõ deſcarregar em Arzila o golpe, que traziaõ levantado para Tangere. D. Joaõ de Menezes aviſado pelos batedores do campo, elle ſe reſolve a obſervar os movimentos do inimigo, e ſahe da Praça na teſta de vinte de cavallo; deixando o reſto da gente na Villa Velha para acodir aonde a neceſſidade o pediſſe. Tanto ſe avançou eſte Chéfe deſtemido ſobre a multidaõ dos Mouros, que eſteve nos termos de ſe perder em hum combate de opiniaõ, pelo naõ ſoccorrer a gente poſtada na Villa Velha, que elle entendia marchava em ſeu ſoccorro, quando os Mouros lhe haviaõ cortado todos os caminhos. Elle que ſe vio ſó com quatro

de

de cavallo, já ferido do golpe de huma sétta, se pôz em retirada peleijando, até se incorporar com a gente de reserva, que se lançou aos Barbaros, e com fugida precipitada os obrigou a unir-se ao grosso do seu Exercito.

Era vulg.

1501

Quando assim derrotavaõ em Africa os designios dos Mouros D. Joaõ, e D. Rodrigo; o Conde de Tarouca D. Joaõ de Menezes sahia do Téjo com as Armadas destinadas ao soccorro dos Venezianos, e expediçaõ do Fórte de Mazalquibir. Como os ventos contrarios lhe impedíraõ servir este Castello do mar com a artelharia, o Conde se resolveo a lançar a gente em terra para o render na fórma das ordens, que levava. Os nossos, naõ só ganháraõ as obras exteriores sem resistencia; mas arrimando escadas aos muros, chegáraõ a igualar-se com as suas ameias, naõ havendo quem lhes disputasse a subida. Os nossos, ou por entenderem o Castello desamparado, ou por desprezarem os poucos Mouros, que viaõ sem acçaõ, quando elles occultos se haviaõ formado com consideravel vantagem;

es-

Era vulg. esquecida a disciplina, ao tempo de acclamarem a victoria, os Barbaros os rodeárão, os acomettérão de improviso, e mórtos os mais valorosos, os forçárão a embarcar-se a toda a diligencia rodeados de perigos.

Perdemos nesta refrega vinte homens, a maior parte Fidalgos; mas o Conde mettido em cólera pela nossa desordem, que deo corage a quatrocentos Mouros de cavallo para nos porem em retirada vergonhosa: elle despedio para o Reino esta Armada destinada á empreza de Orão, e com a sua navegou a Sardenha, aonde foi recebido com muita civilidade pelo Governador de Calheri. Poucos dias depois foi a nossa Armada cruzar nos mares de Tunes, e avistou huma grande náo de Commercio Genoveza rendida, e escoltada por duas de guerra da mesma Praça, que todas rendemos. Os Christãos, e Judeos forão póstos em liberdade; os generos entregues a seus donos; as náos, e Turcos ficárão prisioneiros no mesmo porto de Calheri. Tornámos a fazer-nos á véla para

as

as Cóſtas de Napoles, donde paſſámos á de Albania, e dahi á Ilha de Corfú, para nos unirmos com a Fróta dos Venezianos. Eſtas forças colligadas com as dos mais Principes, que vinhaõ concorrendo, de tal ſórte atemoriſáraõ os Turcos, atterrados do ſuſto antes de verem a face do perigo, que abandonáraõ a empreza de Negroponte, recolhendo ſem acçaõ a formidavel Armada nos ſeus pórtos.

Era vulg.

O noſſo General em quanto eſteve em Corfú, teve o deſgoſto, de que os noſſos ſoldados, e marinheiros, ſoberbos, e inſolentes travaſſem com os Venezianos, e Gregos razões taõ pezadas, que viéraõ ás mãos; e depois de muitas mórtes de ambas as partes, foi neceſſaria toda a actividade dos Chéfes para fazer ceſſar o motim: licenças faceis, que eſtragaõ a diſciplina, e quando ſe querem remediar as deſordens da inconſideraçaõ, tem ſuccedido os damnos ás vezes irreparaveis. Naõ tendo que fazer na Grecia, a Armada veio á Villa de Sagres, aonde o Conde mandou repartir pelos ſoldados a pre-

Era vulg. preza de Tunes, que foi o fructo desta expediçaõ, e elle em Lisboa recebeo por ordem do Rei o quinto, que lhe tocava.

CAPITULO VIII.

Successos da viagem de Pedro Alvares Cabral para a India, e descobrimento da Regiaõ de Santa Cruz chamada Brazil.

NÓS deixámos a Pedro Alvares Cabral sahindo da barra de Lisboa para a India no dia oito de Março de 1500 com a importante esquadra de treze náos de guerra. Agora diremos, que quando parecia que tudo contribuia para favorecer os grandes designios del-Rei, já em soccorrer os seus alliados, já em amontoar conquistas a conquistas; por huma das náos daquella conserva, que mandava o Capitaõ Luís Pires, e arribou a Lisboa destroçada, se soube a tempestade formidavel, que soffreo aquella Esquadra na altura de Cabo Verde.

de. Dous dias pairou Pedro Alvares a esperar as náos desgarradas, e vendo que a de Luis Pires naõ apparecia foi carregando ao rumo de Aloeste. Naõ socegava o espirito do Commandante na contemplaçaõ de tantas aventuras no principio da viagem, engolfado em hum pégo immenso, e incognito ás gentes da Europa, quando o Piloto da sua náo vem accelerado a dar-lhe parte, que descobria terra.

Era vulg.

Foi o dia oito de Maio o deste descobrimento naõ pensado pela ignorancia absoluta, de que para parte taõ Occidental houvesse terra, que necessariamente se havia suppôr despegada das tres partes do Mundo conhecido. Manda o Chéfe virar de bórdo, pôr prôas á nova terra; lança ferro, e destaca hum Official com vinte homens em hum esquife da náo para reconhecer o Paiz, e examinar se he habitado. O especulador diligente volta a informar a Pedro Alvares, como a terra era fertil, e apprazivel, coberta de hervas vistosas, e exquisitas, de arvores frondosas, e altissimas, de aguas abun-

Era vulg. abundantes, e excellentes: que víra homens de boas côres, de cabello liso, e comprido, os córpos nús, armados de arcos, e séttas, passeando em magotes pela praia. Confirmadas estas noticias por outros exploradores, que penetrárão mais o Paiz, Pedro Alvares combattido de hum vento fórte, manda levantar ferro, e se abrigou junto de terra no lugar, que fez chamar *Porto seguro*, como asylo, que o livrava do naufragio.

Hum dos nossos Officiaes trouxe aqui a bórdo dous salvagens pescadores, taõ salvagens, que a vozes, a acenos, a nada os brutos se moviaõ. O nosso Commandante os mandou vestir, e enfeitar com ridicularias para elles infinitamente estimaveis. Póstos em terra com figura nova, encarecendo a largueza da nossa liberalidade, huma multidaõ numerosa se commove para nos vir regalar com os fructos da terra, e ser participantes das vantagens, que de nós haviaõ recebido os seus dous paizanos. Elles atonitos de vêrem as suas figuras nos espelhos, de ouvirem

O

Era vulg.

o ſom das campainhas; attrahidos das bagatellas de lataõ, e outras couſas deſte genero, com que o Commandante os brindou; elles deſcobrem a fundo a ſua conſummada ſimplicidade. Pedro Alvares ſe aproveita della, e poſtada em terra boa parte da gente, á ſombra de huma grande arvore, na face dos dous Póvos, Chriſtaõ, e Barbaro, manda levantar hum Altar para ſe celebrar com grande pompa o ſacrificio tremendo da Miſſa, como hum acto da poſſe que toma daquella Regiaõ em Nome do Verdadeiro Deos de toda a terra; como hum conjuro, que arroje della o Principe das trévas ha tantos ſeculos intruſo, dominante cruel de tantas almas, agora atado ao carro do maior triunfo.

Neſte acto ſolemne ſe redobrou a attençaõ dos ſalvagens, imitadores ainda mais ternos, que nós das noſſas exterioridades. Elles admiravaõ todas as ceremonias; parecia que os arrebatava o ſom do canto; elles batiaõ as palmas em demonſtraçaõ do júbilo, que lhes naõ cabia nos peitos. Com os olhos fi-

Era vulg.

fixos no Ceo, todos entendiaõ, que elles eſtavaõ dando graças ao Pai das luzes por lhes mandar de taõ longe huma gente illuſtrada, que os illuminaria no meio das trévas, e nas ſombras da mórte, em que eſtavaõ aſſentados, para lhes dirigirem os paſſos pelo caminho da paz. Naõ podendo já reprimir os impetos dos eſpiritos, eſtes Barbaros rompêraõ, e atroáraõ os horiſontes com o tom de immenſos inſtrumentos muſicos, e com hum alarido, que elles conformavaõ quanto podiaõ ao ſom, com que nos ouviaõ entoar os Myſterios Divinos. Interpretes das ſuas vozes os noſſos olhos, em lágrimas de complacencia, nos congratulavamos por ouvirmos os louvores do Senhor na bocca dos moradores da extremidade da terra, naõ com ancía, mas prazer dos corações.

Acabada a funçaõ, Pedro Alvares veio á embarcar-ſe com a ſua gente; mas os Americanos ſe queriaõ fazer delle taõ iſſeparaveis, que o viéraõ ſeguindo até á praia, muitos ſe lançavaõ á agua com ella pelos peitos, ou-

tros

Era vulg.

tros nadando apôz as lanchas, já conhecendo os Portuguezes, que aquelles homens naõ eraõ taõ barbaros, como no principio lhes parecêraõ. Em quanto os nossos cuidavaõ em fornecer as náos dos mantimentos precisos, alguns descobríraõ na praia hum peixe monstruoso, de que daõ larga noticia os nossos Historiadores. Porém Pedro Alvares, que já formava a idéa, de que a sua Naçaõ se havia estabelecer naquelle Continente; elle lhe poz o nome de Santa Cruz, que sendo o madeiro, que bosque algum produzio outro semelhante, a nossa inconsideraçaõ lhe cambiou o primeiro nome pelo de outro páo, que nasce em qualquer parte da America, chamando-lhe Brazil. Depois levantou nella huma columna de marmore, semelhante ás muitas, que Vasco da Gama erigio em outras paragens na primeira navegaçaõ, e despedio ao Capitaõ Gaspar de Lemos, para que viesse a Portugal dar a El-Rei a agradavel nova do descobrimento até entaõ naõ pensado pelas gentes mais instruidas.

Es-

Era vulg. Esta grande Regiaõ, em que tenho fallado he o vasto terreno, que corre do Rio das Amazonas, até as Provincias do Paraguai: Regiaõ, que he banhada por toda a sua cósta pelo mar do Nórte por espaço de 1200 leguas: huma Regiaõ com o ar summamente temperado, naõ obstante estar a maior parte do seu clima debaixo da Zona torrida; que a enriquece huma terra abundante de fructos, regada de rios caudalosos, fertil pelas aguas de quantidade de fontes, com huns campos dilatadissimos, que abundaõ em pastos; com pórtos excellentes de facil entrada, seguros a todas as tempestades; com montes, e valles de vista agradavel, que fazem humas bellas divisões no Paiz, frondoso com selvas densas, e opacas, com arvores exquisitas, e incognitas, entre as quaes saõ mais célebres huma, que ferida dos golpes do machado, estila hum balsamo odorifero, e a que os naturaes chamaõ Arabutem, da qual se tira o páo Brazil, de que toda a Regiaõ tomou o nome. Nella se tem descoberto minas de ouro,

ro, prata, e jaſpe. Nella ſe criaõ, entre outras hervas precioſas, a que chamaõ *Santa* pela facilidade com que cura as queixas mais graves ainda contagioſas, quando outras muito menos agudas ſaõ tortura da arte infeliz da Medicina: a que produz o balſamo, o tabaco, o ambar, o cacao, o açafraõ, a tinta carmezim, o açucar. Raros dos moradores do Brazil morriaõ de doença, ſenaõ opprimidos da velhice, que com o ſeu pezo os levava para a terra.

Era vulg.

A côr deſtes homens tira para eſcura, elles de eſtatura mediana, largos dos encontros, o cabello liſo: reina entre todos a ignorancia, naõ conhecem Religiaõ, e naõ ſe ſugeitaõ a Leis, nem a Soberanos. Nas guerras, que tem entre ſi, elegem para ſeu Chéfe o que lhes parece mais robuſto. Só os Nobres ſe cobrem das pennas de algumas aves; os mais andaõ nús. As mulheres trajaõ com pompa ao ſeu uſo; que eſte ſexo, ainda no centro da barbaridade brutal, parece ſe naõ póde eſcuſar de ſer tributaria do luxo, e vaida-

Era vulg. dade. As armas de que uſaõ os homens ſaõ arcos, e ſéttas, que remataõ em lugar da ponta de ferro, em humas eſpinhas de pexe taõ duras, que penetraõ qualquer dos córpos ſólidos capazes de reſiſtir. Para as ſuas navegações ſe ſervem das canoas fabricadas dos troncos das grandes arvores, e nellas fazem as ſuas peſcarias. A maior parte delles vive da caça, em que achaõ divertimento, e proveito; mas comem todos os animaes aſcaroſos entre nós, por naõ terem veneno como na Europa.

Elles vivem em ſociedade, mas em Aldeias pequenas; muitos habitaõ em caſas portateis, e ſe conſervaõ em grande uniaõ, quando eſtaõ em paz. Os que moraõ no centro do Continente, havendo ſido os mais brutos, elles depozeraõ a ferocidade, logo que abraçáraõ a doutrina do Evangelho. O ſeu Gentiliſmo impede contrahir matrimonio com parentes em gráo proximo; he mui inclinado a preſtigios, e encantações; ſendo entre elles eſtimados os feiticeiros, a que chamaõ Pages. Eſte reſ-

respeito porém nasce do temor, que os persuade, como as suas desgraças lhe provem da maõ daquelles homens, que elles estimaõ, ou divinisados, ou huns orgãos, pelos quaes a Divindade descobre o fundo dos seus sentimentos na terribilidade dos juizos para com os filhos dos homens. Vulgarmente a gente do Brazil he ociosa, inimiga do trabalho, inclinada ás danças; antropophaga, que come os prisioneiros de guerra; mas enterraõ com honra aos inimigos, que morrem nos combates.

Era vulg.

Pelo que pertence ao descobrimento da America, dê-se muito embora a precedencia a Americo Vespucio, e a Christovaõ Colon, que antes pozéraõ os pés em algumas das suas Ilhas, e Continentes; mas pelo que respeita á Regiaõ de Santa Cruz, dita Brazil, he indisputavel, que Pedro Alvares Cabral foi o seu primeiro descobridor, e esta glória ninguem lha rouba. Pelo decurso dos tempos os Portuguezes se foraõ estabelecendo por toda a dilatada cósta daquella Regiaõ. Elles escolhêraõ os lugares, que lhes parecêraõ mais pro-

Era vulg. prios para o ſeu Commercio, e Povoações, em que determinárão eſtabelecer-ſe. Nós temos deſcoberto no Brazil cem Póvos differentes, além de outros, huns que nos ſaõ incognitos, outros com quem nos naõ tratamos. Hoje podemos nós dividir aquelle Eſtado em deſaſeis Capitanías, entrando duas, que ſe criáraõ nos ultimos reinados dos noſſos Principes, a ſaber, o Graõ Pará; o Maranhaõ; o Seará; o Rio Grande; a Paraiba; Itamaracá; Parnambuco; Sergipe; a Bahia de Todos os Santos; os Ilheos; o Eſpirito Santo; o Rio de Janeiro, e S. Vicente.

Foi eſta a diviſaõ antiga do Brazil, e ellas as partes, que povoáraõ os Portuguezes; mas reinando D. Pedro II. ſe deſcobriraõ as Minas Geraes, que o meſmo Rei mandou povoar, e edificar Villas, e Aldeias, que tem por ſua Capital a Villa Rica. As Minas de Quiabá, e Goiazes principiáraõ a ſer povoadas no reinado de D. Joaõ V., e foraõ deſcobertas com muitos perigos pelas diligencias de Rodrigo Ceſar de Menezes. Ellas pertencem ao Governo

de

de S. Paulo por ficarem no ſeu diſtricto, e na fóz do Rio da Prata poſſuimos a Colonia do Sacramento, donde nos vem hum grande fornecimento de couros: Praça, que por muitas vezes tem ſido aſſumpto de conteſtações peſadas com a Coroa de Heſpanha.

Era vulg.

Deſcoberta a pequena parte do Brazil, ſobre que fallei ao principio, examinada a qualidade da terra, o caracter da gente; Pedro Alvares Cabral determinou continuar a ſua viagem para a India. O extraordinario fornecimento de viveres, que elle fez, deo occaſiaõ aos moradores da terra para concebêrem a idéa, de que elles já mais viríaõ aos Portuguezes, e aqui ſe deſcobrio extrema a ſua dôr nos géſtos horrendos com que a barbarie quiz perſuadir taõ eſpantoſo como elles o ſemblante da ſua ſaudade. A 24 de Maio do anno de 1500 ſahio Pedro Alvares do Porto Seguro a encontrar-ſe com outra tempeſtade mais formidavel, que a primeira pelo repente com que o combateo. Paſſados poucos dias depois de perder de viſta a Cóſta do Brazil, hum dos tufões, que coſtu-

Era vulg. tumaõ infeſtar aquelles mares , veio taõ rápido, que quando os marinhei-ros quizéraõ ferrar o panno; já ſe haviaõ ido a pique as náos do memoravel Bartholomeu Dias, de Aires Gomes da Silva, de Vaſco de Ataide, e de Simaõ de Pina.

Peſſoa alguma pode ſalvar a vida em naufragio taõ repentino. Para as que reſtáraõ foi elle hum eſpectaculo o mais funebre: tragedia luctuoſa, em que os olhos eſtavaõ vendo, que o mar tragava aos companheiros nos trabalhos, conjunctos na natureza, muitos ligados com os vinculos do ſangue, e ellas ſem lhes poderem valer. As ſete náos, que reſtáraõ, por haverem, além das quatro naufragadas, voltado duas para Lisboa; ellas ſe deſgarráraõ com a tormenta, e foraõ levadas á diſcriçaõ das ondas a partes differentes. Durou eſta ſeparaçaõ até os fins de Julho, ou principios de Agoſto, em que ſe ajuntáraõ ſeis; mas a de Pedro Dias, que nunca mais appareceo, ſempre lutando com os mares penetrou o fundo do Golfo da Arabia, e com ſeis homens entrou pela bar-

barra de Lisboa, mórtos os mais de enfermidades, de fome, de ſede, de fadigas.

Era vulg.

Com os ſeis navios, que reſtáraõ a Pedro Alvares dos treze da ſua Armada, dobrou elle o Cabo de Boa-Eſperança, encoſtando-ſe á terra, aonde aviſtou hum Paiz regado de muitos rios, que lhe pareceo agradavel. Elle quizéra reparar aqui as ſuas náos; mas os moradores repugnáraõ a noſſa communicaçaõ, e teve de avançar a viagem a duas Ilhas, que ficavaõ pouco apartadas da terra firme já além da Cóſta de Çofalla. Duas náos, que eſtavaõ no ſeu porto, apenas aviſtáraõ as noſſas, ſe retiráraõ. Nós lhes démos caça, e as rendemos com a ſua importante carga de ouro, e drógas precioſas. A noſſa cubiça cedeo á generoſidade, porque informados que as náos eraõ do Xeque Foteima, tio de noſſo amigo o Rei de Melinde, as deixamos intactas, e fomos em demanda de Moçambique, aonde lançamos ferro, dizem huns que a 20 de Julho, outros que a 12 de Agoſto. Aqui refreſcou a gente, recolheo

vi-

Era vulg. viveres a Armada; pedimos Piloto para nos conduzir ao Porto de Quiloa; fomos nesta derrota da Cósta de Ethiopia descobrindo muitas Ilhas dependentes daquelle Reino, até chegarmos á principal, aonde o Rei de Quiloa tem a sua residencia.

Nós a observamos pela maior parte povoada de Mahometanos, que fallavaõ tantas differentes linguas, quantas eraõ as Nações com quem commerciavaõ. Ella está quasi cento e cincoenta leguas além de Moçambique, separada do Continente por hum pequeno braço de mar, e a Cidade he formada de casas vistosas bem adereçadas. O Chéfe mandou por Affonso Furtado insinuar ao Rei Abrahem a chegada da nossa Armada ao seu porto; as cartas, que lhe trazia do Rei D. Manoel seu Amo; o Tratado de alliança, e Commercio, que este Principe desejava ajustar com elle, e pedir-lhe quizesse deputar pessoas, com quem conferisse negocios taõ interessantes aos dous Monarcas. O de Quiloa mostrou huma extrema complacencia com a chegada de

Pe-

Pedro Alvares, ſem duvidar de ſer elle o meſmo, que em peſſoa vieſſe abordar a Capitánia, e ouvir a declaraçaõ dos ſentimentos de hum Rei taõ grande, como publicava a fama que era D. Manoel de Portugal.

Era vulg.

Ao romper do dia determinado para eſta viſta, os de Quiloa deſde as margens do mar nos annunciáraõ a vinda do ſeu Principe com o ſom de innumeraveis inſtrumentos do ſeu uſo, a que os noſſos reſpondêraõ com huma ſalva Real, e com hum concerto de trombetas, ao meſmo tempo que fórte, deleitavel. Appareceo o Rei Abrahem em huma barca brilhante, aſſentado ſobre hum Throno ſoberbo, que na multidaõ de pedras de valor lhes fazia perder a eſtimaçaõ de raras. Os Officiaes da ſua Corte o rodeavaõ, cada hum delles na magnificencia fazendo oſtentaçaõ do quanto deſejavaõ diſtinguir-ſe no ſerviço do ſeu Principe. O noſſo General embarcou no melhor dos eſquifes da Armada acompanhado dos ſeus Capitães, que nos aſpectos retratados pelos originaes do valor, e da fero-

ro-

Era vulg. rocidade inculcavaõ os espiritos da Europa superiores, naõ só á pompa, mas ás almas da Asia.

Pedro Alvares tratou como Rei ao de Quiloa. Entregou-lhe as cartas de D. Manoel escritas em lingua Arabia, e da conferencia se mostrárаõ ambos satisfeitos; Abrahem por adquirir hum tal amigo como o Rei de Portugal, que logo chamou irmaõ; Pedro Alvares por estabelecer as vantagens do seu Soberano; e por tratar na Ethiopia hum Principe mais barbaro no nome, que nas inclinaçóes, menos civilisado na fama, que nas obras. Soubéraõ os Mercadores Arabios, que a alliança apenas proposta fora acceita; que no dia seguinte se havia formar o Tratado, e sem perda de tempo cuidáraõ em introduzir no espirito do Rei as idéas da crueldade dos Portuguezes, a sua soberba dominante, que os trazia vagos pelas Cortes do Mundo com o fim de as sobprender por meio de convençóes de Commercio, e allianças imaginarias.

Este ruido geral, que notava a *simpli-*

pli-

plicidade do Rei condescente, chegou aos seus ouvidos, e naõ houve mister mais exame para romper a negociaçaõ; para fortificar Quiloa como se esperasse por hum sitio; para mudar em odio extremoso contra os Portuguezes a primeira inclinaçaõ excessiva. Quando tantos movimentos faziaõ nelles as impressões, que deveraõ, Molei Homer, irmaõ do Rei de Melinde, que entaõ estava em Quiloa, elle os avisa dos ardis, que contra elles se armavaõ; dos transportes do Rei assustado; que naõ perdessem com elle o tempo, e quanto antes navegassem para Melinde, aonde achariaõ em seu irmaõ a hospitalidade, que a experiencia lhe tinha mostrasto fiel, e delicada. Este aviso confrontado com a commoçaõ da Cidade, se fez crivel a Pedro Alvares, que levando ferro foi aportar a Melinde.

Era vulg.

Naõ he explicavel o alvoroço, com que o Rei amigo recebeo a noticia da nossa chegada. Os primeiros effeitos delle foraõ os refrescos copiosos, com que regalou a guarniçaõ da Armada.

De-

Era vulg. Depois naõ pode conter a complacencia com a viſta do ſeu Embaixador, que no anno antes enviára a Portugal; com os preſentes precioſos, que lhe mandava o Rei D. Manoel; com as expreſsões inſinuantes, que lhe fez Pedro Alvares do muito, que eſte Principe eſtimava a ſua amizade, e quanto fora do ſeu agrado a informaçaõ, que Vaſco da Gama lhe déra das ſuas qualidades. Fez o Rei ſaber ao ſeu Povo os grandes obſequios, magnificencias, e expreſsões, que devia ao de Portugal; e para em público ſe moſtrar grato, e officioſo veio em peſſoa a bórdo das noſſas náos, aonde tratou a Pedro Alvares como a hum amigo igual. Os mais deſtinos deſta viagem com outros acontecimentos nós os referiremos no Livro ſeguinte.

LI-

LIVRO XXXV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continua-se com os successos da viagem de Pedro Alvares Cabral até voltar ao Reino.

EMPENHOU o Rei de Melinde todos os esforços, para que Pedro Alvares Cabral lhe fizesse o gosto de se dilatar algum tempo na sua Corte; mas como a observancia das ordens o instavaõ para naõ condescender, depois de as insinuar áquelle Monarca, na fórma dellas deixou no porto dous desterrados para penetrarem a Ethiopia, que está situada a cima do Egypto, em demanda de hum Rei Christaõ, que se dizia dominar na Abyssinia, com quem D. Manoel desejava communicaçaõ, e elle no dia 7 de Agosto se fez á véla para-

Era vulg.

Era vulg. ra a India, como diz Damiaõ de Goes. Elle navegou o Golfo com vento taõ favoravel, que a 22 do mesmo mez ferrou a Ilha de Angediva, donde se fez na volta de Calecut, e aonde o hospedou nova perfidia.

O Çamorim sabendo, que o General Portuguez estava no porto da sua Capital, o mandou saudar por dous Naires, e por hum Guzarete, Mercador rico, que foraõ recebidos com os modos mais civís. Com elles mandou Pedro Alvares a Joaõ de Sá, que já estivera em Calecut com Vasco da Gama, e por lingua o Judeo convertido, o célebre Gaspar da Gama, naõ só para lhe levar vestidos á Portugueza os quatro Malabares no anno antes prezos pelo Gama no seu porto, de que o Çamorim se mostrou muito satisfeito; mas para lhe dar as cartas, e presente do Rei D. Manoel, e pedir licença para ir a terra communicar-lhe em pessoa os sentimentos ingenuos daquelle Principe a seu respeito. Passados poucos dias, o Çamorim deo audiencia ao General em huma casa de cam-

campo ſituada nas margens do mar, acompanhado de huma multidaõ numeroſa de Nobreza, grande concurſo do Povo, que com o concerto de muitos córos de muſica eſperava o deſembarque dos Portuguezes, que o fizéraõ brilhante.

Era vulg.

Chegou Pedro Alvares com alguns dos ſeus Capitães, que foraõ recebidos pela Nobreza de Calecut, e apreſentados ao ſeu Soberano. Elle negociou com tanta vantagem, que conſeguio do Rei muito mais do que pretendia. Entre outras condeſcendencias, os noſſos tiveraõ liberdade plena para virem a terra, como, e quando quizeſſem tratar dos negocios, que os trouxera áquelle porto, e em huma lamina de ouro mandou o Çamorim lavrar hum Padraõ de doaçaõ perpétua, que elle fazia aos Reis de Portugal de huma caſa magnifica na Corte para ſegurança, e cómmodo do Commercio dos ſeus vaſſallos. Com a ſatisfaçaõ mais completa, conduzido pela meſma Nobreza até a praia, Pedro Alvares ſe recolheo ás náos, e entrá-

Era vulg. tráraõ os noſſos a frequentar a Corte de Calecut com tanta firmeza, e goſto, como ſe paſſeaſſem pela de Lisboa honrados, e ſatisfeitos.

Eſta amizade mutua, que em terra cultivava o Feitor Aires Correia, facilitou ao Çamorim mandar repreſentar ao noſſo Chéfe, como elle eſtava informado, que da Ilha de Ceilaõ navegava para o Reino de Cambaya huma grande náo de Cochim, Corte ſua inimiga, carregada de elefantes: Qué entre eſtes hia hum bem aguerrido, que elle fizéra todas as diligencias pelo comprar, e naõ lho quizéraõ vender: Que lhe pedia com as maiores inſtancias mandaſſe tomar eſta náo, o que elle eſtimaria pelo maior ſerviço, e que na companhia dos Cabos, que elle nomeaſſe, iriaõ alguns dos ſeus vaſſallos para o ajudarem na empreza. Eſtimou Pedro Alvares o empenho, ainda que entendeo o do Çamorim menos ambicioſo pela preza da náo, que curioſo de ſaber como os Portuguezes ſe portavaõ nos combates.

Foi nomeada para a expediçaõ a mais

mais pequena das noſſas náos, que mandava Pedro de Ataide, a quem ſe deſtináraõ por companheiros o famoſo Duarte Pacheco Pereira, depois o eſcandalo formidavel do meſmo Çamorim, Vaſco da Sylveira, Joaõ de Sá, e com elles alguns Mouros de Calecut para teſtemunhas da noſſa corage. Quando a noſſa náo ſahia da barra, a de Cochim appareceo cortando os mares em frente de Calecut. Foi ella acomettida; mas a ſua guarniçaõ naõ pode eſcuſar-ſe de fazer todos os géſtos de deſprezo á temeridade, que a inſultava, ignorante da gente, que a inveſtia. Depreſſa ſe mudou em temor a irriſaõ; porque á primeira banda dos noſſos canhões carregados de metralha, toda ella ſe metteo em deſordem. Á ſegunda de balla groſſa ſe viraõ abertos todos os flancos da náo, que naõ teve outro refugio ſenaõ o de ſe pôr em fugida. Nós a fomos atacando até ao porto de Cananor, vinte leguas além de Calecut, aonde ella ſe metteo no centro de quatro náos de Mouros, que ſuppoz auxiliares fórtes para a livrarem de

Era vulg.

Era vulg. de ser captiva de mãos, que imaginavaõ mais cruéis.

Pedro de Ataide se vio vencedor; mas ao complemento da sua victoria faltava a preza da náo. Elle receia, que as sombras da noite favoreçaõ o temor dos perseguidos: consulta comsigo a sua corage, e quer ouvir a dos companheiros. Como achou a todos occupados das suas mesmas intenções, quando se determinavaõ a todo o risco arrancar a preza do porto de Cananor; elles percebem que a náo com o soccorro da noite a todo o panno se fazia ao largo para lhe perdermos o rumo. Nós a seguimos fazendo-lhe hum fogo vago, mas horrivel, que os Barbaros soffriaõ com intrepidez. Naõ lhes sendo já toleravel a continuaçaõ, á força de tiros de canhaõ a fomos metter no mesmo porto de Calecut em poder do Çamorim, que entaõ dobrou a complacencia.

Este Principe, que quando vio como da nossa Armada destacavamos hum pequeno navio para empreza taõ importante se deixou sobprender da admi-

mi-

miraçaõ. Agora vendo rendida huma náo muito maior que a nossa, bem fornecida de todo o genero de armas, com grande superioridade no número da tripulaçaõ, elle pasma, se assombra, chama os seus vassallos, que nos acompanháraõ no combate, e lhes pergunta, como, por que meios, com que esforço nós ganhamos huma victoria, que parecia imaginaria. Elles respondem a huma voz; que o esforço, a corage, a industria, o desprezo dos perigos, o nenhum temor da mórte, que elles observáraõ naquelles homens, naõ se achariaõ em alguns outros de todo o Universo: Que Pedro de Ataide lhes parecêra huma exhalaçaõ. Duarte Pacheco Pereira hum raio, Vasco da Sylveira hum trovaõ, cada soldado huma penha na constancia. O Çamorim com esta informaçaõ mais extactico, pede ao nosso General lhe mande a terra todos os homens, que se acháraõ naquella acçaõ, para os admirar como objectos dignos da attençaõ dos Principes. Sobre todos derrama o Çamorim innundações de beneficencias, de liberalida-

Era vulg.

Era vulg. des, de louvores; mas com ellas affia as garras ao monſtro da invéja para daqui em diante cuidar nos modos de nos devorar inſaciavel por força, ou por induſtria.

Naõ podiaõ ſopportar os Mouros a acceitaçaõ, com que eſtavamos em Calecut, e naõ perdoáraõ a induſtria, eſtratágema, e intriga, que podeſſem traçar o noſſo eſtrago. Elles ſe servíraõ do Commercio para os ſeus deſignios, comprando todos os generos, e eſpeciarias, de que haviamos carregar as noſſas náos: excogitando fraudes, e calúmnias, que nos arruinaſſem no conceito do Rei: imputando-nos o crime de ladrões públicos em toda a face do Univerſo, com outros elogios deſte caracter, que nos fizeſſem abominaveis na imaginaçaõ das gentes. A noſſa condiçaõ incapaz de ſoffrer injúrias intentadas, quanto mais feitas, encheo de eſpiritos a Pedro Alvares para repreſentar ao Rei de hum tom fórte, como os caſos, que lhe ſuccediaõ, eraõ huma contravençaõ ao Tratado de alliança pouco antes celebra-

do,

do, em que ſe promettia, que as náos Portuguezas recebeſſem carga primeiro que as das outras Nações; que elle eſtava ſurto naquelle porto havia tres mezes; que tinha as náos vazias, paſſando o tempo habil da navegaçaõ; e que elle por omiſſo naõ queria ſer reſponſavel ao ſeu Rei dos damnos graves, que naquelle anno experimentaſſe o Commercio, como unico fim do ſeu deſtino.

Era vulg.

O Çamorim com ſingeleza, ou ſem ella, moſtrando que ſe deixava tocar deſta repreſentaçaõ, concedeo ao General amplos poderes para mandar tirar as cargas dos navios dos Mouros; e baldeallas nos ſeus. Naõ teve a prudencia do General por muito ingenua eſta taõ plena authoridade delegada. Della ſenaõ quizéra ſervir, por ſer o meio de ſe embaraçar com todos os Mouros da Aſia, incomparavelmente mais poderoſos, que os Portuguezes. Só Ayres Correa, que eſtava em terra por Feitor, ſe oppoz á inacçaõ do ſeu Chefe, aſſegurando-lhe iria para o Reino ſem carga, ſenaõ ſe aproveitaſ-

Era vulg. ſe da que os Mouros já tinhaõ a bórdo das ſuas náos. Para ſua ſegurança junto á peſſoa do Rei D. Manoel, Ayres Correa acompanhou eſta repreſentaçaõ com proteſtos públicos das perdas, e damnos da Real Fazenda, que conſtrangèraõ Pedro Alvares a mudar de reſoluçaõ.

Como ſe lhe havia dado noticia, de que a poucas leguas do porto eſtava carregado, e preſtes a levar-ſe hum navio de hum Mouro muito rico de Calecut, chamado Cogecem Micide; o General mandou intimar á tripulaçaõ de ordem do Çamorim, que naõ ſahiſſe do porto; mas ella zombou da ordem, e repellio ao Emiſſario. Entaõ o General o mandou inveſtir por Officiaes, que o rendêraõ, e o trouxéraõ ao ſeu bórdo. O Mouro dono do navio, poderoſo, e eſtimado em Calecut, rodeado de parentes, e amigos, foi repreſentar ao Rei a noſſa acçaõ por hum attentado abominavel, por huma rotura da boa fé, como hum deſprezo feito na face da ſua Mageſtade: parte da Nobreza, e muito Povo ſoblevados

com

com Cogecem na ſua téſta, marchaõ á Feitoria, aonde eſtava Ayres Correa com 70 companheiros, e 40000 dos Barbaros ſe avançaõ para arrombar as pórtas. Os noſſos arvoraõ huma bandeira para dar ſignal á Armada do ſeu perigo; e em quanto do alto das paredes ſe defendem com corage inimitavel, o General deſtaca aos eſquifes das náos commandados por Sancho de Tovar para receber aos que ſe podeſſem eſcapar do furor da plebe levantada.

Era vulg.

Naõ podendo os Mouros arrombar as pórtas bem defendidas, deitáraõ a terra hum lanço da parede por onde entráraõ, e paſſáraõ á eſpada 50 Portuguezes, ſendo Ayres Correa hum dos mórtos. Fr. Henrique mal ferido, com quatro dos Religioſos, e os vinte companheiros todos no meſmo eſtado, e ſempre perſeguidos, corrêraõ a amparar-ſe dos Eſquifes. Entre elles, na idade de déz annos hia Antonio Correa, filho de Ayres Correa, que tem de ſer aſſumpto honrado na noſſa Hiſtoria pelo ſer da fama nas ſuas expedições glorioſas,

con-

Era vulg. conduzindo-o com desvélo Nuno Leitaõ, que vendo-se muito perseguido, teve de abandonar a innocente preza. Hum marinheiro esforçado, que se deixou tocar deste desamparo, o tomou sobre os hombros, e o metteo saõ, e salvo em hum dos batéis. Toda a fazenda nos foi roubada, sem alguma lembrança de perda, quando renovavamos a deste massacro succedido no dia 16 de Dezembro do anno de 1500.

O General que estava com huma quartã quando elle aconteceo, insensivel á molestia, magoado da dôr pela falta de tantos companheiros; elle se resolveo a ficar no porto immovel esperando a satisfaçaõ de attentado semelhante, que naõ podia esconder-se ao Çamorim. Como passou todo o dia, e a noite sem que este Principe rompesse o silencio; Pedro Alvares, que estava informado do seu genio vário, e inconstante, naõ só o teve por consentidor, mas por author do motim, e cuidou em lhe naõ demorar o desaggravo. Na manhã do dia seguinte chamou os seus Officiaes a Conselho, e ouvidos

os

os votos ſe deliberou, que a preza de déz náos de Mouros, que eſtavaõ no porto foſſe o primeiro objecto do noſſo reſentimento, de hum deſaggravo taõ juſto.

Era vulg.

Seguio-ſe ao Conſelho a execuçaõ, e começou no porto de Calecut a ſer viſto hum combate, em que o furor derramado comprava a vingança a todo o cuſto. Os Mouros ſe defendêraõ intrépidos; mas a juſtiça da cauſa tinha infundido nos Portuguezes tal corage, que depois de degollarem mais de ſeiscentos Barbaros, apreſáraõ todas as náos, algumas dellas já com cargas importantes, em que entrou huma de Cogecem, author da ſediçaõ. Mandou o General baldear os generos nas noſſas náos, e concedeo a vida a muitos Mouros, que ſe acháraõ eſcondidos para nos ſervirem na mareaçaõ, e ſupprir a falta dos marinheiros mórtos na viagem. Quando chegou a noite, para fazer mais horrivel o eſpectaculo, na face do Çamorim dêmos fogo ás náos cativas, que levantáraõ déz incendios. Na praia ſe ouvíraõ os clamores, as maldi-

Era vulg. dições, as vozes de vingança; mas ninguem ſe reſolvia a tomalla. A manhã deixou vêr as noſſas náos em linha na frente da Cidade com ſemblante de a querer acanhoar, ainda naõ ſatisfeita a cólera.

Começou hum fogo horrivel, que durou muitas horas; que pôz por terra os edificios mais brilhantes de Calecut; que matou gente innumeravel bem longe dos penſamentos, de que a tanto ſe arrojaſſe a noſſa cólera, por iſſo deſprevenida, e que fazendo em pedaços aos pés do Çamorim hum dos ſeus Naires mais eſtimados, elle para ſalvar a vida fugio com precipitaçaõ abandonando a ſua Corte, que ſería hum deſpojo do furor Luſitano, ſe a eſte ſe igualaſſe o poder. Vingada deſte modo a mórte de Ayres Correa, o General mandou levar ferro, e navegou para a Cidade Capital de Cochim, aonde o Rei Trimumpara, tributario de Calecut, mas noſſo alliado fiel, o recebeo como elle podia deſejar. Hum Indio, que fora Jogue racional, e com a noſſa communicaçaõ conheceo, e abjurou

os

os seus erros, fazendo-se hum perfeito Christaõ com o nome de Miguel; elle foi o instrumento principal da renovaçaõ da Alliança, que nos veio a ser taõ vantajosa. Era vulg.

Os Reis de Cananor, e de Coulaõ, que entendiaõ do Rei de Cochim esta ventagem; ciosos della mandáraõ dous Emissarios ao General, naõ só offerecendo a sua amizade; mas hum trafico aberto nos seus pórtos. Agradeceo elle este obsequio dos Principes com a sua civilidade ordinaria, e desculpou-se de o naõ acceitar com o prestexto dos ajustes celebrados com o de Cochim. Aqui teve elle outro prazer, que foi buscarem-no dous Christãos descendentes dos Discipulos do Apostolo S. Thomé, que lhe pedíraõ os quizesse levar a Portugal para consolaçaõ dos seus espiritos na visita, que determinavaõ fazer aos lugares Santos de Roma, e Jerusalem. Elles eraõ naturaes de Cranganor, e o General condescendeo benigno aos seus rógos, conduzindo-os a este Reino.

Neste mesmo tempo o Rei de Calecut desejoso de despicar a injúria, que fi-

Era vulg. fizemos a ſua peſſoa no meio da ſua meſma Corte, fez eſquipar vinte náos de guerra, e outras muitas embarcações ligeiras, que mandou a Cochim para nos deſtruirem. O Rei amigo, que ſoube primeiro da vinda deſta Armada, aviſou ao noſſo General. Elle entrou logo a prevenir-ſe para o combate com tanto ſocego, como ſe já tivéra ſegura a victoria. Appareceo a numeroſa Eſquadra, e os noſſos navios ſahíraõ a recebella; mas ella concebeo tal horror ao fogo da noſſa artelharia, que o vento favoravel para a peleija, lhe ſervio para a fugida. Ficou o mar livre, e Pedro Alvares navegou para Portugal. Foi ao porto de Cananor agradecer ao ſeu Rei os favores, que lhe fazia: paſſou por Melinde, e huma grande tempeſtade fez vaſar a náo de Sancho de Tovar, a que démos fogo para naõ ſervir aos noſſos inimigos. Continuou a viagem com felicidade, e chegando a Cabo-Verde encontrou mareada por ſeis homens a náo de Pedro Dias, que ſe lhe deſgarrára na tormenta da Cóſta do Brazil, e vinha do Golfo da Arabia.

Da-

Daqui se fizérão na volta de Lisboa, aonde entrárão no ultimo de Julho do anno de 1501, em que fallamos. Era vulg.

CAPITULO II.

Das differentes Esquadras, que El-Rei D. Manoel mandou á India successivamente, com outros successos da Europa.

El-Rei D. Manoel, que estimava a empreza da India por hum empenho da sua Religião, pela mais sublime da sua glória; elle havia determinado mandar áquellas partes em cada anno huma Esquadra com Operarios, que dilatassem o conhecimento do Evangelho; com forças, que fizessem respeitavel o nome Portuguez na Asia. Como no anno de 1500 elle entendeo poderosa para os dous designios a de Pedro Alvares Cabral; no de 1501 unicamente enviou a João da Nova, hum Fidalgo Gallego de muito valor, com tres náos, e huma caravella, de que logo referiremos o destino. Ao mesmo tempo se occupa-

Era vulg. va El-Rei de hum cuidado, e de hum prazer. O cuidado provinha do Duque de Bragança, D. Jayme, que tendo-o o mesmo Principe ajustado para casar com D. Leonor de Mendoça, filha de D. Joaõ de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, elle pela sua inclinaçaõ ao estado Religioso, quiz recebello em Jerusalem, para onde fugio com hum só criado; mas El-Rei mandando-o seguir por Castella, e sendo achado em Calataiud, foi conduzido ao Reino, e consummou o matrimonio. O prazer nascia das esperanças da fecundidade da Rainha, que se completáraõ a 6 de Junho do anno seguinte de 1502 com o nascimento do Principe D. Joaõ.

Para naõ nos embaraçarmos adiante com a viagem de Joaõ da Nova, e ficar ella referida neste lugar, devemos saber como a sua sahida do porto de Lisboa foi aos cinco de Março deste anno, cinco mezes antes de Pedro Alvares Cabral chegar a ella. Com ventos favoraveis passou elle a Linha, e foi dar a huma Ilha incognita aos nossos, que fez chamar da Conceiçaõ, donde seguio a

a derrota para Moçambique. Querendo prover os tonéis na Agoada de Saõ Braz, hum marinheiro vio pregado no tronco de huma arvore hum çapato, e com advertencia bem propria em occasiões semelhantes o despregou, e levou ao seu Chefe. Joaõ da Nova achou dentro nelle cartas escritas pela propria maõ de Pedro de Ataide, em que advertia aos Capitães Portuguezes, que passassem á India, tivessem por vitando o porto de Calecut, naõ se fiassem das insidias do Çamorim, que era hum inimigo infesto da Naçaõ, como elle acabava de experimentar na companhia de Pedro Alvares Cabral, que depois de bem recebido, fora maltratado.

Era vulg.

Esta mesma noticia confirmou a Joaõ da Nova o Rei de Melinde, quando elle chegou á sua Corte: noticia, que irritou os nossos espiritos para naõ perderem occasiaõ de vingança sobre aquelle Principe perjuro. Naõ tardou muitos dias a execuçaõ della no encontro com huma náo de Calecut, que rendemos, e abrazamos sem fazer caso das suas riquezas. Em Gananor veio fal-

Era vulg. fallar a Joaõ da Nova da parte do Çamorim o Portuguez Gonçalo Peixoto, que se salvou em casa de Cogebequi no dia do massacro de Ayres Correa. Elle lhe propoz desculpas frivolas, novas propostas officiosas, que o mesmo Emissario descobrio fraudulentas, capciosas, indignas de attençaõ, já taõ conhecidas por Joaõ da Nova, que nem elle quiz ouvillas, nem Gonçalo Peyxoto voltar mais a Calecut.

Navegáraõ as náos para Cochim, e á sua vista alguns homens, que alli deixára Pedro Alvares, os espiritos lhes revivêraõ; porque ainda que o Rei os tratava com muita humanidade, a perfidia dos Mouros os trazia sempre nas mãos da mórte. O Rei Trimumpára se excedeo em civilidades para comnosco, e fazendo carregar as náos sem demora, voltamos a Cananor. O seu Rei, fiel alliado, nos avisou como de Calecut vinhaõ oitenta paráos atacarnos no seu mesmo porto, que como o partido era taõ desigual, nos chegassemos mais á terra, aonde pelas embarcações, que elle tinha promptas, de-

determinava ſoccorrer-nos. Joaõ da Nova lhe mandou render as graças ſem acceitar as offertas, antes ſe fez ao largo; aſſegurando-lhe naõ ſe aſſuſtaſſe a ſeu reſpeito; que elle eſperava ter em ſeu ſoccorro o Deos Omnipotente, que adorava; e que fortalecidos por elle os braços dos ſeus ſoldados, nada temia deſſa multidaõ de vaſos de Calecut, que vinhaõ ſobre elle.

Era vulg.

Principiou a apparecer eſta Eſquadra, naõ no número de 80, mas de mais de cem velas, e com a ſua viſta inſinuou aos Capitães o alentado Chéfe, que elles naõ conſentiſſem ſer abordados por humas forças taõ deſproporcionadas: que naõ ignoravaõ quanto a noſſa artelharia era formidavel aos Barbaros: que a ſerviſſem de modo, que o fogo a tiro feito naõ ceſſaſſe o intervallo mais breve; e que outros deveres naõ tinha que recommendar-lhes, ſabendo que eraõ Portuguezes. Foraõ eſtas ordens taõ bem obſervadas, que durando o combate até ao pôr do Sol, ſem os inimigos nos chegarem, nem nós perdermos hum ſó homem, lhes dei-

Era vulg. deitámos a pique muitos paráos, ma-
támos 417 homens, e lhes ferimos gran-
de número. Perda taõ ſenſivel derra-
mou tal terror entre os Barbaros, que
arvoráraõ bandeira de paz para entra-
rem comnoſco em negociaçaõ. Nós
naõ arreámos a de guerra, e continuá-
mos o fogo, que ſuſpendemos pela re-
petiçaõ dos ſignaes de armiſticio, até
vêr o que pretendiaõ de nós os contra-
rios abattidos.

Elles enviáraõ a bórdo da Capitania
hum Arabio a pedir, que por aquella
noite ceſſaſſe a peleija, e que ao rom-
per do dia ambas as partes entrariaõ
em ajuſtes para huma compoſiçaõ ra-
zoavel. Conveio o noſſo Chéfe na pro-
poſta debaixo da condiçaõ, de que ſem
demora as ſuas náos haviaõ paſſar o
Eſtreito, e pôr-ſe ſobre ferro face a
face das de Calecut, como com effei-
to foi executado. Como eſta vantagem
nos deixava o mar livre para ſeguir-
mos a noſſa viagem, os inimigos pér-
fidos, ſuppondo que nós nos entrega-
riamos ao repouſo, que deſejaõ os
membros laſſos depois do movimento
rá-

rápido de hum combate; elles mandá- Era vulg.
raõ com o favor da noite aos ſeus nadadores déſtros cortar-nos as amarras, atiçar o fogo nas cordas, e conſumir-nos. A vigilancia das noſſas ſentinellas derrotou eſtes deſignios, e os barbaros confuſos, para ſe naõ arriſcarem a fazer huma paz vergonhoſa, na meſma noite leváraõ ancoras, e ſe fizéraõ na volta de Calecut, depois de affoutos, temeroſos.

Os noſſos vendo-ſe pela manhã victorioſos ſem inimigos, depois de dárem graças a Deos por huma felicidade naõ imaginada, continuáraõ a ſua derrota; montáraõ o Cabo de Boa-Eſperança, e na volta do de S. Vicente deſcobríraõ huma nova Ilha, que Joaõ da Nova fez chamar de Santa Helena. Parece que providencia eſpecial collocou no centro daquelles mares eſta fertil, agradavel, e abundante Ilha, regada de muitos rios, com boſques denços, gados, e caça infinita para ſoccorro dos navegantes. Joaõ da Nova depois de ſe baſtecer nella de tudo o neceſſario, com a meſma felicidade

Era vulg. continuou a jornada para Lisboa, aonde chegou a 11 de Septembro de 1502.

Depois da vinda de Pedro Alvares Cabral no anno antes da de Joaõ da Nova, El-Rei D. Manoel informado do estado dos nossos negocios na Asia; da perfidia dos Reis de Quiloa, e Calecut, elle determinou na monçaõ do dito anno de 1502 mandar á India tantos reforços, que abatessem o orgulho dos revoltosos, e fizessem a nossa reputaçaõ respeitavel. Já El-Rei se intitulava Senhor da Navegaçaõ, Conquista, e Commercio de Ethiopia, Persia, e India, e para os firmar com segurança, tornou a apparecer formidavel sobre as ondas do Oriente o seu Almirante o Grande D. Vasco da Gama, commandando huma Armada de vinte vélas. 1502 Em Fevereiro de 1502 sahio o Almirante D. Vasco de Lisboa com 15 náos; déz, que elle commandava; cinco, que hiaõ ás ordens de seu tio Vicente Sodré, que havia ficar com ellas na India para proteger as Feitorias de Cochim, e Cananor; e porque as outras cinco, que faltavaõ para o número

ro

ró de vinte, e havia commandar Estevaõ da Gama, primo irmaõ de D. Vasco, naõ se podéraõ pôr promptas, ellas sahíraõ de Lisboa no Abril seguinte.

Os Capitães, que hiaõ mandando as náos da Esquadra do Almirante, eraõ D. Luiz Coutinho, filho do segundo Conde de Marialva; Francisco da Cunha, natural das Ilhas Terceiras; Joaõ Lopes Pereſtrello; Pedro Affonso de Aguiar; Gil Matoso; Rui da Castanheda; Gil Fernandes; Diogo Fernandes Correa, que havia ficar por Feitor em Cochim, e Antonio do Campo. Os da Esquadra de Vicente Sodré, foraõ além delle, seu irmaõ Braz Sodré; Alvaro de Ataide natural do Algarve; Fernaõ Rodrigues o Bardaças, e Antonio Fernandes. Debaixo da sua bandeira levou Estevaõ da Gama a Lopo Mendes de Vasconcellos; a Thomaz de Carmona; a Lopo Dias, criado do Senhor D. Alvaro; ao Italiano Joaõ de Bonagracia. Hum só destes navios naõ chegou á India, e os successos de todos elles nós os referiremos no seu lugar, e tempo proprios.

Era vulg. Ao goſto deſta expediçaõ ſe ſeguio o do naſcimento do Principe D. Joaõ; mas elle foi pertubado por huma das tempeſtades mais horrendas, que ſentio Lisboa, e que fez differir as feſtas públicas para quando as permittiſſe a ſerenidade do ar. No dia do Bautiſmo ſuccedeo outro incidente, que foi pegar o fogo no Paço: dous incidentes, que déraõ aſſumpto aos genios faceis em crêr agouros para interpretarem futuros, e levantarem horoſcopos. O eſpirito del-Rei a tudo ſuperior, ſó attento a render a Deos as graças pela multidaõ dos beneficios, que lhe fazia, eſpecialmente nas ventagens, que promettia a navegaçaõ da India; depois de repartir as ſuas eſpeciarias pelos Conventos Religioſos, de multiplicar eſmólas avultadas pelas peſſoas benemeritas; elle determinou ir eſte anno em romaria a Compoſtella viſitar o ſepulchro do Apoſtolo Sant-Iago.

Para que os Póvos de Galliza naõ ſoubeſſem qual era o Rei, ordenou aos Fidalgos da comitiva, que trataſſem ao Marquez de Villa-Real com honras confor-

formes ás da ſua Real Peſſoa. Eſta jornada lhe deo occaſiaõ para dous lances de magnificencia piedoſa. O primeiro foi em Coimbra, aonde ſe moſtrou taõ ſenſivel á pouca decencia, com que em Santa Cruz eſtava ſepultado o cadaver do Santo Rei D. Affonſo Henriques, que deo logo ordens preciſas para ſe lhe lavrar o ſumptuoſo Mauſoléo, em que deſcança. O ſegundo foi no Porto á viſta do Monumento do Martyr S. Pantaleaõ, que no ſeu teſtamento determinava o Rei D. Joaõ ſe conſtruiſſe brilhante para memória illuſtre do Santo; e elle aſſim o fez executar com grande deſpeza. Entrando por Tuy em Galliza, foi conhecido, e tratado com acclamações reſpeitoſas da Nobreza, e Povo. Tres dias ſe deteve El-Rei em Compoſtella occupado em actos de Religiaõ edificantes, e tanto alli, como pelas terras, por onde paſſava veio derramando até Lisboa a chuva de Jupiter, e deſta ſua Capital mandou logo para arder no Altar do Santo Apoſtolo huma alampada de prata ſoberbamente lavrada: peça a mais rica de

Era vulg.

Era vulg. de quantas até entaõ ornavaõ aquella Casa.

1503 Entrou o novo anno de 1503, e em El-Rei a impaciencia de ir a Africa em pessoa fazer a guerra aos Mouros. Sentido de que a Fróta que mandára ao Estreito nada obrára recommendavel, elle quiz remediar com ardor a sua frouxidaõ. Preparáraõ-se muitas náos; alistou-se grande número de gente; fizéraõ-se fornecimentos copiosos de munições de guerra, e bocca; mas naõ havendo politica, nem razões humanas, que persuadissem o Rei a mudar de designio; hum golpe da maõ de Deos cortou todas as medidas, e cessáraõ os projectos. No meio da Primavéra foraõ as chuvas taõ copiosas, e contínuas, que alagada a campanha, apodrecêraõ todos os fructos. A esta desgraça se seguio huma fome extrema, que assolou as Cidades mais principaes do Reino. Os moradores do campo andavaõ em pé meios vivos, com figura quasi de cadaveres. Para acabar de matar viéraõ as epidemias ser auxiliares da fome. Huma tal calamidade fez que

os

os cuidados da guerra de Africa se applicassem em mandar vir de França, e Inglaterra os mantimentos necessarios á vida dos Grandes, e pequenos, que todos pereciaõ de necessidade. Era vulg.

Porém o Rei, chamado Filho da Ventura, superior a ella mesma, nada o embaraçou para este anno mandar á India seis náos, tres ás ordens de Affonso de Albuquerque; tres ás de seu primo Francisco de Albuquerque, de que adiante fallaremos; e seis ao Brazil mandadas por Gonçalo Coelho, que ignorante daquella navegaçaõ, perdeo quatro, e com as duas voltou a Lisboa sem mais interesse, que hum pouco de páo brazil, alguns macacos, e papagaios.

CAPITULO III.

Succeſſos dos Fidalgos da Caſa de Corte-Real, e os do Almirante D. Vaſco da Gama na ſua ſegunda viagem da India.

Era vulg.

DIZ o erudito Le Quien de la Neufville, que o deſcobrimento do Mundo era huma reſoluçaõ digna ſó dos Portuguezes, que buſcavaõ a glória pelo meio dos perigos mais eſpantoſos, e que a queriaõ adquirir immortal por hum caminho, aonde he quaſi inevitavel a mórte. Hum dos noſſos Fidalgos, que ſe deixou bem occupar deſta idéa foi Gaſpar Corte-Real, que depois de muitas aventuras, vendo deſcoberta a parte Meridional do Univerſo; o ſeu valor extremo lhe fez conceber os intentos de deſcobrir a Septentrional a todo o riſco. Para eſte fim armou huma náo, em que ſahio de Lisboa no anno de 1500. Sempre com a prôa ao Nórte, chegou elle ás Regiões geladas, aonde aviſtou huma terra, que cha-

chamou Verde pela vêr apprazivel, occupada de infinitos arvoredos. Notou os coſtumes dos ſeus barbaros moradores ſem Religiaõ, nem cultura, preſtigioſos, e agourentos, em tudo ſemelhantes aos Lapões da Noruega.

Era vulg.

No anno de 1501 voltou Gaſpar Corte-Real, deſta jornada; e naõ havendo peſſoa, que pela eſterilidade da terra quizeſſe continualla, elle por opiniaõ ſe reſolveo a ſeguilla, e com permiſſaõ del Rei tornou a ſahir de Lisboa ao meſmo deſtino, que lhe foi fatal. Como até Maio de 1502 naõ houve quem déſſe mais noticia do noſſo Aventureiro, ſeu irmaõ Miguel Corte-Real, Porteiro Mór del Rei, que o amava muito, ſahio com duas náos em ſua demanda, e ſumio-ſe. A perda deſtes dous Fidalgos taõ eſtimaveis ſe fez ſenſivel ao Rei com tal exceſſo, que mandou dous navios bem eſquipados a buſcar noticias ſuas pelas cóſtas do Septentriaõ. Como naõ acháraõ alguma, elles ſe recolhêraõ; e Vaſqueannes Corte-Real, irmaõ de ambos,

que

Era vulg. que era Veador da Caſa Real, e Alcaide Mór de Tavira, querendo continuar na teima de procurar quem naõ aparecia, El-Rei lho impedio, e teve de contentar-ſe com recolher na ſua peſſoa a glória que os dous irmãos adquiríraõ para a ſua caſa, e ſe fez immortal com o nome de Corte-Real, que foi impoſto á Terra, que elles deſcobríraõ.

Depois da partida dos Albuquerques para a India, El-Rei ſe reſolveo a convocar em Lisboa os Eſtados do Reino para jurarem ao Principe D. Joaõ por Succeſſor de ſeu Pai, como ſe praticou com as ceremonias coſtumadas em actos ſemelhantes. Os meſmos Eſtados quizéraõ moſtrar a ſua gratidaõ officioſa ao Rei com hum donativo voluntario para as deſpezas da guerra de Africa. Elles arbitráraõ a quantia de cincoenta mil cruzados, deſculpando com a fome, e careſtia paſſadas naõ ſer ella correſpondente á extenſaõ dos ſeus deſejos. O Rei, attento aos meſmos motivos, prorogou o tempo da cobrança, e deo ordem para que ella ſe fi-

fizesse com tal suavidade, que naõ houvesse hum só queixoso.

Era vulg.

Em quanto succediaõ estas cousas, o Almirante Gama continuava a sua viagem para a India; e montado o Cabo de Boa Esperança, ordenou a Vicente Sodré, que com onze das náos mais gróssas navegasse a Moçambique; que elle com as quatro de menos lote queria fazer huma visita á Cidade de Çofala. O seu Principe tratou ao Almirante com todas as honras; e estabelecida amizade, elle teve o desprazer na sahida do porto de perder huma das náos, ainda que salvou todas as vidas, e quanto ella levava de estimavel. Em Moçambique encontrou elle o reparo desta perda em huma caravella nova, que fizéra construir Vicente Sodré com as madeiras lavradas, que trazia do Reino. Achou o Gama aquella terra com outro Principe differente na pessoa, e condiçaõ do que elle trátara na primeira viagem: o outro nosso inimigo inexoravel, este nosso amigo officioso.

Com pouca dilaçaõ em Moçambique,

Era vulg. que, o Gama navegou a Quiloa, aonde entrou aterrando o Povo com huma tormenta furiosa de artelharia, que publicava o nosso resentimento. O temor trouxe a bórdo ao Rei Abrahem, aonde o Almirante o reteve prisioneiro até se jurar vassallo del Rei D. Manoel com o tributo annual de 500 miticais de ouro, que correspondem a pouco mais de 500 dos nossos cruzados: tributo unicamente interessante por ser marca da obediencia do Principe contumaz. Como elle naõ se podia escusar de dar refens importantes até ao cumprimento das convenções estipuladas; poz em poder do Almirante a Mahomet Anconi, seu primeiro Ministro, o homem mais poderoso de Quiloa, sem lhe fazer especie o perdello para continuar na falta de palavra, e na perfidia das intenções. O Almirante compadecido da pouca fortuna de Mahomet, deo-se por satisfeito com cobrar o tributo daquelle anno, e se fez á véla para Melinde.

As correntes rápidas impedíraõ ao Almirante visitar este Rei amigo, e o le-

levárað a huma enseada oito leguas abai- xo, aonde elle lhe enviou por Luís de Moura, hum dos desterrados, que alli deixára Pedro Alvares Cabral, cartas, e recados, que uniaõ os affectos da amizade com as impaciencias de o naõ vêr. Feitos nesta paragem os provimentos necessarios para a Armada, elle se lançou ao grande Golfo, e nelle teve o Almirante o gosto de encontrar a Estevaõ da Gama com tres náos da sua conserva, que felizmente chegáraõ a Angediva. Aqui viéraõ a encontrar-nos as duas náos de Estevaõ da Gama, que faltavaõ, e fizéraõ na Armada o número de dezanove; sendo a de Antonio do Campo a unica das vinte, que sahíraõ de Lisboa, e naquelle anno naõ chegou á India. O Almirante postou as náos em fórma, que pelas quinze leguas da largura daquelle mar naõ podesse passar embarcaçaõ alguma, que ellas naõ resistassem.

Era vulg.

Neste tempo apareceo huma de desmarcada grandeza, que era do Soldaõ do Egypto, e vinha de Calecut carregada de preciosidades. A sua tri-

pu-

Era vulg. pulaçaõ numerosa entendendo, que com presentes enviados ao nosso Chéfe compraria as liberdades, e resgataria a fazenda, naõ duvidou enviallos de muito valor. Vendo porém rodeados os seus bórdos dos nossos batéis com apparencias de lhe quererem pôr fogo; os Barbaros levados do amor da vida, começáraõ a fazer huma gentil defensa. Della inferimos nós, que a importancia da náo era grande, e resolvemos naõ a queimar sem baldeálla. Esta foi a causa de durar o combate hum dia, até a manhã do outro, em que os Barbaros obráraõ proezas dignas da invéja dos nossos. Em fim, passados á espada trezentos da guarniçaõ; salvos os muitos mininos, que ella levava, e o Almirante mandou fazer Christãos; mettida a carga nas nossas náos, a rendida foi hum despojo miseravel do fogo, que a consummio.

Como a preza desta náo era quem detinha ao Almirante no Cabo de Delii, elle navegou a Cananor para fazer entrega do Ministro, que o seu Rei tinha enviado ao de Portugal; para lhe

dar

dar as cartas, e presentes, que este lhe mandava; para regular os preços das especiarias, e fórma do Commercio. Mas como esta negociaçaõ naõ foi ao gosto de D. Vasco da Gama, ficando encarregado della Payo Rodrigues, o Gama deixou no porto a Vicente Sodré com huma náo, e a caravella para o recolher; e elle, que havia já escrito ao Çamorim as disposições, em que trazia o animo a seu respeito pelos bons officios, de que os Portuguezes lhe eraõ devedores, se fez na volta de Calecut.

Era vulg.

Sempre ao longo da Cósta foi o Almirante derrotando Paráos desta Potencia inimiga, e recebendo recados fingidos do Çamorim, huns a que naõ dava resposta, outros que naõ ouvia, em quanto se lhe naõ restituia a fazenda tomada a Pedro Alvares, e dava satisfaçaõ da mórte de Ayres Correa. Depois de entrados no seu porto, usou o barbaro Principe de outros estratagemas; o Almirante se fez delles bem entendido, mandando enforcar trinta e dous Mouros prisioneiros no lais das

ver-

Era vulg. vergas; depois cortar-lhes as cabeças, mãos, e pés, que mettidos em huma barca os enviou de presente á Cidade; aonde começou a chover das nossas náos huma innundaçaõ de ballas, que a pôz por terra: segundo golpe, que augmentou as ruinas naõ reparadas do primeiro, que nella descarregou Pedro Alvares Cabral. Para continuar os estragos por toda aquella Cósta, o Almirante deixou no porto de Calecut a Vicente Sodré com seis das melhores náos, e elle partio com as mais para Cochim.

A sua primeira complacencia na entrada deste porto foi a de vêr a bórdo os Portuguezes estabelecidos na terra, que lhe fizéraõ saber a muita humanidade, com que os tratava o Rei Trimumpara, e a grande vigilancia com que impedia, que o odio dos Mouros os perturbasse. Elle mandou logo cumprimentar ao Almirante pelo primeiro dos seus Ministros; recebeo os presentes brilhantes, que lhe mandava El-Rei D. Manoel, e que retribuio com outros magnificos; veio no dia seguinte a bór-

bórdo da náo Almirante com a confiança, e firmeza do amigo mais ſincéro; e eſtabelecidas nóvas convenções mutuamente intereſſantes, acabou a amizade de lançar fundas as raizes. Creſceo o noſſo prazer com a Embaixada, que os Chriſtãos das terras de Cranganor, quatro leguas diſtantes de Cochim, mandáraõ ao noſſo Chéfe.

Era vulg.

Elles eraõ mais de trinta mil deſcendentes dos que bautiſára o Apoſtolo S. Thomé, os quaes por aquelles ſeus Emiſſarios fizéraõ ſaber ao Almirante: Que eſtando elles, e os ſeus progenitores tantos ſeculos vivendo entre Mouros, e Gentios, naõ ſabiaõ explicar o júbilo, que lhes cauſava a vinda de Chriſtãos de partes taõ remotas áquellas Regiões barbaras: Que os admittiſſe por Vaſſallos do grande Rei D. Manoel; porque na terra naõ queriaõ reconhecer outro Senhor, ſenaõ a elle; e que por marca da ſua obediencia lhe enviavaõ, como a Lugar-Tenente do meſmo Soberano, a Vara de Juſtiça, de que entre elles uſava o ſeu Superior. O Almirante ſe ſobprendeo alvoroçado

Era vulg. com esta Legacia; e depois de levantar as mãos, e os olhos ao Ceo para dar graças á Providencia, com que o Deos Verdadeiro sustenta aos seus Eleitos no centro das Nações brutas, elle se voltou para os Enviados, e lhes disse: Eu vos prometto em nome delRei D. Manoel de Portugal, que de hoje em diante sejaõ outras as vossas vantajens; mais feliz a vossa condiçaõ. Eu vos encho de esperanças; eu desejo augmentar a vossa Fé, e vos affirmo, que á India naõ virá algum dos nossos Capitães, que deixe de promover os vossos interesses; que naõ exponha o sangue, e a vida para vos livrar da tyrannia de homens abominaveis; desses Gentios torpes; desses barbaros Sarracenos, que sem humanidade vos opprimem.

A este grande júbilo dos nossos espiritos se seguíraõ os sustos pelo risco, em que estiveraõ o Almirante, e algumas náos nossas de perder-se. O Çamorim, que naõ podia destruir-nos com a força, nem negociar o nosso damno com o Rei de Cochim; elle ins-

instruio a hum dos seus Bramanes, para que viesse a esta Cidade acompanhado de dous moços, hum seu filho, outro seu parente, e com bem estudada simulaçaõ, para ir conduzindo o negocio ao seu fim, pedisse ao Almirante quizesse levar os dous moços a Portugal para tomarem conhecimento da Religiaõ Christã, e das Bellas-Letras. Sem repugnancia condescendeo o Gama a esta demanda, que foi facilitando o trato, e animou ao Bramane para avançar os designios. Elle se abrio; e de hum tom insinuante encareceo o arrependimento do Çamorim sobre as desordens passadas: quanto desejava este Principe, que ellas esquecessem, e a amizade se renovasse: a sinceridade com que queria restituir os damnos da nossa Feitoria arruinada; dar satisfaçaõ da injúria, que se nos fizéra; e apromptar carga para as náos da nossa Frota, se ellas quizessem ir recebella ao porto de Calecut sem receio.

Era vulg.

O Varaõ prudente, ainda que saiba prevenir-se, ás vezes he facil em acreditar. Assim o mostrou o Almirante

Era vulg. nesta occasiaõ. Elle crêo com facilidade; mas prevenio-se deixando a Estevaõ da Gama com as melhores naos em Cochim; retendo ao Bramane em refens; ordenando a Vicente Sodré, que com alguns navios cruzasse naõ longe de Calecut; e elle com as embarcações ligeiras entrou neste porto, e pelos dous moços do Bramane, que levava comsigo, avisou ao Çamorim da sua chegada. Este Principe, que naõ o esperava taõ depressa, com idas, e vindas dos Emissarios, perguntas, e respostas ao parecer ingenuas, ganhou o tempo necessario para armar cem paráos com tanto segredo, que o Almirante o naõ soube, senaõ quando no quarto da Alva vio o porto impedido, e os seus navios todos cercados, o damno certo, a salvaçaõ contingente.

Neste perigo extremo contemplou elle, que naõ havia mais refugio, que morrer peleijando, ou fugir se podesse. Sem ordem, tudo confusaõ, já investidos pela chusma dos Mouros, e Indios, naõ houve mais acordo, que picar as amarras, soltar vélas, e remos,

mos, e entregar nos braços do destino. Deos nos soccorreo com hum vento Austral taõ rijo, que a náo do Almirante pode romper, e fazer-se ao mar. Os outros navios, que naõ tinhaõ tanta fórça de véla, ainda que a ajudavaõ com os remos, naõ podéraõ correr tanto, e hiaõ quasi abordados pela multidaõ dos inimigos. Neste aperto tivemos o soccorro de outra providencia especial, que foi apparecer Vicente Sodré com a sua Esquadra bem longe de pensar a aventura, que nos succedia. Unida com ella a náo do Almirante, voltáraõ a salvar os nossos navios quasi aprezados dos Barbaros. Elles, que se estimavaõ victoriosos, taõ de repente se lhes mudou a scena, que em hum intervallo breve sentíraõ a pena da perfidia na perda de muitas vidas, na de quantidade de Paráos deitados a pique, na da fugida vergonhosa, em que se pozéraõ os que naõ quizéraõ expôr-se ao perigo de hum fatal destino. O Almimirante se recolheo com toda a Armada a Cochim, aonde agradeceo ao Bramane o serviço, mandando-o enfor-

Era vulg.

car,

Era vulg. car, sentido dos dous moços lhe escaparem em Calecut para naõ levarem a mesma pena.

O Çamorim impaciente com o aborto dos seus designios, que naõ podia levar ao fim com a força descoberta, nem com a perfidia simulada, entrou a negociar com o Rei de Cochim a ruina dos Portuguezes. Elle lhe escreveo no exordio da carta com brandura; persuadindo-o quizesse ter a glória de primeiro instrumento, que livrasse a Asia dos monstros, que com figura de homens apparecêraõ nella; entregando-os no seu poder para delles tomar huma satisfaçaõ tamanha, como eraõ as injúrias, os despresos, a nenhuma reverencia, com que elles tratavaõ aos Soberanos do Oriente. Depois mudando de estylo, com hum tom féro, e arrogante o ameaçava, que se assim o naõ fizesse, que des de já o olhasse como hum inimigo implacavel, que a ferro, e fogo entraria pelos seus Estados, e naõ embainharia a espada em quanto naõ misturasse o seu sangue derramado com o desses infames, que pro-

protegia, com o dos Barbaros, que amparava. Era vulg.

Eſtes officios taõ iguaes á infidelidade de Calecut, quanto pouco conformes á boa fé de Cochim, impreſſaõ alguma fizéraõ no eſpirito do Rei Trimumpara. Em quanto a negociaçaõ dura, elle a occulta a D. Vaſco da Gama, para que naõ deſconfie; mas ao Çamorim reſponde: Que elle paſma, de que hum Monarca da ſua eſtatura conceba penſamentos de querer involver os outros Reis nos negros, e feios crimes da perfidia, do perjuro, em todos os homens abominaveis, quanto mais nos Soberanos: Que deſtes era hum dever indiſpenſavel guardar a fé jurada; eſtabelecêlla com firmeza, como glória, que naõ tinha comparaçaõ, quando o ſeu contrario a perfidia era o maior inimigo dos coſtumes, e inſtitutos Reaes, como nodôa eterna, que já mais ſe apagava nas Purpuras: Que além diſto, nenhum eſpirito ſublime negava a ſua protecçaõ aos homens benemeritos, das qualidades dos Portuguezes, que lha pediaõ: Que neſtes ter-

Era vulg. termos, elle naõ rompia a obſervancia das Leis Santas com que ſe ligára, ainda que arriſcaſſe os Eſtados, e perdeſſe a vida, tudo de menos valor, que a boa fé.

Quando ceſſáraõ as pretenções do Çamorim, e Vaſco da Gama eſtava a ponto de partir para o Reino, o Rei de Cochim lhe deſcobrio a negociaçaõ. Acabou elle de conhecer a fidelidade deſte Principe para comnoſco, e lhe deo as graças pelos termos mais ſignificantes: deixou na ſua terra a Alvaro Vaz, e a Lourenço Moreno com trinta homens: aſſegurou-lhe, que para o pôr a coberto dos inſultos do Çamorim, ficava ás ſuas ordens na India huma boa parte da Eſquadra Portugueza commandada por ſeu Tio Vicente Sodré, e deſpedidos com as demonſtrações mais vivas de uniaõ perpetua, o Almirante ſe fez a véla para Cananor, aonde o eſperava igual fortuna.

CA-

CAPITULO IV.

Do mais, que aconteceo a D. Vasco da Gama na India até voltar ao Reino, e os successos de Africa neste tempo.

Era vulg.

COBERTO da glória de tantos bons successos, que D. Vasco da Gama devia ao seu valor, e dexteridade, entrou no porto de Cananor, e achou o Rei preoccupado do estrondo da sua reputaçaõ. Como elle recahia sobre a amizade precedente, nós celebramos com este Principe hum Tratado muito vantajoso, que teve por preliminares: Como elle já mais faria a guerra ao Rei de Cochim: como naõ contrahiria alliança com o de Calecut contra elle: como aos vassallos do Rei de Portugal trataria com todas as delicadezas da fidelidade. Debaixo da firmeza deste contrato, D. Vasco estabeleceo em Cananor outra Feitoria como a de Cochim, e deixou por Feitor a Gonçalo Gil Barbosa com vinte homens.

Pa-

Era vulg. Para a vantagem deste Tratado nada contribuio tanto, como a victoria, que o Almirante ganhou sobre vinte e nove náos de Calecut antes de entrar no porto de Cananor. Ellas fórtemente armadas, intentáraõ cortar o caminho á nossa Esquadra, combatella, ou obrigalla a retroceder. O Almirante incapaz da segunda manobra, prompto para a primeira, destacou a Vicente Sodré com mais duas das náos menos carregadas para investir a vã-guarda dos inimigos, em quanto as outras chegavaõ. O repelaõ foi taõ violento sobre dous navios dos Mouros mais avançados, que as suas tripulações se lançáraõ ao mar para salvar-se nadando; mas os nossos seguindo-os nas lanchas, matáraõ ás lançadas mais de trezentos. Bastou este golpe para cortar os alentos de toda a Armada, que dando-nos à poppa, quiz fugir, e nós pelo pezo das náos, ainda que a seguimos, naõ a podémos embaraçar. Á vista della démos fogo aos navios rendidos para aterrar os Barbaros com o desprezo, que faziamos dos seus despojos. Com tudo, em-

em pouco espaço nos aproveitamos de alguns, entre elles da figura de hum monstro fabricado de ouro com quarenta libras de pezo, que tinha por olhos duas esmeraldas preciosas, e no peito hum Pyropo de grandeza admiravel, que parecia huma braza acceza, de mais valor este rubí do peito, que o resto da joia. Era vulg.

Depois da celebraçaõ do Tratado em Cananor, naõ houve mais demóra, que acabar de carregar algumas das náos; dar as ordens a Vicente Sodré do que havia obrar com seis, que lhe ficavaõ para proteger aos nossos alliados; e nos fizemos á vela com treze para Moçambique. Aqui se fornecêraõ ellas do necessario, e antes de montar o Cabo, huma tormenta desgarrou da conserva a náo de Estevaõ da Gama. Em quanto ellas navegavaõ, Vicente Sodré, vendo que no espaço de dous mezes os inimigos naõ se moviaõ, nem o Çamorim executava sobre Cochim as ameaças, foi cruzar nos mares de Arabia contra os Mouros confórme o regimento, que o Almirante lhe dei-

xá-

Era vulg. xára, e elle com a idéa das prezas apetecia.

Este navegou com felicidade o resto da viagem, e a 10 de Setembro, como entende Osorio, ou de Novembro, como diz Joaõ de Barros, deste anno de 1503, entrou no porto de Lisboa com doze náos, e a de Estevaõ da Gama seis dias depois. Foi o Almirante D. Vasco recebido com o estrondo de muitos canhões, com tanto prazer del Rei, que mandou grande número dos Senhores da Corte para o acompanharem ao Paço. Ao mesmo tempo chegavaõ de S. Jorge da Mina, de Flandres, e de Oraõ muitas embarcações carregadas de generos preciosos, que a Providencia mandava a Portugal para fazer feliz o Rei Filho da Ventura. O tributo do de Quiloa foi levado á sua presença com grande pompa pelo mesmo Almirante. El-Rei mandou fazer deste tributo huma Custodia preciosa para o Mosteiro de Belém, aonde quiz que ficasse como hum monumento de memoria perpetua da sua gratidaõ para com Deos, que nas Re-

giões

giões remotas lhe tinha destinado Reis para Vassallos, os seus cabedaes para os tributos. E ra vulg.

Naõ eraõ menos felices os nossos negocios em Africa. He verdade que as correrias contínuas do Rei de Fez, e da grossa guarniçaõ de Alcacer-Quivir chegavaõ até ás portas de Arzila. Aquella importante, e mais poderosa Praça da Mauritania Tingitana situada nas margens do Rio Luco, que lhe entra pelas pórtas quando enche, foi fundaçaõ de Mançor, Rei, e Pontifice de Marrocos, habitada de homens sabios, illuminada por Aulas públicas de Filosofia, enriquecida pelo Commercio de Mercadores poderosos. Os Reis de Féz conservavaõ nesta Cidade huma guarniçaõ numerosa de cavallaria, e infantaria, que a fazia respeitavel. El-Rei D. Manoel para evitar os damnos, que ella nos causava, escreveo a D. Joaõ de Menezes, Governador de Arzila, ordenando-lhe, que unido com o Conde de Tarouca, Commandante de Tangere, as vezes que podessem a atacassem, até lhe abaterem o orgulho.

D.

Era vulg. D. Joaõ com 230 cavallos, e o Conde com 200 marcháraõ a bater nas pórtas de Alcacer-Quivir. Á sua chegada, que foi sentida, o Alcaide destacou a hum dos Xeques com a maior, e melhor parte da guarniçaõ, que os nossos viraõ estar-se formando sobre o monte dos Prazeres para esperarem a nossa vinda. O Conde mandou perguntar a D. Joaõ o que lhe parecia, e elle lhe respondeo, que muito bem; porque aquillo era o mesmo, que elles vinhaõ buscando. Confórmes os animos dos nossos Chéfes, marchăraõ aos inimigos, que tambem se movèraõ cortezes para mostrarem, que naõ os queriaõ receber parados. Ao primeiro encontro elles retrocedêraõ taõ apressados, que naõ suspendêraõ a retirada, senaõ ás pórtas de Alcacer-Quivir com 200 camaradas menos. Como o Commandante da Praça, ou para animar mais os seus, ou para impedir, que os nossos naõ a entrassem embrulhados com elles, tinha mandado fechar as pórtas, os Barbaros atacados com mais força pelo seu mesmo perigo, que tinhaõ

por

por inevitavel, pozéraõ o remedio da sua salvaçaõ no esforço, e se lançáraõ aos nossos com gentileza.

Era vulg.

Foi elle taõ rapido em obrar, que derribados alguns dos Portuguezes, ferido D. Duarte, filho do Conde, e o Adail Pedro Leitaõ; os nossos se viéraõ retirando meia legua de Alcacerre já picados pelo seu Governador na tésta de 900 cavallos. Passáraõ os Chéfes a ponte, e se formáraõ esperando os Mouros. Como estes naõ se moviaõ seguimos a retirada; mas reforçado o seu campo com os soccorros, que vinhaõ chegando, e já faziaõ o número de 1300 cavallos, entaõ nos seguíraõ, e alcançáraõ junto da ponte grande, sete leguas de Arzila. Os nossos Chéfes voltáraõ caras com tanta intrepidez, que os Mouros naõ se attrevêraõ a atacar-nos; retirando-se ambas as trópas ás suas Praças respectivas. Nesta occasiaõ qualificáraõ o seu valor D. Duarte de Menezes filho do Conde de Tarouca, D. Joaõ Ladraõ, filho do Conde de Cantanhede, D. Pedro, e D. Bernardino de Almeida, filhos do Con-

Era vulg. Conde de Abrantes, e outros Fidalgos, que mostrárão bem os seus talentos naquellas Aulas de Marte.

D. João de Menezes incançavel, sem despir as armas, se quiz aproveitar da consternação dos Mouros, e forçallos no seio das suas mesmas montanhas, visinhas do rio Luco, pouco distantes de Alcacer-Quivir. Hum pérfido Alemão, que desertou pela manhã de Arzila, foi avisar aos Mouros do perigo, que aquella noite os esperava. Quando os Portuguezes chegárão tivérão o encontro de cem, que ainda não se havião prevenido; matárão 50, e captivárão o resto. Cresceo sobre nós a multidão animada pelo aviso precedente, e revestio o combate de todas as qualidades de horrendo. Como vinha chegando a cavallaria de Alcacer, foi grande o nosso perigo, e extremo o em que esteve Pedro de Sousa, Fidalgo de huma corage inimitavel, que só ao seu valor deveo a vida. Sem mais perda, que a de quatro homens, D. João de Menezes teve a glória de conduzir a Arzila a grande preza fei-

ta nas Aldêas, que naõ podéraõ aproveitar-se a tempo do aviso do Alemaõ. Era vulg.

Entrou a Rainha D. Maria no desejo de ter no Paço algumas Mouras especiosas, e para o roubo destas Helenas teve ao mesmo D. Joaõ de Menezes pelo mais desembaraçado Páris. As da Serra de Benagulfate universalmente eraõ estimadas pelas primeiras na gentileza, que sabe produzir a natureza nos lugares agrestes. Elle marcha em huma das noites, enrolada na maior escuridaõ, e tempestade, com 200 de cavallo á surdina até chegarem á raiz do monte. Como os moradores estavaõ sobmergidos no somno sem os sustos, que lhes desterrava a distancia, e fragosidade do Paiz; D. Joaõ, para naõ fazer o roubo ás escuras, mandou accender o grande número de archotes, que levava prevenidos, e ao som das trombetas, e clamores dos soldados despertou os que dormiaõ, para que aterrados do medo buscassem a salvaçaõ na fugida. Assim o fizéraõ os covardes. Dos valerosos se deixáraõ matar 80.

Era vulg. Captivamos 60 homens, e mulheres, entre ellas algumas bem ricas dos dotes com que as buſcavamos, por iſſo os objectos primeiros dos noſſos deſvélos para naõ nos eſcaparem, como objectos do deſejo da Rainha.

Antes de romper a manhã, D. Joaõ de Menezes ſe pôz em retirada, ſem haver alguem, que o ſeguiſſe. Com a primeira luz do dia foraõ apparecendo os campos cobertos de homens com ſemblante de vingar a injúria com o ſangue, de recobrar a preza a troco das vidas. D. Joaõ marchava em tal ordem, que nos planos tanta corage naõ ſe atrevia a enveſtillo. Nos lugares eſtreitos o furor ſe moſtrava derramado, e em muitos era grande o aperto dos noſſos: mas a tudo ſuperior a fortuna de D. Joaõ, elle metteo a preza em Arzila ſem perder hum homem; e nós ſuſpendemos o ruido das armas em Africa, por chamar as noſſas attenções o eſtrondo da guerra de Cochim na India movida a noſſo reſpeito pelo odio do Rei de Calecut, que naõ podia cobrillo.

Logo que o Almirante D. Vaſco da Ga-

Gama ſe partio para Portugal, o Çamorim reſolveo fazer a guerra ao Rei Trimumpara, que por noſſa cauſa ſoffreo com ſingular conſtancia muitos generos de calamidades. Como nada pôde conſeguir delle por meio das negociações, que tratou em noſſo damno; elle o achou para attrahir ao ſeu partido alguns dos Miniſtros do Rei de Cochim, que lhe propuzéſſem a entrega dos Portuguezes, que o Almirante havia deixado na ſua Corte. O Rei, ſempre fiel á ſua palavra, ſempre o meſmo nas ſuas reſoluções, repellio, tapou a bocca aos ſugeſtores com lhes dizer: Que elle eſtimava em menos a Coroa, que a honra de cumprir a palavra. Huma reſpoſta taõ preciſa, abertamente favoravel aos Portuguezes, o Çamorim a teve por hum rompimento de guerra. Principiáraõ os apreſtos em Panane, quinze leguas de Cochim, aonde poſtou hum Excercito de cincoenta mil homens. O Povo, e os principaes Officiaes de Cochim nos olhavaõ como cauſa das infelicidades, que eſperavaõ, e queriaõ deſcartar-ſe de todos os Portu-

Era vulg.

Era vulg. tuguezes; mas a vigilancia do Rei entregando-os á guarda dos Nayres, fez abortar os designios dos que principiávaõ a mostrar-se rebeldes.

Todo Calecut sugerido pelos Mouros approvava este rompimento, menos o Principe Naubeadari, Senhor da Comarca de Repelim, e futuro Successor do Çamorim. Elle teve a resoluçaõ de lhe dizer: Que a guerra contra Cochim approvada por todos, elle a tinha pela mais injusta: Que a sua origem naõ era outra, que a de haver o Rei Trimumpara dado entrada na India aos Portuguezes: Que estes a ninguem buscáraõ primeiro, que a elle Çamorim com huma Embaixada solemne, que lhe promettia interesses avultados em generos uteis, e desconhecidos pelo cambio dos que valiaõ pouco nos seus Estados: Que vindo com segunda Armada mais bem fornecida, lhes pilháraõ em Calecut a fazenda, e degolláraõ os homens; causas justas para os damnos, que elles depois fizéraõ na terra em sua defensa: Que como encontráraõ em Cochim a verdade, e aga-

agaſalho, que Calecut lhes negára, fizéraõ alli o ſeu aſſento: que em outros muitos Principes da Aſia podiaõ mui bem encontrar acolhimento ſemelhante; e que ſe a todos os que aſſim obraſſem, elle Çamorim os houveſſe de ter por contrarios, iſſo sería emprehender huma guerra geral, e eterna contra as maiores Potencias: Que neſtes termos, ainda que elle aborreceſſe aos Portuguezes, naõ quizeſſe embaraçar-ſe com os Principes ſeus Fautores; porque talvez naõ tiraſſe muito ventajoſas conſequencias.

Era vulg.

Nada ſendo baſtante para mover o animo contumaz do Çamorim; eſtando o Rei Trimumpara com muitos deſcontentes á viſta; ſentindo huma deſerçaõ continua nas ſuas trópas, ſem que nada lhe alteraſſe a conſtancia do eſpirito; neſta ſituaçaõ triſte entrava Vicente Sodré com a ſua Eſquadra em Cochim vindo da Cóſta da Arabia, aonde fez conſideraveis prezas. Eſta vinda, que fez reviver os eſpiritos languidos, os reduzio pouco depois a maior aperto; porque Vicente Sodré, ou ſe dei-

xaſ-

Era vulg. xasse occupar do temor da guerra, ou o arrastasse o amor da ganancia, com desculpas frivolas, improprias da pessoa, do cargo, da occasiaõ, nem as instancias mais persuasivas do afflicto Rei de Cochim, nem os golpes fundos de honra, que lhe descarregou o Feitor Diogo Fernandes Correa, foraõ bastantes para lhe impedir a volta aos mares da Arabia, aonde encontrou o fim tragico, que diremos em seu lugar.

Este foi o lance, emque a fidelidade de Trimumpara se qualificou de heroica para os Portuguezes, naõ querendo fazer crime da Naçaõ a culpa de hum individuo. Quando os seus Grandes o abandonavaõ; quando os soldados lhe fugiaõ; quando era a sua consternaçaõ a mais extrema; quando os mesmos Portuguezes lhe pediaõ naõ quizesse expôr-se a huma guerra fatal por seu respeito, antes lhes permitisse licença para passar a Cananor, aonde esperariaõ náos, que os conduzisse ao Reino; elle com a constancia de hum rochedo, a todos os combates resiste; mantem-se firme, e espera impavido os re-

repelões da fortuna sem mudar os primeiros propositos. Elle lhes diz com o espirito cheio de corage: Como he possivel, que huns homens taõ valentes como vós, que viveis comigo ha tanto tempo em familiaridade taõ conjunta, concebaõ pensamentos, ou de temer os inimigos, ou de duvidar da minha fé? Vós comigo haveis correr a mesma fortuna, e morramos todos no serviço do Rei D. Manoel.

Era vulg.

Immediatamente fez elle huma promoçaõ de Officiaes maiores, e nomeou para General ao recomendavel Principe Naramuhim seu sobrinho, e futuro Successor. No dia seguinte a esta nomeaçaõ marchou a postar-se com o pequeno corpo de cinco mil homens em hum dos vãos do braço de mar, que sepáraõ a Cochim de Calecut, por onde o Çamorim tinha de fazer a sua entrada. Aqui foi o primeiro avance taõ bem defendido, que os inimigos com grande perda de gente tiveraõ de abandonar a empreza; mas o Senhor de Repelim com forças novas, e muitos paráos bem armados veio a pôr tropeços

á

Era vulg. á victoria. Elle quiz forçar ao Principe Naramuhim nos ſeus meſmos entrincheiramentos; intento, que lograria, a naõ encontrar a reſiſtencia biſarra dos Nayres de Cochim, e a do Valeroſo Lourenço Moreno na frente dos Portuguezes, que o reduzíraõ a eſtado de naõ avançar mais os deſignios. A ſoberba do Çamorim naõ podia ſoportar eſtas injúrias feitas por taõ poucos homens ao ſeu Exercito numeroſo, e quizera retirallo da empreza; mas aconſelhado pelos Bramanes, e pelos Mouros, reſolveo em lugar da força, fazer uſo das induſtrias.

Naõ lhe ſendo difficultoſo corromper o Pagador Geral das trópas de Cochim; o perſuadio ſe fizeſſe doente; ſe retiraſſe áquella Corte; ordenaſſe aos ſoldados foſſem a ella cobrar os ſeus ſoldos; os detiveſſe demorando-lhes os pagamentos: que como muitos delles eſtavaõ deſcontentes deſta guerra a favor dos Portuguezes, vendo-ſe mal pagos moſtrariaõ mais o ſeu deſprazer, faltariaõ na guarniçaõ dos póſtos, por onde entraria ſem ſuſto até á Capital pa-

para acabar de satisfazer a elle Pagador a importancia de hum tal serviço. Produzio esta intriga os effeitos, que o Rei de Calecut podia desejar pela fraqueza, em que a deserçaõ deixou o campo do Principe Naramuhim. Elle a supprio com o seu valor, com o dos Naires, com o dos Portuguezes, que sustentáraõ com huma firmeza, que parecia superior á humanidade, os repelões mais desproporcionados; mas opprimidos da multidaõ, o Principe Naramuhim cahio morto, outros dous do Sangue Real perdêraõ a vida, o Exercito foi posto em derrota, e as suas reliquias se salváraõ em Cochim.

Era vulg.

Principiou este combate ao romper do dia, e acabou com a noite, que impedio aos victoriosos perseguir mais aos fugitivos. O Rei Trimumpára, occupado de huma desolaçaõ extrema, se retirou para a Ilha de Vaipan, que a mesma natureza fizéra defensavel, seguindo-o todos os Portuguezes, e poucos dos seus vassallos fiéis. Como o Çamorim entendeo, que o Rei reduzido a esta figura, a nada re-

pu-

Era vulg. pugnaria do que elle quizesse; novamente requereo a entrega dos Portuguezes com cominaçaõ da ruina universal dos seus Estados. Porém da bocca de hum Barbaro sahio, e pelos ouvidos de outro Barbaro entrou esta resposta cheia de generosidade: Que se elle pela força o havia lançado dos seus Estados, e os podia consummir, que todas as do mundo naõ eraõ bastantes para o moverem a estragar a fé, a romper a palavra. Semelhante magnanimidade capaz de fazer impressaõ sensivel em hum penhasco, atiçou no Çamorim o fogo, com que fez abrazar a Cochim, e com que intentou levar o incendio até á Ilha de Vaipan.

CA-

CAPITULO V.

Refere-se o fim tragico de Vicente Sodré, alguns successos da Europa, ate continuar com os de Cochim.

NO estado triste, que eu acabo de referir, se achava o nosso fiel amigo o Rei Trimumpara, quando Vicente Sodré navegando do Cabo de Guardafú para a Cósta da Arabia, aonde aprezou seis náos de Calecut, e de Cambaya: porque já entravaõ os ventos rijos, elle veio passar o Inverno em huma enseada junto ás Ilhas de Curia Muria. Passado algum tempo, os naturaes da terra o avisáraõ naõ se demorasse mais, por vir chegando a quadra de hum grande temporal, que costumava infestar aquellas paragens. Vicente Sodré, que teve o aviso por huma indústria dos Gentios para se retirar, elle o despréza; mas sente as consequencias na tempestade, que meteo no fundo a sua náo, e a de seu irmaõ Braz Sodré com

Era vulg.

Era vulg. com mórte lastimosa de ambas as tripulações, que podendo-se fazer gloriosas na guerra de Cochim foraõ acabar infelices nos mares de Curia Muria.

Os Capitães dos outros navios desta Esquadra, que crêraõ o referido aviso, e naõ podéraõ reduzir os dous irmãos a mudarem de sitio; depois de muitos protestos, elles se apartáraõ para outra Ilha de ancoragem segura. Com a noticia do naufragio do seu Chéfe, que acabava de receber os premios, que costuma dar a cubiça, em extrema falta de tudo o necessario para a vida, elles navegáraõ para Cochim. A Providencia os fez encontrar com as tres náos de Francisco de Albuquerque, que os soccorreo; e a mesma felicidade teve a de Antonio do Campo, que nós dissémos se desgarrára da Armada do Almirante D. Vasco da Gama, e invernando na Cósta de Melinde, agora hia para a India na mesma miseria das náos da Esquadra de Sodré. Já fica dito como neste anno mandára El-Rei a Francisco de Albuquerque para a India com tres náos, de que eraõ Capitães

tães elle, Pedro Vaz da Veiga, e Nicoláo Coelho, que fora ao primeiro descobrimento com Vasco da Gama: e a seu primo Affonso de Albuquerque com outras tres, que elle mandava, com os Capitães Fernaõ Martins de Almada, e Duarte Pacheco Pereira, primeiro pai das façanhas na India. Era vulg.

Pouco depois foraõ elles seguidos por Antonio de Saldanha tambem com tres náos, e os Capitães Ruy Lourenço Ravasco, e Diogo Fernandes Pereira; mas como o seu destino era differente, como se dirá a seu tempo, eu concluo os successos deste anno com o nascimento da Infante D. Isabel, que pelas suas raras qualidades mereceo occupar o Throno do Imperador Carlos V. com o Capitulo Geral, que El-Rei celebrou em Thomar, em que reformou os Estatutos, e disciplina da Ordem Militar de Jesus Christo: com a mórte do Papa Alexandre VI., e eleiçaõ de Pio III.: com a Missaõ, e Mestres, que foraõ mandados ao Reino de Congo para instruirem aquelles Póvos nos Elementos da Religiaõ, e

Ru-

Era vulg. 1504

Rudimentos das Sciencias; e entro no seguinte com a narraçaõ do que obráraõ os Albuquerques, a favor do Rei opprimido de Cochim, depois que Francisco de Albuquerque se unio com as náos de Vicente Sodré, e de Antonio do Campo.

Este Commandante, que sahio de Lisboa oito dias depois de Affonso de Albuquerque, primeiro que elle chegou á India; mas perdendo a náo de Pedro Vaz da Veiga, de que nunca mais houve noticia. No encontro, que fica referido, resolveo com parecer de Pedro de Ataide, que mandava as náos, que foraõ de Sodré, vir ao porto de Cochim. O tempo os levou a Cananor, aonde foraõ informados do infortunio, que soffria a nosso respeito o Rei Trimumpara. Nem instantes quizéraõ demorar-lhe o soccorro; e com as náos empavezadas, e guerreiras déraõ elles de si huma vista alegre á afflicta Ilha de Vaipan. Já as vozes públicas clamavaõ nella o restabelecimento da sua antiga felicidade: esperanças, que se confirmáraõ certezas, quando á vista dos

dos presentes magnificos, que o Rei D. Manoel mandava ao seu Alliado, ouvíraõ a Francisco de Albuquerque dizer-lhe em seu nome: Que para a restauraçaõ do seu Estado, elle lhe offerecia aquellas náos, e outras que a cada momento viriaõ dar fundo no seu porto, por haverem sahido de Lisboa primeiro que elle: Que esta offerta era confórme com as ordens, que trazia do seu Soberano, que lhe havia recommendado arriscasse tudo pelo serviço de Cochim, como se fosse o mesmo de Portugal sem a menor differença.

Era vulg.

Para que as acções se conformassem com as palavras, o Albuquerque marchou a atacar a Cidade de Cochim, que os Nayres de Calecut abandonáraõ ao primeiro avance das nossas armas. Quando fazia o mesmo a Ilha de Cheravaipil, appareceo a náo de Duarte Pacheco Pereira, que buscou a bandeira de Francisco de Albuquerque. Com admiraçaõ, e júbilo do Rei, e gentes de Cochim viaõ elles o desembaraço, com que os nossos navegando os braços

Era vulg. ços dos rios, que retalhaõ aquella terra, a penetravaõ, assolavaõ, e reduziaõ a cinzas as povoações mais vistosas do Senhor de Repelim. A cópia de dinheiro, a preciosidade dos trastes, que El-Rei D. Manoel havia mandado ao de Cochim, se antes assombrára ao Çamorim, e mais Reis visinhos, agora o que os Portuguezes obravaõ no seu serviço, os punha extacticos. O Albuquerque politico, que observava a complacencia de Trimumpara, dispôz a sua entrada pública na Corte de Cochim, aonde o metteo de posse do Reino em nome del Rei D. Manoel.

Depois continuou a guerra com maior vigor; e informado de que os inimigos tinhaõ muitos paraos bem armados, e tres mil homens de guarniçaõ em huma Ilha pertencente ao Rei de Cochim, o Albuquerque mandou por mar a Duarte Pacheco atacar os paraos, e aos Capitães Nicoláo Coelho, Antonio de Campos, e Pedro de Ataide investir a infantaria em terra. Os paraos foraõ tomados huns, alguns mettidos a pique, os mais queimados.

Des-

Destino semelhante teve a trópa de terra, que forçadas as trincheiras, foi passada á espada, e morto na sua tésta hum Principe rebelde de Cochim, que a mandava. Nós naõ nos satisfaziamos sem descarregar outro golpe pezado na mesma Ilha de Repelim, aonde o Senhor della tinha dous mil Nayres, que com ar de valor viéraõ esperar á praia o nosso desembarque. O combate foi bem de opiniaõ; mas os Nayres voltáraõ as cóstas, e vendo o Principe a rapidez, o furor com que os seguiamos, e os degollavamos, elle tratou de fugir para naõ morrer. O fogo acabou de consummir quanto na Ilha havia de especioso, a que a cobiça, e a cólera tinhaõ perdoado.

Era vulg.

Como Francisco de Albuquerque entendeo a alegria do Rei bem servido huma porta franca para entrar em maiores pretenções, valeo-se do nome del Rei D. Manoel para lhe propôr na sua terra a fabrica de huma Fortaleza, que servisse de Armazem para as mercadorias, de segurança para os Negociantes. Sem a menor dúvida se offereceo Tri-

Era vulg. mumpara para apreſtar tudo o neceſſario para a obra. Quando ſe lhe dava principio, Affonſo de Albuquerque lançava ferro em Cochim; e como creſcia o noſſo poder, huma multidaõ numeroſa ſem diſtinçaõ de qualidade, idade, nem emprego, entrou a trabalhar na Fortaleza, que fizemos chamar de Sant-Iago. Nella fundámos huma Igreja da invocaçaõ de S. Bartholomeo, aonde démos graças a Deos pelo reſtabelecimento do Rei Trimumpara: acções, em que parecia, que nós celebravamos hum triunfo dobrado, que mettia de poſſe a Roma, e Lisboa do eſpiritual, e temporal da Cidade de Cochim.

Os Albuquerques eſcolhêraõ, para próva do ſeu agradecimento aos obſequios recebidos do Rei Trimumpara, naõ ceſſarem na continuaçaõ de perſeguir com todas as forças aos ſeus inimigos. Com eſte intento paſſáraõ elles em peſſoa além da Ilha de Repelim para atacarem todos os lugares da juriſdiçaõ do ſeu Principe, que aſſoláraõ, fazendo huma grande preza nas rique-

zas

zas da terra, e de embarcações, que estavaõ nos pórtos. Aos clamores dos estragos acodio hum General na frente de seis mil Nayres, que lançando-se aos nossos occupados na pilhagem, houveraõ de retroceder para se embarcar. Aqui esteve Affonso de Albuquerque perdido, sem poder peleijar, nem retirar-se pelo muito que se havia adiantado a Francisco de Albuquerque; mas sobrevindo este, e vendo-o só, quando corria sobre elle grande multidaõ de contrarios; fazendo frente a todos, pode retirallo com honra.

Era vulg.

Ainda que nós perdemos alguns homens, já tinhamos degollado dos inimigos setecentos, quando chegavaõ 33 paráos de Calecut, e reparamos em Duarte Pacheco Pereira, Commandante da nossa reta-guarda, que cahiria entre os mórtos, se os Albuquerques o naõ soccorressem a tempo, que augmentando o estrago dos contrarios, abandonando huma parte da preza, e deixando-os fugir com ella, naõ lho arrancassem das mãos. O bravo Capitaõ, como se vio livre, os nossos batéis se-

Era vulg. guros para o embarque, quiz despedir-se de huma povoaçaõ, que lhe ficava na frente, queimando-a, passando á espada os que a defendiaõ, e voltando mais gentil, se embarcou com os companheiros. Como o Rei de Cochim mostrava grande satisfaçaõ destes progressos, e a guerra pedia mais demóra, os Albuquerques determináraõ carregar a náo de Antonio de Campos, que mandáraõ adiante para informar a El-Rei da perda de Vicente Sodré, das vantagens de Cochim, e elle fez a jornada com felicidade taõ differente da primeira, que a desafeis de Julho deste anno entrou em Lisboa.

Quando em Cochim se trabalhava com difficuldade em apprestar as cargas para as outras náos, que haviaõ voltár ao Reino, a Rainha de Coulaõ a mandou offerecer, e com consentimento do Rei de Cochim, Affonso de Albuquerque partio a carregar as da sua conserva, e voltou para a mesma Cidade satisfeito das grandes honras, com que fora recebido em Coulaõ. Este acolhimento favoravel, que os nossos

fos hiaõ experimentando nos Principes do Oriente, fez no Çamorim tanta impressaõ, que entrou em ponderações sérias. Elle se considerou em estado de naõ poder sustentar a guerra, em que os Mouros o embaraçáraõ; advertio os seus Estados meio arruinados; que se arriscava a perdellos, se aos Portuguezes crescesse o poder, e determinou mandar Embaixadores a Francisco de Albuquerque com propostas de paz, que naõ cessava de lhe sugerir o Principe Naubeadarim.

Era vulg.

O Albuquerque acceitou a paz com estas condições: Que se suspenderiaõ as hostilidades por mar, e terra, e se abriría o Commercio entre as duas Nações: que a fazenda tomada na occasiaõ da mórte de Ayres Correa sería comutada na quantia de mil e quinhentos bahares de pimenta, que se nos entregariaõ na Cidade de Cananor: Que aos Mouros Commerciantes em Calecut por nenhum caso lhes sería permitido navegar para as cóstas da Arabia: que esta paz sería commua entre Portugal, Cochim, e Calecut. Concluida des-

Era vulg. deste modo a paz, Francisco de Albuquerque mandou a Duarte Pacheco a Cananor para receber a pimenta, que naõ só lhe foi entregue; mas se lhe offereceo carga para duas náos, que o mesmo Duarte Pacheco, e Nicoláo Coelho voltáraõ para a receber de ordem do Çamorim. Succedeo porém, que quando elle satisfazia ponctual as condições da paz, a cobiça dos nossos Capitães lhe désse motivos, que o mesmo Principe Naubeadarim nosso inclinado naõ pode deixar de ter por justos para hum novo rompimento.

Hum navio mercante de Calecut navegava para Cranganor, e o encontra Diogo Fernandes Correa, que pelo proprio arbitrio o ataca, degolla a gente, e o leva a Cochim para se approveitar da sua importante carga. Naubeadarim para que este attentado naõ fosse causa da rotura, insta, persuade, róga a Francisco de Albuquerque pela restituiçaõ do navio; mas ás suas persuações todos os nossos ouvidos ensurdecêraõ. O Çamorim clamava como era possivel, que aquelles homens, que tan-

tantos satisfações tinhaõ tomado pelo que na sua Corte se fizéra a Ayres Correa; elles agora no meio da paz commettessem o mesmo crime, de que se faziaõ Juizes? Esta, e outras reflexões, a elle, e ao Principe os mette em cólera; rompem-se as idéas pacificas; naõ soa em Calecut mais que guerra, e contra Cochim, e os Portuguezes se redobraõ os aprestos. Era vulg.

O afflicto Trimumpara, sobre o qual tinha de descarregar de novo a tempestade; elle representa aos Albuquerques, quanto a segunda situaçaõ, que espera, será mais infeliz que a primeira; se partindo para o Reino com todas as náos, que tinhaõ promptas, o deixassem indefenso com a falta dos nossos soccorros. A esta representaçaõ Francisco de Albuquerque naõ satisfez como devêra, e era obrigado a hum Rei amigo taõ fiel, que por nossa causa tinha chegado ao extremo das calamidades. Elle o contentou com metter cincoenta homens de guarniçaõ na Fortaleza de Sant-Iago; com lhe deixar hum navio commandado por Duar-

te

Era vulg. te Pacheco Pereira, e duas caravellas; de que eraõ Capitães Pedro Rafael, e Diogo Pires; tres homens, que efcolheo a Providencia para fuftentarem a noffa reputaçaõ na Afia com acções, que parecem fabulas, taõ incriveis como elles.

Difpoftas eftas coufas, Affonfo de Albuquerque partio para Portugal, aonde chegou no fim defte anno com as tripulações das náos em muito máo eftado; mas cada huma dellas com hum thefouro. Francifco de Albuquerque, que fahio de Cochim mais tarde com as fuas trez náos, elle, e Nicoláo Coelho fe perdéraõ, fem fe faber como, nem aonde, por naõ efcapar quem o contaffe. Pedro de Ataide foi dar a cófta; falvou-fe com parte da gente nos deftroços da náo; foi-fe a Moçambique, aonde morreo, e os marinheiros paffáraõ para Melinde a efperar monçaõ. Efte naufragio, e genero de mórte de Francifco de Albuquerque fe fizéraõ objectos das contemplações, naõ havendo alguma, que deixaffe de os attribuir a hum caftigo vindo do Ceo

pe-

pelo desamparo, em que elle deixava hum alliado da primeira fidelidade, qual era Trimumpara, Rei de Cochim.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Das expedições de Antonio de Saldanha no mar de Arabia, outros successos na Europa, e Africa, até a renovaçaõ da guerra de Cochim.

NÓS deixamos dito no Capitulo passado, que Antonio de Saldanha sahíra de Lisboa depois dos Albuquerques com tres náos, e os Capitães Rodrigo Lourenço Ravasco, e Diogo Fernandes Pereira. O seu destino era cruzar do Cabo de Guardafu até á bocca do Estreito do mar Roxo. Na altura de Cabo-Verde se desgarrou logo da conserva a náo de Diogo Fernandes, que depois de fazer algumas prezas na cósta de Melinde, foi invernar á Ilha de Çacotorá, até entaõ incognita aos Europeos, donde passou á In-

Era vulg. India em tempo do Governador Lopo Soares de Alvarenga. Antonio de Saldanha, por ignorancia do seu Piloto, foi dar á Ilha de S. Thomé situada debaixo do Equador, com sessenta leguas de circunferencia: Ilha ainda hoje de Portugal, por ter sido descobrimento dos Portuguezes. Á pouca distancia della, segunda tormenta apartou ao Capitaõ Ravasco da companhia de Antonio de Saldanha, que cuidando ter passado o Cabo, por erro do mesmo Piloto, antes delle foi fazer agua a hum sitio, que des de entaõ ficou chamado a *Aguada de Saldanha.*

O Capitaõ Ravasco, que se adiantou, vinte dias esperou ao seu Chéfe em Quiloa; mas vendo que naõ chegava, andou dous mezes pairando nos mares da Ilha de Zanzibar, aonde tomou vinte embarcaçóes ao Senhor della, que era nosso amigo. O estrondo destes insultos, que soáraõ por todas aquellas Cóstas até as da China, fez tanta impressaõ no Principe injuriado sem causa, que mandou dizer a Ravas-

vasco: Que elle se admirava, de que hum Capitaõ Portuguez assim violasse as Leis Santas, e depois de o roubar no mar, fizesse movimentos, que indicavaõ querer investillo na sua Ilha. Huma resposta, naõ só áspera, mas injuriosa, e louca, forçou o miseravel Principe a armar alguns paráos, que entregou a seu filho para o defender. O Ravasco fez fogo sobre elles, metteo-os a pique, matou ao Principe, e seu Pai naõ tendo outro refugio, que o de se sobmetter ás leis do vencedor; elle se fez tributario de Portugal com a quantia de cem miticaes de ouro cada anno, pagando logo o primeiro.

Era vulg.

De Zanzibar partio Ravasco para Melinde nossa alliada, que achou em guerra com Mombaça. Elle a foi reforçar á vista desta Cidade, aonde tomou duas náos, e tres barcos da Cidade de Brava, cem leguas além de Melinde, que para evitar insultos semelhantes aos de Zanzibar, ajustou pagar-nos cada anno 500 miticaes. Occupado nestas façanhas encontrou Anto-

Era vulg. tonio de Saldanha ao Ravaſco. Elle vinha reforçado com tres náos, que aprezára: viſta, que atemoriſou ao Rei de Mombaça; porque ſe á de Ravaſco ſó nada reſiſtia, agora unida com mais quatro, ficaría deſpotica; e para naõ ſe expôr a maiores eſtragos, fez a paz com Melinde. Os dous Commandantes deſembaraçados deſta guerra, fazendo prezas da altura da Cidade de Mete além do Cabo de Guardafú, pelas Ilhas de Canacania, e Angediva, navegáraõ para a India.

Em quanto nella ſuccediaõ eſtas couſas, E-Rei D. Manoel ſentia em Portugal a perda de duas vidas, que lhe eraõ amaveis. A primeira foi a de ſeu ſobrinho o Condeſtavel D. Affonſo na flôr dos annos: Principe benemerito, que do ſeu matrimonio com D. Joanna, filha do primeiro Marquez de Villa Real, deixou unica a D. Brites, que veio a ſer mulher de ſeu primo D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, e filho herdeiro de D. Fernando, ſegundo Marquez de Villa Real. A ſegunda foi a de ſua Sogra a

Rai-

Rainha Catholica D. Isabel, muitas vezes recommendavel ao nosso Soberano, seja pela contemplar huma das Heroinas mais completas das idades precedentes; seja pela gratidaõ de tantos beneficios recebidos no estado de Principe particular, ou seja pelas relações do parentesco pessoal, e pelas de Mãi de duas Rainhas suas esposas. Esta mórte houve de se callar á Rainha D. Maria, que estava nos dias do parto da Infante D. Brites, que veio a ser mulher de Carlos, Duque de Saboia. Tambem neste anno padeceo Portugal o flagello de hum grande terremoto, a que se seguíraõ outros muitos, que produzíraõ effeitos, que em eu dizer foraõ em tudo semelhantes aos que nós experimentámos no primeiro dia de Novembro de 1755, faço delles a narraçaõ mais bem circunstanciada.

Era vulg.

Os nossos Fronteiros de Africa naõ tinhaõ ociosas as armas, e com acções de estrondo naõ contribuiaõ menos á glória do Rei, que as da India á utilidade do Reino. Haviaõ os Mouros apre-

Era vulg. aprezado quatro caravellas noſſas, e levado ao porto de Larache, que he huma Villa fórte, ſituada ſobre as margens de hum rio fundo, cinco leguas diſtante de Arzila. O bravo D. Joaõ de Menezes naõ teve corage para ſoffrer callado eſta injúria, e de todo perdeo a paciencia, quando vio paſſar encoſtadas á ſua Praça huma galé Real, e cinco galeotas de Almandarim, Alcaide de Tetuaõ, que foraõ ſurgir em Larache. Mandou elle chamar a Garcia de Mélo, que com outras tres galés cruzava no Eſtreito; fez armar a toda a preſſa mais tres caravellas, e unido com aquelle Commandante, foraõ ſobre Larache no dia 24 de Julho.

Tinha a Praça de Larache na entrada do porto huma Fortaleza igualmente bem artelhada, e bem guarnecida, que principiou a deſparar ſobre as noſſas caravellas; mas em quanto huma coberta de ſaccos de terra recebia as ballas, as mais, e as galés foraõ paſſando, e deſembarcáraõ a gente em terra. Rendida a Fortaleza, è aberto

to

ſo o paſſo pelo meio de muitos Mouros mórtos ao noſſo ferro, nós démos fogo á galé Real, queimamos tres das Portuguezas pelas naõ podermos tirar do lugar aonde eſtavaõ; com a outra, com as tres galeotas, e dous brigantins, ſem mais perda, que a de hum ſoldado, D. Joaõ de Menezes ſahio do rio com duas glórias, huma pelo triunfo, outra pela preza. Deſpedindo a Garcia de Mélo com as tres galeotas para os lugares do ſeu regimento, elle que viéra de Arzila com tres embarcações, entrou no ſeu porto com onze. Os Mouros ſe aſſombrárаõ com façanha taõ fóra da ordem mais que vulgar; e alguns dos noſſos a notavaõ de temeridade; mas eſtes prudentes eſtimariaõ bem ſer os authores della.

Era vulg.

A ſua noticia encheo de tanto prazer ao Rei D. Manoel, como de conſternaçaõ aos Barbaros, que entrárаõ a recear houveſſe na Mauritania lugar ſeguro ás invasões de hum Chéfe taõ attrevido. Elle, mais animado com os altos elogios, e grandes mercês do ſeu Soberano, determinou empenhar-ſe em

em-

Era vulg. emprezas de igual, ou maior reputaçaõ. Soube elle, que na ſerra de Farrobo, que fica cinco leguas além de Arzila, aonde eſtaõ duas Aldeas ricas, que ſaõ banhadas das aguas de hum rio invadeavel no Inverno; os Mouros fiados neſta ſegurança, paſtavaõ os ſeus gados entregues aos entretenimentos, para que convida a eſtaçaõ. Concebe D. Joaõ de Menezes o deſignio de dar ſobre elles, e com ſegredo profundo mandou nos quartos interiores de ſua caſa fabricar duas barcas. Acabadas ellas, eſpera huma das noites mais tenebroſas; ſahe da Praça com duzentos e vinte de cavallo; as barcas carregadas ſobre duas azemulas, e já longe della declara aos companheiros: Que elle vai caſtigar a confiança dos Aldeanos de Archana, e Aljubilia: que ſe entre elles ha alguns, que naõ queiraõ expôr-ſe a eſte perigo, ſe retirem; que elle marchará com eſſes poucos, que naõ temerem perder as vidas, aonde morrer o ſeu Chéfe. A eſta ordem ninguem retrocedeo; ſem contradicçaõ todos os eſpiritos a ſeguir os paſſos do

Va-

Varaõ heroico, que guardava na sua sabedoria, e valor os estimulos mais fórtes para picar com suavidade a obediencia, estimular a corage, fazer a todos valentes.

Era vulg.

Chegáraõ os nossos ao rio, que com as chuvas da noite corria mais rápido: circunstancia, que obrigou D. Joaõ mandar a hum criado nadasse com a ponta de huma córda na bocca para a atar na margem opposta, e por ella se governarem os que conduzissem as barcas. Nellas passáraõ com o maior silencio os homens, e os cavallos, que foraõ emboscar-se na visinhança das Aldeias. Com a luz do dia principiáraõ a apparecer os montes coroados de innumeraveis gados; os Mouros em grande cópia, huns guardando-os, outros divertindo-se, bem ignorantes do laço, que a nossa industria lhes tinha armado. Quando a D. Joaõ lhe pareceo tempo, dividida a sua gente em pequenos córpos, ataca aos desprevenidos; degola a muitos; captiva sessenta; derrama o terror nas Aldeias, e mais Póvos visinhos; conduz á margem

Era vulg. do rio todo o gado, que o fez passar nadando, e os cavallos; os mais nas barcas, sem que os Mouros cobrassem calor para se lhe opporem; e quando em Arzilla reputavaõ a todos perdidos, viraõ entrar pelas suas pórtas o mesmo número de Portuguezes, bastantes captivos, gados sem número.

Quando estas cousas succediaõ em Africa, o espirito do Rei de Cochim estava rodeado de angustias com o temor das grandes forças, que o Çamorim aprestava contra elle antes da partida dos Albuquerques; com o sentimento do desamparo, em que estes o deixáraõ; com a dôr, de que os seus melhores vassallos se lhe rebellavaõ; com o susto, de que se dizia, que até Duarte Pacheco Pereira, pouco antes chegado de Cananor, e os poucos Portuguezes, que estavaõ em Cochim ás suas ordens, cuidavaõ no modo de se pôr em cobro para naõ serem victimas do furor do Çamorim. Estas idéas funebres capazes de fazer perder a presença aos espiritos mais sublimes, de tal sórte tocáraõ ao Rei Trimumpara, que

que elle teve por hum desafogo necessario explicar-se fórte com Duarte Pacheco, sem se embaraçar muito com o decóro da sua Naçaõ, e pessoa. Eu fecharei este Capitulo com a falla do Rei, e resposta de Duarte Pacheco, para referir no seguinte os succesos da guerra.

Era vulg.

O Rei de Cochim chamando ao semblante todo o pezo da Magestade, todo o ar de afflicto, assim falla áquelle Portuguez heroico, que parecia naõ conhecer outros sentimentos além dos da honra: Eu necessito saber os vossos designios; vós haveis pôr-me patentes os vossos mais occultos pensamentos. Quanto eu tenho obrado pelos Portuguezes, quem o ignora? Agora naõ lembro as minhas finezas; reconheço os seus obsequios; naõ faço memoria dos meus estragos a seu respeito; só pretendo saber, se tambem vós zombais de mim. Se tendes de me desamparar, fazei-o já, ainda que eu o sinta. Se me haveis acompanhar nos trabalhos futuros, declarai-mo, para que me confórte. Se os Albuquerques vos

Era vulg. deixáraõ aqui em meu ſoccorro, ou para tratares os negocios do Rei D. Manoel, dizei-o abertamente, que eu tenho coraçaõ igual para agradecer o favor, e tolerar a injúria. Eu devo dispôr-me para eſte ſoffrimento: porque como hei de eu crêr, que aquelles Capitães queriaõ a minha firmeza no Throno, ſe tendo ás ſuas ordens tantas náos, tantos homens, tantas armas, deixáraõ em Cochim tres barcas, hum punhado de gente, tantas armas quantos braços? Pelo que a vós vos toca, dizei-me ſe em me vendo afflicto, tendes de vos refugiar em Coulaõ, ou Cananor? Pelo Deos, que adoras, te conjuro, que falles, digas, me reſpondas o que em ti ſentes com verdade.

Duarte Pacheco Pereira lutando com a cólera, e o reſpeito, eſte que lhe movia a Mageſtade, aquella que ſe atiçava na dúvida da ſua boa fé, aſſim lhe reſponde cheio de ſegurança: Eu, Senhor, naõ vos ſou reſponſavel ás maneiras de ſe conduzir, que os Albuquerques uſáraõ a voſſo reſpeito, ſegundo vós entendeis. Elles me deixá-

raõ

raõ aqui unicamente para defender-vos, e presumíraõ, que eu com esses poucos homens, que tenho ás minhas ordens, bastava para deitar hum freio á soberba do Rei de Calecut. Nós somos huma gente, que naõ contamos as victorias pelo número dos soldados com que combatemos; mas pela confiança nos auxilios do Deos Verdadeiro, que adoramos. Juro-vos por este Deos, e por Jesu Christo seu Filho, que me remio, como em observancia da minha fidelidade para comvosco, primeiro morrerei, do que hum instante me aparte do vosso lado. Estai, Senhor, de bom animo; fazei-vos participante da nossa esperança; crêde á nossa imitaçaõ nos esforços do Numen Supremo; que eu tenho nelle confiança, de que vós na vossa defensa vereis em cada Portuguez hum leaõ, e sereis testemunha, de que nós levamos maniatado para Portugal a este Rei de Calecut vosso inexoravel inimigo.

Era vulg.

O tom firme com que se explicou Duarte Pacheco deixou satisfeito ao Rei Trimumpara, que animado pelas

es-

Era vulg. eſperanças, moſtrou-lhe revivêra o eſpirito. Como hum dos ſeus males maiores era a deſerçaõ dos Officiaes, e ſoldados, que ſe lançavaõ no partido de Calecut; Duarte Pacheco lhe aconſelhou mandaſſe publicar hum bando com pena de mórte irremiſſivel contra os ſeus vaſſallos de qualquer eſtado, e condiçaõ, que ſahiſſem das terras de Cochim. Como o Rei o fez Inſpector de expediente taõ importante; elle naõ ceſſava de perſuadir aos ſeus vaſſallos a enormidade da trahiçaõ, de poſtar guardas fiéis em todas as paſſagens, e elle meſmo em peſſoa guardava os rios, por onde os tranſitos eraõ mais faceis: terror, que por entaõ refreou os eſpiritos rebeldes para ſe moſtrarem promptos a ſervir com fidelidade o ſeu Monarca.

CA-

CAPITULO VII.

Trata-se da segunda guerra de Calecut contra Cochim, e das façanhas memoraveis de Duarte Pacheco Pereira dignas de memoria eterna.

EU entro na narraçaõ das heroicas façanhas do grande Duarte Pacheco Pereira, merecedoras dos bronzes immortaes: façanhas, que se nas idades em que succedêraõ naõ tivessem tantas testemunhas da maior excepçaõ, e naõ viessem correndo até ás nossas, apoiadas sobre huma tradiçaõ constante, que se firma na authoridade dos Historiadores mais eminentes, dignos de toda a fé; nós as lêramos como huma Novella, como a historia dos doze Pares de França; como as aventuras dos Cavalleiros andantes: façanhas, que por sublimes, o escrupuloso Rei D. Manoel as honrou, naõ só recebendo em Portugal ao seu author com huma procissaõ solemne, em que o levou ao seu lado; mas mandando dar

Era vulg.

Era vulg. dar parte dellas pelos ſeus Miniſtros ao Papa, a todos os Principes da Europa, para que ſoubeſſem, que elle era Rei de tal vaſſallo: façanhas, que pozérão extactico a todo o Oriente; que enchêrão de eſtrondo o Univerſo, e que coroárão de reputação brilhante o nome Luſitano: façanhas em fim; mas de hum Portuguez, que participante da glória dos Varões famoſos, quando os ſeus ſimulacros occupavão os melhores aſſentos no Templo da Honra, o Original delles perſeguido de invejoſos, perdida a graça do meſmo Principe, que o honrára; morando annos nos carceres; paſſando o reſto da vida em ſumma pobreza, ultimamente o Heróe, o Terror da Aſia, Duarte Pacheco Pereira veio a morrer em hum Hoſpital coberto de miſerias, comido dos bixos antes de morto, em fim, ſepultado por eſmóla.

Foi eſte homem natural da Villa de Santarém, filho de João Pacheco, e de D. Iſabel Pereira, que era filha de Martim Gonçalves Pereira, Senhor da Bemposta, Panoyas, e Caſtro Vicen-

cente. Logo na mocidade deo indicios do espirito sublime, que nunca o desamparou. Com o grande Albuquerque passou á India por Capitaõ de huma náo, como fica dito, e nella obrou as gentilezas, que já vamos a vêr. Voltando para o Reino na Armada de Lopo Soares, o Rei que lhe deo o lado debaixo do Pallio, continuou a honrallo, e em 1509 o mandou atacar ao famoso corsario Mondragon, que a 16 de Janeiro encontrou no Cabo de Finis-Terræ, e o fez prisioneiro com tres náos depois de lhe meter huma a pique. Elle o nomeou Governador do Castello de S. Jorge da Mina, que foi a origem da sua infelicidade pela calúmnia dos seus inimigos, que o culpáraõ de omisso na arrecadaçaõ da Fazenda Real, e de escandalosamente avarento em promover os interesses da sua. Elle foi casado com D. Antonia de Albuquerque, filha de Jorge Garcez, Secretario del Rei D. Manoel, e de D. Isabel de Albuquerque, filha de Duarte Galvaõ, Alcaide Mór de Leiria. Teve filhos a Joaõ Fernandes Pacheco, Commendador

Era vulg.

Era vulg. dor do Banho; a Jeronymo Pacheco, que morreo em hum combate de Tangere, e a D. Maria de Albuquerque, que casou com Joaõ da Silva, Alcaide Mór, e Commendador de Soure.

Este he Duarte Pacheco Pereira, que nós vamos a vêr na tésta de 150 Portuguezes, em que dividio o seu espirito, fazer frente ao maior Potentado da India; vencêllo em continuadas batalhas; derrotar Exercitos numerosos; sobmergir Armadas formidaveis; abismar máquinas monstruosas: salvar a hum Rei afflicto, e fazer immortal o nome Portuguez na Asia. Nós o deixámos entretido em impedir a deserçaõ dos vassallos de Cochim, e querendo animar mais ao seu Rei, como o espirito se lhe nauseava com a tardança do de Calecut; elle começou a fazer entradas pelas terras de Repelim, a queimar povoações, a metter outras em contribuiçaõ para o Çamorim com este estrondo despertar do seu lethargo. Elle se deo por picado desta ousadia, e com hum exercito de cincoenta mil homens, grande quantidade de navios, que

que cobriaõ os mares, veio resoluto á forçar os passos para entrar em Cochim. Tendo por perigoso fazer a entrada pelos da primeira invasaõ, buscou o da Ilha de Cambalaõ, mais ao Oriente de Cochim, que era de hum vassallo rebelde deste Rei.

Era vulg.

Duarte Pacheco com este aviso se poz prompto para marchar a defendello. Nomeou para Capitaõ da sua náo com 25 homens a Diogo Pereira: guarneceo a caravella de Pedro Rafael com 26 homens: em quanto a outra caravella se concertava, levou dous batéis, hum em que elle hia com 22 soldados, no outro Diogo Pires com 23. Deixou a Fortaleza a cargo do Capitaõ Diogo Fernandes Correa com 39 homens. Com este apparatoso Exercito de 71 Portuguezes se apresentou na praia o nosso Chéfe para se despedir do Rei Trimumpara, que o esperava nella, e á sua vista tornou a perder a corage. Duarte Pacheco o anima, e assegura, que os seus soldados como marchavaõ para a guerra tendo feito os actos de Christãos na expiaçaõ das cul-

Era vulg. culpas; que elle leva huma certeza constante da victoria. O Rei, que naõ tinha mais de cinco mil homens, entregou 500 ás nossas ordens, mandados pelos Capitães Candagora, e Trangora, que com elles embarcáraõ na nossa caravella, batéis, e navios da terra.

Chegados á Ilha de Cambalaõ, ao romper o dia emproámos em terra para nos instruirmos do que nella se passava. Ainda que o Rei de Calecut naõ era chegado, 800 dos seus Nayres intentáraõ impedir-nos o desembarque; mas fulminados pela artelharia, pozemos pé em terra; seguimo-los, e matamos alguns até huma povoaçaõ visinha, que abrazámos. Aqui tomámos muitas vaccas, que o Chéfe distribuio pelos soldados com grande sentimento dos Nayres de Cochim, que se queixáraõ, tomando por desprezo da sua Seita, que os nossos matassem, e comessem a carne das vaccas; mas os nossos sem fazerem caso das representações, continuáraõ a usar da iguaria. Depressa perdêraõ os Nayres este senti-

ti-

timento, quando viraõ chegar o Çamorim acompanhado do Rei de Tanor com 40000 homens; do de Bipur com 12000; do de Cotagom com 18000; e do de Curiga com 30000, aos quaes escoltava o Rei de Calecut no centro de 200000 dos seus soldados. Redobrou-se o seu terror, quando voltando cáras ao mar descobríraõ 160 navios de remo, em que entravaõ 76 paráos: espectaculo horroroso em mar, e terra, que fez decahir todos os espiritos, que naõ eraõ Portuguezes. Doze mil combatentes trazia esta Armada, e a nós haviaõ-nos chegado outros 500 Nayres de Cochim com Lourenço Moreno, e quatro espingardeiros nossos.

Era vulg.

Duarte Pacheco com gróssas cadeias de ferro mandou dar cabo de humas a outras embarcações, de sórte que ficassem muito bem liadas, tomando toda a bocca do porto. O Principe Naubeadarim, que mandava a Armada, rompeo a toda a voga para nos atacar ao estrondo de muitos instrumentos bellicos, que bastou para pôr em fugida

Era vulg. da a todos os de Cochim, que tinhamos em terra, e os embarcados comnosco fariaõ o mesmo se podessem. Duarte Pacheco recebeo os inimigos com hum diluvio de fogo, que desbaratou os primeiros paraos. Entaõ avançáraõ elles 40, que traziaõ de jangada por conselho de dous bombardeiros Italianos nossos desertores, e com alguma artelharia, que nos incommodava. Tanto que o fumo deo lugar a vêrmos esta invectiva, o Chése mandou desparar sobre ella hum grosso canhaõ com exito taõ feliz, que desfez a jangada, derrotou, e metteo a fundo quatro paráos.

Havia muitas horas, que durava o combate, em que nós, sem a perda de huma só vida, tinhamos matado 1Ꝏ300 contrarios, arruinado muitas das suas embarcações, e com as forças lassas os nossos espiritos se conservavaõ taõ inteiros, que nos arrojamos a mais intoleraveis trabalhos. Picados das suas perdas, ou envergonhados da resistencia de poucos homens a tanto poder, se avançaõ ao mesmo tempo con-

contra nós o Çamorim pelo paſſo da terra, e o Senhor de Repelim com a Eſquadra. Neſte lance muitas vezes nos vimos perdidos, o combate horrendo, os ſoccorros do Ceo quaſi viſiveis. O rio corria ſangue, naõ ſe ouviaõ mais que gemidos dos agoniſantes, ais dos feridos, os Portuguezes tanto mais bravos, que a Armada foge, e o Rei de Calecut ſe retira. Faz-ſe incrivel, que em huma batalha de tantas horas, rodeados de tantos perigos, chovendo ás ballas, e armas de arremeço ſobre os noſſos, naõ morreſſe hum ſó delles. Aſſim o dizem todos, e nós o cremos; porque elles mereceriaõ ter quem lhes fizeſſe do alto ſombra ás cabeças neſte dia da guerra.

Era vulg.

Os Capitães de Cochim, que naõ podiaõ capacitar-ſe da victoria conſeguida ſobre multidaõ ſemelhante, eſtavaõ paſmados, olhando para cada Portuguez como para hum dos pedaços dos ſeus Deoles. O Rei Trimumpára mandou pelo Principe ſucceſſor congratular-ſe com Duarte Pacheco, pondo-lhe na bocca palavras, que ſó in-

Era vulg. indicassem a sua alegria isseparavel da sua admiraçaõ. Aquelle Cabo, menos attento a receber cumprimentos, que a mostrar-se incançavel por crédito da Naçaõ, e da pessoa; no dia seguinte ao do triunfo, saltou na Ilha de Cambalaõ, e queimou hum Povo: no outro foi esperar a caravella, que vinha concertada de Cochim, e a entregou a Diogo Pires, dando o seu batel a Christovaõ Jusarte; e em quanto o Çamorim naõ tornava a deixar-se vêr, elle com summa celeridade, e prudente conselho, naõ cessava nas hostilidades sobre tudo, quanto naquelles contornos podia ser de proveito *aos contrarios.*

Aquelle Principe, agora injuriado mais colérico, quizéra naõ demorar instantes o cástigo dos nossos attrevimentos: mas aconselhado pelos Bramanes, que se suspendesse alguns dias, até que elles lhe marcassem hum, em que a sua victoria, e o nosso estrago seriaõ infalliveis, elle abraçou o conselho. Era este dia o da Pascoa, que elles reputavaõ pelo da nossa mais rema-

matada ſuperſtiçaõ, e nelle ſe deſcobrio nova Armada de Calecut mais formidavel, compoſta de 280 embarcações entre grandes, e pequenas, com muitos tiros de artelharia fundida pelos dous deſertores Italianos, e 15☉000 homens de guarniçaõ. Com a idéa de nos repartir as forças, que naõ ſoffriaõ diviſaõ, ſe deſtacáraõ 70 paráos para irem inveſtir a náo, que nós deixámos de guarda de Cochim, e no rio de Repelim entrou o reſto da Armada. O Rei Trimumpara conſternado com eſta invaſaõ, deo parte a Duarte Pacheco, que tambem ſe affligio pelo perigo, em que deixava o paſſo, ſe lhe tiraſſe alguma parte da defenſa. Era vulg:

Mas o ſeu animo a tudo ſuperior, naõ teve ſoffrimento para deixar de ir com huma caravella, e huma lancha em ſoccorro da náo, que achou em grande aperto. Baſtou a ſua viſta para os inimigos ſe porem em fugida, e buſcarem o groſſo da Armada em Repelim. O noſſo Chéfe naõ os quiz ſeguir, naõ entrou na náo, e com a meſma préſſa voltou ao paſſo de Cam-

Era vulg. balaõ, aonde o combate estava ardente, os nossos quasi sem corage, algumas das barcas desbaratadas até ao lume da agua, os inimigos insultando-nos com vozes de affronta. Recobráraõ-se os espiritos com a chegada do que era alma de todos, que lançando-se com o impeto do raio aos que já se acclamavaõ vencedores, muitos perdem as vidas, todos desampáraõ o campo, ardem, e vaõ ao fundo dezanove paráos. Divina chamáraõ os nossos a esta victoria pelos soccorros do dia, em que sentiaõ as ballas, e outras armas dar-lhe os golpes nos córpos, aonde faziaõ menos impressaõ, que na resistencia de huma penha, sem que tirassem a vida, ou maltratassem a algum delles.

Já o Çamorim desconfiava da guerra; mas a perda da reputaçaõ o estimulou a tentar outro combate. Ao romper do dia nós vimos, que os Exercitos de mar, e terra se moviaõ; e o nosso Chéfe, que os observava, deo ordem para estar tudo em socego em quanto a sua voz naõ fosse ouvida. Os ini-

inimigos que eſtavaõ quaſi a tiro de lança, e nos notavaõ immoveis, entendêraõ a indúſtria covardia, acclamáraõ a victoria, e ſe lançáraõ a nós com coragé deſmedida. Entaõ mandou o Chéfe, que todas as noſſas embarcaçõès déſſem huma carga geral para mar, é terra com tal terror, e mortandade, que a Armada virou de bórdo, e o Exercito ſuſpendeo o avance. Mal obſervadas as ordens, o Çamorim mettido em furor, elle ſe queixa da frouxidaõ, com que o Senhor de Repelim conduz a Armada, e ordena ao Princípe Naubeadarim lhe tire o Commandamento, e remedeie os erros. Os Portuguezes o recebem com a meſma cortezia, e obrando milagres de valor, o põé em fugida com 600 homens, e vinte paráos de menos. O Çamorim deſeſperado de naõ poder forçar o paſſo, mandou tirar a artelharia de hum fórte, que fizéra para ſua defenſa, levalla ao acampamento; mas Duarte Pacheco livre deſte padraſto, perſeguindo-o, e fazendo fogo, ſaltou em terra, aonde queimou dous grandes

Era vulg.

Era vulg. lugares, e já ſobre a tarde voltou ao váo para ſe congratular com os amigos de victoria taõ prodigioſa, ainda viſta, nem para imaginada.

Como eſtas vantagens hiaõ mudando a face dos noſſos negocios, os principaes rebeldes de Cochim, que eſtavaõ no ſerviço de Calecut, ſe retiravaõ para as Ilhas neutraes, donde podeſſem negociar o perdaõ do ſeu Soberano. De tudo o Çamorim fazia preſagios funeſtos da ſua ruina, para o que naõ negava o concurſo o Principe Naubeadarim; mas as inſtancias dos Mouros, e de outros intereſſados na guerra, lhe repreſentáraõ a perda da reputaçaõ taõ feia, que o Çamorim ſe determina a vencer, ou morrer na empreza. Em novos conſelhos ſe deliberou, que viſta a difficuldade de forçar o paſſo de Cambalaõ, o Rei poſtaſſe o exercito nas terras de Porcá, e com todo o ſegredo, que Duarte Pacheco o naõ preveniſſe, ſe fizeſſe a invaſaõ mais a cima nos váos de Palurt, e Palinhar, que eraõ baixos, nas margens com muito lodo, aonde as noſſas embarca-

ca-

cações naõ teriaõ o movimento necessario para fazerem a defensa vigorosa. Os exitos deste novo projecto seráõ a materia do Capitulo seguinte.

Era vulg.

CAPITULO VIII.

Continuaçaõ das victorias prodigiosas de Duarte Pacheco Pereira.

A VARIEDADE dos theatros da guerra naõ faz mudança no espirito do Varaõ fórte. Duarte Pacheco, percebendo nos movimentos do Rei de Calecut, que elle intentava invadir a Cochim por outra parte, se preparou para o seguir. Avisado de que o campo levantava; mas que 500 homens de Calecut andavaõ na Ilha de Darravil cortando, e queimando arvores: manobra, que aquelles Barbaros tinhaõ por presagio de victoria infallivel; Duarte Pacheco foi sobre elles com a sua gente, e 200 Nayres de Cochim, divididos em dous Esquadrões mandados por elle, e pelo Capitaõ Pedro Rafael. Nós os ata-

Era vulg. atacamos com tanta viveza, que naõ obstante a mais dura resistencia, matarmos a maior parte, e fizemos 50 prisioneiros, que enviamos ao Rei de Cochim. Com este bom principio nos levamos do passo de Cambalaõ, e fomos acima meia legua ao de Palurt, donde naõ podiaõ passar as caravellas em razaõ dos baixos. Aqui as deixamos com o signal do tempo, em que nos haviaõ soccorrer nas lanchas, e com os batéis ligeiros fomos lançar ferro no váo de Palinhar.

O dia destinado para o ataque de ambos os passos era o primeiro de Maio, em que apparecêraõ os inimigos, que nos achároõ reforçados com 600 homens, que mandava o Principe de Cochim. O de Calecut Naubeadarim fazia a vã-guarda com quinze mil homens para invadir hum dos passos, e o de Repelim navegava com 250 embarcações para forçar o de Palurt, que defendiaõ as caravellas. O nosso Chéfe, vendo todo este apparato ao longe, fazendo as disposições do mais aguerrido Capitaõ para o receber, enten-

tendeo devia fallar assim aos seus soldados: Valentes camaradas, companheiros fieis nos perigos, nós somos chegados a hum dia dos de maior trabalho; mas o mais formoso se vós conservardes constante o vosso valor. Eu sei, que fallo com homens, que nada temem; naõ vos anímo; mas lembro-vos, que em quanto durar o combate fixeis no Ceo os corações, para que do alto vos venhaõ os auxilios. Todos respondem a huma voz, que estaõ promptos a dar as vidas pela causa do seu Deos, que defendem; que toda a glória des de já seja sua, elles os instrumentos.

Era vulg.

Com a presença do Sol começa horrendo o combate; perturba-se o ar com o fumo, outra vez parece noite; a terra treme ao estrondo de innumeraveis canhões, ella como que se assusta. Os nossos Capitães em hum, e em outro váo, já atacando a Armada, já o Exercito, a todo o trabalho incançaveis, se fazem objectos da invéja universal de amigos, e contrarios. Despedaçados os primeiros paráos, o Senhor

de

Era vulg. de Repelim os ſubſtitue com outros de refreſco, que em tal multidaõ naõ ſe ſente falta. Continúa eſpantoſa a batalha ſem indicios da parte, a que ſe inclinará a victoria; taõ viſinhos huns, e outros contrários, que já laboraõ as armas de arremeço, as lanças, e as ſéttas. Como o Çamorim eſtava vendo de terra eſte combate, o ſeu General ſe naõ embaraçava com a grande mortandade da ſua gente, ſatisfeito por nos vêr no maior aperto. Era elle extremo neſte paſſo de Palurt, quando o Capitaõ Candagora aviſa ao noſſo Chéfe, como Naubeadarim ſe arrojava com a ſua gente a paſſar o váo de Palinhar. Como ainda a maré o defendia, Duarte Pacheco ſe deteve mais hum pouco na defenſa de Palurt, até mudar a face ao conflicto.

Quando lhe pareceo tempo, elle marcha veloz a Palinhar, e faz ao Principe com tanto poder, huma reſiſtencia taõ fóra de toda a ordem vulgar, que Naubeadarim aſſenta, que em ſemelhante empenho vencer, ou morrer naõ tem meio. Eſta idéa converteo o com-

combate em deſeſperaçaõ; mas nadando os cadaveres no rio; elle tinto em ſangue; a Eſquadra já em derrota, e recebendo o Principe hum recado do Çamorim, que lhe mandava dizer furioſo, que naõ ſabia qual era mais covarde, ſe elle, ou o Senhor de Repelim: tanta injúria junta apenas lhe deixou acordo para a fugida. A perda dos inimigos em gente, e navios foi mui conſideravel, e nós a troco de poucos feridos ganhamos huma glorioſa victoria. Como o Ceo parece que ſoccorria ao noſſo esforço, e á felicidade das armas de Cochim, mandou ſobre o campo de Calecut huma peſtilencia, que o diminuio mais que a guerra. Duarte Pacheco ſe approveitou deſta conjuntura para reparar as ſuas embarcações, fornecer-ſe de armas, fazer levas, e reforçar as paliçadas, que defendiaõ a entrada dos váos. Elle mandou ſemear de eſtrepes, de pontas agudas, de páos toſtados a meſma entrada; mas como o lodo era muito molle os levou ao fundo, e foraõ poucas as vantagens, que tiramos deſta induſtria.

Era vulg.

O

Era vulg. O Çamorim, porque todos os recursos lhe faltavaõ, consultou os seus Bramanes, que lhe indicáraõ os motivos da infelicidade das armas; e conformando-se com quantas patranhas elles lhe quizeraõ introduzir, estimou a observancia dellas por huma certeza constante dos seus triunfos imaginarios. Elle deo novas ordens para passar o váo em pessoa, e fez marchar na tésta do Exercito com cáras a Palinhar 30000 homens com 30 peças, que haviaõ fulminar os nossos bateis. Cobria depois a vã-guarda composta de 12000 homens o Principe Naubeadarim: O Senhor de Repelim commandava o corpo de batalha, que se formava de igual número de gente: O Çamorim marchava na reta-guarda com 15000 homens. Nós nos haviamos defender com os dous bateis de Pacheco, e Jusarte, que guarneciaõ 40 Portuguezes; com algumas das lanchas de Cochim, e na paliçada opposta ao váo com 600 dos seus Nayres, que naõ estando presente o proprio Principe, a abandonáraõ no principio do ataque, e hum Bramane

ne infiel, que foi encarregado de ir avisar ao Rei Trimumpara, para que viesse acodir a hum porto de tanta importancia, elle o naõ fez senaõ depois da victoria.

Era vulg.

Plantado este grande Exercito no rosto do váo de Palinhar, mandou o Rei que laborasse a artelharia para desalojar a Duarte Pacheco do seu posto; mas o successo foi tanto pelo contrario, que o seu fogo mais bem servido obrigou os 30000 artilheiros a salvarem as vidas em hum bosque espesso. Entaõ se avançou Naubeadarim ao váo; seguio-o o de Repelim, e o Rei de Calecut na reta-guarda de ambos. Como a maré descia muito, e o batel de Pacheco naõ podia mover-se com a agilidade necessaria, elle passou para o de Jusarte, e lhe entregou o seu. A presença do Rei, e dos dous Chéfes animou os de Calecut para combaterem como féras; mas porque se lançavaõ furiosos a ganhar a margem opposta do váo, cahiaõ huns sobre os outros, e se uniaõ muito, o nosso fogo fazia nelles hum estrago espantoso.

Já

Era vulg. Já os alaridos, e o temor naõ deixavaõ ouvir as ordens do Rei para a observancia. Duarte Pacheco, que pelas insignias Reaes o conheceo, mandou desparar sobre elle hum canhaõ, que depois de lhe matar dous Nayres seus validos, a balla lhe cahio aos pés. Este anuncio taõ opposto ao agouro feliz dos seus Bramanes, o obrigou a retirar-se, e deixar aos seus Capitães o cuidado da empreza.

Este successo metteo tanto em cólera a Naubeadarim, e a Repelim, que com a espada na maõ forçavaõ a avançar-se os que se retiravaõ, para que zombando da mortandade, que viaõ, chegassem a forçar as paliçadas da contramargem. Em fim a obstinaçaõ, e a teima com despreso dos perigos, conseguíraõ que os Barbaros pozessem pé em terra para se avançarem ás paliçadas, que os Nayres de Cochim desampararaõ. Todos os Portuguezes aqui se tiveraõ por perdidos, e Duarte Pacheco naõ pode conter-se, sem que a vozes altas com lágrimas ternas implorasse muitas vezes o soccorro do Redem-

demptor. Para naõ faltar até a ultima extremidade a cumprimento algum dos seus deveres, elle emprôa a terra, e se lança aos inimigos com a furia do leaõ, quando lhe vai escapando a preza. A este tempo entra a sobir a maré com rapidez; recobraõ animo os nossos; pódem navegar livremente os bateis, e já unido Pacheco com Jusarte, vaõ levando os inimigos em derrota, a tempo que Pedro Rafael fazia fogo para terra sobre o Rei de Calecut, que ficou salpicado do sangue de tres Fidalgos, que ao seu lado lhe matou huma balla: Incidente, que obrigando-o a fugir para hum bosque, acabou de declarar a nosso favor a victoria.

Era vulg.

Mais de nove horas durou este temeroso conflicto, em que o Rei de Calecut perdeo gente dobrada ao dos outros. Deos, para mostrar, que elle era o Author dos triunfos, naõ quiz que morresse algum dos nossos, e Duarte Pacheco com os Portuguezes, que assim o conheciaõ, leváraõ boa parte da noite em lhe dar graças. No fim da batalha appareceo no passo o Princi-

Era vulg. cipe de Cochim ignorante de todo o succeſſo. Duarte Pacheco picado da fugida dos Nayres, e da perfidia do Bramane, naõ quizéra vello; mas o Principe ſe juſtificou de modo, que elle ſe moſtrou ſatisfeito, e foi para bórdo das caravéllas no paſſo de Palurt, aonde veio o Rei de Cochim occupado de novos aſſombros a reconhecello por libertador do ſeu Reino.

Sentido o Senhor de Repelim, de que todos os esforços empregados contra os Portuguezes foſſem inuteis, naõ duvidou arbitrar expedientes infames para a ſua deſtruiçaõ. Elle aconſelhou ao Çamorim compraſſe alguns dos homens mais rebeldes de Cochim, que deitaſſem veneno nas fontes, e no paõ de municaõ, que ſe lhes dava, e donde bebiaõ. Foi informado Duarte Pacheco da execuçaõ deſte projecto, que atalhou, mandando abrir poços na praia, e naõ conſentindo ſe acceitaſſe o paõ, ſem que á ſua viſta os Aſſentiſtas o comeſſem primeiro. Como naõ aproveitou a traça, tornou-ſe á força; mas em quanto o Çamorim fazia os maio-

maiores apreſtos para uſar della, em caſtigo da primeira o ſeu Reino era infeſtado de huma peſte devorante, que levou muitas vidas. O eſtrondo daquelles apreſtos baſtaria para perturbar outro animo, que naõ foſſe o de Duarte Pacheco, que ſem a menor perturbaçaõ de eſpirito foi cuidando nos meios de fazer huma vigoroſa defenſa.

Era vulg.

Quando chegou o tempo premeditado para a invaſaõ, que havia pôr termo aos cinco mezes deſta taõ deſigual, quanto porfiada guerra; foi deſtinado hum grande número de homens, que mandava Repelim, para aplainarem os caminhos, cortarem os arvoredos, e levantarem trincheiras de diſtancia, donde podeſſe laborar a ſua artelharia, ſem receber da noſſa tanto damno. Depois marchava o Rei na frente de trinta mil homens coberta com muitas peças de campanha. No mar ſe levantáraõ novas, e exquiſitas máquinas por induſtria de Repelim, e dos Mouros. Precediaõ-lhes 110 paráos bem guarnecidos, alguns delles ligados com groſſas cadeias: na ſua retaguar-

Era vulg. guarda vinhaõ cem barcas mui compridas com tripulaçaõ numerosa : aos lados muitos brulotes carregados de materias combustiveis , traziaõ o destino de se lançarem ardendo sobre as nossas embarcações : em cima de dezasseis paráos liados cada dous , appareciaõ levantados oito castellos , que os tomavaõ de poppa a prôa, com 18 palmos de alto , firmados em grossas vigas capazes de resistir ás ballas , e guarnecidos da melhor gente : máquinas , em que o Çamorim trazia fundada toda a esperança de vencer ; porque ao fogo de 40 homens de cada hum destes castellos eminente ao nosso, *lhe* pareceo , que nada poderia *resistir*.

Duarte Pacheco , que de tudo estava informado , mandou fazer huma grande jangada , que firmou sobre seis ancoras , para deter o impulso dos brulotes antes de chegarem ás caravellas , e alli se consumirem , como com effeito succedeo sem damno nosso. Ordenou nas amuradas das mesmas caravellas outra máquina do feitio , e altura dos castellos , e sobre o palanque de cada

cada huma dellas pôz a gente, que lhe pareceo necessaria para a defensa. Elle, e os mais Capitães nos seus bateis respectivos, e nos seus os soldados de Cochim, se pozérão firmes a esperar esta invasão tão decantada. O Rei de Calecut ao apontar o dia rompeo por terra a marcha, que nos indicárão os instrumentos bellicos, e a vozeria dos Barbaros, que já vinhão entoando o triunfo. O nosso Chéfe se resolveo a esperar a vã-guarda na ponta da Ilha de Darraul, aonde saltou, e teve huma disputada escaramuça. Picou-se aquelle Soberano deste atrevimento, e fez avançar o grosso dos esquadrões, que obrigou os Portuguezes a embarcarem.

Era vulg.

Com a descida da maré todo o apparato naval se moveo contra elles. Os brulotes já accesos foi o primeiro horroso espectaculo, que vinha cahindo sobre as nossas caravellas; mas encontrando-se com o padrasto da jangada, em pouco tempo se reduzio a fumo tanto fogo. Começou logo geral o conflicto com terror dos homens, e

Era vulg. dos Elementos. Os castellos, que levavaõ as attenções, e conseguiaõ ventagens conhecidas, chamáraõ o nosso Chéfe a bórdo das caravellas para mandar desparar contra elles a artelharia mais grossa. Vendo, que as ballas naõ lhe faziaõ impressaõ, o anímo se lhe perturba, naõ o perde, antes levantando as mãos, e os olhos ao Ceo com viva fé, diz a altas vozes: Grande Deos das misericordias, sei que saõ grandes os meus crimes; eu mereço delles o castigo; mas vós, Senhor, guardai-o para outra occasiaõ, e soccorrei-me nesta, em que arrisco a vida pela glória do vosso Nome.

Que esta oraçaõ fosse *ouvida*, os effeitos o mostráraõ. Como se ella imprimisse nas ballas nova força, despedaçaõ dous castellos, os mais se retiraõ, vaõ muitos paráos ao fundo, tinge-se de purpura o rio, os inimigos nos jogaõ de longe armas de arremeço sem numero, os nossos naõ perdem tiro. Quando em Palurt logravaõ os nossos estas vantagens, o Çamorim com o Exercito de terra investia o vao de

Pa-

Palinhar para lhe ganhar a margem opposta, que o Principe de Cochim estava determinado a defender valeroso com mil dos seus soldados escolhidos. Elle de terra, e nos bateis os Capitães Christovaõ Jusarte, Simaõ de Andrade, e nas lanchas de Cochim Lourenço Moreno, defendêraõ com tanta gentileza o passo, que ao Çamorim renováraõ a confusaõ, e a perda, que ambas foraõ como elle nunca experimentára. Depois de vespera encheo a maré, e ficando impracticaveis os váos, os Exercitos de mar, e terra se retiráraõ confusos, os nossos foraõ celebrar a sua victoria na companhia do Rei Trimumpara, que os esperava com muitos refrescos para alivio de tantas horas de fadiga.

Era vulg.

Foi este encontro o fim da guerra de Calecut, em que Duarte Pacheco cumprio exactamente quanto promettêra ao Rei de Cochim, menos a prisaõ do Çamorim, de que o bravo Chéfe dizia que escapára, por andar sempre na reta-guarda do Exercito. Ainda que os Mouros, e os Bramanes o insta-

Era vulg. tavaõ pela continuaçaõ da guerra, e fez alguns movimentos ſobre os Portuguezes, que aſſim o davaõ a entender: elle eſtava taõ coberto de pejo, e confuſaõ, que quantos movimentos ſe lhe agitavaõ, eraõ em tudo differentes. Qual foſſe a reſoluçaõ deſte Principe, depois que conſiderou eſgotadas as ſuas rendas; interrupto o Commercio com as Nações, diminuidos os ſeus vaſſallos, huns pelas deſerções, outros á ponta da eſpada; as ſuas melhores Cidades deſpovoadas; os campos ſem cultura; a corage dos Portuguezes, e a felicidade contínua das ſuas armas; nós a veremos no principio do Livro ſeguinte.

LIVRO XXXVI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da Armada que El-Rei D. Manoel mandou eſte anno á India, e do mais que ſuccedeo depois da derrota do Çamorim de Calecut.

EM quanto durava a guerra, que acabei de referir, El-Rei D. Manoel, informado pelo Almirante D. Vaſco da Gama do Eſtado da India, aonde deviamos ſuſtentar a reputaçaõ das armas, e o credito da Naçaõ com maiores forças, ordenou mandar a ella huma Armada de treze náos todas grandes, com mil e duzentos homens da gente mais qualificada, luzida, e valeroſa do Reino. Para ſeu Commandante nomeou a Lopo Soares de Alvarenga, filho do Chanceller Mór, Rui Go-

Era vulg.

Era vulg. Gomes de Alvarenga, e por Capitães das náos a Leonel Coutinho, a Pedro de Mendoça, a Lopo Mendes de Vasconcellos, a Manoel Teles Barreto, a Pedro Affonso de Aguiar, a Affonso Lopes da Costa, a Filippe de Castro, a Tristaõ da Silva, a Vasco da Silveira, a Vasco de Carvalho, a Lopo de Abreo, e a Pedro Diniz de Setuval.

Navegava esta Armada para a India, quando nella a voz geral da fama com éccos differentes, se enchia os seus ambitos de hum applauso respeitoso para com Duarte Pacheco, Capitaõ de cem Portuguezes, occupava os confins da Asia em rumores humiliantes para com o Çamorim, Rei poderoso de Calecut, Chéfe de Exercitos formidaveis. Esta estranheza de vozes, que cahiaõ sobre o Capitaõ vencedor, e o Rei vencido, tanta impressaõ fizéraõ no segundo, que envergonhado de apparecer no Throno, abdicou o Reino a favor do Principe Nauheadarim, e se escondeo em hum Mosteiro, que em Calecut chamaõ Turcol, para passar nelle em tranquil-

li-

lidade o resto dos seus dias no serviço dos Deoses. Vivia ainda a Rainha viuva mãi do Çamorim, dominada de hum genio feroz, e altivo, que ou fosse por naõ lhe ser toleravel esta resoluçaõ de seu filho, ou porque era mais vehemente a paixaõ de naõ arriscar a authoridade com este retiro, que o desejo de lhe inspirar alentos heroicos, ella lhe escreve neste estilo:

Era vulg.

Que dirá o mundo do vosso espirito covarde, quando vos vê perder a esperança de vos vingares dos vossos inimigos? Quanto mais honrosas vos saõ milhares de mórtes na campanha, que a retirada infame para esse Turcol? Ninguem ha em Calecut, que deixe de conhecer a vossa hypocrisia por hum effeito da fraqueza. Quem ignora, que essa especie de religiaõ naõ he piedade, senaõ hum argumento do temor? Que indignidade para hum Rei! Ora pesai-a com circunspecçaõ; e lembrando-vos que Monarcas vencidos passáraõ a ser vencedores; abandonai esse Turcol; vinde re-

Era vulg. renovar a guerra, ou para triunfar com glória, ou para morrer com honra.

Naõ pode o Çamorim resistir a estas persuasões maternaes, e veio para a sua Corte com animo de renovar a guerra; mas como todos os seus Alliados haviaõ feito a paz com Trimumpara, e com Duarte Pacheco: elle, mais sensivel a hum tal movimento naõ previsto, tornou a buscar o seu Turcol para adormecer nos braços da ociosidade. Porém os Mouros sempre vigilantes para o nosso damno, com a occasiaõ desta guerra, e para sublevarem contra nós aos moradores de Coulaõ, publicáraõ que o Çamorim *nos* vencèra, e derrotára as nossas embarcações. Duarte Pacheco foi logo com a presença dissipar estes rumores; fez dar ás nossas náos as cargas, que lhes retinhaõ; cruzou os mares da India, aonde a sua reputaçaõ soava com tanto estrondo nos ouvidos dos Principes, e dos Pyratas, que os vassallos de huns, e a audacia dos outros se desviavaõ do seu encontro.

Succediaõ estas acções no mez de Se-

Setembro, quando Lopo Soares chegava á India com a ſua Armada. Elle ſe encontrou em Melinde com ſeis Portuguezes do naufragio de Pedro de *Ataide*, que em Moçambique deixára memorias da declaraçaõ de guerra do Çamorim, e com ellas Lopo Soares já vinha bem inſtruido. Dos Portuguezes ſoube elle a perda de Vicente Sodré, de Franciſco de Albuquerque, e em Angediva ſe encontrou com Antonio de Saldanha, que com os ſeus navios lhe reforçou a Armada, e entráraõ de conſerva em Cananor. Neſta Cidade vieraõ a fallar-lhe hum Moço Portuguez, e hum Mouro, mandados por Cogebigui com cartas dos Portuguezes preſos em Calecut do tempo de Pedro Alvares Cabral, e mórte de Ayres Correa. Elles lhe faziaõ ſaber a derrota, que o Çamorim tivera na guerra de Cochim; que os ſeus Alliados o tinhaõ deſamparado; que os principaes da Corte os inſtavaõ, para que lhe eſcreveſſem inſinuando as boas diſpoſiçóes daquelle Principe para a paz; que o tempo era o mais proprio; nem el-

Era vulg.

Era vulg. elle o perdesse em metter maõ a esta grande obra.

Quiz Lopo Soares despedir o Mouro com a resposta, e reter o Moço Portuguez; mas elle com huma fé bem igual á do Romano Regulo, o repugnou constante, dizendo: Que se ficasse em Cananor contra a palavra, que dera de voltar para a prisaõ de Calecut, sería elle a causa da mórte, que podiaõ dar aos seus camaradas; que elle queria ir, ou a poupar-lhes as vidas, ou a morrer com elles. Com estas noticias partio Lopo Soares para Calecut, aonde já reinava o Principe Naubeadarim, que herdou do tio o odio contra Trimumpara; mas porque naõ pode conseguir a restituiçaõ dos dous Fundidores Italianos, que nos desertáraõ, e sobre que haviaõ insistido os seus predecessores; sem mais consideraçaõ a respeito da vida dos Portuguezes prisioneiros, e do nosso amigo fiel Cogebigui, assolou a Cidade com huma innundaçaõ de fogo, e partio para Cochim, donde despedio humas náos a devaçar aquelles mares, outras a rece-

ce-

ceber em Coulaõ as cargas, que tinha feito apromptar a actividade de Duarte Pacheco, que chegou com as ſuas carregadas a receber de Lopo Soares as congratulações correſpondentes aos ſeus altos merecimentos.

Era vulg.

O novo Rei de Calecut tinha feito huma alliança com o de Cranganor contra Cochim, que intentou atacar com 15 navios, e 80 paráos ao meſmo tempo que o Çamorim com grande Exercito o inveſtiſſe por terra. Eſtava a invaſaõ deſtinada para quando as noſſas náos ſe dividiſſem; mas Lopo Soares informado dos deſignios, ordenou que a Armada ſe retiraſſe de Cochim; que o Principe deſte Eſtado com 800 homens defendeſſe o váo de Poliporto; e que elle com os Capitães Triſtaõ da Silva, Antonio de Saldanha, Pedro Affonſo de Aguiar, Affonſo da Coſta, e Vaſco de Carvalho em quinze brigantins, e vinte e cinco paráos com mil Portuguezes, e outros tantos homens de Cochim foſſem inopinadamente a Cangranor dar ſobre a Armada, que mandava com ſeus filhos o vale-

Era vulg. lerofo Maimames. Nós encontramos efte Chéfe muito bem prevenido, e com tanto valor, que fuftentou por algumas horas com muito vigor o combate; mas morto elle, e os dous filhos, a derrota foi geral, efcapando de o acompanharem na fórte os que foubêraõ valer-fe da fugida.

A Armada vencedora voltou as prôas ao váo de Poliporto, aonde defembarcou a gente, que fe unio á do Principe de Cochim a tempo, que Naubeadarim com o feu Exercito fe avançava a forçallo. Aqui fuftentamos huma das batalhas mais bem difputadas, em que obrou milagres o valor. Sendo intoleravel ao Rei de Calecut vêr a mortandade dos feus vaffallos, fe retirou accelerado, entrando por huma porta, e fahindo pela outra de Cranganor, que ficou em noffo poder para a reduzirmos a hum monte de cinzas depois de faqueada. O mefmo fizemos ao refto da fua Armada, e quando eftava o incendio mais vivo, muitos Chriftãos dos antigos de S. Thomé vieraõ pedirnos refervaffemos as fuas cafas, como fi-

fizemos, pondo fogo só ás dos Judeos, e Gentios da terra.

Era vulg. 1505

Com estes successos se acabou o anno de 1504, e entrou o seguinte com os aprestos de huma Armada respeitavel para a India, com as disposições de huma Embaixada solemne para Roma, com huma ameaça terrivel sobre nós de Campson, Soldaõ do Egypto. A Armada, de que logo fallaremos, commandada pelo grande D. Francisco de Almeida, e que havia levar náos para voltarem com carga ao Reino, e para ficárem na India promovendo o nosso estabelecimento; ella se compunha de vinte, e duas vélas; doze, que haviaõ voltar, de que eraõ Capitães além do primeiro Commandante, Ruy Freire, Fernaõ Soares, Vasco Gomes de Abreu, Sebastiaõ de Sousa, Pedro Ferreira Fogaça, Joaõ da Nova, Antaõ Gonçalvez, Diogo Correa, Lopo de Deos, e Joaõ Serraõ. As que haviaõ ficar na India, hiaõ ás ordens de D. Fernando Deça, do Castelhano Bermum Dias, de Lopo Sanches, de Gonçalo de Paiva, de

Lu-

Era vulg. Lucas da Fonſeca, de Lopo Chanoca, de Joaõ Homem, de Gonçalo Vaz de Boes, e de Antaõ Vaz, que haviaõ ſer ſeguidos por Pedro de Anaya com mais cinco, encarregado de fazer a Fortaleza de Çofala. Embarcáraõ neſta Armada, além da muita gente de mar, mil e quinhentos homens, huma grande parte da Nobreza do Reino, que havia animar a importancia das emprezas.

Para a Embaixada de Roma foi nomeado o Biſpo do Porto D. Diogo de Souſa, e com elle o Doutor Diogo Pacheco, que da parte del Rei hiaõ cumprimentar ao Papa Julio II. ſobre a ſua exaltaçaõ ao Solio Pontificio; pedir-lhe para os Reis de Portugal a confirmaçaõ do Meſtrado das Ordens Militares, e hum Breve de Indultos a favor daquelles, que contribuiſſem para as deſpezas, que ſe faziaõ nos lugares de Africa. Em quanto ás ameaças do Soldaõ do Egypto, he neceſſario que lhes vamos a buſcar a origem na ſua fonte.

O Rei de Calecut, que tinha perdi-

dido as esperanças de arruinar aos Portuguezes com as forças proprias, excogitou arbitrios para o lograr com as alheias. Com este designio mandou ao Soldaõ huma Embaixada, em que lhe representava o estado triste, a que havia chegado a religiaõ dos seus Maiores com huns superticiosos vindos de novo á Asia, que a deprimiaõ: que se elle naõ tomasse á sua conta destruir estes piratas chamados Portuguezes, nem o mesmo sepulchro do seu Profeta estaria livre dos seus attrevimentos: que elles queriaõ dar leis a todo o Oriente, e fazer-se senhores das suas riquezas: que todas as forças de Calecut estavaõ promptas para se unirem ás do Egypto, e degolarem de hum golpe esta hydra, antes que se lhe multiplicassem mais cabeças. Foraõ ajudados estes officios pelos do Rei de Adem, que com a vaidade de descendente de Mafoma, ao mesmo tempo fazia contra os Portuguezes representações semelhantes na Corte de Campson. A ambos estes Principes formavaõ corpo de reserva os invejosos

Era vulg.

Ve-

Era vulg. Venezianos, que naõ ſatisfeitos com abater o noſſo credito na preſença dos Indios, que vinhaõ á Europa, e dentro na meſma Cidade de Lisboa, agora mandáraõ hum Embaixador á do Cairo para negociarem com Campſon a noſſa expulſaõ da India, que lhes era taõ vantajoſa.

Ainda que o Soldaõ ſe achaſſe em eſtado de fazer frente a outros inimigos mais para temer, do que entaõ eraõ os Portuguezes na Aſia; antes de tomar o partido das armas, elle tentou o da negociaçaõ. Entre os Religioſos Franciſcanos de Jeruſalem, eſcolheo a Fr. Mauro, que ſe diſtinguia em virtudes, e talentos, e o mandou por ſeu Emiſſario ao Papa Julio II. com cartas ornadas de titulos taõ pomposos, quanto era vaidoſa a ſua arrogancia. Elle repreſentava ao Chéfe da Igreja a hoſpitalidade, e boa fé com que os Chriſtãos eraõ tratados nos ſeus Eſtados, e a reverencia que permitia ſe rendeſſe nelles ao Sepulchro de Jeſus Chriſto; mas que elle mudaria de condiçaõ, abyſmando todos os Templos;

per-

perſeguindo ſem excepçaõ aos Catho- Era vulg.
licos; invadindo-os meſmo nas coſtas da Europa, ſe elle naõ interpozeſſe os ſeus bons officios para os Reis D. Fernando de Caſtella, e D. Manoel de Portugal ſe moderarem nos inſultos. Para cauſarem maior impreſſaõ as ameaças, elle lhe expunha com individuaçaõ, quanto D. Fernando acabava de obrar com os Mouros de Andaluſia, e de Granada; quanto eraõ deſcomedidos os Capitães de D. Manoel na Aſia, aonde atacavaõ todos os navios, que paſſavaõ do Egypto para a Arabia, como deſpoticos nos mares; roubando os peregrinos, que hiaõ de romaria a Meca, e defraudando-o na arrecadaçaõ da ſua Real fazenda.

O Papa penetrado da perſeguiçaõ, que podia ſobrevir á Chriſtandade, inſtou a Fr. Mauro para vir a Portugal, e Caſtella com cartas ſuas perſuadir aos dous Reis, e exhortallos para ſe abſterem das hoſtilidades contra os Infieis. Eſtas noticias mandadas pelo Pontifice foraõ humas das mais agradaveis, que o Rei D. Manoel recebeo em ſua

Era vulg. vida. Elle teceo em reſpoſta aos Breves Apoſtolicos hum diſcurſo longo, e eloquente para deſabuſar o Papa, que continha em compendio: Que elle quando mandou deſcobrir a India, naõ fora com os intentos de deſpojar os Barbaros das ſuas riquezas; mas de fazer conhecidas as verdades do Evangelho ſobre as ruinas do Alcoraõ: Que eſtes ſentimentos foraõ ſempre os de ſeu amavel ſogro o Rei Catholico, como elle exporía a Sua Santidade, e naõ ſería facil mudallo delles: Que lhe parecia ſer eſta a conjuntura de ſe effeituar a Cruzada, que intentára o ſeu predeceſſor Alexandre VI. para os Principes Chriſtãos arrancarem por huma vez da face do mundo o eſcandalo da Caſa de Meca: Que as ameaças do Soldaõ deviaõ deſpreſar-ſe pela certeza, de que importavaõ mais os tributos, que lhe pagavaõ os Chriſtãos, que os intereſſes da protecçaõ aos Principes do Oriente. Com eſta reſpoſta partio Fr. Mauro para Roma, donde o Papa, com as que teve por convenientes, o deſpedio para Africa.

Quan-

Quando estas cousas aconteciaõ, já Lopo Soares, e Duarte Pacheco, tendo carregadas as suas náos, dado as saudosas despedidas ao Rei de Cochim, e deixado no seu porto a Manoel Telles Barreto com quatro navios para a sua defensa, elles navegavaõ para o Reino. Porque no caminho lhe ficava o lugar de Panane, que era de Calecut, aonde estavaõ tomando carga 17 náos grossas de Mouros; Lopo Soares com os seus Capitães entrou o porto nos bateis, e ferrando cada qual a sua náo, a rendeo, pondo fogo a todas com despreso das suas muitas riquezas. Seguindo a viagem, chegáraõ felizmente a Lisboa, aonde foraõ recebidos com grande applauso do Rei, e do Povo, sendo entaõ o objecto das primeiras honras, e da admiraçaõ de todas as vistas o aclamado Heroe Duarte Pacheco Pereira, que o mesmo Rei, e os mesmos homens víraõ depois por hum esforço da calumnia chegar carregado de cadeias de S. Jorge da Mina, morar annos nos carceres perecendo de fome, e reconhecido innocente,

Era vulg.

S ii pas-

Era vulg. paſſar a vida em extrema pobreza, atè a ir acabar em hum Hoſpital com ſumma miſeria.

Neſte anno ſe publicáraõ várias Leis reſpectivas á Economia do Reino, eſpecialmente ſobre as acquiſições dos Hoſpitaes, e mais córpos de Maõ mórta; mandando El-Rei ſe fizeſſem Tombos dos ſeus rendimentos. Como as caſas dos particulares naõ ſubſiſtem taõ longo tempo, como aquelles córpos: prevenio-ſe, que elles naõ ſe approveitaſſem da neceſſidade dos outros, comprando na occaſiaõ do aperto dos donos as propriedades de raiz, que ſaõ a firmeza das caſas, que ſuſtentaõ aos particulares para ſervirem a Pátria com honra. Concluio-ſe eſte anno com a fundaçaõ da Fortaleza no Cabo de Guer á cuſta de Joaõ Lopes de Siqueira, que naõ podendo ſuſtentar a guarniçaõ, a largou a El-Rei, que o fez Governador della, pagando-lhe todas as deſpezas: com a peſte, que principiou a graſſar em Lisboa: com a gentileza de Franciſco Pereira Peſtana, que mandando-o D. Joaõ de Menezes correr a

ter-

terra de Arzila na testa de 70 cavallos, depois de derrotar mais de 200 dos Mouros, entrou na Praça escoltando huma grande preza, com que principiou a fazer célebre o seu nome.

Era vulg.

CAPITULO II.

Trata-se da sedição de Lisboa, e das primeiras acções na India do Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

1506

COM semblante melancolico entrou em Portugal o anno de 1506, alternando Deos as venturas, e as desgraças, para o homem naõ se exaltar sobre a terra. Lavrava a peste com grandes estragos em Lisboa, Santarém, e outras terras, que obrigáraõ a Corte a retirar-se para a Villa de Abrantes, aonde a Rainha deo á luz ao Infante D. Luiz. Quando se padecia esta calamidade, os moradores de Lisboa se deixáraõ apoderar do furor, e da demencia. Succedeo na Igreja do Convento de S. Domingos ajuntar-se hum nu-

Era vulg. numeroso concurso a adorar o Santissimo, que se expõe no lado de hum Crucifixo coberto com hum crystal, que recebendo entaõ com maior impressaõ a luz, scintillava reflexos mais brilhantes. Comove-se o Povo facil, e como se estivesse vendo a propria Pessoa de Jesu Christo sem o véo dos accidentes, principia a clamar, que era milagre. Acaso se achava no Templo hum Hebreo recem-convertido menos crédulo, que quiz aquietar o alvoroço, persuadindo a gente, que aquelle reflexo era cousa natural originada do modo, por que o vidro recebia a luz.

A multidaõ inconsiderada, atonita por huma certa especie de Religiaõ, ouvindo ao Hebreo duvidar do imaginado milagre, se lançou a elle, levou-o para o atrio, tirou-lhe a vida, e queimou o cadaver. Acodíraõ a augmentar o catastrofe dous Religiosos fanaticos clamando, e excitando o Povo por todas as partes, para que vingasse a impiedade Hebraica, que era a causa da cólera do Ceo descarregada

so-

ſobre o Reino no flagello da peſte. A Era vulg.
eſtas admoeſtações o Povo furioſo corre ás armas: as tripulações de muitos navios Francezes, e Alemães, que eſtavaõ no rio, ſaltaõ em terra, e ſeguindo aos Portuguezes, degolaõ 500 Hebreos, pilhaõ, e roubaõ as ſuas caſas. No dia ſeguinte vieraõ os moradores da Campanha augmentar a deſordem. Do mais interior do Santuario eraõ arrancadas as victimas innocentes; humas, que ſe lançavaõ vivas ao fogo; outras deſpedaçadas; os mininos eſmagados contra as paredes; o reſpeito aos Magiſtrados eſtragado; as ſuas vozes deſconhecidas, tudo expoſto a eſta emoçaõ popular, que foi em tres dias o algoz de mais de 2000 vidas. Ainda o ſangue derramado neſta ſcena fatal continuaria a lavrar as ruas de Lisboa, ſenaõ acodiſſem com hum reforço de trópas Ayres da Silva, e D. Alvaro de Caſtro, a cuja viſta os ſedicioſos naõ ſe movêraõ, os Francezes, e Alemães ſe embarcáraõ, leváraõ ancoras, e com os navios carregados de riquezas ſe fizeraõ á véla.

El-

Era vulg.

El-Rei informado de huma mortandade taõ eſtranha á humanidade, ordenou a D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, que reveſtidos da ſua authoridade, vieſſem caſtigar os moradores ſediciosos de Lisboa, como elles mereciaõ. Os dous Fidalgos ſe apoderáraõ das Praças principaes da Corte; poſtáraõ córpos de guarda; prendêraõ hum grande número dos Chéfes do tumulto, que pagáraõ a impiedade com as vidas. Os dous Religioſos, que transportados de hum zelo indiſcreto, andáraõ com as cruzes levantadas excitando o Povo á vingança, foraõ degradados da dignidade do Sacerdocio, eſtrangulados, e conſumidos em huma fogueira. Os Juizes, que temeroſos do perigo ſe eſcondêraõ, e naõ cumpríraõ os ſeus deveres, depois de riſcados do ſerviço, para maior ignominia os condemnáraõ em penas pecuniarias. Em fim, a Corte de Lisboa deo cauſa, para que o Rei benigno a deſpojaſſe de muitos dos privilegios, que elle, e os ſeus Predeceſſores lhe haviaõ concedido.

Nós

Nós deixamos navegando para a India ao memoravel D. Francisco de Almeida, filho setimo de D. Lopo de Almeida, primeiro Conde de Abrantes, Fidalgo de grande merecimento, que havendo mostrado os tyrocinios do seu valor na guerra de Granada, lhe foi pôr a Coroa com façanhas illustres na do Oriente. A sua viagem até chegar a Quiloa foi muito trabalhosa, naõ só pelas tormentas, que o insultáraõ, mas pela inadvertencia dos Pilotos, que encostando-se á parte Meridional para dobrarem com mais facilidade o Cabo de Boa-Esperança, o vento foi levando as náos a hum clima taõ apartado do Sol, que por causa do grande frio, apenas podéraõ fazer as manobras necessarias para sahirem do perigo evidente, em que se mettêraõ. Chegou a Armada a Quiloa com felicidade, aonde D. Francisco mandou a Joaõ da Nova fosse da sua parte cumprimentar ao Rei Abrahem, que accusado pela propria consciencia, o nosso temor o fez abandonar a Corte.

Era vulg.

Fi-

Era vulg. Ficou nella com mil homens o célebre Mahomet Anconi, que tinha dado bastantes próvas da sua fidelidade para comnosco. A retirada do Rei estimulou a D. Francisco para investir a Cidade, elle com 300 homens, e seu filho D. Lourenço com 200; mas como a intençaõ de Anconi naõ era peleijar, apenas os nossos desembarcáraõ, elle se retirou com toda a gente ao monte, deixando em nosso poder a Cidade. D. Francisco sem esquecer a cautéla, porque a soledade naõ fosse industria, a mandou saquear, recolher em huma grande casa os despojos, que repartio pelos soldados, e immediatamente fez edificar huma fortaleza, naõ longe da praia, para os Portuguezes ficarem dominando a povoaçaõ. Em quanto se trabalhava nella, D. Francisco mandou huma Deputaçaõ a Mahomet Anconi, e aos seus camaradas, em que lhes fazia saber, como naõ vinha apoderar-se de Quiloa, mas livrallos do jugo de hum Tyranno: Que voltassem para suas casas a reconhecer por seu Rei a Mahomet Anconi, que era di-

digno deſte caracter, e o conſervaria governando-os em paz debaixo dos auſpicios do grande Rei D. Manoel, e á ſombra do reſpeito das ſuas victorioſas armas. Era vulg.

Obedecêraõ todos a eſta ordem: D. Franciſco em nome do ſeu Soberano aclamou Rei a Mahomet, cingio-o com huma coroa de ouro, fez que juraſſe fidelidade a D. Manoel, e lhe impôz hum moderado tributo. Mahomet reconhecido, e tratado Rei, rompeo em hum lance de generoſidade, proprio ſó dos corações magnanimos, ou dos eſpiritos illuminados. Elle repreſentou a D. Franciſco, que era muito devedor á memoria de Alfudail, que o tyranno Abrahem privára da vida, e do Reino de Quiloa: que eſte deixára hum filho, que lhe devia ſervir de objecto para elle fazer público o reconhecimento do quanto elle era officioſo a ſeu Pai, uſando de gratidaõ para com o filho: Que lhe havia permittir chamallo á Corte, declarallo ſeu futuro ſucceſſor, tratallo como Principe herdeiro; porque antes queria dar

ao

Era vulg. ao mundo hum exemplo de agradecido, do que deixar á ſua poſteridade hum ſceptro. D. Franciſco penetrado até ao fundo do eſpirito de tamanha generoſidade em hum Barbaro, conſentio que o filho de Alfudail vieſſe para Quiloa; deixou livre a Mahomet diſpôr da ſucceſſaõ do Reino a favor de quem elle quizeſſe, e conveio em que o Succeſſor eleito foſſe tratado em qualidade de Principe.

De Quiloa navegou a Armada para Mombaça, aonde o Governador mandou a Gonçalo de Paiva ſondar o porto até ás viſinhanças de hum Forte defendido com a artelharia da náo de Pedro de Ataide, que o Rei de Mombaça fez tirar do fundo do mar, quando ella varou na ſua cóſta. Fez fogo o Forte ſobre a caravella do Paiva; mas elle deſparou alguns canhões com tanta felicidade, que dando huma balla no armazem da polvora, voou o Forte. Com eſta noticia, e a do bom fundo do porto a Armada ſe moveo, e foi mandado a terra Joaõ da Nova para perſuadir ao Soberano de Mombaça,

que

que os Portuguezes naõ vinhaõ de guerra ao ſeu porto; mas a propor-lhe o exemplo de outros Principes da Aſia, e Africa para reconhecer como elles a D. Manoel por ſeu Rei. Eſta oraçaõ foi taõ mal ouvida, quanto ſe fazia diſſonante ao de Mombaça reconhecer por Soberano a hum Principe eſtrangeiro; ameaçando aos Emiſſarios, que os fariaõ em pedaços ſe ſaltaſſem em terra; porque os homens valentes de Mombaça naõ eraõ como os covardes infames de Quiloa.

Era vulg.

Huma reſpoſta taõ féra eſtimulou a D. Franciſco de Almeida para averiguar a origem, donde ella naſcia, para o que lançou em terra alguns homens no maior ſilencio da noite, que lhe trouxeraõ preſo a hum dos moradores, criado do meſmo Rei. Elle o informou, de que Mombaça naõ o temia; porque logo que na Cidade ſe ſoubera a ſua invaſaõ ſobre Quiloa, ella ſe prevenira, plantando muita artelharia nos muros; reforçando a guarniçaõ antiga com 4ɸ000 homens, e que ſe eſperavaõ mais 2ɸ000 a cada

inſ-

Era vulg. inſtante. Informaçaõ ſemelhante eſti, mulou mais o noſſo valor para naõ demorar a Mombaça o ſeu reſentimento. O Governador manda a ſeu filho D. Lourenço, que na téſta de hum deſtacamento ſe lance ſobre os arrabaldes da Cidade, e lhes ponha fogo. Á voracidade do incendio acodem tumultuariamente os habitantes, que pelos noſſos foraõ ſubprendidos, e paſſados á eſpada. Neſta manobra feita de noite, ſendo menos ſopportavel o calor das chammas, que a reſiſtencia dos contrarios, D. Lourenço ſe recolheo aos bateis, ſem mais perda que a de dous ſoldados.

Ao romper do dia ſeguinte ſeu Pai, e elle, com Franciſco de Sá, Lourenço de Brito, Rui Freire, Fernaõ Soares, Gonçalo de Paiva, outros Fidalgos, e Capitães em dous corpos, hum que mandava D. Franciſco, outro D. Lourenço, com o favor das ſombras da madrugada ſe chegáraõ á Cidade ſem haver quem lho impediſſe, occupada ainda em apagar o incendio. Aqui eſperamos, que a luz nos guiaſſe, e come-

meçando D. Lourenço a entrar pelas ruas, os moradores, que ou haviaõ render-se, ou entrincheirar-se nas casas, tomáraõ este segundo partido. Elles fizeraõ dos telhados, e janellas huma defensa de desesperados com todo o genero de armas de arremeço, que pozeraõ aos Portuguezes em grande perigo, por naõ poderem revolver-se no estreito das ruas. Mas a tudo superior a sua corage, elles foraõ levando os inimigos de casa em casa, até os precipitarem dos tectos, para que cahissem esmagados nas ruas os que naõ morriaõ ao fio das espadas. D. Lourenço chegou com outros Cabos ao Palacio do Rei, que tinha fugido para os matos, e aqui soube, que seu Pai passára adiante atacando os inimigos.

Era vulg.

Encarregada a guarda do Palacio a Fernaõ Bermudes, D. Lourenço marchou para acabar de dissipar os animosos, que contra seu Pai ainda se faziaõ fórtes, e o conseguio pondo-os em fugida para o mesmo bosque, aonde o Rei se occultára. Morrêraõ dos ini-

Era vulg. inimigos 1ↀ500; dos Portuguezes cinco, e entre elles D. Fernando Deça; fizemos dous mil prisioneiros, em que entráraõ Damas especiosas; reservamos delles 200 os mais distinctos; aos outros démos liberdade, e ficou Mombaça em nosso poder, mas pobre, por haverem os moradores occultado antes as suas muitas riquezas. Para deixarmos nella hum testemunho da nossa cólera, e tirar aos Barbaros a esperança de a tornarem a reedificar, o Governador mandou atiçar novo incendio, que a consumio.

Depois destas expedições foi a Armada á Angra de Santa Elena, naõ podendo ferrar o porto de Melinde, que lhe ficou oito leguas a sotavento. Na mesma Angra se encontrou ella com os navios de Lopo Chanoca, e de Joaõ Homem, que pertenciaõ á Esquadra, que o Governador encarregou a Manoel Peçanha antes de montar o Cabo, da qual se desgarráraõ aquelles navios; o de Vasco de Goes foi dar a Quiloa; o de Lucas da Fonseca invernou em Moçambique, o de Lopo San-

Sanches naufragou, e o Peçanha com Antonio Vaſco foraõ encontrar ao Governador em Angediva. Mandou eſte cumprimentar ao Rei de Melinde com os preſentes del Rei D. Manoel, que aquelle Principe agradeceo, enviando á Armada muitos viveres, e as raridades da terra conduzidas por ſeu meſmo irmaõ, que da ſua parte veio a viſitar o noſſo Chéfe. Elle navegou para Angediva, aonde chegou a 13 de Setembro do anno paſſado, e achou alli cartas do Feitor Gonçalo Gil Barboſa, em que aviſava aos Capitães Portuguezes das cargas, que tinha promptas em Cananor para as náos, que chegaſſem, e que ſe podeſſem demorar-ſe até Setembro, neſte mez ſe eſperavaõ tres náos de Meca muito importantes, que vinhaõ para Calecut.

Era vulg.

Com eſtas noticias, D. Franciſco de Almeida deſpedio a Joaõ Homem para dar aviſo da ſua chegada em Cochim, Cananor, e Coulaõ, e para acabar de pôr promptas as cargas das náos, que haviaõ voltar para o Reino. A Lopo Chanoca, e a Gonçalo de

Era vulg. Paiva ordenou cruzassem os mares com tanta vigilancia, que as náos de Meca naõ lhes escapassem. Elle com espirito incançavel, metteo mãos á obra da Fortaleza de Angediva, aonde se descobrio huma Cruz, que indicava bem ter sido a Ilha em algum tempo habitada por Christãos. Aqui foi informado por Manoel Peçanha, como Abrahem, Rei deposto de Quiloa, para se vingar de Mahomet Ancóni, mandára por hum bravo assassino tirar-lhe a vida: que este lhe déra hum golpe, que naõ foi mortal; mas que prendendo-o logo os Portuguezes o esquartejáraõ com grande satisfaçaõ daquelle Povo.

CAPITULO III.

Continuaõ na India os successos do Vice-Rei D. Francisco de Almeida.

JÁ os preparos para a execuçaõ das ameaças, que nos fizéra o Soldaõ do Egypto, principiavaõ a soar na India com estrondo. Lopo Chanoca, e Gonça-

çalo de Paiva, acabado o tempo do seu regimento, se haviaõ recolhido com várias prezas. Em huma dellas vinha hum Portuguez, que o Feitor de Cananor mandava a D. Francisco com a noticia, de que huma das náos de Meca tinha chegado a Calecut com quatro Venezianos, que o Soldaõ mandava ao Çamorim para fundirem artelharia, e que este Principe fazia apressos formidaveis de guerra com a esperança de receber do Soldaõ grandes soccorros. Como naõ duvidavamos, que para nós se preparava o golpe, D. Francisco mandou de novo vigiar as duas náos; ordenou se trabalhasse na fabrica de duas caravellas, e huma galé com as madeiras, que levára de Portugal, e as encarregou a Officiaes de conhecido valor.

Era vulg.

O receio desta guerra fez lembrar a D. Francisco o ajuste de algumas allianças, quando se lhe offereceo a occasiaõ mais favoravel. Merláo, Rei de Onor, Cidade que dista oito leguas de Angediva, no Reino de Bisnagar, que tinha os mesmos desejos de D. Francisco

Era vulg. ciſco, lhe mandou huma Embaixada para concluir com elle hum Tratado de paz, em que foi involvido o famoſo Pyrata Timoja, de quem já fallamos neſta Hiſtoria. Do Miniſtro de Onor ſoube D. Franciſco, que naõ longe de Angediva no Reino de Decaõ tinha o Çabayo, Senhor de Goa, e inimigo de Merláo, a Fortaleza de Cincatura, fórte, e bem preſidiada, rogando-o da parte de ſeu Amo quizeſſe mandar reconhecêlla, por eſtar della huma legua diſtante. D. Franciſco eſtimou a conjuntura de fazer eſte ſerviço ao Rei de Onor, e deſtacou a D. Lourenço, ſeu filho, para ir examinar a fortificaçaõ, e a qualidade do ſeu terreno. O Governador ſahio della com mil homens a impedir o noſſo deſembarque; mas D. Lourenço firmando bandeira branca, e eſte ſignal de paz vieraõ á falla os dous Chéfes.

Deſta conferencia reſultou o ajuſte de huma alliança, naõ ſó util aos Portuguezes, mas vantajoſa ao Rei Merláo, que nós intereſſamos nella para o pôr a coberto dos inſultos, que el-

elle ſempre temia do Reino de Decaõ. Era vulg.
He verdade, que em Merláo durou pouco o reconhecimento deſte beneficio; porque tomando os noſſos huma grande náo carregada de cavallos da Perſia, e deixando-os nos ſeus portos, aquelle Principe ſe apoderou delles. D. Franciſco ſe ſobprendeo deſte procedimento, e requerendo a reſtituiçaõ dos cavallos, naõ foi attendido. Como ao attentado ſe unia a ingratidaõ de Merláo, D. Franciſco naõ lhe quiz demorar o deſaggravo, e encarregada a Fortaleza de Angediva a Manoel Peçanha, elle partio com a Armada para Onor. Os Commandantes das muitas náos, que eſtavaõ no porto, entendêraõ os deſignios do Governador, quando víraõ que Fernaõ Soares andava ſondando o rio, e lhe pedíraõ conſeguiſſe do ſeu Chéfe ſuſpender as hoſtilidades; que elles ſe obrigavaõ a que o Rei de Onor lhe déſſe ſatisfaçaõ.

O Governador, que aſſim o prometteo, por naõ faltar á ſua palavra eſteve hum dia ſem acçaõ; mas como o Rei naõ reentrou nos ſeus deveres, antes

Era vulg. tes se retirou com toda a Corte, e o precioso della para a montanha, D. Francisco naõ quiz esperar por mais provas da má fé. Elle ordenou a seu filho D. Lourenço entrasse no porto, e queimasse todos os navios, como foi executado com o ultimo rigor. Elles, e a Cidade tudo ardia com lástima do seu Rei, que de hum alto observava o incendio, e o mandou apagar com o do nosso furor por 40000 soldados escolhidos; mas elles em lugar de soccorro, vieraõ a experimentar a sensibilidade do estrago junta ao pejo da fugida. Como os nossos se avançavaõ muito sobre elles, o Governador acautelado, e satisfeito com a victoria, mandou tocar a retirada. Os Barbaros estimáraõ esta prevençaõ sábia por temor; recobráraõ os espiritos, e voltáraõ cáras. Os nossos, que se retiravaõ formados, fizéraõ o mesmo, e com derrota completa dos inimigos lhes castigáraõ a confiança. Muitos delles ficáraõ mórtos no campo; ardêraõ quatorze náos, e a maior parte da Cidade foi consumida pelo fogo, sem

ſem que faltaſſe algum dos Portuguezes.

Era vulg.

Merláo depois que ſentio os damnos da inconſideração, mandou legados para renovarem a paz. O Governador, affectando naõ reſponder poſitivamente, diſſe que mandaria ſeu filho a concluilla; mas que havia ſer com maior ſegurança, e as condições mais reſtrictas, que as da primeira. O Emiſſario deſta propoſta foi o célebre Timoja, que entaõ ſe jurou vaſſallo del Rei D. Manoel, e depois lhe fez os ſerviços, que veremos, eſpecialmente na tomada de Goa. Entretido Merláo com eſta eſperança, D. Franciſco de Almeida navegou para Cananor, aonde declarou o titulo, que trazia de primeiro Vice-Rei da India.

Naquella Cidade teve elle huma grande, e ſolemne conferencia com El-Rei, em que ficou ajuſtada a fabrica da Fortaleza, que deſejavamos, da qual, e da que ſe havia fazer em Coulaõ deo homenagem o Copeiro Mór Lourenço de Brito, que nellas hia provido. Deixou o Vice-Rei as mais ordens

Era vulg. dens neceſſarias, e eſtando em Cochim expedindo a carga das náos, que haviaõ partir para o Reino; chegou de Coulaõ o Capitaõ Chriſtovaõ Juſarte, e o informou, de que o Feitor Antonio de Sá com todos os Portuguezes tinhaõ ſido mórtos, e queimadas as ſuas caſas, e fazendas. Teve origem eſta infelicidade na preferencia pretendida dos Mouros, que queria ſe déſſe carga a muitas náos ſuas primeiro que ás Portuguezas. Neſta conjuntura veio a Coulaõ o Capitaõ Joaõ Homem, que o era de condiçaõ feroz, temerario, taõ deſmedido na grandeza do corpo, como na animoſidade. Elle, que tinha a pretençaõ dos Mouros conſentida por huma fraqueza dos Portuguezes; com o deſembaraço coſtumado tirou a todos aquelles navios os lemes, e as vélas, que entregou a Antonio de Sá com ordem de naõ as reſtituir, em quanto as náos Portuguezas naõ eſtiveſſem carregadas.

Feita eſta grande acçaõ mais audacioſa, que prudente, Joaõ Homem voltou a continuar o ſeu corſo. Os

Mou-

Mouros eſcandaliſados, e livres de Joaõ Homem, fizeraõ ſoblevar o Povo de Coulaõ, que cahio furioſo ſobre os Portuguezes, e fez nelles o eſtrago, que fica referido. Achava-ſe no porto o valoroſo Capitaõ Pedro Rafael, que naõ tendo forças para ſoccorrer aos Patricios em terra, lhes vingou no mar a mórte, fazendo em cinza cinco das náos dos Mouros revoltoſos. De tudo veio elle dar parte em Cochim ao Vice-Rei, e Joaõ Homem, que primeiro o buſcou, e ainda naõ o achára neſta Cidade, foi com o meſmo deſtino a eſperallo na vinda de Cananor. Neſta viagem tomou elle duas náos de Mouros, e mettendo as tripulações no poraõ, as mandou marear por alguns Portuguezes. Quando elle ſe encontrava com o Vice-Rei, os Mouros de huma das náos forçáraõ a prizaõ, degolláraõ os Portuguezes, e ſe pozéraõ em cobro. Eſte caſo, e o de Coulaõ ſe fizeraõ taõ eſtranhos ao Vice-Rei, que ainda ignorante da mórte de Antonio de Sá, e da ruina da Feitoria, quizera privar a Joaõ Homem do Commanda-

Era vulg.

Era vulg. damento da nâo ; mas rogado pelos outros Capitães, que naõ cessavaõ de encarecer o valor do seu camarada, suspendeo a resoluçaõ conservando o desagrado.

A informaçaõ dada ao Vice-Rei em Cochim por Pedro Rafael, moveo nelle ao mesmo tempo a cólera, e a prudencia: esta para instruir a seu filho, que indo a Coulaõ, e achando aos moradores taõ arrependidos do massacro, que plenamente o satisfizessem, renovasse a paz: aquella exhortando-o a hum castigo exemplar, se os achasse contumazes na rebeliaõ começada. Partio D. Lourenço de Almeida para Coulaõ com huma Esquadra, e mettendo em uso todas as dexteridades para comprir com a primeira recommendaçaõ de seu Pai, nada póde conseguir da obstinaçaõ dos animos, que ainda se recreavaõ com as imagens da vingança. Naõ teve elle outro refugio, senaõ executar as segundas ordens com tanta conformidade, que os Mouros naõ podendo resistir, nem defender-se, deixáraõ que vinte sete nâos fossem abraza-

za-

zadas com mórte das ſuas guarnições. Diz Joaõ de Barros, que parece quiz Deos premiar em Joaõ Homem o zelo do primeiro inſulto de Coulaõ com hum milagre ſuccedido neſta peleija; porque dando-lhe nos peitos huma balla, cahio aos ſeus pés ſem offendello. O Vice-Rei pouco depois naõ foi com elle taõ atencioſo, tirando-lhe o Commandamento da náo em pena das ſuas temeridades: pena, que foi como huma das ſangrias dos Athenienſes antigos, que mandavaõ abrir a veia em público aos ſoldados muito atrevidos por caſtigo de temerarios.

Era vulg.

Naõ devo paſſar em ſilencio hum dos effeitos glorioſos, que cauſou aos Portuguezes a ſua reputaçaõ adquirida na Aſia, e foi a Embaixada ſolemne do grande Rei de Narſinga, que o Vice-Rei recebeo a bórdo da ſua náo, quando eſtava a partir de Cananor para Cochim. Eſte grande Monarca, ſenhor do dilatado Reino, que comprehende as vaſtas Regiões Occidentaes, e Mediterraneas, que vem a demarcar com as terras de Goa, mandou ao Vice-

Era vulg. ce-Rei hum Embaixador com cartas, e presentes riquissimos para serem enviados a El-Rei D. Manoel nas primeiras náos, que houvessem de partir. No acto da entrega, o Embaixador disse ao Vice-Rei: O Magestoso Soberano de Narsinga nada deseja tanto, como a amizade do magnifico Rei D. Manoel. A fama das suas virtudes heróicas he quem lhe estimula a vehemencia destes desejos. Depois desta primeira causa, o move o estrondo das façanhas, que os seus Vassallos tem obrado na India em taõ poucos annos. O meu Principe concebe, que naõ póde deixar de ser Rei grande o que domina sobre homens semelhantes, que o fazem conhecido na redondeza da terra, para que o amem todos os outros Reis. O meu se quer avantajar aos mais na pureza deste affecto; e para lhe dar delle a próva mais convincente, huma irmã, que tem de belleza extraordinaria com hum dote monstruoso, elle a offerece para esposa do Principe D. Joaõ de Portugal.

O Vice-Rei recebeo esta Embaixa-

da

Era vulg.

da com as demonſtrações do maior prazer, e perſuadio ao Miniſtro intimaſſe com toda a força ao ſeu Monarca, quanto ella ſería agradavel ao Rei D. *Manoel*: Que em ſeu nome elle acceitava as cartas, e preſente para remeter tudo ſem demora; eſperando, que as propoſtas foſſem acceitas com huma conformidade bem igual á candura do grande Principe, que as fazia. Nós eſtimámos eſta alliança, que nos faria reſpeitados, por ſer com hum dos Reis, que ſe elevava aos ſeus viſinhos, na extenſaõ dos Dominios, no poder, e na riqueza. Em quanto aos Dominios elles comprehendiaõ muitas Provincias povoadas de grandes Cidades, regadas de rios caudaloſos, ferteis, e abundantes de todos os generos neceſſarios. Pelo que reſpeita ao poder, elle o oſtentava em huma quantidade incrivel de infantaria, e em hum Exercito numeroſo de cavallaria diariamente alimentada a expenſas da Real Fazenda. Em quanto á riqueza, era politica em cada hum deſtes Reis ajuntar groſſos theſouros, e no Succeſſor

naõ

Era vulg. naõ gaſtar delles huma ſó moeda ſem neceſſidade extrema. Os diamantes, que naquelle Reino eraõ infinitos, todos os de maior grandeza ſe guardavaõ nos theſouros Regios, que ſe engroſſavaõ cada anno.

Quando o Vice-Rei chegou a Cochim já naõ achou no Throno ao Rei Trimumpára, que opprimido dos annos, e fatigado das muitas guerras, em que os havia empregado, ſe tinha retirado a hum Turcol para paſſar em ſocego o reſtante da vida. Elle nomeou para Succeſſor ao Principe Naubeadar, filho mais moço de huma ſua irmã, preferindo-o ao mais velho; porque eſte Principe na ultima guerra de Calecut, naõ ſó tomou o partido do Çamorim, mas foi cauſa da deſerçaõ dos melhores Officiaes de Cochim. O Vice-Rei fez acclamar ao novo Monarca com a maior pompa; aſſegurou aos ſeus vaſſallos, que o Rei D. Manoel em recompenſa aos altos merecimentos de Trimumpára ſeu Tio, o menos que faria em ſeu obſequio, ſeria chamar-lhe irmaõ; proteſtando-o, que nas obras

ſe

ſe moſtraria Pai. Baſtou a publicidade deſta protecçaõ para diſſipar o partido, que em Cochim hia formando o Principe privado da Coroa contra ſeu irmaõ eleito; e o apparato da ceremonia tocou tanto aos deſcontentes, que os nublados temidos ſe reduzíraõ á maior tranquillidade.

Era vulg.

Acabado eſte acto ſolemne, o Vice-Rei ordenou que os navios deſtinados para voltarem ao Reino com as cargas ordinarias, ſe fizeſſem á véla. Seguindo a viagem, no dia primeiro de Fevereiro, eſtas náos aviſtáraõ huma terra até entaõ incognita, e era a Ilha de Madagaſcar, que nós hoje chamamos de S. Lourenço, e os Geografos antigos diſſéraõ Menuthias. Duvidoſos ſe era, ou naõ continente, os noſſos navegáraõ pelas margens dezaſete dias, e no fim delles conhecêraõ, que era huma grande Ilha ſituada ao Oriente da Africa ſobre a Cóſta da Ethiopia. Naõ havia nella povoaçaõ; derramadas as gentes em choupanas ſoltas pela extenſaõ dos terrenos; mas eſtes abundantes em generos de gados, fru-

Era vulg. fructos, e cópia grande de mel. Os Insulanos avistando as nossas náos, com alvoroço se mettêraõ nas suas canoas, e abordáraõ a de Fernaõ Soares. Elle os regalou a bórdo com profusaõ tal, que podesse conciliar-lhes a amizade; mas os Barbaros ferozes se despedíraõ desparando huma nuvem de sétas sobre a náo, e quizéraõ avançar a de Rodrigo Freire; porém fulminando-os a nossa artelharia, elles se retiráraõ, e as náos seguíraõ a sua viagem para Lisboa, aonde entráraõ a 23 de Maio.

Naõ foi só pelo valor de D. Francisco de Almeida, que El-Rei D. Manoel quiz fazer na India conhecido o seu poder, e o caracter dos Portuguezes. No mesmo anno de 1505, em que elle sahio de Lisboa com a sua Armada, o seguio depois com designios naõ menos generosos Pedro de Anhaia mandando seis náos. Levava este Chéfe o destino de fazer novos descobrimentos, e fundações. Dobrado o Cabo, veio a lançar ferro na costa de Çofala; Cidade, que dá nome a todo o Reino situado em huma Ilha sobre o

rio

rio Cuama, que entaõ governava hum Principe chamado Çufe. Em huma conferencia, que Pedro de Anhaia teve com este Soberano, conseguio delle permissaõ para fazermos no seu Estado huma Fortaleza, que nos era necessaria, assim para a commodidade do trato da India, como para asseguraramos o Commercio com os Cafres, que era importante. Principiou esta obra em Setembro de 1505, e estando acabada em Novembro do anno seguinte, algumas das náos partíraõ para a India, e Pedro de Anhaia ficou dando fórma aos interesses do novo estabelecimento com o favor de Acote, Abexim de Naçaõ, e valido do Rei.

Era vulg.

Os Mouros sentidos dos damnos, que lhes podia causar a nossa visinhança, tantas representações fizéraõ ao Rei Çufe, cégo, e velho, que elle se lembrou dos successos de Quiloa, e Mombaça; arrependeo-se da facilidade da sua condescendencia, e quiz remedialla na primeira occasiaõ, em que podesse traçar a nossa ruina. Elle a consulta com seu genro Musar; discorrendo que

Era vulg. por naõ violar a palavra de Rei, ſerſa melhor eſperar, que a intemperie do clima, taõ fatal aos Eſtrangeiros, acabaſſe com os Portuguezes. Quando elle aſſim diſcorria, a obra ſe avançava, a artelharia ſe plantava nos muros, e na guarniçaõ já picavaõ as doenças: Muſar, que reſpirava guerra a fogo e ſangue, inſtou com ſeu Sogro naõ eſperaſſe mais tempo; deſembainhaſſe as armas, e cortaſſe as cabeças languidas dos homens, que elle preſumia ter por amigos, e já os ſentia dominantes. Eſta perſuaſaõ acabou de reſolver ao Rei Çufe, que traçou na guerra contra nós a ſua ruina, como veremos no Capitulo ſeguinte.

CA-

CAPITULO IV.

Guerra de Çofala com os mais successos até ao fim do anno de 1506.

O Rei Çufe instado por seu genro, e pelos seus receios, resoluto a arrazar a nossa Fortaleza de Çofala, e a tirar a vida a todos os Portuguezes; elle ajustou huma alliança com o Cafre Mocondes, que governava as Cidades dependentes do Reino de Monomotapa, representando-lhe facil a nossa destruiçaõ, e consideraveis os despojos da victoria nos generos, que guardavamos na nossa Feitoria. O nosso fiel amigo Acote avisou a Pedro de Anhaia da tempestade, que se armava contra a Fortaleza; mas que elle o havia ter prompto para promover as vantajens do Rei D. Manoel. Em quanto nós nos serviamos da noticia para prepararmos huma vigorosa defensa; o Cafre Mocondes, mais estimulado dos desejos de ganhar, que activo no ardor de com-

Era vulg.

Era vulg. bater ; elle ajuntou as ſuas trópas, e marchou em ſoccorro do Rei Çufe.

Preſumírao os Alliados, que nos Portuguezes conſumidos das enfermidades, apenas teriaõ meias vidas, que tirar, ſem que encontraſſem inimigos, que inveſtir. Elles ſe enganáraõ; porque os enfermos foraõ os primeiros, que montáraõ as guardas para moſtrarem nas forças laſſas os eſpiritos intrépidos. O fiel Acotes com cem homens ſe veio metter na Fortaleza. O Rei Çufe com trópas numeroſas, e Mocondes com ſeis mil Cafres a inveſtíraõ; mas dando o aſſalto amontoados, a artelharia com o eſtrondo, e a metralha fez nos ſalvagens tanto horror, e tal eſtrago, que ſe pozéraõ em fugida. Os Portuguezes os ſeguíraõ pela Cidade, aonde elles hiaõ paſſando á eſpada aos Mouros, que lhes ſugeríraõ eſta guerra; e chegados ao Palacio do Rei, eſte fez pela propria peſſoa, ſendo cégo, huma defenſa, que nos poz em admiraçaõ. Com as ſétas, que deſpedia furioſas, ainda que ſem tino, nos ferio a muitos, e ao meſmo Pedro de

Anhaia

Anhaia com huma na garganta. O Feitor Manoel Fernandes para ſuſpender eſte damno, chegou ao Rei, e de hum golpe lhe levou a cabeça.

Era vulg.

Deſenfreou eſta mórte o furor dos Mouros, que ſe deixárão matar deſ-eſperados: aos naturaes da terra a clemencia do noſſo Chéfe concedeo as vidas: movimento humano, que os pôz confórmes para ſe ſujeitarem ás leis, que o Anhaia lhes quizeſſe preſcrever. Eſte Chéfe, que queria dar á República nova fórma; que reconhecia dever á ſua felicidade ao aviſo, ao valor, ao ſoccorro de Acote; em nome do Soberano de Portugal o criou Rei de Çofala; fez que os Póvos lhe juraſſem fidelidade, e que elle a prometteſſe perpetua ao Rei D. Manoel; obediencia ás ſuas ordens, e ás dos Capitães, que elle mandaſſe á India.

No melhor deſtes prazeres, como o Ceo daquella Região era infeſto aos Eſtrangeiros, e o vapor das lagoas, e paûs cauſavaõ humores ardentes, continuou a laborar a epidemia; os corpos ſe mirrhavaõ, e entre outras vi-

Era vulg. vidas confideraveis, perdeo a fua o eftimavel Pedro de Anhaia com fentimento dos Portuguezes, e Çofalanos. O Feitor Manoel Fernandes ficou governando em feu lugar pouco tempo; porque vindo as náos de Cide Barbudo, e de Manoel Corefma, que fahíraõ do Reino pouco depois de Pedro de Anhaia, elles leváraõ a noticia da fua mórte ao Vice-Rei, que lhe fez os devidos elogios, e mandou a Nuno Vaz Pereira foffe tomar entrega da Fortaleza. Efte Cabo levava ordem para ir a Quiloa informar-fe da traiçaõ do Principe Tirendicundi, parente de Abrahem, Rei depofto, que fizera dar a mórte a Mahomet Anconi; e caftigados os Chéfes da fediçaõ, diffipado o refto da liga, deixando por Governador a Ruy de Brito Patalim, elle chegou á Fortaleza de Çofala, donde partio para a India o Feitor Manoel Fernandes.

Em quanto na Cófta de Africa fe paffavaõ eftas coufas, o Vice-Rei na India naõ tinha ociofas as armas. Elle ordenou a feu filho D. Lourenço de Almei-

meida, que com huma Esquadra de nove náos fosse descobrir as Ilhas Maldivas, que já sabia eraõ muitas, entre si divididas por pequenas distancias. Nesta viagem encontrou elle taõ rápidas as correntes, que o leváraõ para o Cabo Comorim, e foi parar á Ilha de Ceilaõ, que os antigos estimáraõ pela célebre Taprobana. Extende-se Ceilaõ por mais de 120 legoas de cumprido, e 75 de largo para a parte Septentrional á quem do Ganges, 95 legoas distante de Cochim. Nós dizemos de Ceilaõ, que tem bosques de canella, mares de aljofar, montes de crystal. Ella he taõ agradavel, taõ deliciosa, taõ abundante de fructos, que alguns descrevendo-a paraiso, naõ duvidáraõ affirmar, que fora o lugar da residencia dos nossos primeiros Pais. O certo he, que naõ longe da sua Capital Columbo em huma pedreneira, se vê impressa a pégada de hum homem, naõ longe outro vestigio do principio do tempo em hum Sepulchro dobrado, que quer a tradiçaõ daquelles Póvos fosse o de Adaõ, e Eva. Desta idéa nas-

Era vulg.

Era vulg. nascem superstições immensas, que levaõ o erro ás Regiões mais remotas da Asia, donde vem a esta Ilha peregrinos innumeraveis render cultos de Religiaõ.

Chegado D. Lourenço ao porto de Gale, o seu Rei o mandou cumprimentar, offerecer paz, e amizade, refens para ficarem nas náos em quanto elle enviava a terra hum Official, que foi Fernaõ Cotrim, naõ só para communicar ao Rei; mas para o obsequiar com hum presente, que D. Lourenço lhe remetteo. Depois destas primeiras vistas, Payo de Sousa foi encarregado do Tratado de paz, que celebrou com a mesma pessoa do Rei, e se reduzio a nós nos encarregarmos da defensa dos seus portos, com condiçaõ de pagar cada anno á nossa Coroa quatrocentos bahares de canella, que logo satisfez, e consentir que nos seus Estados levantassemos hum Padraõ com as Armas de Portugal, como marca da alliança, e do tributo. Com esta vantagem conseguida, e a de prezas ricas feitas naquelles mares, D. Lourenço-

ço-

ço se recolheo a Cochim para de tudo dar parte a seu Pai, que confirmou o Tratado de Ceilaõ, e o tornou a mandar a Angediva para presidiar a Fortaleza, e alimpar os seus mares de inimigos, e pyratas. Era vulg.

4 Porém o estrondo das armas de Calecut já pedia todas as attenções do Vice-Rei para naõ divertir os seus cuidados. As primeiras informações do apresto lhe deo o Italiano Luiz Wartmano, natural de Bolonha, que attrahido dos desejos de vêr o Mundo, veio dar a Calecut, fingindo-se Mouro. Aqui ouvio elle dos seus semelhantes o ruido dos nossos estragos, da nossa pyrataria, e perfidia. Elle tornou a fingir, que naõ conhecia os Portuguezes; offereceo-se a promover a nossa ruina; mas a idéa era vir ajuntar-se comnosco, e trazer na sua companhia aos dous Milanezes fundidores, que nos desertáraõ, e já sentíraõ os remorsos de viverem máos Christãos entre os Barbaros. Com outro fingimento de Espiaõ por parte de Calecut, veio o Luiz fallar ao Vice-Rei, e o informou do que

se

Era vulg. se passava naquelle Reino a seu prejuizo; da resolução dos Milanezes o buscarem; se lhe perdoasse o crime; e bem remunerado este zelo, tornou a mandar a Calecut com o mesmo disfarce de Espião para executar os designios. Na Corte do Çamorim forão elles descobertos; o Luiz pode salvar-se fugindo; mas os Milanezes pagárão com a vida os intentos presentes, e o crime passado.

Com a noticia certa de que o Rei de Calecut mandava contra nós huma Armada de oitenta navios grossos, e cento e vinte paráos; o Vice-Rei encarregou a seu filho D. Lourenço outra Armada de onze náos, em que levava 800 Portuguezes escolhidos, e alguma gente das trópas dos Alliados. Junto a Cananor foi o encontro. Os inimigos muitas vezes superiores, elles se avanção com tanta certeza de vencer, que a altas vozes vinhão cantando a victoria. A ousadia, e sciencia nautica dos Portuguezes desprezão a superioridade, enche-os de furor a confiança dos Barbaros, e começão a batalha logo espanto-

tosa. O ar coberto de fumo, e de séttas, por toda a parte scintillando fogo, e os sentidos perturbados, nada tinha acçaõ além da cólera. D. Lourenço, no meio da confusaõ, pode descobrir a Capitánia inimiga guarnecida de 600 dos mais destemidos soldados. Elle a ferra, salta dentro com o bravo Joaõ Homem, Fernando Pereira de Andrade, Vicente, e Rodrigo Pereira, com outros Fidalgos, e soldados de valor, que passando á espada o maior número de gente, prendendo alguma, e fazendo que o resto se lançasse ao mar, ficou em nosso poder a grande Capitánia de Calecut.

Era vulg.

Destino semelhante foraõ tendo outras náos dos inimigos, quando algumas das nossas combatiaõ com perigo evidente, por cercarem muitas a cada huma; mas desfalecendo o seu fogo, porque lhes rebentavaõ muitas peças de ferro; crescendo a nossa corage ao passo dos desejos da reputaçaõ por huma assignalada victoria; nós vimos que os contrarios, a toda a força de véla, fugiaõ a amparar-se no porto de Calecut.

El-

Era vulg. Elles perdêraõ na acçaõ mais de tres mil homens, déz náos, e muitos paráos mettidos a fundo, nove prisioneiras, hum despojo de grande valor; e dos Portuguezes faltáraõ seis. D. Lourenço entrou victorioso em Cananor, aonde recebeo do seu Rei, occupado de admiraçaõ, as congratulações de triunfante de hum inimigo respeitavel.

A guerra de Calecut fez entender ao Çabayo, Senhor de Goa, que poderia insultar a Fortaleza de Angediva, sem encontrar nella resistencia. Esta idéa lhe inspirou o vil Antonio Fernandes, Apostata da nossa Religiaõ, hum dos desterrados condemnados á mórte, que Pedro Alvares Cabral deixára na India, official de Calafate, já chamado Abdala. Elle foi o encarregado da empreza, e entregue ás suas ordens huma Armada de sessenta navios, com promessa do Senhorio de Cintacorá, se conquistasse a Angediva. Pouca especie fez a Monoel Peçanha, que governava a Fortaleza, o esforço deste Apostata, que depois de huma grande mortandade, foi obrigado a levantar

tar

tar o ſitio, e voltar para Goa duas vezes infame. Conſeguida a victoria, o Vice-Rei, com conſelho de todos os Capitães, determinou mandar arraſar a Fortaleza, que ficava muito diſtante de Cochim, fazia grandes deſpezas, naõ nos dava alguma utilidade, e encarregou eſta expediçaõ a ſeu filho D. Lourenço, que a executou.

Era vulg.

A vigilancia exacta nos negocios da India, naõ fazia eſquecer os da Europa, e Africa. A tudo attento El-Rei D. Manoel, mandou a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, cumprimentar da ſua parte a Filippe, Rei dos Romanos, e a ſua mulher a Rainha D. Joanna, que vinhaõ a Heſpanha para ſer inveſtidos na poſſe deſta Monarquia, de que a Rainha D. Joanna ficára herdeira por mórte de ſeu ſobrinho o noſſo Principe D. Miguel da Paz. Porque entaõ os Reis Catholicos traziaõ perturbados os animos com guerras ſanguinolentas, e ſe mettia outra com o inimigo maior do Chriſtianiſmo; D. Manoel mandou a Duarte Galvaõ, e a Joaõ Sotil com o caracter de ſeus Plenipotenciarios re-

pre-

Era vulg. presentar ao Papa o estado triste da Christandade: que se devia procurar a paz entre os Soberanos Catholicos para se opporem unidos ás invasões dos Turcos: que era huma affronta dos Fiéis possuir o Soldaõ os Lugares Santos da Palestina: que elle se offerecia para ser o primeiro, que marchasse a taõ santos designios na têsta da Nobreza do seu Reino, e das suas melhores tropas.

Como este fervor ardente naõ atiçou o fogo nos outros espiritos Reaes; antes sentenciáraõ o zelo de D. Manoel por huma veleidade; elle quiz mostrar-lhes, que as suas chammas se sustentavaõ na caridade, e empregou as armas na conquista de Africa. Para refugio das suas Frótas, e navios de corso, ordenou elle a Diogo da Azambuja, hum dos seus Capitães de conhecido valor, que fóra do Estreito de Gibraltar fundasse o Castello, que foi chamado Real. Este designio era muito grande para naõ encontrar opposiçaõ. De toda a parte concorrêraõ os Mouros para fazerem a mais vigorosa, como meio de nos embaraçarem o fi-

car-

carmos dominantes do Paiz. Com as armas em huma maõ, e as ferramentas na outra, os Portuguezes combatiaõ, e edificavaõ; conseguindo em hum mesmo acto avançar a obra, e celebrar triunfos.

Era vulg.

Neste anno principiou a fazer-se conhecida em Africa a familia dos Xerifes, que 72 annos depois veio a ser taõ fatal ao nosso Reino na perda mais consideravel, que ella lhe causou, e que elle sentio. Foi o seu Chéfe hum Caciz natural de Figumedet, lugar da Provincia de Durá, que principiou a ser estimado em Numidia. Este Barbaro era sábio; mais instruido nos prestigios, e Theorgia práctica, do que nas Artes, e Sciencias. Elle se fez chamar Xerife, e se inculcava descendente de Mafoma, mudando o nome, que tinha de Mahamet Benhamet. Como politico déstro, vendo aos Mouros divididos em parcialidades, perturbados com discordias sanguinolentas, inquietos com a perseguiçaõ dos Portuguezes; foi avançado na Mauritania o Dominio, que vieraõ a consummar dous

dos

Era vulg. dos ſeus filhos, ambos chamados Mahamet. Naõ julgando taõ feliz pelos ſeus calculos ao primogenito Abdelquibir; nos horoſcopos nigromanticos, que levantou aos Mahametes, fez capacitar a ambos, que elles tinhaõ de ſer huns Heróes conſummados.

Para reforçar a idéa os enviou neſte anno, em que fallamos, á Cidade de Meca viſitar o ſepulcro de Mafoma, para os Mouros os eſtimarem ſantos pelas virtudes adquiridas neſta romaria. Voltáraõ elles com o caracter de Morabitas, bem diſciplinados pelo ſeu grande Pai, e entráraõ por boa parte da extenſaõ de Africa já a ſer ouvidos como Oraculos, já a adquirirem o reſpeito de impeccaveis. Para melhor enganarem a cegueira dos Barbaros, elles ſe repreſentavaõ humas idéas ſem paixões, homens extacticos, comenſaes da Divindade, ſempre converſando no Ceo, vivendo de eſmólas, nada eſtimando da terra, quando a ſua ambiçaõ a queria toda. Tanto que com eſta hypocriſia ſe ſentíraõ entranhados nos corações dos Póvos; ſeu Pai conhe-

Era vulg.

nhecendo-os filhos legitimos das ſuas patranhas, os animou a colher os fructos da induſtria com o roubo da fazenda, e Eſtados alheios, até ſe fazerem huns grandes Senhores, como viéraõ a conſeguir mais hypocritas, que valentes.

Quando acabava eſte anno, tinhaõ principio as revoluções de Çafim; Cidade conſideravel da Mauritania, que reconhecia por Soberano ao Rei de Marrocos. Ella veio a cahir no poder do Tyranno Abdear, que a ficou dominando depois de matar a ſeu Tio Amedux. De huma filha ſua era amante Aliadux, que ſeu Pai quiz matar por deſaggravo; mas o moço deſtemido com o favor dos ſeus amigos, eſpecialmente o de Haia Abentafut, deo a mórte ao infeliz Abdear; ficando elle, e Abentafut com o governo da Cidade. Com eſtas revoltas podéraõ eſcapar-ſe huns captivos Caſtelhanos, que viéraõ ao Caſtello Real participar a Diogo da Azambuja o que ſe paſſava em Çafim. O meſmo fez Aliadux, que da ſua parte, e da de Abentafut lhe pedio qui-

Era vulg. zeſſe ajudallos com alguma gente, que elles eſtavaõ promptos a jurar-ſe vaſſallos del Rei D. Manoel. Em peſſoa foi o noſſo Chéfe a Çafim; mas receoſo da pouca fidelidade dos revoltoſos, naõ ſe empenhou a ſeu favor, e veio para Caſtello Real a obſervar as conjuncturas. Depois de outras revoluções, em que ſe traçava a mórte de Abentafut, a que ſe inclinava o Azambuja; elle ſe reſolveo mandallo a Lisboa para El-Rei determinar o que bem lhe pareceſſe.

Com tanta dexteridade negociou Abentafut, tanto ſe inſinuou no eſpirito do Rei, e deprimio de ſórte o procedimento dos ſeus emulos, que D. Manoel o mandou para Çafim com o cargo de Capitaõ do Campo. Ordenou ſe lhe déſſem vinte cavallos Portuguezes, para como prático na terra, explorar a campanha com outro conhecimento, que naõ tinha o Azambuja. Entaõ entendêraõ todos, que eſta determinaçaõ do Rei era hum exceſſo de piedade; mas os effeitos moſtráraõ, que fora huma das illuſtrações impreſcru-

erutaveis nos Soberanos. Todas as idéas deste Barbaro, que nós entendiamos desavantajosas aos nossos interesses, nós as vimos depois as mais confórmes, as mais fiéis, as mais activas: nós as cremos, quando tantas vezes na frente das trópas o admiramos derrotando as dos Reis de Marrocos, de Féz, de Sus, e de Hea; rendendo tributaria da nossa Coroa toda a Provincia de Ducala.

Era vulg.

CAPITULO V.

Trataõ-se os successos do anno de 1507 na India, Africa, e Europa.

SEM successos memoraveis na Europa se passáraõ os principios do anno de 1507, em que El-Rei determinou mandar á India, quatorze náos repartidas em quatro Capitanias, que humas apoz outras sahíraõ de Lisboa no mez de Abril. Deixando as tres, que mandavaõ Jorge de Mello Pereira, Filippe de Castro, e Fernaõ Soares, por serem

1507

 me-

Era vulg. menos consideraveis os seus acontecimentos; nós fallaremos nos da Esquadra de Vasco Gomes de Abreo, que hia provido na Fortaleza de Çofala. Tantas náos Portuguezas desta, e das mais frótas, que andáraõ dispersas pelas Cóstas de Africa, além do Cabo de Boa-Esperança, e por ellas invernáraõ, naõ houve huma só, que neste anno chegasse á India. Vasco Gomes depois de cuidar na Fortaleza de Çofala, que como dissemos, estava provida pelo Vice-Rei em Nuno Vaz Pereira, elle quiz executar as ordens, que levava de fazer outra Fortaleza em Moçambique, para onde mandou encarregado desta commissaõ a Duarte de Mello, que havia ser o seu Governador.

Para dar mais calor á obra, pouco depois de Duarte de Mello partio para a mesma parte Vasco Gomes de Abreo, deixando Çofala a cargo de Ruy de Brito Patalim; levando comsigo outros dous Capitães nas suas náos. A sua viagem foi taõ infeliz, que todos tres se perdêraõ, sem que atégo-

ra

ra se soubesse o como, nem aonde. Era vulg.
Duarte de Mello foi continuando a obra, e antes della acabada, correndo já o anno de 1508, vários dos Capitães das Esquadras, que viérað dar a Moçambique, navegáraõ aos seus destinos, que eraõ para o Cabo de Guardafú Diogo de Mello, e Martim Coelho; para a India Jorge de Mello, Filippe de Castro, e Fernaõ de Sousa, que foraõ recebidos pelo Vice-Rei com alvoroço extremo para lhe reforçarem a Armada, com que determinava combater a que se esperava do Soldaõ do Egypto.

Como se soubesse que neste anno naõ chegáraõ á India náos do Reino, os Mouros tomáraõ corage, tiveraõ-nos por perdidos, e instáraõ com o Rei de Calecut naõ deixasse fugir a occasiaõ de tomar vingança de tantas injúrias com hum só golpe. Os fabricantes de prognosticos affirmavaõ, que pelos seus calculos aquelle era o anno das glorias do Çamorim, e da ruina dos Portuguezes. Os Sacerdotes Bramanes em tom de Oraculos persuadiaõ a guer-

ra

Era vulg. ra como decretada no consistorio da Divindade, já propicia ao Reino de Calecut. Huma tal collecçaõ de promessas felices fez no espirito do Rei o abalo, que ao mesmo tempo era movido pelos impulsos do desejo; e quanto soava na sua Monarquia era guerra, victorias, Portuguezes degollados, a Asia libertada.

Tantos éccos chegáraõ aos ouvidos do Vice-Rei, que para mostrar aos inimigos a pouca necessidade, que tinha de soccorros, dividio os navios em duas frótas. A Manoel Peçanha encarregou a escolta das náos, que navegavaõ para o Cabo Comorim, cobrindo-as com duas galeotas, dous navios, e hum paráo. De onze náos grossas nomeou Commandante a seu filho D. Lourenço para correr os mares visinhos. Desta Esquadra se destacou com a sua náo Gonçalo Vasques de Goes para ir conduzir viveres de Cananor. Quando se recolhia bem despachado, encontrou hum navio de Mouros, que sahíra do mesmo porto, e lhe mostrou o passaporte, que levava firmado por

Lou-

Lourenço de Brito, Governador da nossa Fortaleza. Como os Mouros traziaõ este Seguro naõ quizêraõ defender-se; crendo, que Gonçalo Vasques observaria religiosamente os Artigos do ultimo Tratado, em que se convencionou tratar como de amigos todas as embarcações, que navegassem os mares de Arabia, Persia, e India, com tanto que apresentassem passaporte do primeiro Chéfe, ou de qualquer dos Capitães das Fortalezas de Portugal. Firmes nesta boa fé navegavaõ os Mouros.

Era vulg.

Gonçalo Vasques taõ pouco caso fez della, e do crédito da Naçaõ, que entaõ nascia na Asia; taõ pouca consideraçaõ lhe devêraõ as representações do Capitaõ afflicto, que consultando só o seu odio aos Mouros unido á cobiça das suas mercadorias: elle mandou cozer em huma das vélas da náo ao Capitaõ Mouro, a todos os seus marinheiros, e com deshumanidade barbara os fez lançar ao mar: acçaõ indigna de qualquer homem de honra, cruel, impia, contraria ao Direito das Gen-

Era vulg. Gentes, eſtranha ainda á razaõ menos illuminada: acçaõ temeraria, louca, cheia de furor, terrivel pela conjuntura, em que aos Portuguezes ſó convinha captar a benevolencia, naõ o eſcandalo, a cólera, a indignaçaõ dos Póvos do Oriente: acçaõ, que podia ſobverter os fundamentos do noſſo Imperio da Aſia, que eſtava no berço, e nós ſó podiamos fazer firme na probidade, na exacçaõ, na boa fé, no cumprimento inviolavel da palavra. Em fim, ella foi huma acçaõ, que ainda entre os noſſos amigos, principiava a fazer o nome Portuguez, aborrecido, e abominavel na India.

Acodio a reparar tanto damno a juſtiça, a prudencia, a boa economia do Vice-Rei. Elle ajuntou logo conſelho de guerra, em que propôz com diſcurſo vivo, que ſe fazia ſentir em ſi meſmo, a indignidade da acçaõ de Gonçalo Vaſques, e que della ſe neceſſitava dar huma deſapprovaçaõ taõ pública, que todo o mundo a tiveſſe, naõ por obra dos Portuguezes, mas por monſtruoſidade de hum avarento

des-

deshumano. Por consenso unanime foi Gonçalo Vasques degradado de todas as honras, e ao exemplo do Vice-Rei, que nunca mais fez caso delle, experimentou o mesmo em todas as gentes. Este procedimento fez por entaõ suspender a murmuraçaõ dos Indios; mas fallecendo pouco depois o Rei de Cananor nosso Alliado, o seu successor, que era amigo do de Calecut, deo ouvidos ás suas suggestões, attendeo ás queixas dos Mouros aggravados, especialmente ás de hum chamado Mamale, parente do Capitaõ do navio aprezado por Gonçalo Vasques, igualmente rico, que respeitado em Cananor, e começáraõ os nossos negocios a mudar de figura naquella Corte.

Era vulg.

Mamale, naõ só escandalisado da mórte do parente, mas sentido da perda do navio, e da fazenda, que lhe pertenciaõ, apenas vio mudado o Governo soblevou huma quantide de queixosos, que carregáraõ a Lourenço de Brito das injúrias mais enormes. Elle quiz dar próvas constantes da sua sinceridade, firmando-a com juramento; mas

na-

Era vulg. nada mereceo crédito, nem attençaõ. Foi o tumulto á presença do Rei, que ou escandalisado do insulto do Vasques, ou conhecendo as difficuldades de apasiguar hum Povo mettido em movimento; elle entregou os Portuguezes á discriçaõ dos Mouros, para que se vingassem como bem lhes parecesse. Animados com esta permissaõ, Mamale Chéfe do partido, escreveo aos Mouros de Calecut, participando-lhe a resoluçaõ do Rei de Cananor, instando-os a unirem-se com elles para tomarem huma vingança taõ estrondosa, como tinha sido a injúria. Os Barbaros de tudo informáraõ ao Rei de Calecut, que sempre infesto aos Portuguezes, fez logo desfilar trópas para Cananor, aonde o Rei já tinha mandado fazer huma cava funda, que separasse a communicaçaõ da Cidade com a fortaleza, e o poço.

Lourenço de Brito, que via este movimento dirigido a matar de sede a guarniçaõ, que além dos mais aprestos de Cananor, sabía que estavaõ chegando 30000 homens de Calecut com

24

24 canhões para baterem a Fortaleza; que naõ tardava o Inverno a fechar aquelles mares: sem perda de tempo pedio soccorro ao Vice-Rei; reforçou as sentinellas; mandou abrir hum caminho estreito para o poço, que cobrio de terra sobre grossas vigas, e o ficou dominando; recebeo por D. Lourenço de Almeida bom reforço de trópas, fornecimento de viveres, e esperou valeroso os repelões de 40000 homens, que viéraõ a sitiallo. Apuráraõ o valor, e a arte os seus esméros neste prolongado sitio, em que nos defendemos de muitos, e violentos assaltos. Na tarde em que vencemos hum dos mais gloriosos, certo Cavalleiro Hespanhol do apellido de Guadalajára, que havia dado próvas elegantes da sua intrepidez; teve a lembrança de pedir ao Governador fiasse delle 150 homens para visitar no quarto da Alva os arraiaes dos inimigos.

Era vulg.

O Governador lhos concedeo, e quizéraõ acompanhallo Gonçalo Vasques de Goes para expiar o seu crime com acções generosas, Ruy Pereira, Fer-

Era vulg. Fernaõ Peres de Andrade, e seu irmaõ Simaõ de Andrade, Vicente, e Diogo Pereira, Ruy de Sampayo, Francisco Pantoja, Francisco de Miranda, Pedro Teixeira, Jorge Fogaça, e outros Fidalgos de conhecido valor. Elles se conduzíraõ de modo neste avance, que depois de passarem á espada mais de 300, de ferirem hum grande número, de porem o resto em fugida, se recolhêraõ á Fortaleza com sete canhões, outra artelharia miuda, e hum grande despojo. Esta vantagem, e a felicidade, com que os tiros de huma peça de grande calibre leváraõ pelos ares os saccos de lã, com que os inimigos cobriaõ as suas trincheiras, já nos davaõ esperanças de vencer, a elles a certeza de ser vencidos, como quem tinha por impossivel resistir a peito descoberto á continuaçaõ do nosso fogo. Succedeo porém, que hum descuido o fizesse pegar na Feitoria, aonde se guardavaõ os mantimentos, e ficáraõ mui poucos em hum armazem de reserva.

Naõ tardou a fome em ser extrema, nem o Rei de Cananor em saber del-

della pelos escravos, que fugiaõ da Fortaleza. Accodio o Ceo a esta necessidade, fazendo arrojar o mar tanta quantidade de lagostas á praia, que os sitiados se mantivéraõ com ellas muitos dias. Como o Inverno hia acabando, e naõ tardariaõ os soccorros; como a fome naõ nos consumíra, e os espiritos se conservavaõ inteiros: determináraõ os inimigos postar em torno da Fortaleza os 50ↀ000 homens, de que já constava o seu Exercito, apressar huma quantidade de navios com alguns dos Castellos, de que o Çamorim se servira contra Duarte Pacheco na guerra de Cochim, e por mar, e terra dar hum assalto geral á Fortaleza. Lourenço de Brito foi logo avisado da tempestade, que o ameaçava pelo mesmo Principe de Cananor, e advertido a applicar a defensa mais vigorosa para a parte do mar, aonde os seus inimigos tinhaõ mais firmes as esperanças.

Era vulg.

Amanheceo o dia destinado para o assalto, e apparecêraõ os Portuguezes coroando a muralha vestidos de galla, impacientes, e alegres, como quem es-

Era vulg. esperava o fim da guerra. Com a primeira luz se movêraõ o Exercito, e a Armada, sobre ella os Castellos, que haviaõ ficar a cavalleiro dos nossos baluartes para estarmos descobertos ao seu fogo. Elle se atiçou de ambas as partes horroroso, e ardeo voraz desde a sahida até á postura do Sol. As gentilezas, que obramos em todo hum dia de combate, tem mais de verdadeiras, que de criveis: elle foi hum dos mais disputados, que nós tivemos na India. O Exercito, e a Armada tudo pozemos em derrota com perda de muitas vidas, sem que da nossa parte faltasse hum só homem: successo para milagre opportuno, para accidente raro. Ambos os córpos destroçados se refugiáraõ na Cidade; mas na manhã seguinte, mandando o Governador levar a hum sitio, que a dominava, a artelharia mais grossa da Fortaleza, fez chover sobre ella hum diluvio de ballas. As casas mais vistosas em breve tempo foraõ montes de ruinas: os cadaveres nas ruas eraõ tropeço dos vivos: muitos Mouros ficáraõ sepultados debaixo das paredes de

de hum Templo, aonde se haviaõ ajuntado para aplacar a indignaçaõ do seu Mafoma com expiações barbaras, e ridiculas; o Povo, os peregrinos, cobertos de pavor, e medo, foraõ clamar ao Rei, que sem demora fizesse a paz com os Portuguezes; que o seu escandalo Gonçalo Vasques de Goes pagára no sitio o seu crime com a vida; e que se este seu rogo naõ fosse attendido, elles abandonavaõ a Cidade á discriçaõ dos vencedores.

Era vulg.

Nesta figura estavaõ os negocios no dia 27 de Agosto, quando Tristaõ da Cunha com a Armada, que commandava, ferrou o porto de Cananor. Os Portuguezes, com forças para maiores empenhos, recobráraõ dobrados alentos: os inimigos os perdêraõ de todo, e com Deputações humildes expozeraõ a Lourenço de Brito o seu arrependimento, e lhe pedíraõ a paz. Elle a concedeo com approvaçaõ de Tristaõ da Cunha: mas com as condições, que lhes quizesse prescrever o Vice-Rei, que com effeito as approvou, deixando abattido com esta grande victo-

Era vulg. ctoria o orgulho de Calecut, e Cananor.

Em quanto na India ſuccediaõ eſtas couſas, em Africa acabáraõ as revoltas da Cidade de Çafim, que dividio o ſeu governo entre Haliadux, e Abentafut. Eſte deixei eu em Lisboa negociando com El-Rei D. Manoel, que o mandou a Africa favorecido, inclinado aos noſſos intereſſes, e reſoluto a metter Çafim na noſſa obediencia. Do tempo que elle ſe deteve em Portugal ſe approveitou Haliadux para ficar Governador deſpotico da Praça, ſem lembrança dos beneficios, que devia aos Portuguezes, com o novo mando ſeu declarado inimigo. A Diogo da Azambuja ſe fez intoleravel eſta ingratidaõ; e recorrendo ás armas, muitas vezes batido, e derrotado Haliadux, elle foi obrigado a pagar-nos tributo, e a reconhecer a El-Rei D. Manoel por ſeu Soberano. Aſſim foraõ diſſipadas em Çafim as facções dos dous Governadores; mas entaõ principiáraõ as de Diogo da Azambuja, e de Garcia de Mello, que com as Galéz, que cruzavaõ no Eſtreito

to

to foi mandado auxiliar a empreza de Çafim. Era vulg.

Como esta Praça ficou em nosso poder pela retirada de Haliadux, que se foi amparar do favor do Rei de Féz; os nossos dous Chéfes se dividíraõ nos sentimentos a respeito do modo de a defender, e da pessoa para a governar; e como as opiniões eraõ differentes, teve cada huma o seu partido. Já os Mouros se queriaõ aproveitar das vantagens da desuniaõ; mas os Portuguezes attentos aos interesses do público, sem se embaraçarem com a retirada de Garcia de Mello, que antes quiz recolher-se a Lisboa, que ceder da teima; elles se uníraõ, reconhecêraõ por Governador de Çafim a Joaõ do Rego de Portalegre, que o Azambuja noméara, e naõ se empregáraõ em mais objectos, que nos do bem commum.

Nestes, e outros successos de menos entidade se passou o anno de 1507, que no fim affligio o Reino com o flagello da peste, e obrigou a Corte a refugiar-se na Villa de Abrantes, aonde nasceo o Infante D. Fernando. Princi-

Era vulg. pe dotado de qualidades ſublimes, objecto de grandes eſperanças, que por huma mórte immatura foraõ cortadas em flôr. Naõ obſtante a calamidade, que o Reino padecia, D. Manoel naõ podia ſupprimir os deſejos de continuar a guerra contra os Reis de Marrocos, e de Féz. Eſte deſignio o obrigou a mandar com quatro náos a D. Joaõ de Menezes ſondar as barras de Azamor, Mamora, Zalé, e Larache. D. Joaõ executou as ordens com a maior actividade, e as informações que elle trouxe déraõ cauſa á expediçaõ, de que fallaremos em ſeu lugar.

CAPITULO VI.

Da Armada, que partio para a India no anno de 1508, e do que nella ſuccedeo no meſmo anno.

1508 NAõ havendo negocio, que diverțiſſe do eſpirito do Rei D. Manoel os cuidados da India, reſolveo mandar a ella eſte anno huma Armada de dezaſſeis

náos.

náos. Informado da importancia de Malaca, Emporio célebre do Oriente, determinou que fosse a ella com quatro daquellas náos Diogo Lopes de Siqueira acompanhado dos Capitáes Jeronymo Teixeira, Gonçalo de Sousa, e Joaõ Nunes com ordem de examinarem na viagem a Ilha de S. Lourenço, que as ultimas noticias faziaõ recommendavel. Sahio esta Esquadra de Lisboa a cinco de Abril, e nós a deixaremos continuando a sua viagem para seguirmos a do resto da Armada, que hia ás ordens de Jorge de Aguiar, e que com cinco náos havia ir cruzar no Cabo de Guardafu para dar caça aos navios da Arabia, que navegassem para a India. Elle levava por Capitáes a seu sobrinho Duarte de Lemos, Senhor da Trofa, a Vasco da Silveira, a Diogo Correa, e a seu irmaõ Pedro Correa.

Era vulg.

Commandavaõ as outras náos Francisco Pereira Pestana, que hia provido na Capitania de Quiloa, Vasco Carvalho, Alvaro Barreto, Joaõ Rodrigues Pereira, Joaõ Colaço, Gonçalo Mendes de Brito, e Tristaõ da Silva,

Era vulg. que com duas galéz da India havía ir ajuntar-se com Jorge de Aguiar no Cabo de Guardafu. As tormentas, que sobreviérao na viagem, desgarrárao esta conserva: Francisco Pereira Pestana arribou a Lisboa, donde tornou a sahir em Maio: Jorge de Aguiar ferrou a Ilha da Madeira; mas montado o Cabo de Boa-Esperança, outra tormenta o metteo no fundo, salvando-se a náo de Alvaro Barreto, que levava o mesmo rumo. Elle se encontrou em Moçambique com Duarte de Lemos, e mais Capitães destinados para o Cabo de Guardafu, aos quaes deo noticia do naufragio de Jorge de Aguiar. As outras náos todas chegárao á India no mez de Outubro; e Duarte de Lemos, que ficava Commandante da Esquadra, depois de determinar em Conselho de Guerra o ataque da Cidade de Magadaxo, navegou para Çacotorá. Os ventos contrarios o forçárao a tomar porto em Ormuz, aonde o deixaremos até ser tempo de fazer narraçao dos seus successos.

Já nós dissemos, que no anno de 1506 sahio de Lisboa Tristao da Cunha com

com onze náos, que invernáraõ em differentes Pórtos, e nenhuma chegou á India naquelle anno. Depois mandou El-Rei mais cinco ás ordens do Grande Affonſo de Albuquerque para cruzar no Cabo de Guardafu, ſucceder no cargo ao Vice-Rei D. Franciſco de Almeida, e na falta de ambos o meſmo Triſtaõ da Cunha. Levava Affonſo de Albuquerque por Capitães a Franciſco de Tavora, a Manoel Teles Barreto, a Antonio do Campo, a Affonſo Lopes da Coſta, e ordem para em Moçambique unir a eſta Frota a náo de Pedro Coreſma. Varias tempeſtades deſgarráraõ a conſerva deſtas duas Armadas. Os Chéfes, e outros Capitães paſſáraõ o Inverno em Moçambique: Affonſo Lopes da Coſta ferrou Çofala: Leonel Coutinho entrou em Quiloa: Alvaro Teles, vencendo perigos immenſos, foi parar ao Cabo de Guardafu, aonde fez algumas prezas, e voltou a Çocotorá para eſperar a Triſtaõ da Cunha: Rodrigo Pereira Coutinho penetrou o mais interior da Ilha de S. Lourenço por huma agradavel

Era vulg.

Ba-

Era vulg. Bahia, que fez chamar Formosa, assim como a toda a Ilha de S. Lourenço pela avistar no dia deste Santo.

As noticias que Rodrigo Pereira deo em Moçambique ao Cunha, e Albuquerque das qualidades da Ilha, os estimulou a irem examinalla, por naõ ser ainda tempo de navegarem para Çocotorá. Elles o fizeraõ com algumas das náos, buscando-a pela parte de dentro, mas os moradores de dous lugares lhes impediraõ saltar em terra; empenho, que aos mais custou a vida, aos lugares o seu estrago. Dalli foraõ costeando a terra, até chegarem a hum Cabo, que Tristaõ da Cunha naõ quiz montár temeroso de alguma tormenta, e velejou na volta de Moçambique. Quando se fez esta retirada já a náo de Joaõ Gomes de Abreo havia passado o Cabo, que chamaõ do Natal, e foi logo assaltada por hum tempo rijo. Com elle correo pela parte de fóra da Ilha, e chegou a hum rio caudaloso na Provincia Matatana, aonde entrou, e o recebêraõ bem. Esta hospitalidade lhe facilitou saltar em terra com alguns ca-

camaradas; mas foi tal a ſua infelicidade, que nella morrêraõ alguns de afflicçaõ, quando hum groſſo temporal levou a náo, ſem o batel a poder abordar, entre elles o meſmo Joaõ Gomes de Abreo, que em tanto deſamparo naõ pode dar-lhe conſolaçaõ o agrado do Rei de Matatana.

Era vulg.

Foi eſte o ſegundo deſcobrimento da Ilha de S. Lourenço, que agora fez Triſtaõ da Cunha pela parte de dentro, e antes o havia feito Fernaõ Soares pela de fóra. Ella he huma das maiores Ilhas do Univerſo, que ſe eſtende por mais de 300 legoas de comprido, e paſſa de 120 de largo. Os antigos lhe chamáraõ Madagaſcar. Eſtá dividida em vários Reinos. Os moradores ſaõ Mouros, e Idolatras, baços, encarapinhados, e andaõ nús. He grande a ſua fertilidade em generos de carnes, caça, fructos de arvoredos, e plantas; mas eſte ſegundo deſcobrimento, naõ ſó cuſtou a Triſtaõ da Cunha a perda de Joaõ Gomes de Abreo, e de nove companheiros, que lá morrêraõ conſternados, ainda que treze viéraõ depois

a

Era vulg. a Moçambique; mas a da náo de Rodrigo Pereira, que na volta da viagem se foi a pique com mórte da maior parte da gente.

Sendo tempo opportuno de navegar, Triftaõ da Cunha partio de Moçambique; foi a Melinde; entregou ao Rei amigo as cartas, e prefentes, que levava: recommendou-lhe tres Emiffarios, que D. Manoel mandava ao chamado Prefte Joaõ da Ethiopia, e partio para a Cidade de Hoja, vinte legoas adiante de Melinde, e inimiga do feu Rei. Nella naõ deixou Triftaõ da Cunha mais, que dos edificios as cinzas, dos homens os cadaveres. Quinze legoas avante fez noffa tributaria a Cidade de Lamo: á de Brava offereceo paz, que ella differia com enganos; mas cuftáraõ-lhe a fua ruina. Triftaõ da Cunha, e Affonfo de Albuquerque a affaltáraõ com a melhor gente. A refiftencia dos Barbaros foi bifarra; mas mórtos alêm de 1500, os mais fugíraõ, a Cidade ficou em noffo poder com muitos captivos, entre elles mais de 800 mulheres, ás quaes a impie-

piedade cortava as mãos vivas para lhes tirarem dos braços as manilhas de ouro. O despojo foi taõ rico, e taõ copioso, que naõ coube nas náos, cançou, ou fez insensivel a cobiça. Démos fogo á Cidade, e foi como Hoja segundo espectaculo. Era vulg.

Tristaõ da Cunha estímou tanto esta victoria, que logo depois della quiz que Affonso de Albuquerque o armasse Cavalleiro, a seu filho Nuno da Cunha, e a Ruy Dias Pereira com outros Fidalgos, que se distinguíraõ no combate. Feita esta ceremonia, navegou para a soberba Praça de Magadaxo, aonde mandou a Leonel Coutinho offerecer paz. Os Mouros ferozes despedaçáraõ o Emissario, que o Coutinho lhes enviou, ameaçando-o que lhe fariaõ o mesmo se saltasse em terra. Naõ quizéra o Cunha demorar o castigo de tamanha affronta; mas instado pelos outros Chéfes, que ponderáraõ as difficuldades da empreza, a visinhança do Inverno, e outros inconvenientes, elle teve de se fazer desentendido, soltar o panno, navegar para Çocotorá, aonde

Era vulg. de aportou felizmente. Esta Ilha he a Dioscorides dos antigos, montuosa, abundante de fructos, os homens brancos, e que fazem confissaõ do Christianismo. Elles tem Igrejas como as nossas, e nellas Cruzes, mas naõ Imagens. Jejuaõ a Quaresma, e o Advento sem usarem de peixe. Casaõ com huma só mulher, guardaõ os mesmos dias de Festa, que a Igreja manda; invocaõ o patrocinio dos Santos, e pagaõ dizimos aos Sacerdotes. O Apostolo S. Thomé converteo aos seus ascendentes; mas nós os achamos com muitas corruptelas na verdadeira crença.

Estes homens viviaõ na ociosidade, eraõ covardes, naõ estimavaõ a liberdade, e o Mouro Rei de Caxem, que dominava nesta parte da Arabia Felix, facilmente os privou della; deitando-lhes hum freio na Fortaleza, que edificou naõ longe da Praia, muito defensavel, e bem presidiada. Tristaõ da Cunha se determina o rompello para libertar os opprimidos Christãos, e faz saber ao Principe Abrahem, filho do Rei, que elle professa os mesmos Dogmas da-

quel-

quelles seus vassallos: que he o primeiro dos seus deveres amparallos a todo o custo; mas que desejoso de o conseguir por meio da paz, lhe pedia, que sem effusaõ de sangue lhe entregasse a Fortaleza da Ilha de Çocotorá, que elle naõ podia deixar de ter por hum escandalo da sua Religiaõ Santa. O Principe, que a commandava, respondeo, que naõ tinha dúvida na entrega, se seu Pai o mandasse; que ás insinuações do Rei de Portugal, ou de outro qualquer Principe, obedeceria com a lança enristada.

Era vulg.

Tristaõ da Cunha para abater a fereza do Principe, resolve a guerra, e vai em pessoa sondar a paragem, que lhe pareceo mais cómmoda para atacar a Fortaleza. Abrahem, que o prevenio, mandou na mesma noite postar hum corpo de guarda naquelle sitio para impedir o desembarque. Naõ se embaraçou o Cunha, quando vio rotas assim as suas medidas. Elle dividio as suas trópas em dous córpos; hum para a vã-guarda, que elle cobria com Leonel Coutinho, Ruy Dias Pereira, Joaõ da

Era vulg. da Nova, Job Queimado, e outros Capitães: o segundo levava na têsta ao Grande Albuquerque; e nesta ordem navegárao nos batéis em demanda da Praça por parte differente da que o Cunha quiz sondar. Todos estes movimentos Abrahem observava dos muros; e como era valoroso, sahio na frente de grosso destacamento a impedir, que os Portuguezes forçassem a sua gente nos mesmos entrincheiramentos.

Affonso de Albuquerque se avançou a ella com hum impeto como seu. O Principe receoso, de que elle o rodeasse, voltou cáras contra os nossos, que lhe ficavaõ mais visinhos. Esta precauçaõ naõ o livrou do risco, em que elle se metteo; porque D. Affonso de Noronha, apartando-se do corpo mandado pelo Albuquerque, lhe tomou o flanco, atacou-o com tanto vigor, que elle foi forçado a retroceder; mas com tal ordem, que fez recolher a sua gente na Fortaleza, e impedir aos Portuguezes, que hiaõ sobre ella, entrarem ao mesmo tempo. D. Affonso de Noronha se enfureceo á vista deste movimen-

mento; lançou-se sobre o Principe como raio, e encontrou hum homem, que a pé firme reteve o impulso da sua corage. Alguns dos seus soldados naõ foraõ taõ constantes, e abandonáraõ o conflicto. Elle com oito sustentáraõ todo o seu pezo, que os opprimio, e todos ficáraõ esmagados dopois de venderem cáras as vidas.

Era vulg.

Em quanto o bravo Principe de Caxem acabava com tanta glória, Tristaõ da Cunha dissipava as reliquias dispersas no campo. Poucos podéraõ recolher-se á Fortaleza, que foi logo assaltada por Affonso de Albuquerque. Os inimigos se defendêraõ em desesperados com tiros de flexas, e pedras, huma das quaes ferio ao Albuquerque, e o deixou algum tempo sem falla. A vista deste furor, o Cunha mandou vir da Armada hum canhaõ, que assestou contra a porta, e a fez em pedaços. Entráraõ os nossos; mas trinta homens, que já naõ havia outros vivos, obstinados na defensa naõ quizéraõ render-se, e se fizéraõ fórtes em huma torre. Forçada esta, passáraõ para outra mais se-

gu-

Era vulg. gura occupados de huma determinaçaõ heróica. Os noſſos Chéfes ſe laſtimáraõ, de que homens taõ bravos, dignos de toda a honra, aſſim deſprezaſſem as vidas, e lhas mandáraõ offerecer. Elles naõ as quizeraõ acceitar, e todos foraõ mórtos. Cuſtou-nos eſta acçaõ oito homens, e muitos feridos; a glória della naõ teve preço. Affonſo de Albuquerque ſalvou da mortandade geral a hum Piloto chamado Omar, que depois o ſervio fiel, e bem experimentado nas cóſtas da Arabia.

Rendida a Fortaleza, Triſtaõ da Cunha mandou aſſegurar aos moradores da Ilha, que os ſeus intentos naõ eraõ outros, ſenaõ conſervallos em paz debaixo da protecçaõ del-Rei D. Manoel: que reconheceſſem a felicidade, com que as ſuas armas haviaõ reſgatado tantos Chriſtãos do poder tyrannico de hum Rei Barbaro, e por iſſo deſſem graças ao verdadeiro Deos. Corrêraõ aquelles Póvos alvoroçados aos Templos, aonde fizemos celebrar os Myſterios ſagrados, e inſtruillos nas Máximas principaes do Chriſtianiſmo,

que

que a ignorancia tinha corrompido. Depois de ganhada por este modo a benevolencia dos de Çocotorá, de reformada, melhor fortalecida, bem presidiada a Fortaleza, de que El-Rei nomeára Governador a D. Affonso de Noronha; Tristaõ da Cunha navegou para Cananor, aonde chegou, como fica dito, a tempo, que Lourenço de Brito acabava de vencer ao seu Rei, ao de Calecut, e celebrou a paz com approvaçaõ do mesmo Cunha, que levou o Tratado a Cochim para ser confirmado pelo Vice-Rei

Era vulg.

Do porto de Cochim havia Tristaõ da Cunha voltar para o Reino, e conduzir cinco náos de carga, que se pozéraõ promptas para a viagem. Ao mesmo tempo succedeo informarem ao Vice-Rei, como no lugar de Panane estavaõ carregadas de especiarias náos de Meca, de Calecut, e de Mouros: que o Rei Naubeadarim as tinha bem guardadas por muitos paráos de guerra ás ordens de Cutiale, hum Mouro estimado por valente; e determina ir em pessoa a pôr-lhes fogo, e arrazar a povoa-

Era vulg. voaçaõ. Triſtaõ da Cunha ſe offereceo para o acompanhar neſta empreza, que ſe executou com doze náos, em que embarcáraõ 700 Portuguezes, e alguns Naires de Cochim. Como a entrada do rio ſe fazia difficultoſa aos navios maiores, e o Vice-Rei ſoube que os inimigos eſtavaõ muito a cima defendidos por Cutiale com quatro mil homens entrincheirados, e quantidade de artelharia, foi preciſo dar outra fórma ao ataque. Ordenou o Vice-Rei, que Pedro Barreto de Magalhães fizeſſe a váguarda no ſeu batel com 30 homens: que com igual número o ſeguiſſe em outro Diogo Pires: que em mais dous embarcaſſem D. Lourenço de Almeida, e Nuno da Cunha, aos quaes fariaõ a reta-guarda em duas galéz ſeus Pais o Vice-Rei, e Triſtaõ da Cunha.

Quando Pedro Barreto, e Diogo Pires por baixo do fogo da artelharia quizeraõ ſaltar em terra, foraõ acomettidos por quantidade de Mouros com as cabeças, e barbas rapadas em ſignal do voto feito nas ſuas Meſquitas de peleijar até morrer, ſem mudarem

rem pé do ſeu poſto, nem ſe deixarem captivar: devoçaõ religioſa entre elles, que lhes inſpira huma corage brutal, e faz os combates taõ cruéis, como foi eſte, quando nelles ſe empenhaõ eſtas ſórtes de Fanaticos ſuperſticioſos. Na força deſta refrega chegáraõ D. Lourenço, e Nuno da Cunha, que abríraõ o paſſo para o deſembarque, e elles pozeraõ pé em terra. Os Portuguezes naõ podéraõ valer-ſe, ſenaõ das lanças, e eſpadas; mas o ſeu esforço fazia dobrar o vigor dos Barbaros, que todos ficáraõ no campo, tanto que nos podemos ſervir dos moſquetes.

Era vulg.

A tempo que os Barbaros perdiaõ a corage com a mórte dos Mouros rapados, chegavaõ á margem do rio as galéz do Vice-Rei, e de Triſtaõ da Cunha. Eſte por enfermo ficou a bórdo; o Vice-Rei ſaltou em terra com a bandeira Real, e foi levando os inimigos até Panane. D. Lourenço, e Nuno da Cunha ſe faziaõ invejar de amigos, e contrarios. O primeiro pegando em huma alabarda, que jogava com

Era vulg. deſtreza, matou ſeis. Os Portuguezes ſeguindo o alcance, entrárao na Villa, a que ſe mandou pôr fogo, para que a cobiça naõ malograſſe o ſucceſſo, e a gente partiſſe a demolir na bocca do rio dous Fórtes, que podiaõ ſervir de refugio aos vencidos. Ao meſmo tempo Nuno da Cunha, e Pedro Barreto, ſem attençaõ ás riquezas de que eſtavaõ carregadas, déraõ fogo a dezoito náos, conſumindo o valor o Exercito de terra, o incendio indiſtincto a Armada naval, e a Villa. Como ſe prohibio perſeguir os fugitivos, perdêraõ os Barbaros ſó 300 homens no campo da batalha: dos noſſos morrêraõ 12; houveraõ muitos feridos, entrando no ſeu número o Vice-Rei, que em quanto o fogo ardia na Villa, e nas náos, elle na praia armava Cavalleiros aos que bem ſe conduzíraõ no combate, e teve por digno deſta honra ao Italiano Luiz Waurtman, de quem eu já fiz mençaõ, e veio com Triſtaõ da Cunha para Portugal.

Elle partio de Cananor com as náos da carga, deixando na meſma Cidade

ao

aõ Vice-Rei occupado nas idéas de naõ dar tempo de respiraçaõ aos nossos inimigos. Com este intento mandou a seu filho D. Lourenço, que com oito náos escoltasse as de Cochim até Chaul, e por todos os pórtos fosse queimando as de Mouros, que encontrasse. Hum mez se deteve D. Lourenço em Chaul, aonde soube, que Campson, Soldaõ do Egypto, mandava huma Armada formidavel aos Reis de Calecut, e Cambaya para lançarem aos Portuguezes da India. O mesmo aviso lhe fez seu Pai por Diogo Caõ, que levava ordem de ajuntar a sua náo á Armada de D. Lourenço. A do Soldaõ trazia muitos Mamelucos, que na India chamaõ Rumes, ou Romanos, e saõ os filhos dos Christãos arrancados pelos Barbaros do poder de seus Pais na mininice, e educados na Seita Mahometana, bem instruidos na guerra, elles os estimaõ pelos primeiros dos seus soldados. D. Lourenço, antes que as Armadas dos Alliados se unissem, com ordem de seu Pai determinou ir atacar os Rumes nos mares de Dio; mas el-

Era vulg.

Era vulg. elles lhe poupáraõ a viagem, como diremos no Capitulo ſeguinte.

CAPITULO VII.

Dá-ſe noticia da Armada do Soldaõ do Egypto, que unida á de Cambaya atacou a de D. Lourenço em Chaul, ſucceſſo da batalha com outros acontecimentos.

O GRANDE projecto, que concebeo o Soldaõ do Egypto de lançar os Portuguezes da India, o fez vencer as muitas difficuldades de ajuntar materiaes para conſtruir huma Armada no Eſtreito do mar Roxo, que com longa navegaçaõ pelos mares da Arabia, e Perſia, vieſſe aos de Cambaya. Com eſte deſignio mandou elle huma Fróta de vinte e cinco náos pelo Mediterraneo a conduzir da Cilicia madeiras para Damiata, Cidade do Egypto, donde haviaõ ſer tranſportadas ao lugar dos eſtaleiros. O Portuguez André do Amaral, Cavalleiro de Rhodes, teve a feli-

ci-

cidade de encontrar aquella Armada, que se recolhia com a sua carga. Elle a atacou com déz navios da Religiaõ, de que era Commandante; metteo seis a pique; tomou cinco, e pôz em fugida o resto, que chegou a Damiata. Das madeiras, que estes navios leváraõ, o Soldaõ fez construir onze, guarnecidos de bravos Mamelucos mandados por Mirhocem, soldado de valor, e experiencia, que com esta Armada chegou ao porto de Dio pertencente ao Rei de Cambaya.

Era vulg.

Aqui o esperava Meliqueáz, valente Polaco renegado, que do abatimento da escravidaõ, sobíra á dignidade de hum dos Chéfes das armas daquelle Rei, e governava Dio. Elle reforçou a Armada do Soldaõ com 34 náos bem esquipadas; enviou galéz, e Paráos por aquellas cóstas, e ordenou que cinco navios grossos surcassem os mares. D. Lourenço naõ perdia instantes para se preparar, e ir investir esta Armada, antes que se lhe incorporassem maiores forças. As mesmas foraõ as idéas de Mirhocem, que appareceo na barra de

Chaul,

Era vulg. Chaul, antes que D. Lourenço se levasse. Elle descobrio as vélas; mas entendeo ser Affonso de Albuquerque, que a cada instante esperava do Golfo Persico; naõ preparou armas, *naõ levantou* ferro, ficou sem se mover. Mirhocem, naõ sabendo a que attribuir a nossa inacçaõ, aproveitou a maré, e vento, que lhe eraõ favoraveis; carregou com grande impeto as nossas náos, e neste primeiro repelaõ nos matáraõ Rodrigo Pereira, e feríraõ alguma gente. Com igual damno, e esforço lhe respondêraõ os nossos; mas os inimigos a favor deste fogo lançáraõ ferro na entrada do porto de Chaul.

Meliqueáz esperou todo este dia *fóra* delle a uniaõ da suas náos, e no seguinte veio incorporar-se com Mirhocem. D. Lourenço com os inimigos á vista mandou levantar as ancoras, e naõ obstante ter em quasi todas as náos muitos feridos, como nesta occasiaõ lhe era preciso imprimir nelles o terror por alguma acçaõ naõ vulgar; elle escolheo na Armada dos Barbaros a

náo

náo de Mirhocem para alvo da ſua coragem. Naõ obſtante a ſua ſuperioridade, Mirhocem para evitar o combate, e eſperar os movimentos de Meliqueáz, mette as galéz entre a ſua náo, e a de D. Lourenço, que parou no meſmo lugar, em que ſe poſtára. Neſta inacçaõ ſe paſſou o dia; mas no ſeguinte o gentil Fidalgo naõ deſiſtio do empenho de balroar o galeaõ de Mirhocem: empenho, que tudo concorria para o deſvanecer; a deſigualdade das forças, o fluxo contrario da maré, tantas galéz, que havia vencer para ſe chegar a Mirhocem. D. Lourenço, que ſó conſultava o ſeu valor, por tudo rompe, e em quanto Payo de Souſa, Ambroſio Peçanha, Fernaõ Pereira de Andrade, tomaõ cinco galéz inimigas, e fazem retirar outras; elle, e Pedro Barreto rompem a linha, e ainda que naõ podéraõ abordar a Mirhocem, ſe pozéraõ delle taõ perto, que entráraõ a jogar as armas de arremeço, e entre outros, recebeo D. Lourenço duas feridas.

Era vulg.

Todos os Officiaes inſtáraõ ao ſeu

Ché-

Era vulg. Chéfe ſe retiraſſe para diſtancia, em que podeſſe ſervir-ſe da artelharia. Elle ſe deo por offendido deſta propoſiçaõ; proteſtando, que havia vingar-ſe, ou morrer. Com tudo Payo de Souſa, e Diogo Pereira nas ſuas galéz déraõ hum reboque á náo, que entrou a laborar com a artelharia a tempo, que Meliqueáz ſe unia com Mirhocem. A noite ſeparou o combate, de que D. Lourenço podia eſcapar ſem affronta ſe ſe obſtinaſſe menos, ou quizeſſe differir aos aviſos prudentes dos ſeus Officiaes. Como ſe naõ contentou com as cinco galéz priſioneiras, que os Capitães trouxéraõ ao ſeu bordo, e obſerváraõ as diſpozições para na manhã continuar o ataque; elles aſſentátaõ, que naõ tinha meio verem perecer a D. Lourenço, ou perecerem com elle, e neſte ſegundo partido ſe conformáraõ todos.

Porém o zelo do ſerviço do Principe, e D. Lourenço por naõ parecer teimoſo, conveio em que na ſua náo ſe ajuntaſſe conſelho de Gueira, e que a ſua deliberaçaõ ſe obſervaſſe. Reſolvéraõ unanimes os votos, que depois

da

da uniaõ de Meliqueaz com Mirhocem, nenhuma apparencia havia das noſſas armas conſeguirem a menor vantagem: que o Chéfe, e muitos ſoldados eſtavaõ feridos, outros mórtos nos combates precedentes: que nas forças havia huma deſigualdade notavel, a fadiga nos noſſos era grande, alguns dos navios eſtavaõ rotos, e em peior eſtado o de D. Lourenço: que a favor da noite ſe devia emprehender huma retirada honroſa, por naõ expôr a huma ruina certa, e que ſem demora ſoltas as vélas, as náos ſe fizeſſem ao mar. No meio da noite ſe deo principio a eſta manobra determinada no Conſelho; mas ella naõ pode ſer executada com tanto ſilencio, que os inimigos naõ a ſentiſſem. Elles ſe levaõ; carregaõ ſobre nós, e a náo de D. Lourenço, que cobria a reta-guarda, ſopportou largo tempo o fogo de Armada taõ numeroſa.

Era vulg.

Como ella por ambos os coſtados fazia muita agua; ao meſmo tempo, que o pezo a hia mettendo no fundo, o fluxo da maré a levou a hum baixo,

que

Era vulg. que os pescadores tinhaõ entrincheirado, e nelle ficou immovel. Payo de Sousa na sua galé a quiz rebocar com esforços taõ vivos, como inuteis. Os mais Capitães, que por causa do refluxo das aguas naõ podiaõ chegar-lhe, entráraõ a sentir o perigo de D. Lourenço, por lhes naõ ser possivel repartillo entre todos. Já elles estavaõ fóra da barra, donde lançáraõ ferro para esperar occasiaõ de soccorrer o seu Chéfe, quando a galé de Paio de Sousa, investida por Meliqueaz, roto o cabo, que dava á náo, a corrente a arrebatou sem poder virar de bordo, sahio da barra, e ficou D. Lourenço o alvo de tantos conjurados inimigos, sem soccorro, nem esperança. Em semelhante extremidade, os seus soldados naõ perdoáraõ a diligencia para que elle se salvasse no batel da nao a favor da noite, e da corrente; mas o Fidalgo sublime disse: Que elle sabia muito bem estava chegado á situaçaõ, em que ou havia fugir, ou render-se sem combater, ou peleijar até morrer: Que elle abraçava este ultimo partido, e era a reso-

foluçaõ, de que ninguem o poderia divertir: Que della talvez refultaffe ganhar tempo para encher a maré, e que entaõ foccorrido pela Armada, naõ fó fe falvariaõ todos: mas poderia fucceder, que confeguiffem huma victoria tanto mais gloriofa, quanto menos efperada.

Era vulg.

Já na náo haviaõ 70 homens feridos, e fó 30 em eftado de peleijar. D. Lourenço os repartio em tres córpos: hum, que encarregou a Manoel Peçanha para defender o convez: outro, que fiou do Feitor Francifco de Novaes para fe fuftentar no caftello de proa; e o terceiro refervou para fi na tolda de poppa. Huma taõ grande refoluçaõ fufpendeo aos inimigos, que parárаõ atonitos, fem fe attreverem a abordar-nos; e para naõ fe empenharem em hum choque de defefperaçaõ, de longe fizéraõ fogo inceffante fobre a náo por todos os lados. O noffo lhe correfpondia com igual vigor; fazendo D. Lourenço o officio de grande Capitaõ com tanto acordo, que deixou invéja immortal a todas as idades. Huma

Era vulg. ma balla lhe levou a coxa de huma perna; mas assentando-se junto ao masto maior, dava as ordens com tal desafogo, como se nelle naõ houvera mais que espirito. Os Capitães das nossas náos, occupados de huma impaciencia heróica por soccorrer, ou acabar com o seu General, trabalhavaõ contra maré, e vento com esforços inuteis, superior o destino fatal de D. Lourenço á actividade da sua diligencia.

Em fim, huma flexa perdida atravessou pelos peitos a D. Lourenço, e cahio morto. Entaõ saltáraõ os inimigos na náo, e os que encontráraõ espiritos sem alentos com as forças lassas, os passáraõ á espada. Os outros, que se conservavaõ inteiros, para venderem cáras as vidas fizéraõ tal resistencia, que os Barbaros os contemplavaõ atonitos. Meliqueáz, que estimava a virtude nos seus mesmos contrarios, mandou suspender a carnagem, e concedeo a vida a vinte Portuguezes. Oitenta morrêraõ na náo de D. Lourenço, setenta nas outras da Armada, e foi esta na India a primeira

que-

quebra, naõ do noſſo valor, mas da noſſa fortuna. Os Capitães Pedro Barreto, Duarte de Mello, Franciſco de Anhaia, Diogo Pires, Antonio Lobo Teixeira, Pedro Caõ, e todos os mais vendo o deſtroço, a náo rendida ir-ſe a pique, ſe fizéraõ na volta de Cananor, donde mandáraõ por Pedro de Anhaia dar parte ao Vice-Rei, que eſtava em Cochim, da mórte de ſeu filho. Ella foi geralmente ſentida como de hum Heróe, que na flôr dos annos ſoube unir a corage com a virtude: que brilhava nelle huma humanidade ſingular, que era o attractivo das gentes: que na integridade dos coſtumes ſe fazia reſpeitar por imagem viva de ſeu Pai; e que morto com tanta glória, quando principiava a viver, elle naõ podia ter mais larga vida.

Era vulg.

Naõ prometteo a fortuna eſtar ſempre aliſtada ao ſoldo dos Soberanos. Ella deſertou neſta occaſiaõ da India, e ſe moſtrou pouco fiel em Africa. No anno antecedente havia El-Rei D. Manoel mandado a D. Joaõ de Menezes ſondar os ſeus pórtos maritimos, que

nós

Era vulg. nós dissemos, com o designio de os invadir, e agora novas occurrencias lhe mettêraõ a occasiaõ em casa. Muley Zeilaõ, Rei que fora de Mequinez, primo, e cunhado de Mahomet, Rei de Féz, perdeo a sua Monarquia pelo esforço, e intrigas de Muley Naçar, irmaõ do mesmo Rei de Féz, que o lançou della. Como Zeilaõ tinha grande sequito em Azamor, entendendo que esta Cidade o elegeria por seu Principe, naõ só se refugiou nella, mas pedio a protecçaõ del Rei D. Manoel. Para o dispor com mais efficacia, veio a Lisboa offerecer-se no seu serviço, com promessa de o ajudar na conquista da Praça, e obtendo o que pretendia, voltou a Africa para dispor os Póvos a reconhecerem D. Manoel por seu Soberano.

Aprestou-se huma Armada para esta expediçaõ, que havia executar D. Joaõ de Menezes na tésta de 400 cavallos, e 2000 Infantes. Embarcáraõ nella D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal; D. Pedro, filho do Conde de Penamacor, Luíz da Silveira, depois

pois Conde da Sortelha, D. Joaõ Mascarenhas, Capitaõ dos Ginetes, seu irmaõ D. Nuno, Joaõ Rodrigues de Sá, D. Luiz de Menezes, D. Antonio de Almeida, D. Henrique de Menezes, Pedro Masquarenhas, e outros muitos Fidalgos, que faziaõ glória de buscar os perigos. A 26 de Julho sahio a Armada de Lisboa, e chegou felizmente a Azamor. Com a maré da noite entrou ella no porto, donde fulminou a Cidade com hum fogo contínuo, que fizesse vêr aos moradores a necessidade de se sobmetterem ao nosso dominio por vontade, antes que obrigados pela força. D. Joaõ de Menezes esperava conseguir este fim por qualquer dos meios, fiado nas promessas, que Zeilaõ nos fizéra em Lisboa; mas em lugar dellas, nós observamos a praia bordada de cavallaria, que desafiava as escaramuças, e vimos vir nadando muitos brulotes ardendo, que nos custou trabalho desviar das náos.

Era vulg.

D. Joaõ de Menezes mandou perguntar a Zeilaõ quaes eraõ os seus intentos. Elle respondeo, que cumprir

as

Era vulg. as promeſſas, que fizéra a El-Rei D. Manoel. D. Joaõ conheceo nas obras a perfidia da palavra do Barbaro, que havendo-ſe inſinuado no eſpirito dos Póvos, tinha oito mil homens de guarniçaõ para defender a Cidade, e elle com dezaſſeis mil lhe cobria a campanha. A ſuperioridade das forças foi menos eſtimada de D. Joaõ, que a gravidade da injúria. Elle determina vingalla com huma acçaõ de eſtrondo, que ſuſtentaſſe a honra da Patria, e juſtificaſſe o ſeu Rei no empenho começado. Para eſte effeito ſalta em terra na frente de 2ↀ000 Infantes; cobre a téſta de dous Eſquadrões de cavallaria com o Conde de Tentugal, e com D. Joaõ Maſcarenhas; deixa illudidos os esforços de tres emboſcadas de 1ↀ200 cavallos, e chega ás portas de Azamor. Os Mouros eſtimulados ſahíraõ da Praça para nos cercarem no campo com o favor das emboſcadas. D. Joaõ os fez retroceder taõ perturbados, que deixáraõ muitos fóra das portas expoſtos ao noſſo furor. Entaõ ſe lançou a cavallaria das emboſcadas aos Eſquadrões

Era vulg.

drões da nossa com tanto vigor, que foi necessario marchar o General a soccorrella.

Aqui foi a força do combate, em que se apurou o nosso esforço; mas vendo o bravo Chéfe, que Zeilaõ marchava com passo dobrado a investillo: que sustentar o choque em campanha raza com taõ desigual partido era temeridade; elle foi fazendo até á praia huma retirada das mais airosas, logo hum embarque com tanto acordo, como víraõ poucos as idades. O General, que fora o primeiro no saltar em terra, foi o ultimo em embarcar-se. Nós perdemos nesta acçaõ déz pessoas da classe da Nobreza, em que entráraõ D. Pedro, filho do Conde de Penamacor, Simaõ Fogaça, Diogo Barreto, D. Joaõ Henriques, e seis soldados communs. Dos Mouros morrêraõ 1ↀ365. A Joaõ Rodrigues de Sá lhe matou hum Alcaide o cavallo, e o levava debaixo da lança para atraveçallo; mas acodindo-lhe o bravo Joaõ Homem, que na India déra as próvas, que eu já alleguei do seu valor desmar-

Era vulg. cado, e Diogo Fernandes de Faria, que depois foi Adail de Goa; elles tiráraõ a vida ao Alcaide, e salváraõ a de Joaõ Rodrigues.

Como D. Joaõ de Menezes se considerou sem forças correspondentes para castigar a perfidia de Zeilaõ, e tomar a Praça de Azamor taõ defendida; naõ quiz demorar-se no seu porto. No tempo de se levar, a má ordem que tiveraõ os marinheiros na desamarraçaõ, quando as aguas eraõ muito mórtas, foi causa de se perderem alguns navios sem remedio. Huma das fustas, que encalhou, os Mouros a queimáraõ com perda de dezoito Barbaros; porque trinta remeiros, que a governavaõ, estimando em menos a vida, que a liberdade, todos morrêraõ matando. Sahio a Armada de Azamor, naõ para se recolher a Lisboa mas para cruzar no Estreito. Manobra, que depois se estimou por huma illustraçaõ superior communicada ao General, attendidas as consequencias, que della resultáraõ.

Alguns dias andou elle naquelles mares fazendo bórdos, tomando as

em-

embarcações dos Mouros; e porque El-Rei tinha feito mercê a seu sobrinho Joaõ Rodrigues de Sá do governo da Praça de Alcacer Ceguer, foi mettello de posse deste emprego. Em Alcacer deixou D. Joaõ o grosso da Armada, e com o resto se foi vêr em Tangere com o seu Governador D. Duarte de Menezes, filho do Conde de Tarouca, para tratarem negocios de importancia. Como era necessario ser ouvido nelles D. Vasco Coutinho, Conde de Borba, que governava Arzila, se lhe mandou hum expresso para vir a Tangere; o que logo executou. Quando os tres Chéfes consultavaõ entre si o modo, por que se havia conquistar a Praça de Larache, recebem aviso, de que o Rei de Féz fizéra huma marcha taõ dissimulada com o grande Exercito de 20⦶000 cavallos, e 120⦶000 Infantes, que em Arzila fora primeiro sentido, do que visto. O Conde de Borba no mesmo instante partio para a sua Praça; D. Joaõ, e D. Duarte ficáraõ discorrendo nos meios de a soccorrer; e a narraçaõ deste sitio

Era vulg.

Era vulg. tio ſerá a materia do Capitulo, que ſe ſegue.

CAPITULO VIII.

Do ſitio, que o Rei de Féz pôz ſobre a Praça de Arzila, que o de Portugal quiz ſoccorrer em peſſoa.

EM todas as partes do Mundo queria o Dominante Supremo dos Imperios conceder vantagens ás armas do Rei D. Manoel, ou foſſe para exaltar a glória do ſeu Nome, que havia ſer louvado do Oriente ao Occaſo do Sol, ou para premiar no Principe o zelo ardente, com que promovia a dilataçaõ da ſua Fé ſanta. A defenſa de Arzila, que vou a tratar, e o modo com que o Rei ſe conduzio para o ſoccorrer, ſaõ duas próvas incontraſtaveis do meu modo de penſar. No dia 19 de Outubro ſe apreſentou o barbaro Rei ſobre aquella Praça com o formidavel Exercito, que fica dito. Apenas chegou o Conde de Tangere, mandou logo explo-

rar

rar a campanha pelos Almocadens Pedro de Menezes, e Jorge Vieira, que lhe trouxeraõ alguns Mouros. Elles o informáraõ das forças, das máquinas, dos designios do Rei de Féz capazes de perturbar outro homem, que naõ fosse o Conde de Borba, Commandante de huma Praça, em que entaõ havia 400 homens de guarnição para resistirem a cento e quarenta mil.

Era vulg.

Amanheceo no segundo dia cercado todo o recincto da Praça; levantadas na praia muitas batarias; foraõ os inimigos abrindo as trincheiras, e a favor das mantas, que os cobriaõ, entráraõ a picar a muralha, a romper a brecha na parte, que lhes pareceo mais fraca para o assalto. Como elles receavaõ, que por mar nos viesse soccorro, e naõ tinhaõ Armada naval, que oppôr á nossa, bordáraõ a praia de cestões, e tonéis cheios de terra para servirem de parapeito ás suas batarias, e aos córpos de guarda, que nellas estavaõ postados. A cada instante se alargava a brecha, naõ sendo possivel aos defensores açomar-se aos muros, que

naõ

Era vulg. naõ fossem logo passados por huma nuvem de ballas, e sétas, que despedia a multidaõ plantada para sustentar os gastadores. No primeiro dia de trabalho a rotura dos muros se pôz capaz para o assalto, taõ rápidamente acomettido, que a corage sublime dos poucos defensores naõ pode impedir a entrada a tantos inimigos.

O Conde, ainda que naõ tinha gente para fazer sahidas, com 50 cavallos se lançou a elles; mas sendo ferido em hum braço, houve de retirar-se para se curar; deixando a acçaõ encarregada a seu genro Jorge Barreto. O seu valor naõ fazia sentir a falta do Conde, mas opprimido da multidaõ, que a cada momento se revezava; forças frescas sobre as nossas taõ lassas; os Mouros se fizéraõ senhores do corpo da Cidade. Em tanto aperto naõ havia mais refugio, que o Castello, aonde o Conde recolheo a gente já sem acordo, nem conselho á vista da face do perigo. Muitos velhos, mulheres, e mininos ficáraõ de fóra, ferindo o ar com suspiros, o Ceo com clamores, sem com-

compaixaõ dos Barbaros, que naõ distinguíraõ sexo, ou idade, culpado, ou innocente. Lopo Rebelo, que guarnecia hum baluarte, naõ quiz recolherse ao Castello, e o defendeo até perder a vida. Alguns soldados, que estavaõ com elle, se lançáraõ abaixo da muralha, e corrêraõ a huma barca de Joaõ Martins de Alpoem para fugirem nella. O bravo Alpoem os recolheo; mas em quanto naõ chegou D. Joaõ de Menezes, elle esteve sobre ferro varejando o campo dos Mouros com a sua artelharia, sem despedir balla inutil.

Era vulg.

D. Joaõ de Menezes, que a Providencia fez estar tantos dias em Africa para nos conservar Arzila, avisou logo a Joaõ Rodrigues de Sá, que viesse com a Armada, que tinha em Alcacer Ceguer ajuntar-se com elle em Tangere. Immediatamente navegou para Arzila, aonde esteve surto tres dias sem tentar a entrada do porto, assim porque o mar estava muito levantado, como por ignorar se o Castello se conservava no nosso poder: Capitaõ pruden-

Era vulg. dente em naõ se arriscar no mar temerario, nem expôr na terra ao perigo sem fructo em hum combate desigual, se estivesse já perdida a Praça. Fluctuando entre a esperança, e o temor, elle quizéra, mas escrupulisava forçar homens, que para haverem de lhe trazer algum infórme fossem affrontar o fogo horroroso dos inimigos, chegar-se ao Castello, e saber quem estava nelle.

Naõ necessitou D. Joaõ declarar-se. Bastáraõ humas palavras insignificantes, das que chamamos perdidas, para a corage Portugueza entrar naquella emoçaõ, que o ponto de honra faz intoleravel ao seu espirito, em quanto naõ obra. Tanto naõ foi necessario a D. Joaõ o rogar, que antes se vio embaraçado sobre quaes dos offerecidos havia escolher. Elle se inclinou a Ruy Garcia, e a Joaõ de Mendoça, valentes Cavalleiros muito da sua confiança, que partíraõ em hum esquife da náo com muitos remos para maior velocidade da jornada, e erro das pontarias, Passando illezos pelo meio de hum chuvei-

veiro de ballas, chegáraõ taõ perto do Castello, que víraõ as bandeiras nas janellas, a huma mulher com hum minino nos braços, e a ouvíraõ gritar *viva Portugal.* Quando elles voltavaõ com estas noticias, chegavaõ a bórdo nadando dous Mouriscos Christãos com cartas do Conde mettidas em bollas de cêra, que avisava a D. Joaõ de Menezes de todo o successo, e do grande perigo, em que todos ficavaõ. Immediatamente os seguia o destro nadador Pedro da Cósta, marido de huma irmã do famoso Lopo Barriga, que da parte do Conde instruio ao General no modo de fazer o desembarque para se naõ mallograr o soccorro, de que tanto necessitava.

Era vulg.

Como para se emprehender huma acçaõ taõ resoluta era necessario metter os soldados em emulaçaõ, o Chéfe igualmente prudente, e valeroso, mandou deitar hum bando, em que promettia a todos consideraveis gratificações; quinhentos ducados ao primeiro que saltasse em terra, os quaes ganhou Tristaõ de Menezes; e liberdade a to-

dos

Era vulg. dos os forçados. Com eſtas diſpoſições ſe eſperou a maré, que ſendo propria, todos os batéis em competencia partírao de voga arrancada a ganhar a praia. O Conde, que do Caſtello obſervava eſte movimento, fez ſahir delle trinta cavallos, e hum troço de Infantaria eſcolhida para facilitarem o deſembarque. Antes delle recebeo o Conde de Tentugal o golpe de huma balla de canhaõ, que o obrigou a ir curar-ſe a Tangere. O primeiro batel, que ferrou a praia foi o de Joaõ Rodrigues de Sá, donde ſaltou Triſtaõ de Menezes, ſeguido de Joaõ Homem, e de D. Joaõ Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes. Eſta acçaõ ſe fazia debaixo de hum diluvio de fogo horrendo, e contínuo, que naõ impedio aos noſſos lançar-ſe ſobre os Eſquadrões dos Mouros, forçar huma das ſuas trincheiras, e tirando della ſeis canhões, mettellos no Caſtello com 200 homens, muitas munições, e viveres.

Toda eſta expediçaõ, e eſte ſoccorro ſe devêraõ á actividade de D. Joaõ Maſcarenhas, que atropellou os Barbaros,

ros, ainda que a troco das vidas de Manoel Coutinho, de Joaõ Pimenta, e de outros bravos Cavalleiros, que neste dia fizéraõ immortal a sua memoria. No seguinte mettemos com igual perigo outro soccorro no Castello; que se teve por seguro, em estado de resistir aos esforços do Rei de Fez. Com a noticia, que lhe deraõ da entrada do soccorro, elle se mostrou satisfeito dizendo, que o estimava muito; porque teria mais captivos. Barraxe, e Almandarim, que o ouvíraõ, e conheciaõ por experiencia a D. Joaõ de Menezes, lhe respondêraõ, que naõ se fiasse no grande poder do seu Exercito; porque o General Portuguez era taõ prático na guerra, taõ déstro nos estratagemas militares, que debaixo dos seus pés lhe iria pór o fogo.

Era vulg.

Como os Mouros naõ desistiaõ do empenho, D. Joaõ mandou dous avisos do estado de Arzila; hum a El-Rei D. Manoel para lhe enviar promptos soccorros; e porque estes podiaõ tardar, outro aos pórtos de Andaluzia, e ao famoso Capitaõ D. Pedro Navarro,

que

Era vulg. que eſtava em Gibraltar com a Armada de Caſtella. Em quanto os aviſos marchavaõ, os inimigos esforçavaõ os combates. D. Pedro Navarro apenas o recebeo ſe fez preſtes para nos ſoccorrer; mas antes delle chegou o Corregedor de Xerez, a quem naõ ſabemos outro nome, em huma grande náo bem artilhada com 300 homens de equipagem. Elle lançou ferro em parte, aonde lhe ficaſſem a tiro as trincheiras dos Mouros, que em quanto naõ mudáraõ de poſto, hum inſtante eſtivéraõ ſem ſer muito bem ſervidos. Grandes premios aſſignalava o Rei Mouro a quem arrombaſſe eſta náo: porém creſcendo a mortandade, naõ podendo plantar huma bataria, nem conduzir os canhões para ella ſer atacada; os ſoldados tomáraõ o partido de abandonar os aproches da parte do mar, deixando o bravo Corregedor coberto de glória.

Em quanto ſe paſſavaõ eſtas couſas, chegou com tres mil, e quinhentos homens D. Pedro Navarro, que unido aos Portuguezes, quiz logo dar bata-

lha

lha ao Rei de Féz. Porque o dia era de Terça feira, com credulidade facil tido em máo agouro pelos Fidalgos da Familia de Menezes, D. Joaõ pedio se differisse para o seguinte. O Rei de Féz a evitou na mesma Terça feira, levantando o sitio, e pondo fogo á Cidade. Servia no seu Campo hum Mouro illustre, que fora captivo de D. Joaõ de Menezes, que este tratára na escravidaõ com summa civilidade, e que desejoso agora de vêr o seu antigo Senhor, veio a buscallo com a comitiva de 20 Cavalleiros, entre os quaes se disse estava incognito o Rei de Féz, que quiz conhecer com a vista o esforçado Capitaõ, de que tantas vezes tinha provado as obras. Concedida permissaõ para este Mouro fallar ao General, depois de renovar com cumprimentos obsequiosos as memorias do tempo passado, lhe disse respeitoso: Em que conjuntura, Senhor D. Joaõ, trouxestes soccorro taõ opportuno contra o Rei potentissimo! Muito vos deve Arzila: senaõ fosseis vós, os nossos soldados já bordariaõ as suas muralhas:

Era vulg.

Era vulg. lhas: he voſſa eſta façanha; e ella ſó podia ſer concebida no centro das voſſas luzes; executada pelo valor, que ſempre foi em vós irreſiſtivel.

D. Joaõ rodeado de *circuſpecções* modeſtas, lhe reſpondeo: O que eu acabo de obrar, naõ ſe me deve tanto, como á ventura do grande Rei de Portugal, que com a ſua diſciplina illuſtra homens capazes de obrar acções muito mais illuſtres, que as minhas. O voſſo Soberano com razaõ ſe deve eſtimar glorioſo, porque naõ ſó entrou em huma Cidade do meu Rei; ſenaõ porque a conquiſtou com as armas, lhe arrazou os muros, combateo o caſtello; tudo acções, que eu eſtimo dignas do hum louvor immortal. Mas mandar pôr o fogo ás caſas dos particulares, que eſtaõ dentro das muralhas, e naõ reſiſtem; iſto naõ he obrar como Rei, he eſquecer o decoro da Mageſtade. A guerra ainda eſtá em pé. Se elle entende, que a Cidade brevemente póde ſer ſua, para que a queima? Se deſeſpera da victoria, que alivio tem a ſua dôr na viſta do fumo

com

com que cobre a Arzila? Quer que se diga delle, que ajuntou hum Exercito formidavel para vir dár fogo a quatro paredes? O officio de Principe he executar idéas de Principe, as grandes, as magnificas, as difficultosas, as brilhantes.

Era vulg.

O Mouro a este discurso tornou prompto: Que o seu Rei naõ viera com tamanho Exercito queimar paredes, senaõ a fazer a guerra: Que elle era magnanimo, mas humilde; sublime; mas piedoso: Que conhecia virem as victorias de Deos; por isso com ellas se naõ mostrava soberbo, nem nos infortunios abatido, encaminhando ambos os destinos, ou as duas sórtes á Primeira Causa: Que em quanto ao incendio, lhe assegurava naõ ser ordem do seu Monarca, senaõ hum furor indiscreto dos Soldados: Que elle já partia a fazello sabedor do que passava, e logo viria a promptidaõ com que se mandava apagar o fogo. Assim se executou logo que o Mouro desappareceo; porque se o Rei hia na sua comitiva, e fora testemunha da prática,

ca,

Era vulg. ca, pouco tempo havia mister para dar as ordens necessarias. Apagou-se o incendio, retiráraõ-se os inimigos para Alcacer-Quivir, D. Joaõ de Menezes entrou em Arzila acompanhado do Conde, e Condeça de Borba, acclamado pelo Povo por Varaõ excellente, vingador da honra de Portugal, resgate de tantas vidas, author das suas liberdades.

Em quanto o Rei de Féz se retirava confuso para Alcacere, o de Portugal, que tinha a sua Corte em Evora, recebeo o Expresso de D. Joaõ de Menezes com a noticia do estado de Arzila. Como elle sabia quanto lhe custára a sua conquista; quanto lhe importava conservalla, no mesmo dia escreveo ás Cidades, e á Nobreza, convidando-as para com o maior número de gente o servirem em occasiaõ de tanto empenho. Estando para ouvir Missa, mandou ao Deaõ, que fosse rezada, que naõ houvesse Sermaõ; a Vasqueannes Corte Real seu Veador, que lhe pozesse o jantar na meza; ao Estribeiro Nicoláo de Faría, que fizesse